

F. J. MARTINS SEQUEIRA

ESTUDOS DE LINGUISTICA

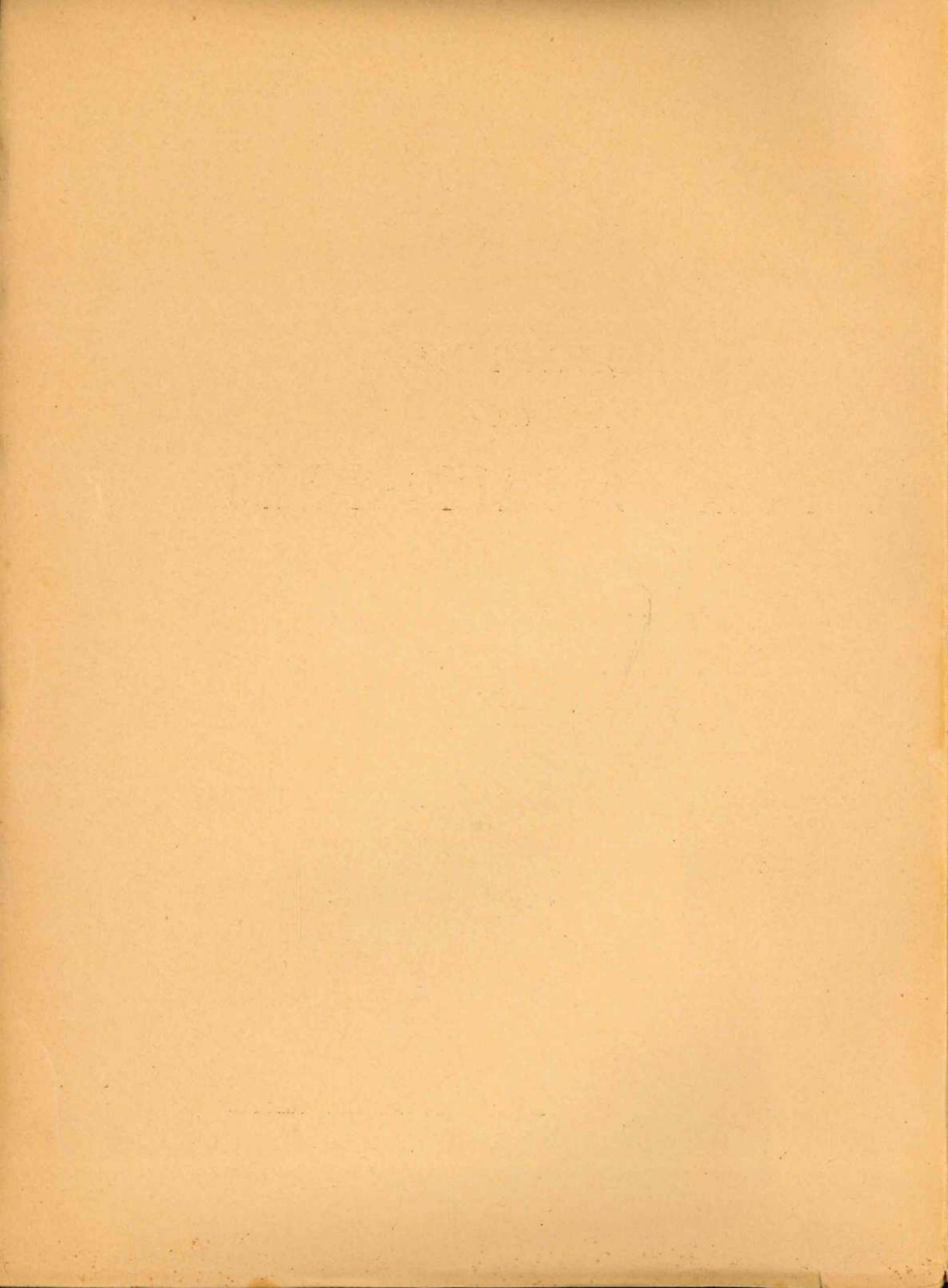
APONTAMENTOS
ACERCA DO
FALAR DO BAIXO-MINHO



EDIÇÃO DA 'REVISTA DE PORTUGAL'—LISBOA—1957/58



3'282(469.1:



15-000500

APONTAMENTOS
ACERCA DO
FALAR DO BAIXO-MINHO

3404

OBRAS DO AUTOR

- 'Aspectos do Português Arcaico' — Lisboa, 1946.
'Epítome da Gramática de Português' — (3 edições esgotadas).
'Gramática Histórica da Língua Portuguesa' — 1.^a ed. Lisboa, 1936; 2.^a ed. Lisboa, 1947.
'Gramática de Português' — 1.^a ed. Lisboa, 1938; 2.^a ed. Lisboa, 1952.
'Da Ortografia' — Braga, 1919 (esgotada).
'Ortografias' — Lisboa, 1941.
'Pages Françaises' (em colaboração) — Lisboa, 1949.
'Portugal é Grande (livro de leitura)' — (3 edições esgotadas).
'Portugal é Grande (selecta literária)' — (3 edições esgotadas).
'Rol de estrangeirismos' — Lisboa, 1952.
'Fábulas de Fedro' — Anotações e vocabulário.
'Excertos de Os Lusíadas' — Introdução, selecção, concatenação e notas.
'Auto de Alma, de Gil Vicente' — Introdução, notas e glossário.
'Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente' — Introdução, notas e glossário.
'Exortação da Guerra, de Gil Vicente' — Introdução, notas e glossário.
'Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente' — Introdução, notas e glossário.

F. J. MARTINS SEQUEIRA

ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

APONTAMENTOS
ACERCA DO
FALAR DO BAIXO-MINHO



EDIÇÃO DA 'REVISTA DE PORTUGAL' — LISBOA — 1957

INTRODUÇÃO

O verdadeiro estudo de uma língua não abrange apenas a linguagem literária, a linguagem aprimorada com as louçanias do estilo e da dicção, linguagem muitas vezes com seu quê de arbitrário ou de artificioso, porquanto a influenciaram contactos de outros idiomas e até a desviaram de seu natural curso as directrizes que a cultura lhe imprime. O latim que se classifica de língua morta foi a língua literária dos Romanos, e não o latim do povo, o latim vulgar, pois esse gerou descendentes e, de certo modo, continua a viver nos idiomas românicos.

Os estudos linguísticos votam-se mais geral e frequentemente à linguagem culta e, buscando para seu paradigma os que bem a escrevem e falam, estabelecem os cânones do idioma, que seriam ideais, mas que, precisamente por serem ideais, não correspondem à realidade idiomática.

O linguajar corrente, mesmo num país de unidade linguística inexcedível como o nosso, apresenta inúmeras variantes que todas se afastam, mais ou menos, daqueles cânones, assim por causas de ordem social como por causas de ordem geográfica. Nós falamos diferentemente conforme a camada social a que pertencemos ou em que convivemos, o meio em que assistimos habitualmente, a profissão que desempenhamos. O calão não é mais do que o falar restricto de um âmbito residencial ou de um grupo profissional, tomado este vocábulo no sentido mais lato. E não será ousadia afirmar que todos temos o nosso calão. Os dialectos e os subdialectos — já nem falamos das línguas e dos co-dialectos — e ainda certos modismos de região mais circunscrita, resultaram, claro se vê, de condições geográficas. E, em certos casos, como sucede na fala dos pescadores poveiros, somam-se as duas ordens de causas.

Ninguém avisado pensará em dizer que não é português qualquer desses falares. Pois, sendo assim, não poderá haver-se por completo ou bastante o estudo da nossa língua que, por sistema, ignore os factos estranhos à linguagem culta, como não se haverá por completo, filologicamente, o estudo delimitado na zona que se alvidrou escolher como padrão da Língua Portuguesa.

Importa, por conseguinte, realizar estudos de linguagem em todas as camadas sociais e em todas as regiões corográficas. Designadamente, não se menospreze o linguajar do povo, sob pena de se perderem para o filólogo e para o literato riquíssimos elementos. Quantos deles já perdidos ou em vias de perdição!

São de valor inapreciável as formas de rude singeleza, que na linguagem do povo perduram muito mais do que nos falares poli-

ciados, daquela singeleza que lhe vem de estar entregue a si mesma e, assim, imune de interferências estranhas.

A fala regional proporciona ao linguista — pelas suas peculiaridades fonéticas, pelas suas diversidades e variantes morfológicas, pelas suas interpretações semânticas e mesmo por certos modismos sintácticos, e bem assim pelo glossário dos seu termos, quantas vezes inexcedivelmente apropriados e expressivos — proporciona-lhe abundoso manancial de elementos linguísticos e etnográficos, repertório imprescindível para o estudo histórico do idioma e, em inúmeros casos, para a cabal explicação e entendimento de muitos dos fenómenos da linguagem geral que, sem tal recurso, permaneceriam inexplicados.

Muitos dos problemas linguísticos, até agora ainda insolúveis ou controversos, embora hajam tentado muitos investigadores, problemas alguns dos mais delicados e interessantes, encontrariam enfim a sua resolução no estudo aprofundado dos falares regionais.

É certo que a dialectologia constitue ciência melindrosa e complexa. Tanto que o autor do presente trabalho — por prudência, que não por modéstia — não se atreve a ir além da consignação dos seus apontamentos, com os quais aqui oferece achegas para linguistas de maior fôlego.

Com efeito, a crítica dos materiais recolhidos e, depois, a utilização dos materiais criticados exigem, afora a ciência filológica, muitos conhecimentos técnicos, não só de linguística histórica, mas também de geografia linguística e de dialectologia comparada. Por outro lado, a linguagem popular está intimamente ligada à história dos usos e costumes, à história local, à psicologia social, ao folclore e à sabedoria do povo.

Verifica-se, por tudo isto, quão dificultosa se apresenta a elaboração de um tratado de dialectologia portuguesa. Ela implicará, antes de mais, o contributo sério de muitos, com materiais concernentes a todas as facetas do regionalismo a que se acabou de fazer alusão.



A causa primacial da fragmentação de uma língua em diferenciações dialectais reside no relaxamento das relações entre as parcelas do território em que essa língua se fala.

O factor geográfico mostra-se, portanto, de capital importância para ramificação de dialectos. Porém, o factor geográfico não opera por si só. À situação geográfica, por muito que a delimitem as barreiras naturais, têm de acrescentar-se outras condições cooperantes, como o clima diferenciado, as produções peculiares, o género de vida das populações, as diferenças raciais, o cruzamento populacional resultante das imigrações. Claro que, destas condições cooperantes, não é indispensável a intervenção total e simultânea.

Quanto mais pronunciados e activos são estes factores tanto mais longe vai a diversificação, a qual pode, assim, atingir desde as restrictas peculiaridades locais até à constituição de novos

idiomas, de idiomas autónomos. A fragmentação do latim na România, traduzida em mais de meia dúzia de línguas que nele se filiam, exemplifica um acentuado grau dos referidos factores de divergência, como é fácil de verificar.

A pulverização linguística iria até ao indivíduo, ao menos em alguns pormenores, e de certeza até à família, se a ela não se opusessem as forças centralizadoras, de actuação contrária, quais sejam, em primeiro lugar, o aglomerado local, cujo efeito regulador unifica o falar dos vizinhos, e, depois, a predominância dos centros de actividade zonal, como sedes administrativas e núcleos comerciais — a vila, a cidade, a capital — que tendem, cada uma de per si, a unificar a linguagem dentro da sua esfera de actividade centrípeta.

Com o desenvolvimento e maior facilidade das intercomunicações, vêm estas forças centralizadoras aumentando enormemente o seu poder de uniformização, sobretudo desde que se generalizou a radiotelefonia, que leva a todos os recantos a influência do centro emissor. Ora, assim, é de prever que as peculiaridades locais e, com elas, as regionais se vão atenuando rapidamente e tendam a desaparecer por completo. As que ainda resistem, por quanto tempo persistirão elas? Bom será que se registem sem demora, a fim de ficarem, ao menos, como preciosos elementos para a história da língua.

Quantos, porém, não estarão já perdidos?



Na classificação genealógica das línguas, o português pertence à família árica, ou seja a um conjunto aparentado de línguas flexivas — e distintamente analíticas, no estágio mais progredido — que se fala em quase toda a Europa, assim como nas colónias e nações de ascendência europeia fundadas nas outras partes do Mundo.

Enfeixa-se nesta família linguística o ramo itálico, no qual sobrepujou a língua do Lácio. Desta, com vigor singularíssimo, evoluíram os idiomas românicos e, entre eles, a Língua Portuguesa, que o Dr. Leite de Vasconcelos engloba no grupo das lusitánicas, grupo constituído pelos co-dialectos arraianos (mirandês, quadramilês, riodonorês), pelo galego, pelo português arcaico e moderno, pelos diversos falares das zonas continentais (interamense, trasmontano, beirão e meridional), pelos falares insulares (açoriano e madeirense) e ainda pelos dialectos crioulos (indo-português, macaísta, etc.).

O galego e os falares arraianos dizem-se «co-dialectos» pelo facto de que, embora no tocante aos seus caracteres gramaticais se avizinhem do português mais do que de outras línguas novilatinas e ao português estejam em parte ligados no concernente às mesmas leis especiais, eles não se acham, todavia, numa relação tão estreita com aquele, considerado de língua nacional, como os falares do Minho, da Beira ou do Alentejo.

Por seu lado, os dialectos acima enumerados não realizam unidades linguísticas perfectas. Antes do mais, não coincidem exactamente com a divisão territorial de que tiram o nome, porquanto trasbordam, aqui, para fora dos limites corográficos, e, ali, penetram-se do dialecto pertencente à zona confinante. E, o que mais é, nem todas as características ou fenómenos regionais que eles apresentam são exclusivas da sua área dialectal, — do mesmo passo que, dentro da própria área, se assinalam variações pouco ou muito acentuadas e, assim, acontece não serem os mesmos em toda a zona do dialecto tal vocábulo, tal significado ou tal pronúncia.



Não deve julgar-se que a fala popular regional corresponde, sob qualquer aspecto ou de qualquer ponto de vista, a algum conjunto de dislates funcionais ou de corruptelas vocabulares, provenientes de ignorância ou postergação de preceitos gramaticais ou de regras da lógica expressional. Semelhante conceito representaria mais do que um erro, pois redundaria na despropositada negação dos factos linguísticos.

A transformação das línguas não resulta da ciência dos linguistas, não sofre do alvedrio de literatos ou de bem-falantes, não se origina de condições fortuitas. Depende, sim, de um complexo de determinantes imperativas que, para cada idioma, derivam da natureza humana, espontâneas e inconscientes, e sempre em conformidade com as circunstâncias ambientais e com as necessidades do meio social.

Ora, porque a natureza humana e as condições regionais não constituem decerto um disparate ou uma incongruência, absurdo seria admitir, mesmo sem prova em contrário, que a linguagem popular, na qual essa natureza e essas condições actuam livre e, pois, adequadamente, possa representar, na sua essência ou nos pormenores, uma série de factos irregulares ou disparatados.

Aliás essa afirmação, aqui apresentada como tese, verifica-se à saciedade logo que, até sem grande bagagem filológica, se faz o mais perfunctório estudo de alguma dessas linguagens. E as observações do falar minhoto, contidas nas páginas que se seguem a estas divagações prévias, redundam na prova provada do conceito acima proposto, muito embora fique longe do presente trabalho o intuito enaltecendor. Enaltecer ou deprimir é coisa que à linguística não aqueanta nem arrefenta, pois tão-sòmente lhe interessam os factos da linguagem, vistos com intuitos objectivos e científicos.

Todavia — dir-se-á ainda — a linguagem popular é escassa de termos e apenas dispõe de vocabulário limitado a poucos milhares de palavras. Assim é. No entanto — e talvez por isso mesmo — consegue a gente do povo exprimir-se com maior facilidade, com igual precisão e, não raro, com menos indecisões do que certas pessoas com embófia de letradas.

Repare o leitor. A pessoa rústica, valendo-se de símiles, de imagens, de metáforas, de parémias, tem amiúde tesoiros de ex-

pressões, colorido sem artifício, galas muito suas no dizer. E não é excepcional conseguir expressar-se, com toda a naturalidade, em práticas tanto ou mais significativas do que se dispusesse de copioso vocabulário. Quantos de nós não escutámos da gente rústica frases conceituosas, exactidão de termos, com melhor clareza do que numa linguagem castigada?

E os ditados, os rifões, quem nos fez?



O dialecto de Entre-Douro-e-Minho representa o falar do mais antigo território português, lá onde praticamente a língua nada se imbuíu de influxo arábico, conforme se verifica da nomenclatura de objectos caseiros ou utilitários e, muito em especial, da toponímia. Dali partiu a reconquista que, alargando primeiro o Condado Portucalense até à linha do Mondego, depois levou Portugal aos confins perpétuos.

Os topónimos de origem arábica ou moçarábica, de par com os petrechos de uso, adensam-se à medida que se avança para o sul, e é, pois, de concluir sem esforço que também muito intensa actuou a influência dos moçárabes na prosódia regional.

Poderia, por conseguinte, defender-se a tese de que no Norte é que se haverá mantido a lidímez atávica da nossa língua. Tema só interessante para bairrismo.

As vicissitudes da história e, muito principalmente, as condições geográficas e económicas transferiram para o centro-sul da faixa costeira do País, há seis séculos, o centro político da nação. Daí o tomar-se, de certo modo, como paradigmática a dicção desta zona, na qual as prolações muito diferem das prolações interamnenses, sobretudo no vocalismo, tanto oral como nasal.



O âmbito do falar minhoto não pode rigorosamente confinar-se nos limites geográficos, porquanto certas peculiaridades atingem, a sul, o Baixo-Vouga, ao passo que, a norte, o Rio Minho não o isola de cruzamentos galegos e, a nascente, se lhe intromete o falar trasmontano por territórios das serranias limítrofes. Apesar, porém, da imprecisão das suas balizas corográficas, o dialecto minhoto individualiza-se perfeitamente, por inúmeras particularidades de ordem fonética, de ordem lexicológica e de ordem morfológica, e ainda por algumas, embora poucas, construções sintácticas.

Muitas delas já se assinalavam em tempos recuados, pois se lhes referiram Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes do Leão e outros. Nestes seiscentistas se encontram alusões não só a particularismos vocabulares, mas também aos de prolação como de b por v, de -om por -ão e ao iotacismo.

Não vá entender-se, por estas alusões, que a fala interamnense se quedou num linguajar arcaico. Não quedou. Bastaria um

breve cotejo com a nossa língua de velhas eras para logo fazer ressaltar o engano de semelhante suposição. Com efeito, se algumas, raríssimas, coincidências se deparam, mostram-se tão esporádicas e acidentais que nada significam no plano filológico.

Trata-se, assim, de uma evolução, autónoma dentro de certos aspectos, da linguagem regional, de linguagem que, não se apartando por completo da língua geral do País, tomou jeitos regionalistas e assumiu o provincialismo requerido para a tradução das modalidades locais. E nos seus particularismos alguns se observam interessantíssimos.

Faria e Sousa — bastante suspeito, é certo, porque nasceu no Minho — chegou ao ponto de escrever: «*La Provincia adonde mas bien se habla pienso ser (si el juicio no me engaña, e no me ciega la aficion) entre Duero i Miño*»¹.

Camilo, o mais português dos nossos prosadores, em tamanha conta havia o falar do Minho que considerava como boa a palavra que tivesse «a chancela do mais clássico povo de Portugal»².

Importa, no entanto, advertir: — Não se procure nas cidades ou vilas, nem tão-pouco nos aglomerados suburbanos, o lídimo falar dialectal. Aí, os contactos e o pretensiosismo abastardam a elocução.

Apenas a gente do campo conserva com toda a genuinidade o sotaque da região e os seus modismos. É que a linguagem do povo campesino — podemos dizê-lo sem grande hipérbole poética — só tem por mestra a Natureza pura, só tem para lei glotológica ou semântica a espontaneidade e a singeleza.



¹ *Epítome de las hist. port.*, ed. de 1674, t. II, part V, pág. 294, apud Leite de Vasc., 'Opúsc.' II, pág. 9.

² Em 'A Bruxa do Monte Córdova', 4.^a edição, pág. 11, nota.

1.^a PARTE

PARTICULARIDADES
DE
FONÉTICA

- I — O vocalismo
- II — O consonantismo
- III — O iotacismo e a redução dos hiatos
- IV — A tonicidade

I — O VOCALISMO

1.

É pela Fonética, sobretudo, que a língua portuguesa normal se diferencia da castelhana. Sem falar, por agora, das dessemelhanças nos fonemas consonânticos, e olhando só à prolação das vogais, observa-se que, enquanto o vocalismo das palavras castelhanas é cheio de sonoridade, de energia, de pronúnciação bem aberta, de vivaz persistência, o vocalismo português profere-se ensurdecido e mal sustém a consoante silábica. As finais átonas mal soam, nunca se pronunciam plenas, mais se adivinham dos ouvidos exercitados do que se distinguem pelos ouvidos estrangeiros.

Por via de regra, os polissílabos, onde quer que lhes recaia a tonicidade, apenas têm um som aberto (ou fechado): todas as demais sílabas se proferem de vogal ensurdecida, especialmente a que precede e a que segue contiguamente a sílaba tônica, e a tal ponto que se pode somente distinguir a breve vibração da respectiva consoante.

E há vocábulos cujas sílabas, incluindo a tônica, todas se proferem surdas: *recâmara*, *mantuano*, *Campo-de-Santana*.

No falar minhoto, já não sucede bem assim. As nasais e as tônicas são bem sonoras; a vogal *a* não ensurdece com a nasalação, nem ao contacto de consoante nasal; as vogais *o* e *e* continuam abertas quando perdem o acento pela aglutinação de sufixo diminutivo; os ditongos, em vez de se contraírem como acontece no sul, tendem para o alargamento, para a tritongação:

abândono (abandono)
cântiga (cantiga)
páno (pano)
râma (rama)
còpinho (copinho)
pèrtinho (pertinho)

dóna (dona)
inténde (entende)
côuesa (coisa)
papôuela (papoula)
pêieto (peito)
cáixa (caixa)

2.

O *e* átono surdo, quando pretónico, tende a reforçar-se em *a* surdo. Antes de *r*, brando ou forte, tal reforço é de regra, por influência regressiva da consoante. O fenómeno chega a verifi-

car-se em casos de fonética sintáctica. Quando postónico, nos raríssimos casos em que não é caduco, também o *e* átono sofre o mesmo reforço: a persistência da vogal representa, porém, uma anomalia, produzida em vocábulos de recente introdução.

<i>amaricáno</i> (americano)	<i>barruma</i> (verruma)
<i>misarable</i> (miserável)	<i>sarrar</i> (serrar)
<i>jaral</i> (geral)	<i>çarrar</i> (cerrar)
<i>marendar</i> (merendar)	<i>quinzarreis</i> (quinze réis)
<i>libaral</i> (liberal)	<i>númaro</i> (número)
<i>carendeiro</i> (querendeiro)	<i>câncaro</i> (cânquero < cancro)

Esta influência regressiva do *r* também se assinala em numerosos vocábulos da língua geral: *melimelo* > *merimelo* > *marmelo*, *mirabilia* > *maravilha*, *versoria* > *vassoira*, *verrere* > *varrer*, *regina* > *reinha* > *rainha*, arc. *sergente* > *sargento*, *aeramen* > *erame* > *arame*, *birreto* > *berreto* > *barrete*, *Therasia* > **Tereja* > *Tareja*, *herminiu* > *arminho*, *querimonia* > *caramunha*, **passeru* > *pássaro*, cast. *banderilla* > *bandarilha*, *errativu* > *arredio*, *eructare* > *arrotar*, ital. *fregata* > *fragata*, *sericulu* > *sari-lho*, *terrae-motu* > *terremoto* > *terramoto*, *verrone* > *varrão*, ital. *maccherone* > *macarrão*, germ. *heriberge* > **arbergue* > *albergue*, **derretrariu* > *derradeiro*, *seranu* > gal. *serao* > *sarau*, etc.

Idêntico reforço do *e* pode na língua geral notar-se junto de outras consoantes (*licere* > *lazer*, *litania* > *ladainha*, *leporariu* > *laboreiro*, *elocare* > *alugar*, *cubito* > *cóvedo* > *côvado*, *polvorinho* > *polvarinho*, *ebenu* > *ébano*, *lemuria* > *lamúria*, *dezesseis* > *dezasseis*, *illuminare* > *alumiar*, *vovita* > *abóbada*) e é facilmente encontradigo na prolação minhota.

<i>alfanete</i> (alfinete)	<i>sanapismo</i> (senapismo)
<i>Jasus</i> (Jesus)	<i>escaleto</i> (esqueleto)
<i>acaduto</i> (aqueduto)	<i>tanaz</i> (tenaz, subst.)
<i>masturar</i> (mesturar < misturar)	<i>açanar</i> (acenar)

3.

Porém o *e* surdo átono tende a suprimir-se antes de *r*, quando este fonema líquido pode formar grupo com a consoante de que tal supressão o aproximará. Repare-se em que nos exemplos aduzidos em o número 2 se tratava de grupos impossíveis.

<i>Tresa</i> (Teresa)	<i>prigo</i> (perigo)
<i>brão</i> (verão)	<i>brilha</i> (berilha < virilha)
<i>preira</i> (pereira)	<i>crer</i> (querer)
<i>dreito</i> (dereito < direito)	<i>nespreira</i> (nеспereira)
<i>indreitar</i> (endireitar)	<i>frida</i> (ferida)

4.

Como primeiro passo para a síncope, o *i* postónico dos esdrúxulos, assim como outras vogais nas mesmas circunstâncias, ensurdece para *e* que mal soa e se profere tão apagadamente que talvez não deva já representar-se na escrita, se não como indicativo de que se pronuncia a consoante precedente.

máneca (máquina)
úrtemo (último)
fácele (fácil)
píbeda (pevide)
médeco (médico)
sábedo (sábado)
fíguado (fígado)

cismátego (cismático)
tíseco (tísico)
díbeda (dívida)
somátego (somítico)
Jirómeno (Jerónimo)
côbedo (côvado)
étego (ético)

É óbvio que, nos casos apontados, a síncope ainda não se consumou totalmente, perante a impossibilidade de se agruparem as consoantes que ficariam em presença.

5.

O *e* átono seguido de *m* (pronunciado, e não sinal de nasalação) deixa-se sempre labializar por contágio.

arrumedar (arremedar)
brumeilho (vermelho)
frumento (fermento)
rumédio (remédio)
rumendo (remendo)

arrumendar (remendar)
brumilhão (vermelhão)
prumeiro (primeiro)
sumána (semana)
arrumediár (remediar)

Em vocábulos como *brumeilho* e *frumento* realizou-se antes a metátese do *r*, e noutros como *prumeiro* produziu-se antes o ensurdecimento do *i*.

6.

Também seguido de *b* o *e* surdo se labializa muitas vezes. Na língua culta são exemplos de idêntico fenómeno os vocábulos *assobiar* e *derrubar* (de *sibilare* e *derribar*).

lubar (levar)
cubrar (quebrar)

buber (beber)
bubida (bebida)

Anote-se que nas flexões rizotónicas estes verbos mantêm o *e* etimológico, segundo oportunamente se mostrará: *eu lebo*, *eu crebo*, *eu bebo* (eu levo, eu quebro, eu bebo).

7.

O *e* surdo seguido de *p* de sílaba tónica deixa-se labializar. Mas resiste contra a labialização quando o *p* é de sílaba átona: assim, mantém-se o *e* inalterado em *separar*, *preparar*, *reparar*, ao passo que se apresenta assimilado nas flexões, abaixo, dos mesmos verbos:

<i>suparo</i> (separo)	<i>ruparo</i> (reparo)
<i>pruparo</i> (preparo)	<i>prupiánho</i> (perpianho)
<i>pruparos</i> (preparos, subst.)	

Na linguagem culta o vocábulo que se depara com fenómeno mais aproximado é *reportório* < *repertório*, com assimilação progressiva, em vez de regressiva.

8.

Como exemplos de labialização de *e* surdo antes de *f* só registei *rufego* e *prufeito* (de *refego* e *perfeito*). Leite de Vasconcelos (Opusc. II, pág. 240) regista *cufarte*, como advérbio resultante de «que-farte». Nunca ouvi, porém, tal quantitativo.

9.

O *a* não se deixa influenciar pela consoante nasal da sílaba seguinte, ao contrário do que sucede no centro e no sul do País. Tal como no espanhol e no italiano, mantém-se aberto e com oralidade pura.

<i>cáma</i> (cama)	<i>Ána</i> (Ana)
<i>páno</i> (pano)	<i>rámo</i> (ramo)
<i>gánho</i> (ganho)	<i>aráme</i> (arame)
<i>mánha</i> (manha)	<i>gáne</i> (gane)

No entanto, com a consoante *nh* ouvem-se também prolações ditongadas, mas sempre orais: diz-se *gánho* ou *gáinho*, *tamánho* ou *tamáinho*, *lánho* ou *láinho*, *apánho* ou *apáinho*. A segunda prolação, influxo da palatal, é talvez a mais frequente.

10.

As palatais *ch* e *x* ditongam com *i* as vogais *e* e *o* que as precedam tónicas. Se são átonas essas vogais o *e* não se ditonga senão excepcionalmente, mas o *o* continua a ditongar-se. O *ch* muda para *i* o *e* átono que o siga.

coixa (coxa)
roixo (roxo)
roixinho (roxinho)
meixer (mexer)
chigar (chegar)
chigadela (chegadela)

moicho (mocho)
choicho (chocho)
choichice (chochice)
feicho (fecho)
apetreicho (apetrecho)

11.

O fonema *j* assimila para *i* o *a* ou *e* átonos que estejam ao alcance de fonema nasal, mesmo a distância.

jinela (janela)
jintar (jantar)
Jirómeno (Jerónimo)

jinêlo (janelo)
jinota (janota)
gingibe (gengiva)

A excepção *Janeiro* é de atribuir a influência culta.

12.

As vogais tónicas *a*, *e*, *o*, *u* ditongam-se largamente com *i*, quando seguidas da palatal *nh*:

láinho (lanho)
lêinha (lenha)
sôinho (sonho)
úinha (unha)

báinho (banho)
ingêinho (engenho)
medôinho (medonho)
cúinha (cunha)

Quando átonas, o *e* muda-se para *i* (*impinhorar*, *penhorar*); as outras mantêm-se quase singelas, isto é, com pouco audível alargamento. Confira-se adiante a nota n.º 21. As formas *minhão* e *amenhão* (manhã e amanhã) derivam das dicções *menhão* e *amenhão* que resultaram de dissimilação vocálica.

13.

Antes da palatal *lh*, o *e* tónico fechado ditonga-se com *i* resumado dessa consoante. O *o* tónico ditonga-se similarmente, quer fechado, quer aberto. O *u* tónico ditonga-se sempre, sob o mesmo influxo. Resistem à ditongação o *e* aberto (*vêlho*, *rêlho*) e o *a* (*fa-lha*, *malho*, *talho*, etc.).

têilha (telha)
ôilho (ôlho)
óilho (olho)
túilha (tulha)
tretúilho (tortulho)

brumêilho (vermelho)
môilho (môlho)
móilho (molho)
búilha (bulha)
serrabúilho (sarrabulho)

Quando aquelas três vogais são átonas, não se produz a ditongação, e o *e* muda-se para *i*:

<i>bulhar</i> (bulhar)	<i>intulhar</i> (entulhar)
<i>olhar</i> (olhar)	<i>molhadela</i> (molhadela)
<i>tilhado</i> (telhado)	<i>brumilhão</i> (vermelhão)

14.

O *ô* (fechado) alonga-se tanto que corresponde a verdadeira ditongação, conquanto a subjuntiva seja extremamente breve e surda. O timbre desta subjuntiva situa-se entre o *e* surdo e o *a* surdo, com maior aproximação de um ou de outro destes sons, conforme a natureza dos fonemas contíguos.

<i>lôedo</i> (lodo)	<i>tôalo</i> (tolo)
<i>pôente</i> (ponte)	<i>sôano</i> (sono)
<i>côende</i> (conde)	<i>côadea</i> (côdea)
<i>môenda</i> (monda)	<i>tôarto</i> (torto)
<i>Rôema</i> (Roma)	<i>pôunto</i> (ponto)

As ditongações *ôun*, como a do último exemplo, são raras.

15.

A explosiva ântero-palatal *ch* provoca a ditongação das nasais *ã* e *õ*, tónicas ou não. A natureza do fenómeno leva-me à suposição de que ele se estende à nasal *ũ*: assim, *funcho* proferir-se-á *fũicho*; mas não ouvi nenhum exemplo.

<i>rãicho</i> (rancho)	<i>gãicheta</i> (gancheta)
<i>prãicha</i> (prancha)	<i>mãichado</i> (manchado)
<i>cõicha</i> (concha)	<i>sapo cõicho</i> (sapo concho)

16.

A vogal doce que esteja seguida de outra vogal, áspera ou doce, tónica ou átona, é por esta absorvida em crase.

<i>Manel</i> (Manuel)	<i>Antone</i> (António)
<i>cumprander</i> (compreender)	<i>cartilho</i> (quartilho)
<i>Jaquina</i> (Joaquina)	<i>gardar</i> (guardar)
<i>queto</i> (quieto)	<i>cunsante</i> (consoante)

17.

No grupo *qu* seguido de *a* a semi-vogal *u* é absorvida por

crase, como aliás também se verificou em vocábulos da língua comum (*caderno, catorze, nunca, etc.*).

<i>cadro</i> (quadro)	<i>carteirão</i> (quarteirão)
<i>cal</i> (qual)	<i>cartel</i> (quartel)
<i>cândo</i> (quando)	<i>cartilho</i> (quartilho)
<i>cânto</i> (quanto)	<i>catro</i> (quatro)
<i>carto</i> (quarto)	<i>cânté</i> (de «quanto é»)
<i>carta</i> (quarta)	<i>incânto</i> (enquanto)

Formam à parte os vocábulos *coresma, corenta, colidade e côlhar* (quaresma, quarenta, qualidade e coalhar).

Fenómeno idêntico é o que se depara em *gardar* (guardar), *minga* (míngua), *mingar* (minguar), *agantar* (aguentar), etc.

18.

Nos deminutivos de palavras paroxitónicas que na forma positiva têm por vogal da sílaba predominante *ó* ou *é* (abertos), a prolação dessas vogais mantém-se aberta, ao contrário do que, em regra, sucede nas dicções do sul:

<i>pòrtinha</i> (portinha)	<i>pèrtinho</i> (pertinho)
<i>Ròsinha</i> (Rosinha)	<i>cèrtinho</i> (certinho)
<i>tòrtinha</i> (tortinha)	<i>prèguinho</i> (preguinho)

Mas, se a vogal tónica fôr *ê* ou *ô* (fechados) ou *á* (aberto), então essa vogal ensurdece na forma deminutiva:

<i>gordinho</i>	<i>cestinha</i>	<i>casinha</i>
<i>cebolinho</i>	<i>cedinho</i>	<i>latinha</i>

Trata-se, entenda-se bem, de casos em que o sufixo não se junte por meio da consoante eufónica *-z-* ou qualquer outra. Pois nesses casos, talqualmente sucede na linguagem culta, a vogal conserva o timbre primitivo, em vista de pertencer à sílaba tónica secundária (*avòzinha, cestozito, màzinha*).

19.

Assim como tendem a assimilar-se às consoantes, sobretudo em labialização, assim as vogais propendem a dissimilar-se entre si, sobretudo quando labiais, com passagem da primeira a *e* surdo, fonema este que, por vezes se reforça depois para *a*. Há dissimilações *u — u > e — u*, independentemente da grafia, claro está, por que se represente o som *u*:

gressura < grossura
crecunda < corcunda
desquerçoar < descorçoar
feturo < futuro
guerdura < gordura
balume < volume
marmurar < murmurar
caruta < coruta

gregulho < gorgulho
documento < documento
fertuna < fortuna
aterdoar < atordoar
pessuir < possuir
acupar < ocupar
caturnos < coturnos
saluço < soluço

Há dissimilações *u — ó > e — ó* ou *u — ô > e — ô*, também sem atendermos à grafia do primeiro fonema:

belota < bolota
prepósito < propósito
Questódia < Custódia
barol < bolor

impestor < impostor
betom < botom (botão)
sepor < supor
stipor ou *stapor* < estupor
temor < tumor

Menos frequentes, há dissimilações *a — a > e — a* e, em certos casos, *a — a > a — e*:

badelada < badalada
relar < ralar

bacalhéu < bacalhau
calhéu < calhau

20.

As vogais tónicas *a, e, o, u*, seguidas de *j* ditongam-se com um *i* semi-consonântico nascido da palatal. A mesma ditongação produz-se idênticamente com *a* e *o* nasais, até quando nelas não recaí o acento.

haija (haja)
igreja (igreja)
hoije (hoje)
babuige (babugem)
ãijo (anjo)
lōige (longe)
cāigirão (cangirão)
lōijura (lonjura)
āijinho (anjinho)
marmāijão (marmanjão)

çoraige (coragem)
cereija (cereja)
fóige (foge)
fuija (fuja)
cāija (canja)
ispōija (esponja)
arrāijinho (arranjinho)
lōiginho (longinho)
ispōijeira (esponjeira)
iscōijuro (esconjuro)

Quando átonas, as vogais orais *a, o, u*, proferem-se singelas, ainda que seguidas daquela consoante palatal:

biajar (viajar)
pòjeira (poeira)
crujidade (curiosidade)

paje (pagem)
tojeiro (pé de tojo)
mugir (mungir)

O *e*, nessas condições, pronuncia-se *i*, pronúncia que se realiza mesmo quando o *j* o precede em vez de o seguir:

<i>despijar</i> (despejar)	<i>arijar</i> (arejar)
<i>imbijoso</i> (invejoso)	<i>desijoso</i> (desejoso)
<i>jínela</i> < <i>jenela</i> (janela)	<i>jíntar</i> < <i>jéntar</i> (jantar)

O fenómeno para a nasal *ão* produz-se até em casos de fonética sintáctica:

<i>Sãl João</i> (S. João)	<i>Sãl Joaquim</i> (S. Joaquim)
<i>Sãl José</i> (S. José)	<i>Sãl Gens</i> (S. Gens)
<i>Sãl Jirómeno</i> (S. Jerónimo)	<i>Sãl Julião</i> (S. Julião)

O topónimo *Sanhoane* (San Johanne) deve foneticamente relacionar-se com esta assimilação à palatal, para que se verificasse o desenvolvimento da consoante molhada *nh*.

21.

No Minho, como de resto na mor parte da fala popular do País, não meridional, o *e* átono seguido de palatal profere-se *i*, e ditonga-se em *ei* quando tónico.

<i>bafijar</i> (bafejar)	<i>fitchar</i> (fechar)
<i>impinhorar</i> (penhorar)	<i>brumilhão</i> (vermelhão)
<i>bafeija</i> (bafeja)	<i>feitcha</i> (fecha)
<i>impeinho</i> (empenho)	<i>Semeilhe</i> (Semelhe)

22.

Um dos factos mais característicos da fala minhota consiste na desnasalação das nasais finais átonas. O ditongo *-ão* (grafado *-am* ou *-ão*) reduz-se sucessivamente a *-om* e a *-um* e, a seguir, perde a ressonância para ficar apenas a vogal *-o* (proferida *-u*, claro está). A átona final *-em* desnasaliza-se (*eles temem* > *eles teme*) e, se a consoante da sílaba for *z* ou *r*, a vogal cai e o vocábulo passa de grave a agudo, por esta consoante se encorporar na sílaba precedente.

<i>orfo</i> (órfão)	<i>orfa</i> (órfã)
<i>eles amo</i> (eles amam)	<i>eles faço</i> (eles façam)
<i>eles àndaro</i> (eles andaram)	<i>eles fizero</i> (eles fizeram)
<i>home</i> (homem)	<i>birge</i> (virgem)
<i>eles tir</i> (eles tirem)	<i>eles quer</i> (eles querem)
<i>eles faz</i> (eles fazem)	<i>eles diz</i> (eles dizem)

23.

O *e* nasal átono, não inicial nem final, profere-se como *e* surdo nasalado, prolação essa muito característica e exclusiva, quase, do falar interanense. Para melhor se compreender e reproduzir esta prolação, tome-se, por exemplo, a palavra *vedar* (*bedar*, à minhota) e nasale-se o *e* sem lhe alterar o timbre, e ter-se-á *vendar* (ou *bendar*), que é a pronúncia dialectal. O mesmo se pode obter com a passagem, por nasalamento, de *arredar* para *arrender*.

<i>bender</i> (vender)	<i>Bentinho</i> (Bentinho)
<i>intender</i> (entender)	<i>cumprnder</i> (compreender)
<i>cuntentinho</i> (contentinho)	<i>alembrar</i> (lembrar)

Se o fonema nasal inicia palavra em sílaba átona desprovida de consoante, profere-se, então, *ĩ*, mesmo em próclise.

<i>imbarrar</i> (embarrar)	<i>intrar</i> (entrar)
<i>indiabrado</i> (endiabrado)	<i>inxertar</i> (enxertar)
<i>inzemplo</i> (exemplo)	<i>inxada</i> (enxada)
<i>indreitar</i> (endireitar)	<i>incarrar</i> (encarrar)
<i>incoberto</i> (encoberto)	<i>impiscar</i> (piscar)
<i>impècer</i> (empecer)	<i>im</i> (em)

Se se trata de *e* final átono, perdeu a ressonância nasal, conforme se disse na nota n.º 22.

24.

Os sufixos *-agem* e *-ugem* desnasalam-se, tal como sucede com todas as nasais finais átonas e já ficou dito. Depois, por influxo da consoante, a vogal tónica ditonga-se com o *i* que desta ressuma.

<i>coraige</i> (coragem)	<i>malandraige</i> (malandragem)
<i>farrapaige</i> (farrapagem)	<i>gatunaige</i> (gatunagem)
<i>garotaige</i> (garotagem)	<i>folhaige</i> (folhagem)
<i>peluige</i> (pelugem)	<i>ferruige</i> (ferrugem)
<i>penuige</i> (penugem)	<i>babuige</i> (babugem)
<i>feluige</i> (fuligem)	<i>rabuige</i> (rabugem)

25.

A nasal *õ* (isto é, *om* ou *on*) quando pretónica profere-se *ũ*, até em próclise.

<i>umbreira</i> (ombreira)	<i>cumprar</i> (comprar)
<i>acuntecer</i> (acontecer)	<i>undeado</i> (ondeado)
<i>apuntar</i> (apontar)	<i>funtinha</i> (fontinha)
<i>cuntigo</i> (contigo)	<i>cum</i> (com)

26.

Tal como os outros ditongos de base *a*, o ditongo nasal *ãi* diz-se sempre aberto. Corresponde, praticamente, ao nasalamento do ditongo oral *ái* e não ao nasalamento do ditongo *âi*:

<i>máim</i> (mãe)	<i>cáins</i> (cães)
<i>Tibáins</i> (Tibães)	<i>maçáins</i> (maças)
<i>Lamaçáins</i> (Lamações)	<i>Adáins</i> (Adães)

27.

O *a* nasal (*ã*, *am* ou *an*) sempre se pronuncia aberto e ditongado, quer venha em sílaba átona quer em sílaba tónica, e qualquer que seja a sua posição no vocábulo, inicial, medial ou final. A ditongação faz-se com *u* por subjuntiva, excepto quando se segue consoante palatal, conforme se viu no apontamento n.º 20 (v. g. *ãijo*, *mãitcha*).

<i>mãodar</i> (mandar)	<i>cãotiga</i> (cantiga)
<i>cãopo</i> (campo)	<i>alãozoar</i> (alanzoar)
<i>cãodeia</i> (candeia)	<i>ãobos</i> (ambos)
<i>ãotre</i> (antre, por entre)	<i>bãodeira</i> (bandeira)
<i>mação</i> (maça)	<i>lão</i> (lã)
<i>irmão</i> (irmã)	<i>minhão</i> (manhã)
<i>abelão</i> (avelã)	<i>aminhão</i> (amanhã)
<i>rão</i> (rã)	<i>romão</i> (romã)

28.

A terminação tónica *-ão*, quando derivada da arcaica *-om* (do latim *-one* ou *-onu*) profere-se *-õe*, como se nasalização do ditongo ou alargado para *-oue*.

<i>põe</i> (pão)	<i>rezõe</i> (razão)
<i>melõe</i> (melão)	<i>patrõe</i> (patrão)
<i>trapalhõe</i> (trapalhão)	<i>intrujõe</i> (intrujão)
<i>tõe</i> (tom)	<i>bõe</i> (vão, de ir).

Trata-se, por conseguinte, do alargamento fonético daquela nasal arcaica. Esta prolação corresponde a nomes que têm o plural em *-ões* e aos que o têm em *-ons*, e inclui *pão* que faz o plural *pões*. Também assim se proferem as formas verbais *dão*, *são*, *vão* (*dõe*, *sõe*, *bõe*) e idênticamente os futuros na 3.^a pessoa do plural.

As outras terminações *-ão* (do lat. *-anu-*, como *mão*, e do lat. *-ane-*, como *cão*) pronunciam-se qual nasalamento do ditongo *áu* (com *a* aberto).

<i>máum</i> (mão)	<i>náum</i> (não, dicção tónica)
<i>irmáum</i> (irmão ou irmã)	<i>cáum</i> (cão)
<i>gráum</i> (grão)	<i>báum</i> (vão, adj. e subst.)
<i>bráum</i> (verão, subst.)	<i>sáum</i> (são e sã, adj.)

29.

O nasalamento do *e* tónico é sempre ditongado: — com subjuntiva *u* se inicial ou medial; com subjuntiva *i*, se final. O ditongo nasal resultante *ẽu*, para aquelas duas posições, é as mais das vezes fechado (*imbẽutar*, *gẽute*, inventar, gente). Mas é aberto em *intẽude*, *bẽude* (de entender e vender), para se fechar no homógrafo do último destes dois exemplos, *bẽude* (de vender).

<i>tẽupo</i> (tempo)	<i>nĩnguẽi</i> (ninguém)
<i>bẽuto</i> (vento)	<i>bẽi</i> (bem)
<i>bẽuda</i> (venda)	<i>bĩntẽi</i> (vintém)
<i>ẽutra</i> (entra)	<i>cumbẽi</i> (convém)
<i>lẽubrar</i> (lembrar)	<i>cuntẽi</i> (contém)
<i>pretẽude</i> (pretende)	<i>pelẽi</i> (pelém)

30.

Os ditongos *ou* e *oi* não alternam, dum modo geral, em contrário do que sucede na língua comum. Os vocábulos têm definitivamente um ou outro desses ditongos, com muito maior frequência do primeiro.

<i>noute</i> (noite)	<i>cõibe</i> (couve)
<i>cousa</i> (coisa)	<i>tisõiras</i> (tesouras)
<i>touro</i> (touro)	<i>celõiras</i> (ceroulas)
<i>dous</i> (dois)	<i>ouço</i> (oiço)
<i>doudo</i> (doido)	<i>agouro</i> (agoiro)
<i>vassoura</i> (vassoura)	<i>couce</i> (coice)
<i>fouce</i> (foice)	<i>mouro</i> (mouro)
<i>afouto</i> (afoito)	<i>louro</i> (louro)
<i>ouro</i> (ouro)	<i>pousar</i> (pousar)
<i>mãijadoura</i> (manjedoura)	<i>dobadoura</i> (dobadoira)
<i>sãogradouro</i> (sangradouro)	<i>louça</i> (louça)

Como se vê, constitui excepção a alternativa *oi* e dá-se preferência ao ditongo *ou*, mesmo em palavras cujo étimo pediria aquela alternativa, como *agouro*, *vassoura*, *dobadoura* e outras.

31.

A sinérese *ao*, da preposição e artigo definido masculino, con-

trai-se normalmente, por crase, em ô: assim, a expressão «ao sábado» profere-se «ô *sábedo*». Equivalentes factos de construção podem ouvir-se em fonética sintática: — frases como «Vendia o milho» dizem-se (*Bendiô milho*).

32.

Ao contrário da prosódia havida por normal, o ditongo *ei* nunca se diz aberto, e muito se aproxima da prolação *âi*.

pincêis (pl. de pincel)
papêis (pl. de papel)
cordêis (pl. de cordel)
fardêis (pl. de fardel)
pastêis (pl. de pastel)

anêis (pl. de anel)
cinzêis (pl. de cinzel)
rêis (pl. de real)
rêis (pl. de rei)
idêia (idéia)

33.

São vulgaríssimos os casos de metátese da vogal doce, e nem sempre por atracção da tónica ou para redução de hiato.

ougar < augar < aguar
contrairo < contrário
feluige < fuligem
barrufar < borrifar

auga < água
bigairo < vigário
ubiar < uivar
nessairo < necessário

34.

A prótese de *a* encontra-se frequentíssima, e as mais das vezes sem cabal justificação fonológica, como aliás também sucede na linguagem geral.

atregar (regar)
assuceder (suceder)
arrumedar (remedar)
amêtade (metade)
alinterna (lanterna)
aboar (voar)
apousar (pousar)
arreceo (receio)

ateimar (teimar)
assubir (subir)
arrecuar (recuar)
azangar (zangar)
alembiar (lembrar)
abantaige (vantagem)
apilhar (pilhar)
arrelíquia (reliquia)

35.

Não escasseiam os casos de epêntese vocálica, que, se às vezes é resultante de anaptixe e outras para se interpor em grupos consonânticos repugnados, as mais das vezes tem explicação difícil.

garimpa (grimpa)
quelareto (cloreto)
adebogado (advogado)
istarrincar (trincar)

carapim (carpim)
belusa (blusa)
plaino (plano)
codejutor (coadjutor)

36.

A nossa língua repugna os grupos consonânticos constituídos por fricativa e *l*, exceptuado o grupo *fl* na linguagem comum. No falar minhoto nem este agrupamento é tolerado, pelo que se produz o caso especial de epêntese do tipo do *suarabácti* ou *anaptixe*, com a intercalação de *e* mudo entre as duas consoantes do grupo. A vogal epentética chega a reforçar-se em *a*.

afeligir (afligir)
afelição (aflicção)
felor (flor)
infeluir (influir)
impelicar (implicar)
Guelória (Glória)

felauta (flauta)
felanela (flanela)
felato (flato)
impalamado (implamado)
impelasto (emplastro)
quelaro (claro)

37.

São muito contraditórios os casos de *suarabácti* ou *anaptixe*, isto é, o apartamento de duas consoantes agrupadas, por intercalação de uma vogal, que as mais das vezes tem parentesco orgânico com uma das consoantes, em especial com a primeira da parelha que separa.

tataraneto (tetranelto)
carabelha (cravelha)
esgarabatar (esgravatar)
carapim (carpim)
coroça (croça)
tataravô (tetravô)

xaragão (enxergão)
garamilo (gramilo)
carapelo (crapelo)
adequirir (adquirir)
taramela (tramela)
serigueiro (sirgueiro)

Importa assinalar palavras *suarabácticas* na linguagem geral que não apresentam *anaptixe* na forma dialectal: *pucro*, *garbulha*, *Febreiro*, em lugar de *púcaro*, *garabulha*, *Fevereiro*.

38.

Os ditongos propendem a alargar-se, tritongando-se com o desenvolvimento de um *e* surdo, quando de subjuntiva *u*, ou com o desenvolvimento de novo *i*, quando, não finais, de subjuntiva *i*, a qual, então, se consonantiza em iotacismo. Igual iotacismo se gera nos ditongos de *ui* finais, embora aqui a tritongação se faça com *e* surdo.

máue (mau)
côuesa (cousa)
bôies (bois)
cáübro (caibro)
côübe (couve)
fúie (fui)

mêue (meu)
búue (viu)
dóie (dói)
bêüra (beira)
cúüdas (cuidas)
úie! (ui!)

Este fenómeno nota-se mais intenso nos ditongos de base fechada e em sílaba tónica, e adquire toda a intensidade quando no ditongo recai o acento frásico. Em todas as posições, porém, é larga a ditongação, pelo marcado prolongamento na prolação da subjuntiva.

39.

Por ênfase, quando na palavra que contém o sentido principal recai o acento frásico, se esta acaba em ditongo oral ou nasal, ou em vogal aberta ou fechada, produz-se um alargamento ocasional do fonema vocálico (ou dos fonemas vocálicos, se há ditongo), com *e* surdo.

Isto nũ é de lãoe! (Isto não é de lâ!)
Bẽ'es ou nũ bẽ'es?! (Vens ou não vens;!)
Aí, sua moca, aí'e... (Aí, sua moca (lorpa), aí...)
Lá me bai o tchapéu'e! (Lá me vai o chapéu!)
Quem é'e, ó Micas? (Quem é, ó Micas?).

Em os n.^{os} 42 e 43 do capítulo seguinte, assinalar-se-ão fenómenos junto de consoantes, que devem confrontar-se com os citados neste apontamento.



II — O CONSONANTISMO

40.

O facto mais conhecido e mais apontado da dicção nortenha é a prolação dos *vv*. De facto, não existe na prolação interamnense o fonema *v*, lábio-dental construtivo brando, forma que é sempre substituído por *b*, fonema oclusivo bilabial, raras vezes proferido um nadinha africado.

<i>bara</i> (vara)	<i>cabar</i> (cavar)
<i>berde</i> (verde)	<i>haber</i> (haver)
<i>binho</i> (vinho)	<i>biber</i> (viver)
<i>libro</i> (livro)	<i>rebirar</i> (revirar)
<i>cabalo</i> (cavalo)	<i>imbolber</i> (envolver)
<i>rebiraborta</i> (reviravolta)	<i>pobo</i> (povo)
<i>burto</i> (vulto)	<i>lubar</i> (levar)

O fenómeno da dicção *b* por *v* não é privativo desta zona do nosso País. Com efeito, é um fenómeno peninsular que se estendeu mesmo ao sudoeste da França, ou seja na Gasconha e em parte do Languedoc. Quanto ao espanhol de língua castelhana, pode dizer-se que, de um modo geral, a lábiodental sonora é desconhecida desde as origens do idioma. O *v* etimológico só persistiu nas Baleares, na província de Valência e em uma nesga meridional da Catalunha¹. Nas demais regiões espanholas e em toda a América hispânica, o *v* ortográfico pronuncia-se como *b*.

Também não é entre nós fenómeno recente nem isento de reflexos na linguagem geral. Assinalado já pelos gramáticos do século XVI, reflecte-se em três ou quatro dezenas de vocábulos da nossa língua em que seria glotologicamente de esperar *v* onde se encontra, afinal, *b*². Alguns aparecem no português arcaico com *v*, que hoje têm a bilabial: *voda*, *távoa*, *bevra*, *sobervia*, entre outros. Até os há que, partindo de étimo com *b*, passaram para *v* e hoje apresentam *b*, como *avorrecer*, de *abhorre*.

¹ Cfr. Samuel Gili Gaya, «Elementos de Fonética General», 2.^a edição, pág. 142.

² Além dos exemplos acima dados no texto, podem citar-se: *abutre*, *embrulhar*, *badameco*, *abespinhar*, *abano*, *bezig*, *baixel*, *barbeito*, *bodo*, *bodivo*, *sobreiro*, *bêbera*, *abibe*, *abóbada*, *berbequim*, *boleia*, *esbelto*, *libré*, *abetarda*, *baixela*, *bolandas*, *brinco*, *claraboia*, *cobarde*, *comboio*, *embair*, *berça*, *abandar*, *baínha*.

Aventando uma explicação desta particularidade, E. Bourciez³ escreve: «il est possible, mais non certain, qu'on doive y voir le résultat d'un prognathisme originaire, spécial aux races ibériques».

Seja como for, mal vai ao minhoto que, por seus pruridos de bem-falar, mesmo quando possui alguma instrução, se propõe proferir *vv*. Então é que se arrisca a mostrar-se risível, na confusão de *bb* e *vv*. Anedòticamente ao menos, podem vir dislates deste jaez: «O *binho* é *vô*, mas *nũ* se *debe de avusar*» («O vinho é bom, mas não se deve abusar»). Jocosamente, diz-se que, na dúvida ortográfica entre as duas consoantes, o duvidoso pergunta: «*É cum b de boi ou cum b de baca?*».

Em verdade, não se trata de motivo para jocosidades, mas de assunto merecedor de estudo aprofundado.

41.

Seguido de consoante, o *l* final de sílaba guturaliza-se e ditonga com *u* a vogal precedente, se esta for *a* ou *e*. Depois muda-se para *r*. Se a vogal silábica for algum dos outros fonemas vocálicos, não há ditongação, mas dá-se sempre a mudança do *l* para *r*.

O timbre da vogal silábica não se altera, conquanto no *a* se inicie uma tendência para labialização, por interferência assimiladora da subjuntiva; mas o *e* e o *o* permanecem abertos ou fechados, conforme a abertura que antes tinham.

Leite de Vasconcelos («Opúsculos», II, 206) aproxima destes fenómenos o que sucedeu com os latinos *saltum*, *alterum* e *altarium*, que haverão transitado por *saulto*, *aaltro* e *aaltario*, antes de darem *souto*, *outro* e *outeiro*.

aurdeia (aldeia)
méurro (melro)
féurga (felga)
fèurpudo (felpudo)
borta (volta)
côrmoo (colmo)
sirba (silva)
murta (multa)

Gaurtar (Gualtar)
réurba (relva)
fêutro (feltro)
fêupo (felpo)
forga (folga)
imbôrto (envolto)
pocirga (pocilga)
curpa (culpa)

Em *bauburda*, de *balbúrdia*, o *r* caiu da primeira sílaba por dissimilação, assim como em *feutro*, de *feltro*. No entanto, o *r* mantém-se em posições como as de *baurboreta*, por *balboreta*, e de *aurtura*, por *altura*, porque a repetição da consoante líquida se verifica em começo de sílaba e com prolação fraca.

Se um *r* final se torna medial de vocábulo por adjunção ocasional de sufixo, já não verifica o fenómeno da guturalização do *l* (*quintal*, *quintalzinho*). Todavia, de *mal* pode tirar-se *mârzinho*

³ «Éléments de Linguistique Romane», Paris, 1930, pág. 407.

ou *màrzinha*: «Ela 'stá mûto màrzinha». Trata-se de um caso especial de cruzamento de advérbio com adjetivo.

42.

O *l* final de palavra hoje oxítona, mas etimològicamente paraxítona, não deixou ainda cair inteiramente o *e* do étimo, em que se apoiava. E, se o acento frásico recai no vocábulo, a sílaba final *-le* é perfeitamente distinta, embora com um *e* muito surdo, como na frase: «*Olha se fitchastes o portale*».

Nas outras circunstâncias, difficilmente se ouve o *-e*; mas o *l* ainda não se guturalizou, nem se apoia na sílaba anterior, tal como pode escutar-se na frase: «*Bê s'o portal' ficou bem fitchado*».

Temos assim, respectivamente, as prolações:

<i>cale</i> <> <i>cal'</i>	<i>portale</i> <> <i>portal'</i>
<i>papele</i> <> <i>papel'</i>	<i>fiele</i> <> <i>fiel'</i>
<i>sole</i> <> <i>sol'</i>	<i>ànzole</i> <> <i>ànzol'</i>
<i>barrile</i> <> <i>barril'</i>	<i>mîle</i> <> <i>mil'</i>
<i>sule</i> <> <i>sul'</i>	<i>azule</i> <> <i>azul'</i>

43.

Com o *r* final dos actuais oxítonos, filiados em paraxítonos terminados em *-e* caduco, notam-se prolações correspondentes às que se indicaram no apontamento anterior:

<i>acarditare</i> <> <i>acarditar'</i> (acreditar)	<i>bêre</i> <> <i>bêr'</i> (ver)
<i>lubare</i> <> <i>lubar'</i> (levar)	<i>mulhere</i> <> <i>mulher'</i>
<i>pedire</i> <> <i>pedir'</i>	<i>bire</i> <> <i>bir'</i> (vir)
<i>milhore</i> <> <i>milhor'</i>	<i>dore</i> <> <i>dor'</i>

44.

O *r* final de sílaba, assim como o *r* de grupo protónico, propende a formar grupo com a consoante inicial ou, ao menos, com uma consoante pretónica mais distante do acento principal. A mesma propensão, embora não tanto coerciva, se manifestou na língua geral, conforme pode verificar-se em *fresta* < *fenestra*, *bravo* < *barbaru*, *prego* < *epigru*, *treva* < *tenebra*, *madrugar* < *maturicare*, etc.

<i>bregasta</i> (vergasta)	<i>probe</i> (pobre)
<i>brumeilho</i> (vermelho)	<i>prufeito</i> (perfeito)
<i>catrefa</i> (caterva)	<i>treçolho</i> (terçol)
<i>crecunda</i> (corcunda)	<i>tretulho</i> (tortulho)
<i>dromir</i> (dormir)	<i>triato</i> (teatro)
<i>istrobar</i> (estorvar)	<i>trocer</i> (torcer)
<i>frumento</i> (fermento)	<i>tromento</i> (tormento)
<i>Grabiel</i> (Gabriel)	<i>catrozada</i> (quatorzada)

45.

Na frase estereotipada «*Nũ bal dèrreis*» («Não vale dez réis») é de notar a assimilação do *z* chiente de *dez* à inicial de *réis* e sua subsequente absorção por esta.

46.

De resto, tal processo de assimilação verifica-se com o *-s* final seguido de vocábulo iniciado com *r-*, desde que haja íntima conexão entre as duas palavras.

Tu nũ baís roçar hoije? (Não vais roçar hoje?).

Bós nũ tendes rezão nenhũa (Não tendes razão nenhuma).

47.

Outro caso de fonética sintáctica vem a ser o que se produz com a assimilação do *-r* brando de final de palavra ao *r* forte inicial de palavra contígua, quando entre as duas palavras existe conexão estreita.

Bocê debe de dà-rezão a quem na tem.

(V. deve dar razão a quem a tem).

Óilha pra estas pèrninhas a fazê-rufegos!

(Olha para estas perninhas a fazer refegos!).

Ela é ùa mulhé-rija a baler.

(Ela é uma mulher rija a valer).

48.

O verbo *querer*, ao aglutinar o pronome pessoal complemento directo da 3.^a pessoa, assume a expressão *qué-lo*, *qué-la*, *qué-los*, *qué-las*, dicções estas comuns todas à 2.^a pessoa do singular, à 3.^a do singular, à 3.^a do plural do indicativo presente.

Vejam os que se passou. A forma verbal *quer* serve para as 3.^{as} pessoas, tanto para a do singular como para a do plural (para esta devido à desnasalação referida no apontamento n.º 22). A forma *qué-lo*, assim como as suas parceiras, corresponde, pois, à assimilação $r - l > l - l$, que normalmente se realiza nas ênclises com flexões verbais terminadas em *-r*. No tocante à 2.^a pessoa do singular, produziram-se dois fenómenos sucessivos de assimilação: de *queres-lo* fez-se *querel-lo* e *quere-lo*, como é de regra; de *quere-lo*, por emudecimento do *-e* desinencial, logo se transitou para *quer-lo*, pelo que se recaiu no caso das 3.^{as} pessoas, que se acaba de explicar.

49.

A palatal *ch*, em vez de prolação constrictiva, é fonema duplo e explosivo (*tch*) semelhante ao italiano *ci* de *città*.

tchabe (chave)
atchei (achei)
tchinela (chinela)

intcher (encher)
tchober (chover)
tchumbo (chumbo)

Ao passo que no português normal *x* e *ch* se proferem idênticos, no falar minhoto eles são em regra distintos, pois o primeiro é fonema contínuo como na língua geral, e o segundo é momentâneo como acima se apontou. Assim não há confusão entre as palavras *enxada* e *inchada*, apesar de no Minho ser *in-* a prolação da sílaba inicial de ambas; distingue-as bem a diversidade daquelas consoantes: *inxada* e *intchada*, se dizem respectivamente.

No entanto, quer-me parecer que se manifesta propensão para identificar o *x* com o *ch*. Na verdade, aconteceu-me, por mais de uma vez, ouvir com *tch* certas palavras que na língua têm *x*: *deitcha*, em vez de *deixa*. E *caixa* ouvi, quase comumente, pronunciar *caitcha*.

50.

O -s do advérbio *mais*, seguido de *l-* em expressão comparativa, caiu depois de se haver assimilado.

mai-logo (de *mais logo* > *mail-logo*).

mai-lôige (mais longe).

mai-lá pa trás (mais lá para trás).

mai-lesto (de *mais dextro* > *mais lestro* > *mail-lesto*).

O mesmo efeito de fonética sintáctica se apresenta, por vezes, com outros casos de *s* final, mas sem carácter de obrigatoriedade. Assim, em «*Faze lo que quer's*» ou «*Fazes o que quer's*».

51.

Antes de inicial *n-*, o mesmo vocábulo *mais* perde também o -s, depois de assimilado. Compare-se na linguagem geral, por exemplo, «*vamo-nos*», «*sentemo-nos*», «*ferimo-nos*».

mai-nada (mais nada)

anda a mai-nós (anda connosco)

mai-ninhum (mais nenhum)

mai-ninguém (mais ninguém)

52.

Não raro se encontram exemplos de epêntese consonântica, quase todos dos de difícil explicação fonológica. Em vista de tal dificuldade não me parece ousadia atribuí-los a cruzamento semântico.

ascordar (acordar)
barges (vagens)
lecre (leque)

astrebido (atrevido)
landra (lande)
monecra (boneca)

53.

Caso interessante de haplogogia é o que se depara na expressão *trê'stões* (três tostões). Quere-me, contudo, parecer que a haplogogia se produz mais pelos *ss* chiantes do que pelos *tt*. Assim é que o fenómeno se observa quando a palavra *tostões* — ou, antes, *testões*, que é a dicção dissimilada — se precede de numeral acabado em *-s*: *dou'stões* (dois tostões), *trê'stões*, *sei'stões*, *dê'stões*. O que não impede se dê haplogogia na precedência de *t*: *sete'stões*.

54.

Em sílaba inicial há hesitação entre o *s*- impuro encostado à sílaba seguinte e o *-s*- chiante apoiado num *i*- inicial, com que forma sílaba. No entanto, parece tender a maioria das pronunciações para a preferência do *s*- impuro quando o segue consoante forte, e para a da silabação *is*- quando se segue consoante sonora.

spreitar
stréla (estrela)
stimar
scuitar (escutar)
sfragar (esfregar)
squecer

isbaforido
isbangalhar (escangalhar)
isberdinhado (esverdeado)
isganar
iscupir (cuspir)
ismoer

Também se deparam supressões desse início de vocábulo, sobretudo quando é ou parece prefixo: *borratar* (esborratar), *baforido* (esbaforido), *pernear* (espernear), *baziar* (esvaziar), *quina* (esquina).

Atente-se, ainda, nas formas *misgalhar* (esmigalhar) e *masgar* (esmagar), em que se observa fenómeno inverso ao de *conspuere* > *iscupir*.

55.

Além do caso que apresentamos para grupos locucionais com a palavra «tostões» (n.º 53), são encontradiços outros casos, e não poucos, de haplogogia aplicada às locuções, as quais se tratam, assim, como todos fonéticos.

Nò-Sinhor (Nosso Senhor)
Jasu-Cristo (Jesus Cristo)

mèu-reis (mil réis > *mel-reis*)
mà-lavado (mal lavado)

56.

O influxo de outras partículas adverbiais ou conjuncionais, como *despois, menos, mais, antes, des* ou *des-que*, etc., acrescentou um s paragógico às seguintes expressões:

sômentes
de maneiras que
a pontos que

indas que
a modos que

Trata-se, pois, de factos de analogia idênticos aos que na linguagem normal se deram em *antes* e *entrementes*

57.

Os casos de metátese, simples ou recíproca, mostram-se vulgaríssimos. Tal como na língua comum, o fenómeno realiza-se principalmente com as consoantes líquidas.

probe (pobre)
stogmo (estômago)
açucere (açúcar)
masgar (esmagar)
arbir (abrir)
istrepassar (trespassar)
atazanar (atenazar)
celouras (ceroulas)
triato (teatro)

arratle (arrátel)
máneca (máquina)
agardecere (agradecer)
misgalhar (esmigalhar)
dromir (dormir)
Jirómeno (Jerónimo)
terrible (terrível)
sastifeito (satisfeito)
barol (bolor)



III — O IOTACISMO E A REDUÇÃO DOS HIATOS

58.

Por intermédio de *i* consoante, produz-se iotização quando *e* aberto ou *a*, aberto ou surdo, vão de encontro a *e* ou *a* iniciais e tónicos, ou a ditongos com alguma destas vogais por base.

é-i-ele (é ele)
a-i-eito (a oito)
à-i-Ana (à Ana)
inté-i-ela (até ela)

à-i-erba (à erva)
dá-i-aula (dá aula)
pra-i-eu ir (para eu ir)
inté-i-eu (até eu)

59.

Para reduzir o hiato cujo primeiro concorrente seja nasal, trata-se o caso como de fonética sintáctica. Entre os dois vocábulos desenvolve-se um fonema nasal-palatal, que forma sílaba com o segundo fonema do hiato e é homorgânico do primeiro pela nasalidade.

Isso bẽ-nh-ele! (isso vem ele!)
ũ-nh-home (um homem)

Ela tẽ-nh-ũa (ela tem uma)
ũ-nh-hora (ũa hora, uma hora)

60.

O hiato *-oa* é reduzido no Minho pelo desenvolvimento dum *-u-*, com larguíssima ditongação. Aliás, na pronúncia normal já existe de facto essa mesma semi-vogal, conquanto, por uma inconsequência das regras ortográficas, tal letra não se escreva e o fonema tenha prolação mais apagada e breve.

Lisboua (Lisboa)
aboua (voa)
canoua (canoa)

broua (broa ou boroa)
croua (coroa)
à toua (à toa)

61.

A linguagem policiada só costuma, dum modo geral, reduzir os hiatos adentro dos vocábulos. Não assim o povo minhoto, que

em fonética sintáctica procede como com unidades vocabulares. São numerosos, em tais circunstâncias, os processos regionais de redução dos hiatos. Alguns exemplos:

Se fôss'ela ('Se fosse ela)

Iss'é o qu'ele diz (Isso é o que ele diz)

Bai ber o qui é (Vai ver o que é)

Nũ bal' a pena'star c'ũ-nh-hom'assim (Não vale a pena estar com um homem assim)

Nos hiatos acima evitados, a respectiva redução deu-se ou por crase, ou por consonantização, ou por desenvolvimento de fonema homorgânico da vogal tónica antecedente.



IV — A TONICIDADE

62.

São vários os processos que a linguagem do Minho utiliza para mudar os esdrúxulos em paroxítonos, os quais, como é sabido, constituem a tonicidade mais à feição do génio de toda a nossa língua.

Um deles consiste no ensurdecimento da vogal postónica immediata, seguido da queda total do fonema quando a consoante que precede a vogal caduca e a consoante que a segue podem formar grupo próprio.

<i>abobra</i> (abóbora)	<i>arbre</i> > <i>arbe</i> (árvore)
<i>cântro</i> (cântaro)	<i>bacro</i> (bácoro)
<i>fôrgo</i> < <i>fôlgo</i> (fôlego)	<i>pifre</i> (pífaros)
<i>irzipla</i> < <i>erisípela</i> (erisipela)	<i>nespra</i> (nêspira)

Se as consoantes postas em presença não formam grupo próprio, nem assim o ensurdecimento total ou quase total deixa de produzir-se, facto de que resultam anomalias consonânticas, que o tempo há-de normalizar, de modo comparável ao que se pode ver, por exemplo, em *julgar* < *jud'gar* < *judicare*, em *nalga* < *nad'ga* < *nádega* < *natica*, em *melga* < *med'ga* < *medica*, em *alma* < *an'ma* < *anima*, etc., etc..

<i>méd'co</i> (médico)	<i>fác'le</i> (fácil)
<i>úrt'mo</i> (último)	<i>tiz'co</i> (tísico)

63.

A tendência para a paroxítonia atinge, e muito logicamente, as palavras graves terminadas em consoante, as quais, em verdade, não passam afinal de casos especiais de proparoxítonia. Nestes casos, não se dá retracção do acento, pois a tónica permanece onde estava: o que se realiza é a metátese da consoante final, que se desloca para antes da sua vogal, a formar, assim, grupo próprio com a consoante da sílaba última e, portanto, com o vocábulo transformado ao jeito comum dos paroxítonos — a terminação em vogal.

<i>açucra</i> (açúcar)	<i>arratle</i> (arrátel)
<i>nible</i> (nível)	<i>caractre</i> (carácter)

Na linguagem comum há muitos vocábulos de arranjo paralelo e que constituem a forma vernácula: *sempre* (de *semper*), *entre* (de *inter*), *sobre* (de *super*), *quatro* (de *quattuor*), *retrós* (de *retorsu*), *nobre* (de *nobile*), etc.

64.

A metátase que no Minho se faz das terminações *-ável*, *-ível*, *-óvel*, de substantivos e de adjetivos, para *-able*, *-ible*, *-oble*, não passa de um caso especial do apontamento anterior, também com o objectivo inconsciente de dar ao vocábulo jeito paroxitónico terminando-o em vogal descoberta.

misarable (miserável)
artemoble (automóvel)

terrible (terrível)
impossible (impossível)

65.

Os esdrúxulos cuja última sílaba consiste apenas na vogal passam, em regra, a paroxítonos pelo desaparecimento dessa vogal final, talvez absorvida por crase, em posição de hiato como consequência de fonética sintáctica. O *i* precedente, deste modo tornado final, ensurdece para *e* mudo.

Antone (António)
borfráme (volfrâmio)

iscarne (escárneo)
sóbre (sóbrio)

66.

Em sentido contrário da nossa tendência para a prosódia paroxitónica, registam-se alguns exemplos de alargamento paragógico da sílaba última, alargamento que, pois, acarreta proparoxítonia. É fenómeno de difícil explicação, talvez resultante de analogia popular.

aurfácia (alface)
espécia (espece)
clássia (classe)

fácia (face)
gázia (gaze)

Dadas como boas, registam os dicionários formas paragógicas, para parte das quais se rejeita hoje a forma não alargada: *lêndea* (por *lende*), *hástea* (a par de «haste», do lat. *hasta*), *lájea* (a par de «laje»), *réstea* (em vez de *reste*), *véstia* (a par de «veste»). É para notar que, na quase totalidade destes exemplos, a vogal que se alargou estava em contacto directo ou mediato com fonema fricativo.

2.^a PARTE

PRONÚNCIAS
E
FORMAS REGIONAIS

- I — Pronúncias dialectais
II — Glossário de formas dialectais

I — PRONÚNCIAS DIALECTAIS

67.

Os vocábulos que a seguir vêm arrolados são, como facilmente se verifica, estruturalmente os mesmos da linguagem comum pela forma, e possuem significação idêntica à que lhes atribuem os dicionários. Divergem tão-somente pela pronúncia que na região lhes pertence e que não lhes causa verdadeira desfiguração fonética.

Pode dizer-se que não sofreram na estrutura fonológica nenhuma alteração. Para as diferenças prolacionais, fazem-se em cada uma remissões que indicam o número do apontamento concernente da 1.^a Parte deste trabalho ou remete-se para caso paralelo deste mesmo rol.

ABELÃO — avelã (Apont. 27).

ACADUTO — aqueduto (Ap. 2).

AFELIGIR — afligir (Ap. 36).

AIJO — anjo (Ap. 20).

ANADOTA — anedota (Ap. 2).

ANDA NA-I-AULA — anda na aula. — Epêntese de *i* para redução do hiato, com iotacismo. Cfr. Ap. 61.

ARIJAR — arejar (Aps. 20 e 21).

ATCHAR — achar (Ap. 49).

BAFIJAR — bafejar (Aps. 20 e 21).

BÀGAR — vagar (Ap. 30). — Para o *a* aberto da primeira sílaba, haverá talvez influência de *gànhar*, q. v.

BARA — vara (Ap. 40).

BATUMAR — betumar. — V. *batume*.

BATUME — betume (Ap. 2 e talvez influência de *bater*).

BERDE — verde (Ap. 40).

BIBER — viver (Ap. 40).

BINHO — vinho (Ap. 40).

BUNTADE — vontade (Aps. 40 e 25).

CABALO — cavalo (Ap. 40).

CABAR — cavar (Ap. 40).

CÂNDÔ — quando (Ap. 17).

CÂNTÔ — quanto (Ap. 17).

CARTILHO — quartilho (Ap. 17).

CATRO — quatro (Ap. 17). — Cfr. «catorze», adoptado como *lídimo*.

COIBE — couve (Aps. 30 e 40).

COIXA — coxa (Ap. 10).

CORMO — colmo (Ap. 41).

CUM — com (Ap. 25). — É a forma dita antes de palavra que não seja artigo, nem pronome átono começado por vogal, nem adjectivo determinativo começado por vogal: *cum binho*, *cum auga*, *cum nós* (com vinho, com água, connosco). Antes de palavras que não estejam nas condições acima, sobre a ectlipse, e também a sinalefa quando seguido de artigo definido masculino ou de qualquer das formas do artigo indefinido: *co'a tchuba*, *co'este*, *c'os dous*, *c'uns bois*, *c'ũa pinga* (com a chuva, com este, com os dois, com uns bois, com uma pinga).

CUMBÓIO — comboio (Ap. 25).

CUMO — como — O emprego geralmente proclítico deste vocábulo tornou-o de vogal surda, mesmo quando empregado tónico.

CUNTAR — contar (Ap. 25). — A prolação assim da nasal só se verifica se o acento recai na flexão.

DEZER — dizer. O *i* átono pretónico tende a ensurdecer.

DI — de. A preposição *de* consonantiza a vogal, para evitar o hiato, quando seguida de vogal com que não se contraia: «*Stou farta di o oubir*», «estou farta de o ouvir».

DIDAL — dedal. Cruzamento analógico?

FUIJO — fujo (Ap. 20).

GAITCHO — gancho (Ap. 15).

GANHAR — ganhar. O *a* pretónico aberto deve ser persistência dos dois *aa* arcaicos de *gaanhar* ou *guaanhar*. Cfr. o italiano *guadagnare*, bem como a forma arcaica de *gado* (*gaado*), que se julga recebida do castelhano antigo, de origem germânica.

GAOLA — gaiola. Comp. *maor*, *saote*.

GARDAR — guardar (Ap. 17).

HABER — haver (Ap. 40).

HOIJE — hoje (Ap. 20).

IM — em. Como preposição essencialmente proclítica, sujeita-se, por fonética sintáctica, ao que se mostrou no Ap. n.º 23: «*Onte bi-te im Panoias*», «ontem vi-te em Panoias».

IMBARRAR — embarrar: esbarrar, topar, embater em qualquer coisa (Ap. 23).

IMBUDE — embude (Ap. 23). Do lat. *imbutum*.

IMPANCAR — empancar (Ap. 23).

IMPÊCER — empecer (Ap. 23).

IMPEINHO — empenho (Aps. 23 e 21).

INCABAR — encabar (Ap. 23).

INCÁUTO — enquanto (Aps. 23, 17 e 27).

INDREITAR — endireitar (Aps. 23 e 3).

JOEILHO — joelho (Ap. 20).

LIBRO — livro (Ap. 40).

LÓIJE — loja (Ap. 20). A mudança da vogal final resulta de analogia com a família dos sufixos em *-gem* que se proferem desnasalados (*-ge*), conforme se notou no Ap. n.º 24.

- LŪA — lua. Persistência da nasalação medieval, resultante do -*n*-etimológica: *luna* > *lũa*, como em *ũa* < *una*.
- MAÇÃO — maçã (Ap. 27).
- MANJOR — major: nasalação provocada pelo fonema inicial; compare-se *mim* < *mi*, *mãe* < *madre*, *muito* (*mũito*) < *multo*, *nem* < *ne* < *nec*, *mancha* < *macula*, *monco* < *mucu*, *mensagem* < *message*, etc.
- MAOR — maior: comp. *gaola* e *saote*.
- MÉDECO — médico (Ap. 62 e 4).
- MEIXER — mexer (Aps. 1 e 21).
- MINGA — mingua (Ap. 17). Aplica-se sobretudo na expressão estereotipada «fazer minga», que significa fingir que se faz algum trabalho sem de facto produzir coisa que se veja.
- MINGAR — minguar (Ap. 17): «a seringa cresce e minga».
- MINTIR — mentir: influência de *minto*. Conjugase, porém, como o verbo gramatical nas flexões rizotónicas.
- MINTIRA — mentira: influência de *mintir*.
- MŪTO — muito: o ditongo nasal *ũi* seria anómalo na fala minhota. Só se poderá ouvir em *rũi* (ruim) e *rũidade* (ruindade), que na região se proferem apenas com dicções ditongadas e por pessoas de alguma cultura.
- NABOEIRO — nevoeiro: ingerência do *n*- no reforço *e* > *a*; compare-se *anadota* e veja-se o Ap. n.º 2.
- NŪ — não, em próclise: «Nũ quero». V. o Ap. n.º 25. Quando tónico, o advérbio profere-se *não* ou, melhor, *não'e*.
- ÓITO — oito: influência retroactiva de *dezóito*?
- PAGAR — pagar: talvez influência de *gânhar*, q. v.
- PIADADE — piedade. Em todas as terminações idênticas se verifica o mesmo reforço *e* > *a* (sociadade, propriadade, etc.).
- PINHORA — penhora (Ap. 21).
- PIRU — peru. Deverá este caso aproximar-se de *didal*?
- POBO — povo (Ap. 40).
- QUI — que, forma do pronome interrogativo antes de vogal aberta: «*qui é?*»; mas também se ouve «*qu'horas são?*», a par de «*qui horas são?*». E igualmente em expressões dialectais como: «*Põe-t'a pé, que já são qui horas*».
- RĀITCHO — rancho (Aps. 15 e 49).
- REGIDOR — regedor: influência do fonema *j*, como em *bafijar*, *carrijão*, *despijar*, etc. (Aps. 20 e 21).
- RIGULAR — regular. É caso a aproximar de *sigundo*, *infra*, e a comparar com *piru* e *didal*.
- ROIXO — roxo (Ap. 10).
- RŪI (monossílabo) — ruim. Produziu-se uma sinérese, como também em *rúinas*, em vez de *ruínas*, e em *arrũinar*, em vez de *arruinar*.
- SA-BENÇA — a sua bênção. É assim que se ouve pedir a bênção aos pais, avós, tios, padrinhos e párocos. Na expressão «sua bênção», o possessivo enclítico sofre a crase (cfr. o adjectivo possessivo arcaico «sa», e os seus parceiros gramaticais «mha»

e «ta»); e o substantivo desnasala-se conforme se lê no Ap. n.º 22.

SÂIGUE — sangue. Não consegui explicação bastante para a ditongação nasal, por motivo fonológico. Comp. *tâique*, infra.

SAOTE — saiote: comp. *gaola* e *maor*.

SIGUNDO — segundo: comp. *rigular* e *siquer*.

SINHOR — senhor (Ap. 12).

SIQUER — sequer: comp. *rigular*, etc.

TÂIQUE — tanque: comp. *sâigue*.

TCHICOLATE — chocolate (Aps. 49 e 10).

TCHIGADA — chegada (Aps. 49 e 10).

TINENTE — tenente. Será caso a aproximar de *rigular*, *siquer*, etc.

TÔIJO — tojo (Ap. 20).

URIBES — ourives. Pois que uma contracção do ditongo *ou* seria contra a tendência regional (conf. Aps. 1 e 38), só um cruzamento analógico poderá explicar a substituição da primeira sílaba.



II — GLOSSARIO DE FORMAS DIALECTAIS

68.

Numerosos são os vocábulos que, pertencentes à língua comum, a linguagem interamnense apresenta mais ou menos desfigurados em relação ao léxico geral.

No glossário que abaixo se dá, ainda não se trata, por conseguinte, de arquivar palavras regionais, e sim de apontar formas especiais que adquiriram aqui certos vocábulos.

Dois grupos de causas concorreram, ora separados ora concomitantes, para tais desfiguramentos, mais ou menos profundos. Provêm essas causas da fonologia regional e da analogia popular, de tão frequente intervenção. Já me referi, na primeira parte destes apontamentos, às numerosas regras específicas do falar minhoto, as quais, actuando livres das peias literárias, se fizeram sentir abundantemente. A analogia, porque interfere quase sempre de maneira espúria, não é fácil de codificar em leis gerais, nem sequer em regras especiais. Por isso se tentam aqui aventar as interferências de ordem psicológica que, mais ou menos isoladamente, para cada vocábulo deram aso à respectiva alteração analógica.

ABALUAR — avaliar: Ap. n.º 40 e cruzamento com *valor*.

ABANTAIGE — vantagem, habilidade: «Que grande abantaige!...» (Aps. 40, 34 e 20).

ABELÃOZEIRA — aveleira. Aplicou-se a regra geral para do nome do fruto tirar o nome da planta frutífera, com adjunção do sufixo *-eira*, e interposição eufónica de *-z-*, por terminar em vogal o vocábulo primitivo *abelão*.

ABOAR — voar (Aps. 34 e 40). Confira-se a quadra infantil com que se faz voar uma coccinela, ou joaninha, que a pessoa tenha pousada na mão:

Joaninha, aboua, aboua,
Que teu pai foi a Lisboua
Buscar um carro de pão
P'ra ti e p'ra João.

ABOBRA — abóbora. A índole paroxitónica da linguagem sincopou o *o* postónico por dissimilação e ensurdecimento. Veja-se Ap. 62.

- ACAÍJO — quase. À forma *cai*jo, q. v., juntou-se a protético (Ap. 34).
- AÇANAR — acenar. Veja-se Ap. 2 e aproxime-se de *alfanete*, *anadota*, *tanazes*, *sanapismo* (a par de *selapismo*), que parecem demonstrar a influência do *n* em semelhante reforço vocálico.
- AÇANO — aceno: termo deverbal de *açanar* ou passivo de sua interferência analógica.
- ACARDITAR — acreditar. É forma realizada através da dicção intermédia *acraditar*, com reforço *e* > *a* exigido pelo *r* precedente. Também se diz *aquarditar*, forma pretensiosa de influência literária, por se afigurar que a sílaba *-car-* é corruptela de *-quar-*, dada a normal crase que se observa em sílabas idênticas (Ap. 17).
- ACASIÃO — ocasião: aglutinação do artigo feminino, provocada pela gutural como reforço fonético.
- ACIPRESTE — cipreste (Ap. 34).
- ACRECENTAR — acrescentar. O grupo *sc* (*sç*) reduziu-se por assimilação a *c* (*ç*), como nas palavras da língua geral *aparecer*, *conhecer*, *oferecer*, etc. Porém os pruridos etimológicos da língua culta restituíram, por vezes, aquele grupo consonântico (*descer*, *nascer*, *crescer*, etc.). Não assim o falar do Minho, que diz *acrecentar*, *cuncença*, *decer*, *decida*, *nacer*, *nacida*, *crecer* (q. v.).
- AÇUCRE — açúcar. V. Ap. n.º 63. O *a* postónico átono começou por ensurdecer e disse-se *açúcâr*, forma esta de que, por metátese, se fez *açuc*re com o ensurdecimento *â* > *e*.
- ACUPAR — ocupar. Após a dissimilação *o* — *u* > *e* — *u*, deu-se o reforço provocado pela gutural. Comp. *acasião*.
- ADEBERTIR-SE — divertir-se. O ensurdecimento do *i* da primeira sílaba fez com que na forma resultante, *debertir-se*, se produzisse cruzamento com vocábulos de prefixo *ad-*. Não me parece, com efeito, de ver aqui um caso vulgar de prótese.
- ADELAIDES — Adelaide. Houve influência de *Gertrudes*, *Mercedes*, etc., e, talvez mais ainda, dos patronímicos: comp. *Metir-des*, *Clotirdes*, *Leites*.
- ADENTE — adiante. É manifesto o cruzamento com formas adverbiais como *à frente*, *rente* e os advérbios em *-mente*.
- AFFECTIVO — efectivo: confusão de prefixo.
- AGANTAR — aguentar. V. Ap. 19 e comp. *anguia*.
- ALBOREDO — arvoredado. Dissimilação consonântica e prolação de Ap. n.º 40. Também se ouve a prolação, mais característica, *aurboredo*, conseqüente dos fenómenos registados em Ap. 41.
- ALEMBRAR — lembrar: prótese de jeito reforçativo (Ap. 34).
- ALINTERNA — lanterna. Além da prótese, deve ter-se dado um cruzamento.
- ALIMAL — animal. É a dissimilação *n* — *m* > *l* — *m*. Cfr. *alimária*, e ainda *alma* de *anima*, etc.
- ALMÁRIO — armário. Houve dissimilação *r* — *r* > *l* — *r*, favorecida por cruzamento com vocábulos como *alguidar*, *almotolia*,

albarda, etc. Da forma dada nesta rubrica, passou-se à dicção mais corrente, que é, como seria de prever, *aurmário*.

ALMAZÉM — armazém. V. *almário*, que é vocábulo, como este, de introdução moderna no vocabulário popular.

ALTARAR — alterar: reforço do *e* que precedia o *r* medial (Ap. 2).

ALUBEDAR — levedar. Houve prótese de *a-* (Ap. 34) e assimilação do primeiro *e* ao *b* < *v* (Aps. 6 e 40).

AMAGRECER — emagrecer: troca de prefixo.

AMARICANO — americano (Aps. 2 e 9).

AMÊNDOLA — amêndoa: troca de terminação, por cruzamento. Cfr. *estátula*.

AMÊTADE — metade. Além da prótese do *a-*, deve salientar-se a abertura do *e* protónico. Resulta este da crase dos dois *ee* de *meetade*, forma que se depara no português arcaico e proviera do ensurdecimento do *i* de *meitade*, estágio vocabular este no qual o ditongo impediu o abrandamento do *t* medial contíguo. Todavia, tal abrandamento realizou-se em *meyadade*, forma registada por Viterbo no '*Elucidário*'. O português repugna as vogais abertas ou fechadas em sílabas átonas e, por isso, ensurdece aquelas que, derivadas de crase, se tornaram abertas, conforme já aconteceu com *dorido*, *geral*, *gerar* e outras. Para *geração* e *metade*, ouvem-se também as duas prolações. E persistem ainda com vogal aberta as pretónicas de *pêgada*, *esquecer*, *mêzinha*, *vedor*, *aquecer*, *prêgar*, *credor*, *empecer*, *arrefecer*, assim como o *a* de *padeiro*, *sadio*, *vadio*, *caleira*, *caveira*, *Tavares*, e também o *o* de *corar*, *mordomo*, *morgado*, *Môfreita*, *Esposende*.

AMINHÃO — amanhã (Aps. 27 e 12).

ANGUIA — enguia. O *e* nasal alterna facilmente com *a*, também nasal, assim na linguagem popular como na língua culta. Compare-se, para a primeira, *antão* < *então* < *intunc*, *Anrique* < *Henrique*, *antre* < *entre* < *inter*, e, para a segunda, *andorinha* < *endurinha* < *hindurinha* < *hirundina*, *amparar* < *emparar* < *imparare*, *ranger* < *renger* < *ringer*, *jantar* < *jentar*, *trança* < *trença* < *trinitia*, *andrajo* < *endrajo* < (árabe) *indiraj*, *rompante* < *rompente*, *alcançar* < *encalçar* < *incalceare*, etc., etc.

ANTÃO — então: cfr. *anguia*. Também se ouve *âtão*, em que se realiza dissimilação nasal. A pronúncia é *ãotom* (Ap. 28).

ANTONE — António (Ap. 65). Lá diz a trova popular:

O meu amor é Antone
E eu mesmo Antone queria;
O Senhor fez-m'a buntade
Im tudo que l'eu pedia.

ANT'ONTE — anteontem: crase *e* — *o* > *o*, como em Ap. 65, e desnasalação da átona postónica, como em Ap. 22. Comp. *onte*.

ANTRE — entre. Veja-se *anguia*.

APARAUTAR-SE — Aperaltar-se, ajanotar-se. Aproxime-se de *parauta* e veja-se Ap. 41. A queda do *r* seguinte ao ditongo

(de *aparaurtar-se*) é um caso de dissimilação. Cfr. também *apilautar-se*.

APILAUTAR-SE — aperaltar-se. Comp. a sua alotropia *aparaurtar-se*, para explicação da sílaba ditongada. Para a sílaba antecedente, há-de ter concorrido a analogia.

APILHAR — pilhar: agarrar, alcançar (Ap. 34).

APOUSAR — pousar (Ap. 34).

APRAINAR — aplainar, aplanar. A mudança de *pl* em *pr* é muito contraditória, depois que passou a época da passagem para *ch*. E o alargamento da vogal também não é raro: it. *sottana* > *sotaina*, *açamo* > *açaimo*, *manuellu* > *manel* > *mainel*, *andana* > *andaina*, *comezana* > *comezaina*, etc.

APRUFEIÇOAR — aperfeiçoar (Ap. 8).

AQUECULAR — acogular. Produziu-se a dissimilação *o-u* > *e-u*, como em Ap. 19. Também se ouve *acacular*, com reforço e assimilação do *e* às consoantes que o rodeiam. O substantivo da mesma raiz é *caculo*, q. v.

ARAIGE — aragem (Aps. 20 e 24).

ARBE ou ARBRE — árvore. A segunda forma, muito menos usada, constituiu um estágio da evolução, no qual se obteve a paroxítonia, conforme em Ap. 62. Na outra forma realizou-se dissimilação que redundou na queda da líquida repetida.

ARBIR — abrir: metátese. A posição que o *r* temático tem no infinito mantém-se nas formas arrizotónicas regulares. Nas flexões rizotónicas o *r* forma grupo com o *b*: *eu aibro*.

ARRATLE — arrátel (Ap. 63).

ARRAÚL — Raul (Ap. 34).

ARRECEBER — receber (Ap. 34).

ARRECEAR — recear (Ap. 34). Do mesmo jeito, *arreceo*.

ARRECOLHER — recolher (Ap. 34).

ARRECUAR — recuar (Ap. 34).

ARREGUILAR — arregalar: «As crianças d'agora já parece que nace c'os ólhos arreguilados»; «Nũ m'arreguiles os ólhos que te bou p'rà cara».

ARRELÍQUIA — relíquia (Ap. 34).

ARRENDAR — redrar, sachar o milho pela segunda vez. O vocábulo minhoto deriva da forma protética *arredrar* por cruzamento com *renda*, após queda do *r* fraco, por dissimilação; *redrar* filia-se no lat. *rutrum* e está em vez de **rudrar*. Em castelhano há o verbo *rendar*, a par de *redrar*, e *renda*, segunda cava. Júlio Moreira ('*Rev. Lusit.*', vol. I, pág. 180) preferiu o étimo *reiterare*.

ARRUMEDAR — remedar (Aps. 34 e 5). Comp. *arrumendar*, *rumédio*, etc.

ARRUMEDIAR — remediar (Aps. 34 e 5). Conjugam-se *eu arrumedeio*, *tu arremedeias*, etc.

ARRUMENDAR — remendar (Aps. 34 e 5).

ASCORDAR — acordar, despertar (Ap. 52).

- ÀSEBESSAS — às avessas: advérbio obtido por aglutinação dos dois elementos locucionais, e com dissimilação do *a* medial.
- ASSIM-CUMASSIM — assim como assim, a final de contas. A abertura do *a* protónico resultou de contracção. A conjunção *como*, tal-qualmente aconteceu no português arcaico, englobou a preposição *a*: donde a forma *coma* ou *cuma*, que se ouve em frases do jeito «Eu posso tanto *cuma* ti».
- ASSOPRAR — soprar (Ap. 34).
- ASSUBIR — subir (Ap. 34).
- ASSUCEDER — suceder, acontecer (Ap. 34).
- ASTREBER-SE — atrever-se, ser capaz de, conseguir: «A porta stá tão perra que nũ m'astrebi a arbi-la». Para a epêntese v. Ap. 52.
- ATEIMAR — teimar, persistir (Ap. 34): «Ateima qu'a porta há d'arbir».
- ATENSÍLIO — utensílio. O termo deve ter entrado recentemente na linguagem popular, talvez por via industrial, e, assim, não se adaptou ainda por completo e tem ares de corruptela. A inicial *u-* do vocábulo culto haverá sido absorvida pelo artigo, em crase de fonética sintáctica, e a forma *tensílio* haverá recebido *a-* protético, como é tão frequente.
- ATENTAR — tentar (Ap. 34): «Nũ m'isteijas a atentar».
- ATERDOAR — atordoar: dissimulação *o — o > e — o*.
- ATEZANAR — atenazar, importunar, acirrar: metátese de *atenazar*, talvez por influência de *teso*. Também se diz *atazanar*.
- ATIMAR — atinar, acertar: «Coitado! Já nũ atima cousa cum cousa...». A substituição de *n* por *m* terá sucedido por cruzamento com *estimar*?
- ATREPAR — trepar (Ap. 34).
- AUGA — água. A forma *auga* é usada pelo povo inculto de quase todo o País, embora sujeita às variantes de prolação locais, e resulta da atracção exercida pela tónica sobre a semivogal que esteja em hiato, conforme se observa em inúmeros vocábulos, hoje consagrados na forma assim obtida. O povo de Lisboa profere também *água*, cruzamento de *auga* com *água*. Na forma *auga* se filiam ou vão entroncar-se *auga-pé*, *augardente*, *augada*, *augadilha*, *augarrás*, *ougar*, *desougar*, *inxougar*. Em todas se realizou a atracção e ditongamento; e nas últimas o ditongo *au* se assimilou para *ou*, conforme é de regra.
- AUGADA — aguada. Cfr. *auga*.
- AUGADILHA — aguadilha. Cfr. *auga*.
- AUGA-PÉ — água-pé. V. *auga*.
- AUGARDENTE — aguardente. V. *auga*.
- AUGARRÁS — aguarrás. V. *auga*.
- AUGUENTAR — aguentar. Profira-se *aug'êutar*: a semiconsoante *u* foi repelida para a primeira sílaba, a funcionar de semivogal. Não ouvi este verbo no infinito, mas creio poder deduzir a forma infinita das flexões que ouvi, tais como em «Assim nũ aug'enta».

- AURDEIA — aldeia (Ap. 41).
- AURFÁCIA — alface. Além do que se regista nos Aps. 41 e 66, veja-se Epifânio, em *'Rev. Lusit.'*, I, pág. 260.
- AURFANETE — alfinete. Nos vocábulos de moderna introdução no uso popular, o *e* junto de *n* de outra sílaba, afora a tendência para se dissimilar das vogais de sílabas seguintes, propende a reforçar-se. Advirta-se que, neste vocábulo, o *e* proviera do ensurdecimento que é de regra em *i* átono. Veja-se *açanar*.
- AURFOREDO — Alfredo. No vocábulo epentético **Alferedo* (cf. Ap. 35) o *e* surdo assimilou-se ao *f* (caso a ajuntar aos do Ap. 8).
- AURTEMOBLE — automóvel. O elemento *auto-* confundiu-se com *alto-* (comp. *autôfalante*, que se ouve por *alto-falante*), e a sílaba *al-* deu *aur-* conforme se expõe em Ap. 41, ao passo que o *o* átono se dissimilou da vogal homófona que soa na sílaba consecutiva. O sufixo tomou a forma *-ble* assinalada em Ap. 64. É frequente ouvir-se também *artemoble*, por cruzamento com *arte*.
- AZUAR — zoar. Além da prótese de *a-*, observa-se através das flexões rizotónicas haver o *o* do radical passado para *u*: «Nũ m'azues mais òs oubidos, qu'istou farto de t'oubir azuar sem parança».
- BÁBULA — válvula. Trata-se de vocábulo de mui recente aquisição para a fala popular, consoante se mostra da proparoxítonia mantida. O *l* da primeira sílaba desapareceu por dissimilação.
- BACALHÉU — bacalhau: dissimilação. Cfr. *calhéu*.
- BACRO — bácoro (Ap. 62). Contudo, o diminutivo é *bacorinho*, por isso que não se depara no derivado a causa que sincopou a forma positiva. Estamos, assim, perante os muitos exemplos da independência fonológica entre flexões da mesma palavra e entre palavras da mesma família, que se observa no falar minhoto.
- BADELADA — badalada: dissimilação vocálica, apesar do vocábulo primitivo, *badalo*. Lá diz a trova:

Meu coração é relóio,
 Meu peito dá badeladas!
 Os dias que te nũ beijo¹
 Trago-las² horas cuntadas.

- BAIXÁME — vexame: cruzamento com *baixar*, fácil de compreender através do significado de *rebaixar*, ainda facilitado pela prolação *b* do *v*.
- BALUME — volume: Aps. 40 e 19.
- BANGUELA — bengala. Houve primeiro troca da terminação *-ala* pela forma do sufixo *-ela*, em resultado de contaminação de palavras assim terminadas, que são muito mais existentes;

¹ Entenda-se «vejo».

² Entenda-se «lhas».

- depois, a primeira sílaba mudou de vogal por dissimilação e pela fácil alternativa *en* < > *an*, já tratada s. v. *anguia*.
- BANGUELADA — bengalada: interferência de *banguela*.
- BANTAL — avental. Houve influxo analógico de *avante* ou *abante*. O *a* inicial perdeu-se em crase de fonética sintáctica. Para mais, a forma primária era, com efeito, *avantal*, pano que se põe avante para resguardo do vestuário. Comp. o castelhano *delantal*.
- BARADO — varado: pasmado, admirado (Ap. 40). Segundo Leite de Vasconcelos ('*Opúsc.*', II, 233), a origem desta palavra é náutica: navio varado ou encalhado, do que, metaforicamente, se tirou a significação «ficar varado», atrapalhado.
- BARGES — vagens (Aps. 40, 52 e 24).
- BAROL — bolor. A metátese recíproca de *l* e *r* é muito encontrável até na língua culta (v. g. *palavra* de *parabola*). A dissimilação *o* — *o* > *e* — *o*, depois reforçada para *a* — *o*, também não é nada rara na linguagem interamnense, consoante se regista *passim* neste trabalho.
- BARREGAR — berrar, gritar: de *berregar*, que deriva de *berrar* com o suf. *-egar* < *-icar* (Ap. 2).
- BARREGO — substantivo deverbal de *barregar*: berro, grito, reprimenda em altas vozes.
- BARRUFAR — borrifar: metátese recíproca do *o* e do *i*, com enurdecimento desta vogal e seu reforço pela proximidade do *r*, como em Ap. 2.
- BARRUFO — borrifo: nome regressivo de *barrufar*.
- BARRUMA — verruma (Aps. 40 e 2).
- BAUBURDA — balbúrdia. O *l*, depois de ditongar a vogal e de se mudar em *r* (Ap. 41), caiu por dissimilação. O *i* postónico foi absorvido pelo *a*, para tornar paroxítono o vocábulo (Ap. 65).
- BAURBORETA — borboleta. Cruzamento com vocábulo não identificado ainda terá dado **balboleta*, que passaria a **balboreta* por dissimilação; depois o normalíssimo fenómeno minhoto de Ap. 41.
- BAURDÉSTE — Vale-de-Este, topónimo. É caso de fonética sintáctica: *Vale-de-Este* > *Baldeste* > *Baurdeste* (Ap. 61, 40 e 41).
- BEIJO — vejo. Trata-se de prolação e cacografia que, com outras paralelas, se depara em escritos minhotos. Traduz a ditongação nítida e muito larga provocada pelos fonemas *j*, *x*, *ch*, *nh*, *lh*, nas vogais tónicas, excepto *i*, que os precedem, orais ou nasais (Aps. 20, 21, 10, 12, 15, 13).
- BEJITAS (dar ou fazer) — visitas: dar ou transmitir cumprimentos, lembranças. Para o fenómeno *s* (=z) > *j*, compare-se *injeminar* < *examinar*, *caijo* < *quási*, *Jabel* < *Isabel* e no léxico geral *igreja* < *ecclesia*, *cereja* < *cerasea*, *queijo* < *caseu*, *beijo* < *basiu*, *Tareja* < *Therasia*, *aleijão* < *laesione*, *avejão* < *abusione*, *feijó* < *phaseolu*, *feijão* < *phaseolanu*, e até os vocábulos arcaicos

prijão, cajão e artemija (também hoje popular) provindos de *prehensione-, occasione e artemisia*.

BELANCIA — melancia. Se o vocábulo minhoto se tirou realmente de *melancia*, trata-se de dissimilação das nasais (embora o *n* não soe como consoante e seja apenas sinal de nasalação), pelo que a inicial se mudou para a também labial *b*, mas oral (comp. *belindroso*).

Ora o senhor Joaquim da Silveira, numa das suas mais judiciosas «Reflexões etimológicas» publicadas na '*Revista de Portugal*' (vol. V, pág. 227-229), dá como étimo de *melancia* o árabe *balancia* (sc. *batik*), feminino do adjectivo *balanci*, valenciano. O nome seria pois a forma elíptica da expressão «pateca de Valência», proferida por boca de Árabes como «batique *balancia*». Há mais exemplos de nomes pátrios aplicados, com idêntica elipse, a nomes de frutos: *pêssego* de *persicu*, de *malu persicu*; *tangerina*, de *laranja tangerina*, de Tânger; *saragoçana*, de *ameixa saragoçana*, de Saragoça; *damasco*, de *Damasco*; *ameixa*, de *pruna damascena*, de Damasco; *maçã*, de *mala mattiana* de *Mattium*, talvez hoje *Marburgo*. Por conseguinte, sendo assim, o vocábulo minhoto *belancia* em vez de representar uma alteração de *melancia*, constitui, antes, um estádio mais próximo do étimo. A palavra teria entrado em português com a forma *balancia*, proveniente do castelhano. E o senhor Joaquim da Silveira aduz vários exemplos, desde o século XVI, em que o vocábulo aparece quer com a dita forma *balancia* quer com a de *belancia* (a actual palavra do Minho), conquanto aponte no começo do século XVII exemplos de *melancia*. O vocábulo haverá adquirido esta forma por cruzamento com *melão*; cfr. o francês *melon d'eau*, que existe a par de *pastèque*.

BELINDROSO — melindroso. Veja-se a primeira hipótese para explicar *belancia*.

BELOTA — bolota: dissimilação *o — o > e — o*. A respeito da conservação do *e* mudo, veja-se Ap. 36.

BELUME — volume: forma, que ainda se ouve, anterior a *balume* (q. v.) e resultante da dissimilação *o — u > e — u*, como *passim*.

BELUSA — blusa (Ap. 53). Para a forma *belúsia*, que também se ouve, compare-se *aurfácia* e veja-se o Ap. 66.

BERBULHA — borbulha (Ap. 19).

BERDOADA — bordoadada (Ap. 19).

BÊSPRA — véspera (Aps. 40 e 62).

BÊSPRA — vespa (Aps. 30 e 52).

BÊSTORIA — vistoria. O *i* pretónico proferir-se-ia como *e* surdo, se não se desse a interferência de *vêdor*.

BETÃO — botão. As vogais dissimilaram-se, como *passim*: atente-se em que a pronúncia do vocábulo é *betom*.

BIAIGE — viagem: «O nino bai de biaige?» («O menino vai de viagem?»). V. Aps. 40 e 24.

BIGAIRICE — vigarice: de *vigarice*, por contaminação de *bigairo*.

BIGAIRO — vigário. A atracção da semivogal pela tónica é da índole da nossa língua desde época primitiva: em *bigairo*, porque a atracção é recente, o ditongo *ai* não se assimilou para *ei* como em *primeiro*, de *primaio* < *primariu*. O sufixo *-airo* demonstra pouca vitalidade na fecundação de novos termos.

BIRGE — virgem (Aps. 40 e 22).

BIÚBA — viúva (Ap. 40).

BIUBAR — enviubar: de *viúva*, sem aglutinação de prefixo.

BÔ — bom ou boa. Como feminina a forma *bô* não pode preceder o nome, há de segui-lo ou vir isolada. Se não, o adjectivo passa à normal forma feminina, *boa*. Com emprego do vocábulo da rubrica, regista-se uma quadra de fingida androfobia:

Este pinheiro tão aurtio
É bem bô para colheres;
Auga tchoca paròs homes,
Binho bô paràs mulheres.

BÔMECÊ — vomecê, forma intermédia de *vossemecê* para *você*. Dá-se a pessoas de respeito, e é o tratamento para os pais, em concorrência com *vossemecê*: «Ó pai, bomecê tchamou?».

BORNO — morno: dissimilação *m — n > b — n*, corroborada pela natureza da vogal tónica.

BORTA — volta (Aps. 40 e 41).

BOTICAIRO — boticário: comp. *bigairo*, *nessairo*, etc.

BRÃO — verão (estio). V. Aps. 40 e 3.

BRAZABU — Belzebu: depois da oscilação *l > r*, houve a metátese desta líquida (Ap. 44) e reforço dos *ee* surdos por causa do *r* e do *z*.

BREGASTA — vergasta. A prolação *b* da inicial (Ap. 40) tornou possível o agrupamento *br*, tão repugnado com fonema contínuo como propenso com explosivas em pretonia (Aps. 36 e 44).

BRILHA — virilha: queda do *e* em que o *i* átono se ensurdeceu, realizada por se encontrar essa vogal entre muta e líquida (Aps. 40 e 3).

BRINCAZÃO — brincalhão: cruzamento com *folgazão*. Comp. *rapazão*.

BRIÔCHENE — infusão aplicada na madeira, para dar tom de madeira velha de carvalho, ou pintura que imite esse tom (do francês *vieux-chêne*), com pronúncia minhota do *b*, com *r* epentético e com tradução por vogal portuguesa da vogal francesa *eu*, inexistente no nosso idioma.

BRÔCO (*de*) — de borco (Ap. 44): «Caiu de broco e bateu c'o queijo³ no tchão».

BRUMEILHO — vermelho (Aps. 40, 5 e 13).

BRUMILHÃO — vermilhão (Ibid.).

³ Entenda-se «queixo».

BUBEDEIRA — bebedeira (Ap. 6).

BUBER — beber: assimilação como em Ap. 6. A assimilação só se verifica se a vogal é átona (*bubemos, bubi, bubia*, etc.); em flexões rizotónicas a vogal não se modifica (*bebo, bebes, beba, bebas*, etc.).

BUBRETE — beberete (Aps. 6 e 3).

BUNTADE — vontade (Aps. 40 e 25).

BURECO — buraco: confusão da terminação com o sufixo diminutivo *-eco*.

BURTO — vulto (Aps. 40 e 41).

CACULO — cogulo: «O cesto pode ir bem de caculo qu'as ubas nũ caiem»; «As castáinhas bende-s'às rasas de caculo». Cfr. *aquecular*.

ÇAFATE — açafate: aférese consequente de crase com a preposição *a*.

CAIJO — quase. A pronúncia **cási* (Ap. 17) levaria o vocábulo a cruzar-se com *caso* ou *acaso* (cfr. *acaijo*) e, daí, **cásio*, cujo *s* em contacto com o *i* deu *j*, como em *bejitas* (q. v.) e em numerosos outros vocábulos do minhoto e da fala corrente. A forma *acaijo* também pode ter provindo de prótese, como é tão frequente na nossa língua.

CALENDRAIRO — calendário. Houve introdução epentética de *-r-* (Ap. 52) e a atracção recente do *i* pela tónica, para ditongo que já não se assimilou.

CALHÉU — calhau: dissimilação. Comp. *bacalhéu*.

CALÍCE — calíça: comp. *dobradice* e *hortalice*. Haverá influxo de palavras terminadas em *-ice*? Atente-se, todavia, em que se diz *cortiça, nabiça, preguiça*, e em que de *alface, espécie, face*, se fez *alfácia, espécie, fácia*.

CALÚBIO — clube. Haver-se-á partido da corruptela **clúbio*, a qual, regularmente, passou a *quelúbio* por epêntese, conforme se regista no Ap. 35, e, com o reforço *e > a*, à forma aqui registada.

CAMBARISTA — camarista: de *cambra*, com epêntese de *e*, ao depois reforçado para *a* no contacto com o *r*.

CAMBRA — câmara. O desenvolvimento de um *b* entre *m* e *r*, e até sem a existência deste *r*, é muito frequente, assim na linguagem popular, como na língua arcaica e como no português corrente. Com efeito, o povo diz *cambras* < *câmeras* (diarreia), *numbro* < *número*; no português arcaico havia *tombro* < *túmulo*, *ensembra* < *insimul*, e no português de hoje temos *lembrar* < *memorare*, *ombro* < *umeru*, *semblante* < *simulante*, *combro* < *cumulu*, *tarimba* < *tarima*, *alfombra* < *al-homra*, *umbral* < *umerale*, *enxambrar* < *exhumorare*, *estambre* < *stamine*, *cogombro* < *cucumeru*, *tombo* < *tomo*, *sambrar* < *simulare*, etc.

CANGOSTA — congosta. É o estádio precedente deste vocábulo na série fonológica que parte de *canale-angusta*.

CANQUILHARIA — quinquilharia: concomitantemente dissimila-

ção dos *ii* e assimilação às consoantes guturais, facilitada pela frequente oscilação *en > an*.

CANTRO — cântaro (Ap. 62).

CARAPIM — carpim: espécie de peúgos, em especial os que se calam às crianças de colo (Aps. 35 e 37).

CARAVELHO — cravelho, moldado em cravelha: do lat. *clavicula* diminutivo de *clavis*, com posterior epêntese de *-a-* (anaptixe). V. Aps. 35 e 37.

CARCUNDA — corcunda: dissimilação *o — u > e — u*, seguida de reforço exigido pelo contacto com o *r*. Comp. *caruta*, *caturno*, etc.

CARMA — Carmo, nome próp. de mulher, redução de Maria do Carmo, com femininização da vogal tomada como desinencial. Trata-se de um caso puramente psicológico, um caso estritamente de analogia popular. O diminutivo hipocorístico é, semelhantemente, *Carminha*.

ÇARRAR — cerrar (Ap. 2).

CARUTA — coruta, copa de árvores altas: «a caruta do pinheiro, a caruta do castinheiro». Comp. *coruto* e *cocoruto*. É mais um caso de dissimilação *o — u > e — u*, e consecutiva influência regressiva do *r* (Ap. 2).

CASCABEILHO — castanha chocha, constituída só por casca e sem parte carnuda. Comp. *cascabulho*.

CASTINHEIRO — castanheiro. Houve dissimilação *a — a > a — e*, ajudada pela palatal *nh*, e passagem de *e* surdo para *i*, conforme os Aps. 12 e 21. Não impediu estes fenómenos o cognatismo com a palavra *castáinha*, tão independentes do seu cognatismo estão os fenómenos fonéticos no falar minhoto.

CATAPRASMA — cataplasma. A passagem para *r* do *l* em grupos próprios pretónicos é normal. Cfr. *pruma* < *pluma*, *praino* < < *plano*, *cramar* < *clamar*, e no português antigo e moderno *prão* < *plano*, *obridar* < *olvidar*, *cris* < *eclipse*, *freima* < *flegma*, *crasta* < *claustra*, *prumo* < *plumbu*, *cravo* < *clavu*, etc.

CATREFA — caterva. Para a metátese do *r* veja-se o Ap. 44. A mudança de *v* para *f* não tem fácil explicação fonética, por inversa ao abrandamento que é normal na nossa língua. Entretanto, registei os seguintes casos de *v > f*: *palavrório* > *palanfrório*, *belva* > *belfa*, *salvu* > *safo*, *vehementia* > *femença* (arc.).

CATURNOS — coturnos, peúgas. Após a dissimilação *o — u > e — u*, o *r*, mesmo a distância, pediu o reforço da vogal, coadjuvado pela natureza da consoante inicial.

CELOURAS — ceroulas: metátese recíproca. Terá havido influência de selo?

CHEMINÉ — chaminé: a consoante palatal *ch* deve ter mantido a vogal no seu valor etimológico.

CHICRA — xícara (Ap. 62).

CISMATEGO — cismático (Ap. 4). O sufixo átono *-ego* aparece

igualmente abrandado em *somítego* e, também, acrescentado por cruzamento, em *hírtego*.

CLÁSSIA — classe. V. *aurfácia*.

CLIFE — eucalipto. A palavra foi logo aqui recebida como *ocalipto*, dicção esta que logo perdeu a inicial por absorção no artigo. A vogal protónica é sempre caduca seguida de fonema líquido. A corruptela da parte final, se corruptela deva chamar-se, haverá resultado de cruzamento, tanto mais necessário quanto é certo que nada tem de popular o grupo impróprio *pt*.

CÔBEDO ou CÔBDO — còvado (Aps. 40, 62 e 4).

CÔCARINHAS (*de*) — de cócoras. Tomou-se a forma diminutiva; nesta, o segundo *o* dissimilou-se para *e*, — e não o primeiro dos *oo*, por ele ser aberto e conter a tónica secundária. Depois deu-se o fenómeno registado no Ap. n.º 2.

CÔCHINÉ — agasalho para o pescoço e parte inferior do rosto: corruptela do francês «cache-nez», com difícil explicação no tocante à vogal da primeira sílaba.

COIRINHO — cueirinho: contracção *uê* > *ô* (*uêi* > *ôi*), com total esquecimento do semantema.

COLAR — colarinho: «O Manel do Portelo sempre 'stá um fidaurgo! inté já bota colar ingomado...». A linguagem geral preferiu o diminutivo.

COLEIRINHO — colarinho. É forma de origem culta, que veio sofrer do cruzamento com *coleira*. Mas a palavra genuína é a antecedente, *colar*.

CÔLHAR — coalhar: contracção *oa* > *ò*, como em *soalheiro* > *sòlheiro*, *soalhar* > *sòlhar*, *mola* > *moa* > *mó*. Como é de regra com vogais resultantes de crase, o *ò* mantém-se aberto em todas as flexões do verbo.

CORJE — corja. Cfr. *forje*, *gorje*, *loje* ou *lóije*.

CÔRTE — corte, curral. Os homógrafos *côrte* e *corte* (curral) constituem alotropias do mesmo étimo.

COSTANTINO — Constantino. Compare-se *mostrar* < *monstrare* e *cuspir* < *conspuere*, e, neste mesmo glossário, *demonstrar*, *costipar* e *costipação*.

CRECER — crescer. Cfr. *acrecentar*.

CRECUNDA — corcunda (Aps. 19 e 44).

CUBRAR — quebrar (Ap. 6). Esta assimilação vocálica só se realiza quando a vogal está em sílaba átona, porquanto nas flexões rizotónicas persiste a vogal do étimo e produz-se o fenómeno registado no Ap. 44. Assim, o indicativo presente deste verbo é: *crebo*, *crebas*, *creba*, *cubrámos*, *cubraídes* ou *cubrais*, *crebo*.

CULIDADE — qualidade. O grupo *qu* seguido de *a* deu geralmente *ca* na linguagem popular (Ap. 17). Apresentam excepção, além deste vocábulo, as formas populares *curenta* e *curesma*, as formas hoje literárias *coirela* (de quadrela) e seus derivados *acoirelar* e *acoirelamento* (umas e outras com as líquidas *l* ou *r* a iniciar a sílaba sequente), bem como o arc. *contia*

- (de quantia) e seus derivados *acontiado* e *acontioso*. Compare-se, ainda, *gurita* e *gurnição*.
- CUMBENTO — convento (Aps. 25 e 40).
- CUMENÊNCIA — conveniência. Através da pronúncia regional *cumbenência* (Aps. 25, 40 e 16), chegou-se à assimilação *cumenência* (*cūmenência*), que logo se reduziu a *cumenência*. Compare-se *imora*, *tamém*, de *embora*, *também*, e ainda *prumo* de *plumbu* e *rumo* de *rumbo* (do inglês *rumb*).
- CUNCENÇA — consciência, proibidade, honorabilidade, rectidão: «Nũ tem cuncença nenhũa»; «Que cuncença!». Vejam-se os Aps 25 e 16, e compare-se também *licença*, *parecença*, *Valença*, etc.
- CUNSANTE — consoante, conforme (Aps. 25 e 16).
- CURJIDADE — curiosidade. Além de alteração metatética, verificou-se o fenómeno que se assinala s. v. *bejitas*.
- CURJIDOSO — curioso: de *curjidade*, com haplogogia.
- CURPA — culpa (Ap. 41).
- CUSTIPAR — constipar: desnasalação como s. v. *Costantino*.
- CUSTIPAÇÃO — constipação. V. *custipar*.
- DEBALUTO — devoluto (Aps. 40 e 19).
- DEBOTAR — desbotar: troca de prefixo.
- DECER — descer. V. *acrecentar*.
- DECIDA — descida. V. *decer*, etc.
- DECUMENTO — documento (Ap. 19).
- DEFRENÇA — diferença (Ap. 3).
- DERGADÔ — delgado (Ap. 41). Note-se que a prolação da primeira sílaba se faz com *e* surdo, assim como no diminutivo *dergadinho*, que é intensivo.
- DERROUÇA — retouça, balouço: metátese da forma, também usada, *redouça*.
- DESALIBIAR — aliviar. O prefixo *des-* é intensivo, pois reforça a ideia já contida no verbo primitivo e melhor a esclarece, com o significado que imprime de desfazer o que está feito ou fazer o contrário. Compare-se com a forma de uso geral «desinquieta» e com as formas, muito frequentes até em Lisboa, *desapear-se*, *desarriscar*, *desarrincar*, *desinfeliz*. São vocábulos da linguagem culta os seguintes, em que se inclui inconscientemente o mesmo sufixo intensivo: *desabalar*, *desabrido*, *desabrolhar*, *descante*, *desenxabido*, *desgaste*, *desinquietar*, *deslassar*, *deslindar*, *desnudar*, *desvão*, *desvelar*.
- DESAPARTAR — apartar: prefixo intensivo como em *desaliviar*.
- DESAPEAR — apear: pref. intensivo como em *desaliviar*.
- DESARRISCAR — riscar: diz-se, com pref. intensivo, a respeito da anulação duma conta que se pagou. No significado de fazer um risco ou traço, usa-se a forma normal, como seria de esperar.
- DESAURBORAR — desarvorar, pôr-se em fuga, ir-se embora (Aps. 41 e 40).

DESBIRAR — virar em sentido contrário daquele para onde se virou outrem, desconvencer (Ap. 40):

O sol bira e desbira,
E dá bortas p'ra se pôr;
Tamém eu biro e desbiro,
Sou leal ò meu amor.

DESBULHAR — debulhar: substituição por prefixo mais significativo.

DESGRÁCIA — desgraça: comp. *aurfácia* (s. v.), *clássia*, etc. Note-se, todavia, que o vocábulo primitivo, *graça*, não têm alargamento de vogal e que esta não é um *e* final, como costuma ser a que sofre alargamento.

DESMINUIR — diminuir. A troca por prefixo mais significativo é de aproximar da que se verifica em *desvaziar*, por *esvaziar*, em *descair*, por *decair*, e mesmo daquela que se regista s. v. *desalibiar*.

DESNOCAR — deslocar («desnocar um braço»): dissimil. das línguo-palatais.

DESKUERÇOAR — descoroçoar, desanimar: dissimil. *o — o > > e — o* realizada na forma *descorçoar*, na qual a queda do *o*, facilitada por o *r* se poder incorporar na sílaba anterior, constituiu também uma dissimilação.

DESTROCAR — trocar dinheiro em moedas fraccionárias: «Destroca-me cinco crôuas?». Comp. *desalibiar*: porém, no significado que a palavra também possui de «desfazer uma troca devida a engano», já é normal a composição do vocábulo com o prefixo.

DESVAZIAR — esvaziar: o prefixo *es-* < *ex-* é menos significativo (se é que ao povo ele ainda diz alguma coisa) do que o prefixo muito mais vivo e actuante *des-*.

DETIORAR — deteriorar: dissimilação haplológica. É palavra erudita de recente aquisição.

DÍBEDA ou DIB'DA — dívida (Aps. 17 e 62).

DOBRADICE — dobadiça: v. *calice* (caliça).

DREITO — direito (Ap. 3).

DROMIR — dormir (Ap. 44).

ERZIPLA — erisipela: da ortoépia *erisípela*, mais conforme com o étimo *erysipelas* (Ap. 62). A pronúncia é *irzipla*.

ESBORDAR — trasbordar: troca de prefixo, depois de ensurdecido para *tres-*, como é tão frequente suceder.

ESCALETO — esqueleto. Deu-se um reforço para impedir a queda do concernente *e*, queda de que resultaria a acumulação de três consoantes, uma das quais *l*, e ainda a primeira destas com valor de *s* impuro, visto a pronúncia ser, de facto, *'scaleto*.

ESCRIBAR — crivar, joeirar, passar pelo crivo. De *crivar*, com o prefixo *es-*, ainda significativo quando se aglutinou, por certo.

- ESCUPIR — cuspir. Compare-se o fenómeno inverso em *masgar* e *misgalhar*.
 ESGOMITAR — vomitar. De *gomitar* (q. v.), reforçada a ideia com o prefixo *es-*.
 ESPAMÃO — pasmão: comp. *escupir*. Ouvido poucas vezes, fica a dúvida acerca da difusão do vocábulo.
 ESPÉCIA — espécie: v. *aurfácia*.
 ESPEDIDA — despedida: troca de prefixo, por não se sentir no verbo prefixado nenhuma significação inversa ou contrária. Quando se cantam as «janeiras», a quadra final tem como primeiro verso:

«E bou-le dar as espedidas».

- ESPILRAR — espirrar. Trata-se de forma que é mais próxima da etimologia, *expirulare*.
 ESPILRO — espirro. V. *espilrar*.
 ESTANTE — instante: troca de sufixo e dissimilação nasal (Leia-se *'stante*).
 ESTÁTULA — estátua: corruptela da forma culta, comparável à de *amêndola* por *amêndoa*.
 ESTÊBO — Estêvão (Ap. 22).
 ESTOGMO — estômago. Leia-se *stógmo* e v. os Aps. 62 e 4.
 ESTRASFEGAR — trasfegar. Compare-se *estrepassar*, *estremalhar*, *estrebirar*, *estrebordar*, *escupir*, etc. De notar é a substituição do *s* à sílaba *-tras-* depois de a metátese lho haver subtraído para *s-* impuro. De *trasfegar* fez-se *strafegar* ou *estrafegar* e, daqui, *estrasfegar*.
 ESTREBIRAR — revirar, retorcer, virar para o lado contrário, ou de cima para baixo ou vice-versa: «Coitada, staba tão màrzinha qu'nté já estrebiraba os ólhos». De *tresvirar*. Comp. *estrafegar*, etc.
 ESTREBORDAR — trasbordar: através da forma *tresbordar*. Veja-se supra *estrasfegar*, etc.
 ESTREMALHAR — tresmalhar: comp. *estrasfegar*, etc.
 ESTREPASSAR — trespassar, atravessar rapidamente, perpassar: «Nem sei o que m'estrepassou p'la bista, cando dei c'o meu home à cumbersa co'aquela deslarada.» De *trespassar*, como em *estrasfegar*, etc.
 ESTROBAR — estorvar (Aps. 44 e 40).
 ESTROCEGAR — estorcegar (Ap. 44): de *torcer* (< *torquere*), com o prefixo *es-* e o sufixo *-egar* < *-icar*.
 ESTRUMENTO — instrumento: comp. *estante*.
 ÉTEGO — ético, tísico (Ap. 4).
 FÁCIA — face: v. *aurfácia*.
 FAJÃO — feijão. Na pronúncia *fâijão* (Ap. 32) o *i* consonântico é absorvido pelo *j*, fonema homorgânico, semelhantemente ao que sucedeu com as consoantes duplas que se singelizaram. São fenómenos de ordem haplológica.
 FARDEL — farnel. Interferência de *farda* ou de *fardo*?

- FARDELAIGE — frandulagem. Parece evidente a influência analógica de *fada*, pelo contacto das ideias de roupa e de farrapagem.
- FARNESIM — frenesim. Para o reforço *e > a*, v. Ap. 2. A metátese do *r* aparece em contravenção do que se regista no Ap. 44.
- FARNÉTICO — frenético. A terminação intacta mostra que se trata de introdução muito recente. Para o mais, v. *farnesim*.
- FARRAIGE — ferragem (Aps. 2 e 24). O vocábulo primitivo *ferro* não houve por que sofresse alteração: temos, assim, mais um exemplo da independência fonológica dos vocábulos cognatos.
- FARRAMENTA — ferramenta (Ap. 2). V. *farraige*.
- FARRAPAR — esfarrapar: tirado de *farrapo* só com sufixo, como *farrapada*.
- FAURDA — fralda (Ap. 41); o *r* do grupo *fr* caiu por dissimilação.
- FELAUTA — flauta (Ap. 35).
- FELUIGE — fuligem: metátese recíproca entre o *u* e o *i*, com ensurdecimento desta vogal e desnasalação da final átona (Aps. 20 e 24).
- FERRUIGE — ferrugem (Ap. 24).
- FERTUNA — fortuna (Ap. 19).
- FETURO — futuro (Ap. 19).
- FÉUNTOS — fetos (planta). A forma encontra-se em D. João I, '*Livro da Montaria*', pág. 165: «todolos carrapatos se vão para os fentos, porque os acham frios». Cfr. o galego *fento*.
- FÉURGA — felga (Ap. 41).
- FEURPUDO — felpudo (Ap. 41).
- FÍGUEDO ou FIG'DO — fígado (Aps. 62 e 4).
- FORFES — fósforos: fulminantes de espingarda de carregar pela boca; os palitos fosfóricos chamam-se, de preferência, «lumes prontos». No vocábulo *forfes* produziu-se dupla dissimilação vocálica, pela qual os dois *oo* postónicos passaram a *ee*, com queda do primeiro deles. A metátese do *r* eliminou o *s* chiante da sílaba inicial, auxiliado da interferência dissimilante da fricativa contígua.
- FORGA — folga (Ap. 41).
- FÔRGO — fôlego: na tendência paroxitónica (Ap. 62) a vogal postónica tinha de sucumbir, donde *fólgo* e, segundo Ap. 41, *fôrgo*.
- FRADIQUE — Frederico. Mesmo o actual prenome *Frederico* se diz Fradique. Os fenómenos essenciais consistiram na dissimilação haplológica do primeiro dos *rr*, tão frequentes na nossa língua, na supressão do segundo *e*, em conformidade com Ap. 3, na metátese do *r* persistente (Ap. 44), na mudança analógica da vogal final (v. g. com *Henrique*) e no reforço da vogal da primeira sílaba (Ap. 2). Assim: *Frederico* > *Fredrico* > *Fedrico* > *Fedrique* > *Fredique* > *Fradique*.
- FRIESTA — fresta. A forma intermédia *freesta* (de *frêesta* < *fenestra*), em vez de realizar a crase dos *ee*, sofreu a dissimilação *eé* > *ié*, normal quando ao *e* em hiato se segue vogal

tónica: comp. *creare* > *criar*, * *medullu* > *meolo* > *miolo*, arc. *geesta* (do lat. *genista* ou *genesta*) > *giesta*.

FROMIGA — formiga (Ap. 44).

FRUMENTO — fermento (Aps. 5 e 44).

FRUITA — fruta: o *i* resultante de vocalização não foi absorvido por crase na tónica; a mesma persistência em *fruito*, *inxuito*, *luita*, *luito*.

FRUITEIRA — fruteira, árvore de fruto. Assim como os nomes das árvores frutíferas se derivam do nome do fruto com a adjunção do sufixo *-eiro* ou *-eira* (conforme o género do nome do fruto, as mais das vezes), assim do colectivo feminino fruta se tirou o nome genérico da planta que a produz.

FRUITO — fruto: cfr. *fruta*.

GARAMPO — grampo (Ap. 37). A palavra é usada para significar a parte do banco de carpinteiro à qual, apertando-se-lhe as roscas, é fixada a peça de madeira que se pretende trabalhar.

GARIMPA — grimpa (Ap. 37): «Nũ me lebantes a garimpa, que lebas dous catchaços».

GARRILHA — guerrilha (Ap. 2).

GÁZIA — gaze: comp. *aurfácia*. De modo mais genuíno esta palavra dir-se-ia *gaza*, de Gaza, cidade da Síria.

GOMITAR — vomitar. A mudança de alguns *vv* etimológicos para *g*, no início de vocábulo, praticou-se em época difícil de precisar, do começo da Idade Média. Está averiguado que o *v* latino tinha sensivelmente a prolação do *w* inglês e que era essa também a prolação do *w* germânico; o *v* latino, na pronúncia do latim vulgar, há-de ter passado bem cedo para o som do *v* actual, pois só assim se explica não sofrer ele sempre modificação igual àquela que sofreu o *w* germânico em palavras introduzidas depois das invasões bárbaras. Com efeito, a par de *gg* resultantes de *ww* germânicos (*guerra* < *werra*, *guisa* < *wisa*, *guia* < *wida*, *guardar* < *wardan*, *Guilherme* < *Wilhelm*, *Guilhofrei* < *Wiliafredi*, etc.), a par, sobretudo, dos inúmeros *vv* latinos que persistiram e dos que caducaram, não excederão uma dezena os *gg* que no nosso léxico se podem catar oriundos de *v* latino (*goraz* < *vorace*, *golpelha* < *vulpicula*, *gomitar* < *vomitare*, *guedelha* < *viticula*, *mangual* < *manuale*, *minguar* < *minuare*, *gascão* < *vascone*, *guita* < *vitta*, *Golpilhares* < *vulpiculares*, *gastar* < *vas-tare*). Interessa, também, notar que não deixam de figurar com representação portuguesa de *g* étimos árabes de *w*: *aguazil* < *alwazir*, *saguão* < *satwān*.

GÓMITO — vômito. É a forma culta ainda por adaptar (ainda conserva intacta a terminação e a acentuação dactílica), a qual apenas sofreu cruzamento de *gomitar* na consoante inicial.

GORJE — gorja, pescoço, garganta: «Botou-las mãos à gorje»; «Ia morrendo c'un osso intalado na gorje». Cfr. *corje*, *forje*, etc.

GORPE — golpe (Ap. 41).

GRABIEL — Gabriel (Ap. 44).

GRAMASSO — argamassa: metátese do *r* para se agrupar com o *g* e aférese da primeira sílaba. Absorvida a inicial pelo artigo feminino ou pela preposição *a*, o género deveria subsistir: mas houve mudança de terminação, e com ela de género, devido talvez a influência de *maço*.

GRESSURA — grossura (Ap. 19). Mas *grosso* e *engrossar*, muito embora o cognatismo.

GREGULHO — gorgulho (Aps. 19 e 44).

GUELOSO — guloso (Ap. 19).

GUERDURA — gordura (Ap. 19). Mas *gordo* e *ingordar*, apesar do cognatismo.

GURBATA — gravata. Entre estas duas formas deve ter medeado a dissimilação *guerbata*, de que se haverá passado a *gurbata*, com labialização povocada pelo *b*. Comp. o castelhano *corbata*.

GURGUTILHO — garrotilho, difteria: cruzamento com *gorgomilos*.

GURITA — guarita. Além de *gurnição*, comp. *culidade*, etc.

GURNIÇÃO — guarnição. V. *gurita*.

HERDANÇA — herança: cruzamento com *herdar*.

HÍRTEGO — hirto, rígido: interferência de *somítego* (q. v.), etc.

HOME — homem (Ap. 22). O diminutivo é, naturalmente, *hòminho* ou *homezinho*, e o aumentativo *homeção*. A rima demonstra bem quanto é normal a forma desnasalada:

Do meu corpete marelo
Fiz um colet'ò meu home;
Cada cal pode coçar
No sítio donde le come.

HORTALICE — hortaliça: comp. *calice*.

HÚMEDO — húmido (Aps. 62 e 4).

HUMILDAR-SE — humilhar-se, submeter-se. Palavra tirada directamente de *humilde*.

HUMILDOSO — humilde. À forma culta do adjectivo aglutinou-se o sufixo de qualidade, que tornou a palavra mais significativa. No português arcaico existia, mesmo, o advérbio correspondente, *omildosamente*.

IMBANAR — embalar: «Imbána-m'esse menino». Realizou-se o cruzamento de *embalar* com *abanar*.

IMBATUMAR — betumar: de *batume* com os competentes prefixo e sufixo.

IMBIGO — umbigo: a sílaba inicial foi confundida com o prefixo *im-<>em-*.

IMBIUSADO — enviesado: além de Ap. 40, dissimilação vocálica, com assimilação à labial.

IMBORBER — envolver (Aps. 23, 40 e 41).

IMBORNECER — tornar morno, amornar, amornecer: de *borna* (q. v.).

IMBORTO — envolto (Aps. 23, 40 e 41).

IMORA ou IMORA — embora. A partir da prolação *imbora* (Ap. 23), deu-se a assimilação do *b* à nasal homorgânica. Esta, por seu turno, passou então a ressonância nasal, que está em adiantada via de se perder, se é que não deixou já de ressoar. A série fonética terá sido, portanto: *embora* > *imbora* > > *immora* > *imora* > *imora*. Cfr. neste glossário *tamém* e *cumenência*, e ainda *rumo* e *prumo*.

IMPARAR — amparar. A forma *amparar* alternou com *emparar*, sua antecedente fonológica. É desta forma que saiu *imparar* conforme Ap. 23. As oscilações entre as nasais *ã* e *ẽ* estão representadas na nossa língua por duas dezenas de casos no sentido *en* > *an*, e por uma dúzia no sentido *an* > *en*. Assim, temos, por um lado, *ranger*, *jantar*, *andorinha*, *trança*, *ancinho*, *sobrancelha*, *amparar*, *rompante*, *alcançar*, *quejando*, *andrajo*, *sobrancelha* e outras em que seria de esperar a nasal *ẽ*; e, temos, por outro lado, *enguia*, *merencório*, *enteado*, *aventatal*, *inglês*, *Rendufe*, etc., em que se contaria com a nasal *ã*.

IMPEDEMIA — epidemia: confusão da inicial com o prefixo, e ensurdecimento do *i* átono.

IMPENDURAR — pendurar: adjunção de prefixo significativo. Para a prolação, veja-se o Ap. 23.

IMPESTOR — impostor (Ap. 19).

IMPESTORICE — imposturice (Ap. 19).

IMPINGE — impigem: cruzamento com *impingir* e desnasalação da final (Ap. 22).

IMPINHORAR — penhorar, empenhar: prefixo significativo e Ap. 12.

IMPISCAR — piscar: adjunção de prefixo intensivo.

IMPLAMADO — pessoa muito doentia ou muito adoentada, pessoa coberta de apósitos. O vocábulo é cruzamento de *emplasmado* (coberto de emplastos) com *inflamado*.

IMPONTAR — empontar, despedir de casa ou do serviço, correr com alguém: «A moça é tão calaceira que nũ me serbe; bou impontá-la»; «Binha cá p'ra môr d'eu l'imprestar os bois, mas imponteï-o» (Ap. 23).

IMPRASTAR-SE — emplastrar-se, pôr um emplastro, geralmente no peito. O *l* dos grupos próprios repugna: ou provoca anaptixe ou passa a *r* (Aps. 35 e 36). Por dissimilação o segundo *r* caiu. V. também Ap. 23.

IMPRASTO — emplastro: v. *imprastar-se*.

IMPREBIDO — proibido. À forma *poribido* (q. v.) antepôs-se o sufixo significativo, e esta incorporação do vocábulo deu aso ao ensurdecimento do *o* da raiz e à sua queda consequente. Depois, na sílaba protónica o *i* tinha de ensurdecer, como ensurdece na fala comum ainda que se mantenha na escrita.

IMPREBIR — proibir. Prefere-se, quase sempre, a alotropia *poribir* (q. v.), salvo no particípio *imprebido* (q. v.) que alterna com *poribido*, consoante as funções sintácticas.

IMPRÊGADO — entrevado, paralítico: de *implicatus*. Profere-se

com è protónico aberto por influência de *entrêvado* e para evitar a homonímia com *empregado*.

IMPRENSA — prensa, em especial a de espremer o bagaço. O prefixo *im-* vem do verbo nascido do mesmo semantema.

IMPRENSAR — prensar, espremer o bagaço na prensa: adjunção de prefixo significativo.

INCAMAR — cair de cama, encamar (Ap. 23).

INCNÓMICO — económico. É muito frequente a confusão da inicial *e* > *i* com o prefixo mutativo *in-*: cfr. *impedemia*, *inducar*, *infeito*, *inlástego*, *inzacto*, *inzemina*, etc. O facto constitui desenvolvimento do processo já aqui assinalado do uso do prefixo intensivo *im-* (cfr. *impendurar*, *imbatumar*, *impinhorar*, etc.), processo, aliás, também corrente na língua culta (cfr. *empedrar*, *encadernar*, *enfaixar*, etc.). A forma do vocábulo em rubrica evidencia introdução recente. A vogal protónica sofreu a dissimilação de Ap. 19 e logo se apagou abafada pela intensidade da vogal predominante.

INCORRICA — corrica, ruga, carquilha: deverbal de *incorricar*.

INCORRICAR — encorricar, fazer corricas, encarquilhar, engeilhar: «A tua abó já tem a cara muito incorricadinha»; «Nũ m'incorriques a testa, que nũ paga a pena».

INCURTECER — encurtar, encolher: de *encurtar* com sufixo incoativo.

ÍNDOLA — índole: vocábulo de recente introdução, em que a vogal final se trocou por força do género da palavra e por cruzamento com a terminação de *amêndola*, *estátula*, *escândola*.

INDREITA — endireita, algebrista: nome deverbal de *indreitar*.

INDREITAR — endireitar (Aps. 23 e 3).

INDUCAR — educar. Troca de prefixo. Do mesmo modo, *indução*. O *e* surdo inicial tendeu, em português, a cair (cfr. *episcopu* > *bispo*, *epigru* > *prego*, *ecclesiola* > *Grijó*, *enamorar* > *namorar*). Quando, ou por necessidade glotológica ou por conveniência semântica, a sílaba persiste, então é frequente nasalar-se a vogal no fonema *in-* < > *en-* (Ap. 23). Com efeito, este fenómeno produz-se tanto por imperativo fonético (*inzeminar*, *inzemplo*, *inxaguar* ou *inxougar*, *inzacto*, etc., sem esquecer em formas cultas como *enxuto*, *enxame*, *ensaio*, etc.), como também por intervenção sematológica (*infeito*, *impedemia*, *inzercitar-se*).

INFARNESIAR — enfrenesiar (Ap. 2).

INFEITO — efeito: troca de prefixo, como em *inducar*, q. v.

INGARAMPAR — enganar, lograr: de *engrampar*, com suabacti, como *garampo*, de *grampo*.

INGEMINAR — examinar. A forma deriva de *inzeminar* (q. v.), cujo *z* passou a *j* ao contacto com o *i*: comp. *Jabel*, *caijo*, *bejitas*, etc.

INGUENTO — unguento: confusão da primeira sílaba com o sufixo, tal como em *imbigo*.

INLÁSTEGO — elástico: para a primeira sílaba, veja-se *inducar*; para a terminação, veja-se Ap. 4.

- INORAR — ignorar: comp. o arc. *dino* < *digno*.
- INRAR — errar: substituição da inicial por um sufixo significativo, a traduzir a negação de conhecimento. Cfr. *inducar*.
- INSERTAR — Enxertar, encetar: cruzamento das formas correspondentes a estes dois significados, e Ap. 23.
- INTAPUÇAR — tapar ou obstruir buraco, fenda, torneira, cano, etc. De *tapuço*, *tapulho*, de *tapar* (do germ. *tap*) com o sufixo *-uço*, geralmente depreciativo. Comp. o castelhano *tapujo*.
- INTÊ — até: aplicação de prefixo significativo, por influência de vocábulos de função prepositiva começados com a mesma sílaba.
- INTÊ-DESPOIS — até depois. É fórmula de despedida, equivalente a «até qualquer dia», «até à vista», «até outra ocasião». Deve provir da redução de frases como «até depois de amanhã», «até depois da Páscoa», «até depois dos Santos» ou quejandas. O *-s-* epentético resultou da interferência do vocábulo muito aparentado *desde*.
- INTÊGORA — até agora: de *intê-agora*, por crase.
- INTÊ-I — até aí, até então. O advérbio tem sempre a forma *i*.
- INTÊLI — até ali, até então: de *intê-ali*, por crase. Saiba-se, aliás, que o advérbio *ali* se reduz muito a *li*, quando regido de preposição terminada em vogal átona, como em *por-li*.
- INTÊ-QUI — até aqui: de *intê-aqui*, por crase.
- INTRAMELAR — entaramelar, gaguejar. Afora a pronúncia da sílaba inicial (Ap. 23), é de notar a falta do *a* anaptítico de *taramela*, forma muito mais usada do que a etimológica *tramela*.
- INTRUIDO — entrudo. Também se ouve a palavra no sentido de pessoa mascarada de carnaval, quando, por troça, se diz «Óilha qu'intruido!» para quem se apresenta com traje disparatado. Tal-qualmente sucede com *luito*, *fruito*, *luita*, *truita*, *inxuítu*, não se realizou aqui a crase do ditongo, como na língua culta: o vocábulo apresenta a forma arcaica, proveniente de *introito* com metafonía.
- INXARAGÃO — enxergão: suarabacti, depois de reforçado para *a* o *e* que precedia o *r*.
- INXOUGAR — enxaguar. A semivogal foi atraída pela tónica, e o ditongo *au*, assim realizado, passou, muito normalmente, para *ou*. O fenómeno mais particular, tanto no vocábulo dialectal como no seu correspondente *enxaguar*, é a nasalação da sílaba inicial, que a fonologia do étimo (**exaquare*) não deixaria prever. Casos paralelos são *enxada* (de *asciata* < *ascia*), *exame* (de *examen*), *enxó* (de *asciola*), *enxofre* (de *sulfur*, no port. arc. *axufre*), *ensaio* (de *exagiu*), *enjeitar* (de *ejectare*), *enxugar* (de *exsucare*), *enxúndia* (de *axungia*), *enxerga* (de *serica*), *enxárcia* (de *exartia*), *ensanchar* (de *exemplare*), *enxambrar* (de *exhumorare*), e ainda os seguintes de origem arábica, cujos étimos não incluíam nasal: *enxaqueca*, *enxaravia*, *enxoval*, *enxovia*, *enxara*. São tudo casos em que o *e* inicial precede consoante fricativa, posição em

que difficilmente a vogal se poderia aguentar isolada. E, se para alguns deles (como *examen*, *axungia*) acudiria a anticipação nasal de *m* ou *n*, para os demais não se vislumbra nenhuma causa de ordem glotológica, pelo que haverá de pensar-se na analogia — aliás difficultosa para abranger vocábulos tão numerosos e tão díspares no significado. Há interesse em fazer o cotejo com alguns dos alótipos noutras línguas românicas. Assim, de *ensaio* depara-se o cast. *ensayo*, o francês *essai*, o italiano *saggio*; de *enxaguar*, o galego *enjuogar*, o cast. *enjuagar*, o fr. *essaver* a par de *aiguayer*, o it. *sciacquare*; de *enxame*, o cast. *enjambre*, o fr. *essaim*, o it. *sciame*; de *enxugar*, o cast. *enjugar*, o fr. *essuyer*, o it. *asciugare*; de *enxofre* o cast. *azufre*, o fr. *soufre*, o it. *solfo*, o romeno *sulf*; de *enxaqueca*, o cast. *jaqueca*. Logo se verifica que esses alótipos só em galego e em castelhano têm, e só alguns, nasalização comparável.

INXUITO — enxuto. V. Ap. 23 e comp. *fruito*.

INZACTO — exacto. Influência analógica. V. *inxougar*.

INZEMINA — exame médico-legal, verificação: nome regressivo de *inzeminar*.

INZEMINAR — examinar. Interferência analógica. V. *inxougar* e comp. também a alotropia *ingeminar*.

INZEMPLO — exemplo. Interferência analógica. V. *inxougar*.

INZERCITAR-SE — exercitar-se. Interferência analógica. V. *inxougar*.

INZÉRCITO — exército. Interferência analógica. V. *inxougar*.

IRGOLA — argola. Em Opúsc. II, 210, Leite de Vasconcelos aventa a influção de *erguer* < > *irguer*.

JABEL — Isabel. Como forma intermédia terá havido *Ijabel*; o *s* brando em contacto com o *i* dá facilmente *j* como em *caijo*, *bejitas*, *ingeminar*, e igualmente em *beijo*, *igreja*, *cereja*, *Grijó*. O hipocorístico é *Jabelinha* ou *Zabelinha*.

JACINTRO — Jacinto com *r* epentético (Ap. 52).

JAJUAR — jejuar (Ap. 2). Porém, *jejum*, raro *jajum*.

JARAL — geral (Ap. 2).

JARAR — gerar (Ap. 2). Nas flexões rizotónicas (pouco usadas) mantém-se o *e* etimológico do radical.

JASUS — Jesus (Ap. 2).

JASU-CRISTO — Jesus Cristo. Porque a expressão funciona como um todo fonético, o primeiro *s* chiante caiu em virtude de dissimilação haplológica.

JINELA — janela (Ap. 11):

Tenho à minha jinela
O que tu nũ tens à tua:
Õa cãodeia de prata
Qu'alumeia toda a rua.

JINÊLO — janelo, postigo (Ap. 11).

JINÓ — Junot: a prolação do *u* francês ouviu-se com predomínio

da palatal que ele em si contém. O termo só existe em alcunhas e já desprovido de significado especial, porquanto se perdeu qualquer reminiscência do general napoleónico.

JINOTA — janota (Ap. 11).

JINTAR — jantar (Ap. 11). A assimilação ao *j* só se ouve nas flexões arrizotónicas.

JIRÓMENO — Jerónimo: assimilação de Ap. 11, metátese recíproca do *m* e do *n*, e ensurdecimento do *i* postónico, como do Ap. 4. É *Jiròminho* o hipotorístico, no qual é de apontar a supressão da última sílaba do positivo (na sua forma regional), supressão que haverá dado a forma reduzida **Jiromo*. Cfr. o alótopo francês *Jérôme*.

LABISOME — lobishomem: parece tratar de dissimilação vocálica a distância.

LANÇOL — lençol: será mais um caso de oscilação *en < > an*. V. *imparar*.

LANDRA — lande ou glande de carvalho. Enquanto a forma culta, *lande*, provém de *glande*-, por isso que o grupo *gl'*- inicial tende para reduzir-se a *l*- (*glarea* > *leira*, *glattire* > *latir*, *globellu* > *lobelo* > *novelo*, etc.), a forma *landra* há quem a pretenda explicar como tendo por étimo o diminutivo *glandula*. Nessa hipótese, o *u* do sufixo ter-se-ia apagado, como é de regra na proparoxítonia, e o *l*, no grupo da última sílaba, ter-se-ia mudado para *r*, como também é frequente em condições comparáveis. Todavia é mais de admitir que a palavra *landra* tenha saído de *lande* com *r* epentético (cfr. *monecra* e *lecre* de boneca e leque) e que a mudança da vogal haja sido imposta pelo *r* e pelo género feminino.

LECRE — leque (Ap. 52).

LEITES — Leite, apelido. Trata-se de analogia com os apelidos, de origem patronímica, terminados em *-es*. Os prenomes *Me-tirdes* (Matilde), *Clotirdes* (Clotilde) e quejandos não devem ser estranhos a esta influência, conquanto corroborada por outros prenomes, como *Gertrudes* e *Brites*.

LIBARAL — liberal, a significar generoso (Ap. 2).

LINGURTEIRO — lingureiro, indiscreto: de *lingureta*, lingueta.

LISTRA — lista: *-r*- epentético (Ap. 52), talvez por analogia fonética com palavras em que há ou houve *-str-*, como *lestro*, *rastro*, *mastro*, *mestre*, *mostrar*, *lastro*, *registro*.

LOJE ou LÓIJE — loja. Comp. *corje*, *forje*, etc. e v. Ap. 20.

LUBAR — levar (Ap. 6). As flexões rizotónicas assentam no radical **lebar*.

LUITAR — lutar. Cfr. *fruta*, etc.

MÁNECA — máquina. Depois da metátese recíproca do *n* e do *q*, o *i* ensurdeceu, primeiro passo para a síncope, ainda não consumada perante a impossibilidade do grupo *n'c* (Ap. 4).

MANEL — Manuel (Ap. 16).

MANFARRICO — mafarrico, demónio: «Ele é seu pai; mas, ó menina, que o leve o manfarrico» (Camilo—'Novelas do Minho', III, 92). A vibração do *m* inicial nasalou a vogal da

sílaba, como em *mim*, *manjor*, *monco*, *muito*, *mancha*, *mãe*, *mungir*, *mensagem*.

MANJOR — major. Cfr. *manfarrico*.

MARCELA — macela: influência de *março*.

MARELO — amarelo: aférese que deve ter-se produzido primeiro na moção feminina por contracção com o artigo (*a amarela* > *a marela*).

MARENDA — merenda (Ap. 2).

MARENDAR — merendar (Aps. 2 e 23).

MARICAS — diminutivo hipocorístico de *Maria*, que por sua vez tem o diminutivo hipocorístico *Mariquinhas*. O mesmo prenome tem, ainda, os hipocorísticos *Micas*, *Miquinhas*, *Quinhas*.

MARMURAR — murmurar: dissimilação seguida de reforço (Aps. 19 e 2); «marmurar» de alguém é andar a dizer mal de alguém.

MASGAR — esmagar: comp. *escupir* (q. v.) e bem assim *misgalhar* < *esmigalhar*. A metátese realizou-se com *s* impuro da forma aferesada *'smagar*.

MASTURA — mistura: reforço da vogal ensurdecida de *mestura*.

MASTURAR — misturar: cfr. *mastura*.

MAUCRIADICE — malcriadez, acção ou dito de malcriado ou *maucriado* (q. v.).

MAUCRIADO — malcriado. O feminino é *maucriada*, o que demonstra a inteira aglutinação dos dois elementos do vocábulo, depois de o primeiro deles, *mal-*, se haver transformado em *mau-*, fenómeno sucedido de acordo com o que se regista no Ap. 41, inclusivamente no tocante à queda do *r* por dissimilação: o vocábulo adquirira a homogeneidade de um todo uno. Para o facto não terá deixado de contribuir a fácil confusão com o adjectivo da mesma raiz, *mau*. E também para ele haverá contribuído o substantivo *má-criação*, forma popular e mais certa do que a forma culta *malcriação*.

MEIDIA — meio-dia, quando se refere à hora e tem, pois, significado uno. A fazer-se referência a metade do dia, então os vocábulos ouvem-se em geral separados, embora com grande tendência para a aglutinação.

MENUTO — minuto: ensurdecimento do *i* protónico, muito frequente.

MERDURA — moldura: dissim. e Ap. 41, com precedência do primeiro dos fenómenos, o que explica a manutenção do *e* surdo e a sua não ditongação.

METIRDES — Matilde. Esta terminação do prenome feminino, tal como em outros prenomes acabados em *-e* surdo, resulta de contaminação de outros prenomes terminados em *-es*, — Gertrudes e Brites, por exemplo — e também o influxo dos patronímicos. Cfr. *Leites*.

MÉU-REIS ou MEURREIS — mil réis. Porque o vocábulo funcionava como unidade semântica, o primeiro inclinou-se procliticamente sobre o segundo, e disso resultou um só indivíduo vocabular, sujeito aos fenómenos consequentes: passagem do

i protónico para *e*, seguida da guturalização do *l* (Ap. 41):
mil-réis > *mílreis* > *melreis* > *mèurreis*.

MÊURRO — melro (Ap. 41).

MIGALHEIRO — mealheiro: cruzamento com *migalha*.

MINARAL — mineral (Ap. 2).

MINGA — mímica (Ap. 17).

MINGAR — minguar, encolher (Ap. 17).

MINHÃO — manhã: além da dissimilação *a — a* > *e — a*, Aps. 27 e 21.

MISARABLE — miserável (Aps. 2 e 64).

MISGALHAR — esmigalhar. Veja-se *masgar* e atente-se na sua diversificação do seu cognato *migalha*.

MONECRA — boneca. Segura é a epêntese do *r*. O étimo de *boneca* não se conseguiu ainda estabelecê-lo. Porém não repugna, nem fonética nem semânticamente, a hipótese de se haver tirado de *mona*, feminino de *mono*, uma forma diminutiva **moneca* (cfr. o castelhano *muñeca*, embora a Academia Espanhola avente para este vocábulo o étimo *muñon*, de sentido muito diverso do *mono*). De *moneca* se tiraria *boneca*, tal qualmente de *morno* se tirou a forma dialectal *borna*, e do italiano *mandolino* se tirou *bandolim*. E então *monecra* estaria mais próxima do étimo do que o está a forma culta.

MÓSSEGA — moessa: cruzamento com *cócega* ou *cócegas*.

MURTA — multa (Ap. 41).

MUSIÇO — massiço (adj.): labialização da vogal provocada pelo *m*.

NACENÇA — nascença: redução haplológica de *sç* a *ç*, depois de assimilados, que se produz também nos cognatos *nacer*, *nacimento*, *nacedouro*, *nacida*, *nascente*. Veja-se *acrecentar*.

NACENTE — nascente: v. *nacença*.

NACER — nascer: v. *nacença*.

NACIDA — nascida: borbulha na pele, espinha, furúnculo. V. *nacença*.

NEBROSO — nervoso. A forma culta proferiu-se aqui (Ap. 40) **nerboso*, forma esta em que se deu o caso de Ap. 44.

NESPRA — nêspera: fácil passagem à paroxítonia (Ap. 62). A árvore respectiva é *nespreira*.

NESSAIRO — necessário: haplologia e atracção da vogal pela tónica. Compare-se *Nò-Sinhor*.

NESSIDADE — necessidade: haplologia, como em *nessairo*.

'NHORA?... — abreviação de «*Sinhora?...*», com a qual se dá resposta delicada a um chamamento, que pode ser mesmo de pessoa masculina. Neste caso, o *a-* final não é desinência feminina, e sim reforço do *-e* surdo da prolação *sinhore*, a que se faz referência no Ap. 43. Quando não há consideração especial por quem chama, a interjeição de resposta costuma ser «*Ôue!...*».

NÒ-SINHOR — Nosso Senhor. Haplologia de fonética sintáctica: «*Nò-Sinhor lo pague*» (Nosso Senhor lho pague). Cfr. *nessairo*.

NUBE — núvem (Aps. 40 e 22).

- NÚMARO — número: forma de influência literária, com reforço *e > a*, provocado pelo *r* (Ap. 2). A forma normal é, porém, *numbro*, q. v.
- NUMBRO — número. Comp. *cambra*.
- OCLO — óculo (Ap. 62). Cfr. *ólíco*.
- OITUBRO — Outubro: permuta do ditongo, como é frequentíssimo em nossa língua, mas aqui provocada pelo influxo de *oito*. Note-se, contudo, que o ditongo se profere fechado naquele substantivo, enquanto se diz aberto no numeral.
- ÓNTE — ontem (Ap. 22).
- ÓLICO — óculo: metátese e troca de sufixo ou, antes, confusão com um pretense sufixo. Comp. a alotropia *oclo*.
- ORDE — ordem, licença, autorização (Ap. 22): «Nũ há orde» (Não há licença); «Se o pai desse orde» (Se o pai desse autorização).
- ORDINAIRO — ordinário: atracção da semivogal pela tónica. Cfr. *bigairo*, *nessairo*, etc.
- ORFA — órfã (Ap. 22).
- ORFO — órfão (Ap. 22).
- ORGO — órgão (Ap. 22).
- ÒSSERVAR — observar.
- PADAÇO — pedaço (Ap. 2).
- PANDURAR — pendurar: oscilação *en > an*. Cfr. *anguia*, *agantar*, *antre*, e também *amparar*, *andorinha*, *ranger*, etc.
- PARAUTA — peralta (Aps. 2 e 41): para a queda do *r* por dissimilação, comp. *bauburda*, *faurda*, *feutro*.
- PARDÉLHO — pardal. De *pardo-elho*? ou de *pardal-elho*? — Apesar de Leite de Vasconcelos, em '*Opúsc.*' II, 252, apresentar a primeira destas soluções, a segunda parece preferível, tanto sematológica como foneticamente. Em fonologia, aquela solução, saída de um «pardo» oco de sentido, chegaria a **pardeilho* na pronúncia regional, quando, de facto, é *pardélho* que se diz. E esta prolação efectiva mostra-se conforme com a solução aqui aventada, porquanto, caído muito normalmente o *l* intervocálico de **pardalelho* (> **pardaelho*), as vogais *a-e* em presença contrair-se-iam muito normalmente em *é* (> *pardélho*).
- PENICAR — depenicar: supressão do prefixo.
- PEQUENINHO — pequenino. O sufixo diminutivo alinhou pelos demais. É interessante observar que nos Açores, pelo menos em S. Miguel, sucede o contrário com palavras cuja sílaba final tem *n* por consoante, as quais fazem o diminutivo em *-ino*, *-ina*: assim, *pernina* (perninha), *canina* (caninha), *sonino* (soninho), *panino* (paninho), *finino* (fininho).
- PEQUERRICHO — pequenino: de *pequerrucho*, por influência do *ch* e por cruzamento com os sufixos diminutivos cuja tónica tem *i* por vogal, *-inho*, *-ino*, *-ito*, *-ilho*, *-ico*.
- PESSUIR — possuir (Ap. 19).
- PIANHO — piano: cruzamento com palavras terminadas em *-ánho*

(como *gánho*, *gadánho*, *lánho*, *tamánho*), facilitado pela proximidade da vogal palatal.

PÍBEDA — pevide. Trata-se de um caso muito notável de intervenção psicológica. O primeiro passo haverá sido a terminação em forma que é mais curial — *pevida* ou *pebida*. Depois veio, de par com a metátese recíproca, a retracção do acento — facto glotològicamente impossível. Actuou, por certo, o cruzamento analógico com vocábulos como *díbeda* (dívida), *côbedo* (côvado), *sábedo* (sábado), *figuedo* (fígado).

PIFRE — pífaro (Ap. 62).

PINTASSIRGO — pintassilgo (Ap. 41).

PINZEL — pincel: analogia de *cinzel*.

PIQUENO — pequeno: cfr. *rigular*, *siguro*, *siquer*, etc.

POBRETAINA — pobretão: de *pobretana*, com alargamento da vogal tónica, tal como em *rodaina*, q. v. Alargamento igual se produziu em vocábulos do léxico geral: *comesaina*, *sotaina*, *plaina*, *andaina*, *faina*, *capitaina*, todos estes com a mesma terminação, e *açaimo*, *chaile*, *flainar*, *painel*, *cãibra*, em que o fenómeno é idêntico.

PÒJEIRA — poeira. Leite de Vasc. ('Opus.' II, 112) manda cfr. com *espojar-se*.

PORBA — pólvora: Aps. 40, 62 e 41, e queda do segundo *r* por dissimilação haplológica.

POR-I — por aí. Com as demais preposições usa-se a forma *aí*, salvo com *inté* e *pra*; mas com estas não se trata de caso idêntico, porquanto o *a-* do advérbio fica então absorvido na crase com a tónica da preposição *inté* e com a átona, que se abre, da outra preposição citada.

PORIBIR — proibir: metátese a desfazer o hiato. O verbo tem particípio duplo: *poribido*, como particípio activo ou passivo, e *imprebido*, como adjectivo verbal. Assim: «Eu tinha-te poribido...», «Isso foi poribido», «Agora já nũ é imprebido», «'Stás imprebida de lá bortar».

POR-LI — por ali. O que se diz s. v. *por-i* é aplicável nesta rubrica.

POR-QUI — por aqui. Aplica-se nesta rubrica o que se diz s. v. *por-i*.

PRAINA — plaina de carpinteiro. Cfr. *praino*, *prantar*, *pruma*, etc., e, para o alargamento da tónica, veja-se *pobretaina*.

PRAINO — plano. V. *praina*.

PRANTAR — plantar. O *l* repugna nos grupos próprios pretónicos: são, portanto numerosos os casos de anaptixe a desfazer o grupo *e*, mais frequentes ainda, a mudança para a outra consoante líquida.

PRECEPIAR — principiar. Ensurdidos para *e* os *ii* do vocábulo, excepto o que está em hiato, tal como sucede na prolação corrente de palavras como *dividir*, *ministro*, *militar*, a nasalação do *e* átono tal como se diz no Ap. 23 equiparou-o facilmente ao prefixo *pre-*, e assim passou a proferir-se a primeira sílaba. Porém, o substantivo é *prencípio*.

- PREGUICEIRO — preguiçoso. A substituição do sufixo teve móbil depreciativo.
- PREPÓSITO — propósito (Ap. 19). É só ouvido na locução «de prepósito».
- PROBE — pobre (Ap. 44).
- PRÒGUNTA — pergunta ou pergunta como do Ap. 44: contaminação de *pròcura*. V. *pròguntar*. Há a expressão «ir a pròguntas», ser inquirido como testemunha.
- PRÒGUNTAR — perguntar ou preguntar. A mudança vocálica deve-se, por certo, à analogia de *pròcurar*, verbo de significação muito aparentada. Com efeito e por exemplo, «pròcurar por alguém» quer dizer perguntar por alguém.
- PROPIADADE — propriedade. O segundo *r* desapareceu por dissimilação (como em *rosto* < *rostru*, *arado* < *aratru*, *registo* < *registru*). O *e* protónico reforçou-se para *a* como em todas as terminações idênticas: *sociadade*, *piadade*, etc.
- PROPIATAIRO — proprietário. V. *propiadade* e, para a terminação, *bigairo*.
- PRÓPIO — próprio: queda do segundo *r*, por dissimilação. Cfr. *propiadade*.
- PRÒSCURAR — procurar. Também se ouve *poscurar* e *pescurar*.
- PRUFEIÇÃO — perfeição (Aps. 44 e 8).
- PRUFEITO — perfeito (Aps. 44 e 8).
- PRUMEIRO — primeiro (Ap. 8).
- PRUPARO — preparo, a significar modos, maneiras, trajos (tudo em sentido depreciativo), desconchavo: «Óilha que pruparos!»; «Ela sempre anda c'uns pruparos!»; «Nũ gosto de te ber nesse pruparo». É forma labializada de *preparo* (Ap. 36). O verbo cognato é *preparar*, mas nas flexões rizotónicas o *e* do prefixo labializa-se-lhe.
- PUCRO — púcaro (Ap. 62).
- PULMONIA — pneumonia: cruzamento analógico com *pulmão*.
- PUNDÃO — pendão. Tenho ouvido a palavra em referência ao pendão ou bandeira do milho. Hesito em classificar o facto de labialização, não só porque seria irregular provocada por fonema precedente como também porque a não ouvi senão em vocábulos que aparecem com *u* nasal. Isto me leva a aventar que se trata de cruzamento com palavras que, tendo o nasal átono na língua geral, aqui se proferem com *u* nasal, tais como *puntada*, *apuntar*, *pumbal* (pontada, apontar, pombal).
- PUNDRICALHO — penduricalho: metátese vocálica? Cfr. *pundão*.
- PUNSÃO — pensão, anualidade paga em géneros agrícolas pelo caseiro ao senhorio. Cr. *pundão*.
- PURSO — pulso (Ap. 41).
- QUÈCER — aquecer. Trata-se de aférese realizada por simetria com o adjectivo *quente*, do mesmo semantema, a qual surgiria em frases como: «Nũ faz minga (a)quecer, qu'inda stá quente que bonde».
- QUEIJO — queixo. Não se depara explicação, nem fonética nem analógica.

- QUELARO — claro (Ap. 35).
- QUELUNA — coluna (Ap. 19).
- QUERÉDO — Credo! Exclamação de jeito anaptítico, para exprimir espanto ou susto: «Queredo, home!». O suarabacti não se produz não havendo pausa forte imediata: «Credo, que tu sempre me metestes um susto!».
- QUERROPIO — corropio (Ap. 19).
- QUESTÓDIA — Custódia, n. p. fem. (Ap. 19).
- QUESTUME — costume (Ap. 19).
- QUESTURA — costura (Ap. 19).
- QUETO — quieto (Ap. 16). A palavra é de importação literária e expulsou o arc. *quedo*, mas deixou o verbo *quedar*.
- QUICO — hipocorístico de Francisco. O feminino é Quica. Ambos admitem diminutivo: *Quiquinho* e *Quiquinha*.
- QUINA — esquina.
- QUINGOSTA — congosta (Ap. 19). V. *cangosta*, alotropia igualmente usada.
- QUINZARREIS — quinze réis, expressão que se regista aqui apenas *pro memoria*, porquanto se perdeu com o afundamento do valor monetário. Era consequência em fonética sintáctica do que se regista no Ap. 2. Cfr. *dezasseeis*, *dezasete*, *dezanove*.
- RAPAZÃO — rapagão: aumentativo tirado regular e analógicamente do positivo.
- REBIRABORTA — reviravolta (Aps. 40 e 41).
- REBIRAR — revirar (Ap. 40).
- REBORBE — revólver. É notável caso de adaptação rápida e perfeita deste neologismo. Produziu-se duplamente, como é natural, o fenómeno do Ap. n.º 40 e os factos registados nos Aps. 41 e 63. E, quase seguidamente, deu-se a queda do segundo *r* da forma intermédia, *reborbre*, que, há umas dezenas de anos, ainda cheguei a ouvir.
- REÇÃO — razão: dissimilação dos *aa*. Cfr. *rezão* e *relar*.
- REDOUÇA — balouço: ouve-se talvez menos do que a alotropia metatética *derrouça*, q. v.
- RÉGULA — régua. É corruptela do vocábulo em que assenta (*régua*), comparável à que se nos depara em *amêndola*, *escândola*, *estátula* e mesmo em *índola*. A forma *régula*, que também haverá sido influída pelo adjectivo cognato *regular*, cede agora o passo à forma *régura*.
- RÉGURA — régua: de *régula* (q. v.), por cruzamento com *regra*.
- RÊIS — rins. Constitui um «plurale tantum» feminino, proveniente do latim *renes*, aliás masculino. É a designação que, de preferência, se dá às ilhargas, flancos ou cadeiras, quando aí se sentem dores. Em Camilo ('*A bruxa do Monte Córdova*', ed. de 1924, p. 142) encontro: «Nada; o meu homem pediu a baixa do serviço, e está empregado em guarda da alfândega. Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos reins».
- RELAÇÃO — ralação, apoquentação, amofinação, preocupação: de *relar*, q. v.
- RELAR — ralar: dissimulação vocálica. Comp. *reção* e *rezão*.

A forma dissimilada, em contrário do que é regra dialectal, persiste mesmo nas flexões rizotónicas: «O qu'estas cousas me relam!». *Pão relado*, pão ralado. Quer-me parecer que o verbo é homónimo de *relar*, apoquentar, de origem diversa, e não o mesmo. V. infra.

RELAR—ralar, apoquentar. É verosímil que a forma *relar* represente um estágio anterior ao de *ralar*, neste significado, forma esta hoje tida como culta e correcta. O termo provirá de *rela* ou do seu étimo *ranella*, dim. de *rana*: do sentido de coaxar importunamente haverá facilmente passado ao de importunar com o persistente coxo, e daí ao de incomodar, apoquentar. A reforçar esta suposição há a frequência do apodo de «rela» para o importuno: «Sempre m'estás uma rela!». De *relar* para *ralar*, forma culta, produzir-se-ia o curial reforço *e > a*, fenómeno que, se tantas vezes se aponta no minhoto, também não tem nada de espúrio nas palavras cultas, conforme se diz no Ap. 2.

RELÓIJO — relógio. Não se deu, como ao linguista desprevenido pode à primeira vista parecer, a atracção do *i* pela tónica. Antes que tal atracção se realizasse, deu-se o fenómeno da crase crescente (Ap. 16), ou seja a absorção da vogal doce pela áspera com que estava em contacto (cfr. *anjo*, do arc. *angeo* < lat. *angelu*, *loja* < it. *loggia*, *fujo* < *fugio*). Assim, entre a forma *relógio* e a dialectal *relóiço*, houve *relojo*, que aliás ainda deste modo se pode escrever, com a condição de atender a que as vogais tónicas seguidas de *j* (e de outras palatais) se ditongam por assimilação (Aps. 9, 10, 20, 21 e 24).

REPOSTA — resposta. Representa a manutenção do vocábulo arcaico (do latim *reposita*), anterior à interferência analógica de *responder*, de que nasceu a forma culta actual.

RESISTAR — registar. É fenómeno inverso do que se aponta s. v. *bejitas*.

RESISTO — registo: cfr. *resistar*.

RESPLANDOR — resplendor. Confronte-se com *resplandecer* e com as formas regionais *agantar*, *anguia*, *antão*, etc., tudo casos de oscilação *en > an*.

RÉURBA — relva (Ap. 41 e 40).

REZÃO — razão: dissimilação vocálica, tal como em *reção* e *relar*.

RIJÃO — torresmo de carne de porco: de *rojão*, por assimilação da protónica à consoante palatal? — É controverso se *rijão* é forma popular de *rojão* ou se é de *rijão* que se tirou *rojão*. Para uns, tirou-se *rijão* de *rijar*, de *rijo* (v. Cláudio Basto, in *Rev. Lus.*, XVIII, 168), como *rasgão* de *rasgar*, *borrão* de *borrar*, *rachão* de *rachar*. A explicação semântica não convence facilmente, porquanto a rigeza não é característica saliente do *rijão*; e a explicação fonética não parece de receber, pois nada inculca a mudança **i > u* (ou **i > o*), antes o contrário se verifica nos contactos com palatais, como em *jinela*, *Jinó* e *jimento*, esta última, aliás, pouco ouvida.

Pelo contrário, pois, a palatalização vocálica fornece justificação fonológica mais do que aceitável para *rojão* > *rijão*. Mas o étimo? Meyer Lubcke aponta *rosione*-; Cláudio Basto aproxima o castelhanismo trasmontano *rojo*, ferro que se mete no fogo, vocábulo este filiado no lat. *roseu*-. Enfim, atente-se nesta comparação do povo: «quentinho que nem um rijão».

RINGER — ranger: oscilação *an* > *en* (se é que no falar dialectal chegou a proferir-se *ranger*, que é forma culta resultante de oscilação *en* > *an*, e não se ficou pela forma *renger*, mais próxima do étimo). A passagem de *en*- para *in*- foi influxo da palatal, como em *jintar* e *gingibe*.

ROSAIRO — rosário: atracção em tempos relativamente recentes da semivogal pela tónica e na qual se não realizou a assimilação (*ai* > *ei*) das vogais do ditongo. Comp. *bigairo*, *nessairo*, etc.

ROUÇAR — roçar, no sentido de esfregar, tocar de leve: «Tira-te p'ra lá, nũ te rouces por mim». Terá havido influência analógica de *pousar*? No sentido de cortar cerce, rapar tojo ou urze, persiste a forma *roçar*.

RUFÊGO — refego (Ap. 8). Camilo empregou a grafia *rofego* em '*A filha do arcediogo*' (pág. 102 da 6.^a ed.) e em '*O livro negro do Padre Diniz*' (pág. 106). Não se sabe se o genial prosador se influenciou da forma regional ou se assim entendeu por comparação com *rofo* (do lat. *rufu*-), donde é admissível que tenha vindo *refego*.

RUMÉDIO — remédio (Ap. 5).

RUMELA — remela (Ap. 5). Do mesmo jeito, *rumeloso*, *arrumelado*, *rumelento*.

RUMENDO — remendo (Ap. 5). Também *arrumendar*.

SÁBEDO — sábado (Ap. 4).

SAÇARDOTE — sacerdote (Ap. 2).

SACRAFÍCIO — sacrifício. Mais do que o contacto com o *r*, deve ter interferido na mudança do *i* protónico a analogia com *sagrado*.

SACRATÁRIO — secretário. É vocábulo de apropriação mui recente e ainda sob a ingerência da língua culta, conforme se vê do sufixo intacto. Para os *aa* de reforço, além de Ap. 2, cfr. acima *sacrafício*.

SACRETAIRO — secretário: dicção muito menos ouvida do que a precedente.

SAGRÊDO — segredo (Ap. 2). O *a* parece, menos do que exigência do *r* a distância, actuação do *s* inicial (comp. *sanapismo*, *açanar*, etc.). Usa-se o diminutivo *sagredinhos*, para designar os objectos de conteúdo ignorado que se leiloam em pequenas tômbolas, por ocasião de festas da aldeia. E também significa as mesmas tômbolas.

SALUÇO — soluço. Depois da dissimilação de Ap. 19, o *e* resultante reforçou-se para *a*, muito provavelmente por necessidade do *s* da sílaba (cfr. *sacratário*, *sagredo*, *sagredinhos*,

sanapismo, *açanar* e ainda o verbo cognato *saluçar*). O termo também significa eructação. A forma já foi literária. Afora um sem-número de outros exemplos, depara-se no início da conhecidíssima carta de Afonso de Albuquerque moribundo para el-rei D. Manuel: «Senhor, quando esta escrevo a Vossa Alteza estou com um saluço que é sinal de morte». E nos *Lusíadas*, II, 43:

«E co seu apertando o rosto amado
Que os saluços, e lagrimas aumenta»

SANAPISMO — sinapismo: através da forma atenuada *sena-*
pismo. Cfr. *sagredo*, *saluço*, etc. A forma *selapismo*, porém, é talvez preferida.

SANCRISTIA — sacristia. É manifesta a influência de *san* < *santo*. Uma cantiga popular começa assim:

Saçardote do Senhor,
Saia lá da sancristia...

SANRADELA — serradela, planta leguminosa. Mudada para
* *sarradela* sofreu a influência de *san*, como *santeio*, *santo-*
peia, q. v.

SANTEIO — centeio. Cfr. *sanradela*. Também se diz *centeio*, com
e nasal surdo.

SANTÍSSEMO — Santíssimo (Ap. 4).

SANTOPEIA — centopeia. A interferência deve ser idêntica à
que houve em *santeio* e *sanradela*, sem esquecer a facilidade
que resulta da frequente oscilação *en* > *an*.

SARAMELA — salamandra. Avento que a terminação *-andra* se
haja substituído por *-ela*, sob a influência analógica de *rela*,
e que no vocábulo hipotético * *salamela* se realizasse dissimilação *l* — *l* > *r* — *l*.

SARRÃO — serrano (Aps. 2 e 9).

SARRAR — serrar (Ap. 2). O reforço, em contrário da regra
dialectal, persiste nas flexões rizotónicas, por influência do
infinitivo e não por necessidade fonética.

SARRIM — serrim, serradura (Ap. 2).

SARROTE — serrote (Ap. 2). Em *serra* o *e*, porém, não se altera
por ser tónico.

SARUDA — o grão semeado ainda no Inverno, ou sejam o trigo
e o centeio: de *saruga* ou *saluga*, por troca da terminação
-uga, raríssima, pelo sufixo *-uda*, muito mais conhecido. «Ele
tibe dez carros de grão e dous de saruda», significa «Teve
dez carros de milho e dois de centeio ou de trigo». A *saruda*
quer dizer propriamente as pontas aguçadas, semelhantes a
agulhas, da espiga desses cereais: a cada uma dessas pontas
também se dá o nome de *saruda*.

SASTIFEITO — satisfeito (metátese). O termo também se ouve
reduzido a *stifeito*.

SCUITAR — escutar; auscultar. Não se realizou a crase, e o vo-

cábulo ficou no estádio consequente da vocalização do *l* etimológico. Cfr. *enxuito*, *fruito*, *luita*, etc.

SECORRO — socorro (Ap. 19).

SEFOCAR — sufocar (Ap. 19). Este é o tema das formas arri-zotónicas. Mas, se o acento recai na raiz, realiza-se a metátese do radical em rubrica, e temos *eu sofeco*, *tu sofecas*, etc., *eu sofeque*, *tu sofeques*, etc.

SELADA — salada: dissim. vocálica, tal como em *aminhão*, *relar*, *reção*, etc.

SELAPISMO — sinapismo. É frequente a mudança dissimiladora para *l* do *n* seguido de *m*, embora aqui ele esteja a distância: cfr. *alomear* (nominare), *alma* (anima), *alimal* (animal), *lembrar* (arc. *nembrar* < *memorare*).

SEPOR — supor; suposição (Ap. 19): «É um sepor», suponhamos.

SER ou S' — senhor, nos apelativos de ambos os géneros. Na

próclise o apelativo *senhor* e o seu feminino *senhora* reduzem-se a *ser* (com *e* mudo, a servir apenas de breve apoio

ao *r*), quando antes de vogal: *ser Antone*, *ser Adorfo*, *ser*

Aninhas, *ser Angústia* (sr.^a Augusta). Seguido de consoante,

o vocábulo ainda mingua mais e reduz-se a *s'* forte: *s' Manel*, *s' Domingos*, *s' Maria*, *s' Zefa*.

SERAMPÊLO — sarampo. A dissimilação vocálica não oferece dificuldade, por frequente. A forma *seramplo* < > *seramp'lo* parece conduzir a uma forma anterior *serámpelo*. Por efeito de contaminação, terá existido uma forma *sarâmpulo*, isto é, com o sufixo *-ulo* que se aglutinasse a *sarampo*?

SÊSSEGO — sesso, traseiro, nádegas. Tudo indica analogia com *pêssego*.

SE SINHOR — sim, senhor. Trata-se de um locução adverbial deferente resposta afirmativa. A pronúncia do primeiro elemento resulta de dupla dissimilação, em fonética sintáctica. Sendo *sinhor* a prolação do segundo elemento (Ap. 21), passar-se-ia, na expressão locucional, de *sim-sinhor* para *sem-sinhor* (Ap. 23), como ainda por vezes se ouve, e essa constituiria a primeira fase da dissimilação, que actuou na vogal. Depois, veio a dissimilação que actuou sobre a nasal apagando a ressonância.

SIGUNDO — segundo. O aparecimento do *i* em vez de *e*, neste vocábulo e em *rigular*, *sigurança*, *sigurar*, *siguro*, *siquer*, sugere que haja interferência da consoante uvular.

SIGURANÇA — segurança. V. *sigundo*.

SIGURAR — segurar. V. *sigundo*.

SIGURO — seguro. V. *sigundo*.

SIQUER — sequer. V. *sigundo*.

SIRBA — silva (Aps. 41 e 40).

SOIDADE ou SOUDADE — saudade. Do étimo *solitate* proveio, por queda da líquida intervocálica, *soedade* > *soidade*, na actual forma popular (ou *soudade*, na alternativa do di-

tongo), que traduz «o sentimento de quem está só da pessoa amada e ausente, com tristeza e desejo dela...». A língua culta diz *saudade*, forma que se deve ter realizado (conquanto tal explicação não satisfaça a todos os linguistas) através do cruzamento analógico com *saúde* ou *saudar*, cruzamento a que, na actuação literária, não seria estranha a falsa latinização ao invés, com supor *ou* < *au*.

SÔLHO — soalho. A forma popular é que deriva normalmente do étimo latino *solu-*; a literária sofreu contaminação.

SOMÍTEGO — somítico (Aps. 2 e 4). Cfr. *étego* e *cismátego*.

SONGUINHA — dissimulado, falso ingénuo. É diminutivo de *songa*, forma esta muito menos usada que é encurtamento da onomatopáica *songamonga*. A diminuição é de intento pejorativo, para acentuar a falsidade da dissimulação ou, melhor, o quanto há de fingimento no indivíduo assim apodado.

SORDADO — soldado (Ap. 41).

SORDAR — soldar (Ap. 41).

SPREMENTAR — experimentar (Aps. 54, 3 e 23).

SPRITAL^o — hospital. A mudança da sílaba inicial para *es-* ou *'s-*, em vez de *hos-* ou *os-* foi consequência da absorção pelo artigo: «o hospital» soa «o 'spital». Daí, *espital*, quando se evita o *s* impuro. Confronte-se *escutar*, de *auscultare* > *oscultar*, e *escuro*, de *obscuru-*, que ainda em espanhol é *oscuro*. Por cruzamento com *espírito* ou *'sprito* surgiu o *r* epentético. Interessante será notar que a epêntese do *r* desaparece se o nome for precedido de *p'ra* ou, melhor, de *p'rô* (< *para o*), facto que se deve a dissimulação em fonética sintáctica. Assim, diz-se «Ela bêu do 'sprital» (veio do hospital) ou «Ela stibe no 'sprital» (esteve no hospital); mas, já diferentemente, «Ela foi prò spital». Ainda a respeito da mudança na primeira sílaba, compare-se também *esmar* < *osmar* < *estimare*, com o seu regressivo *esmo* (da expressão «a esmo»), e igualmente *estau* < *ostao* < *hospitale*, mais conhecido da designação «Palácio dos Estaus».

STIPOR — estupor (Aps. 19 e 54). O termo emprega-se só como insulto, talvez eufemístico da obscenidade que a última sílaba sublembra. Em todo o caso, a palavra é catassémica ou quase, pois não possui pròpriamente nenhuma significação precisa, conquanto se tome por gravemente insultuosa e ofensiva.

SUMANA — semana (Ap. 5).

TABALIÃO — tabelião, notário: reforço, para manter o *l* em sílaba independente.

TAMÉM — também. O *b* foi assimilado pela nasal homorgânica. Seguiu-se a perda da ressonância nasal e a supressão haplológica do primeiro dos fonemas repetidos. Cfr. *imora*.

TANAZES — tenaz (instrumento). É um «plurale tantum»: «Pega-le c'ñas tanazes». A mudança de *e* para *a*, na primeira sílaba, parece influência do *n*: comp. *alfanete*, *açanar*, *anadota*, *sanapismo*.

- TAPUÇO — tapulho, aquilo com que se tapa um buraco ou fenda: troca de sufixo por outro menos raro. Do mesmo jeito, *intapuçar*, q. v.
- TAREAR — tarar: troca por sufixo verbal mais significativo? distanciamento das vogais indissimiláveis?
- TATARANETO — trineto: de tetraneto com suarabacti (Ap. 37).
- TAURBEZ — talvez (Aps. 41 e 40).
- TEMOR — tumor (Ap. 19).
- TEMPRÃO — temporão. Dissimilado o o do p, deu-se o fenómeno de Ap. 3.
- TESOREILHO — trasorelho. A frequente alternância em português dos prefixos *trans-*, *tras-*, *tres-*, que constituem aliás série fonética do primeiro deles, deu a forma *tresorelho*: cfr. *transpassar*, *traspassar* e *trespassar*, *transbordar*, *trasbordar* e *tresbordar*, etc. A forma registada é resultante de dissimilação dos *rr* e do alargamento de Ap. 21.
- TESOUREILHO — trasorelho: alotropia de *tresorelho*, por contaminação de *tesouras* devida à homofonia das três sílabas.
- TESTÃO — tostão (Ap. 19, pois a nasal se profere *-om*).
- TIFE — tifo. Foneticamente é difícil de explicar o fenómeno. Haverá, pois, algum movimento de ordem psicológica, mas as terminações idênticas de palavras como *patife*, *bife*, *requife*, não parecem bastantes, em vista de não se depararem aproximações de sentido.
- TISOURÁS — tesoura. É «plurale tantum», por motivo das suas duas partes geminadas, conforme sucede com numerosos vocábulos da linguagem corrente (v. g. as calças, as cuecas, as bragas, as algemas) e tal-qualmente se dá com os vocábulos correspondentes em francês («ciseaux») e em italiano («cesoie»).
- TITOR — tutor: dissim., talvez com influxo analógico de *tio*.
- TRABULENTO — turbulento. Após a metátese de Ap. 44, a dissim. de Ap. 19, seguida do reforço de Ap. 2.
- TRABOADA — trovoadas (Aps. 19 e 2). Também é audível a forma sem reforço *treboada*.
- TRAÇADO — terçado, espada curta (Aps. 44 e 2).
- TREBOAR — trovoar (Aps. 19 e 41).
- TRECEIRO — terceiro (Ap. 44).
- TREÇOLHO — terçolho ou terçol (Ap. 44).
- TREMINOS — modos, maneiras, posição do corpo: «Ó Questódia, isso são treminos dũa rapariga?!». É «plurale tantum» e usa-se mais na expressão locucional «*estar em treminos de*», que corresponde a «*estar em vias de*» e, ainda mais exactamente, ao francês «*être en train de*»: «*Bi-me em treminos d'ir parar ò rio*». Também significa «a ponto de», «sob pena de»: «*Que m'arrãije melhor as mangas do casaco, cũ treminos d'eu lo nũ pàgar*».
- TRETULHO — tortulho (Aps. 44 e 19).
- TRIATO — teatro (Ap. 44).
- TRINTCHUDA — tronchuda, couve tronchuda (Aps. 19, 49 e 21).
- TRINGALHO — frangalho, pedaço a despegar-se: «Nũ tẽis ber-

gôinha d'andares co'essa saia òs tringalhos?». De *trangalho*, por dissimilação.

TROCIER — torcer (Ap. 44).

TROMENTO — tormento (Ap. 44).

TRUITA — truta: cfr. *fruta*, *luta*, etc.

UBIAR — uivar metátese e Ap. 40.

UGALHA — igualha. Usa-se apenas pejorativamente: «Tu que jurgas? Óilha qu'eu nũ sou da tua ugalha...».

UGÊNIA — Eugénia. Em documentos de latim bárbaro já se encontra a forma *Ogenia*. Após a crase do ditongo inicial, haver-se-á produzido dissimilação.

USIFRUITO — usufruto. O povo decompõe o termo nos dois elementos constitutivos e, inconsciente da regência que se estabelecia na forma flexional do primeiro em relação ao significado verbal do segundo, estabeleceu coordenação entre os dois substantivos que nesses elementos julgou ver, ligando-os, por isso, com síndeto: *uso-e-fruito*, donde, por crase, *usifruido*. Constitui, assim, um caso muito interessante de etimologia popular.

XARAGÃO — enxergão: comp. a forma *inxaragão*, s. v. Em castelhano há *jerga* e *jergón*, que devem ser os étimos das nossas palavras *enxerga* e *enxergão*. V. os Aps. 2 e 37.

ZARAPILHEIRA — serapilheira. V. Ap. 2 e cfr. *sarabanda* e *zeribanda*, assim como *soar* e *zoar*, *socar* e *zucar*.

ZEBIEIRO — azevieiro, esperto, ladino, desembaraçado. A aférese do *a* ter-se-á produzido primeiro na flexão feminina por absorção no artigo.

ZEFA — Josefa. É dicção que nasceu hipocorística, como *Zé*, de *José*, mas tornada hoje em vocábulo praticamente normal: «Senhora Josefa» profere-se «S' Zefa».

ZOIR — zunir, zumbir. Cruzamento da forma reduzida *zuir*, de *zunir*, com *zoar*, alter. onomatopaica de *soar*: as formas rizotónicas têm o como vogal da sílaba.



3.^a PARTE

ASPECTOS MORFOLÓGICOS

- I — Dos nomes
- II — Dos artigos e pronomes
- III — Da flexão verbal
- IV — Dos advérbios
- V — Dos vocábulos conectivos
- VI — Das expressões interjectivas
- VII — Da derivação

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
AND
ZOOLOGY
OF THE
CITY OF LONDON
1871

THE LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
AND
ZOOLOGY
OF THE
CITY OF LONDON

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
AND
ZOOLOGY
OF THE
CITY OF LONDON
1871

I — DOS NOMES

69.

A maioria das particularidades morfológicas que no falar minhoto se deparam não passam de consequências de causas fonéticas ou, então, de ajeitamento provocado pelas alterações glotológicas. Não são, também, poucas as peculiaridades na morfologia dialectal que houveram causas de ordem sematológica, as quais, consoante se tem já observado nestes apontamentos, muito concorreram para as formas especiais que muitos dos vocábulos tomaram. Fora disso, a morfologia interamnense não se distingue da morfologia geral do português e possui, com efeito, a mesma índole que informa a língua culta.

70.

Alguns, mui raros, substantivos têm género diferente do que lhes dá a linguagem comum.

Assim, diz-se «tirar o febre», para significar a verificação da temperatura do doente por meio do termómetro. Será o género deste instrumento que haverá influído para que *febre* seja masculino. A explicação aventada tomar-se-á, talvez, por especiosa, mas não deve julgar-se de todo fantasista. Com efeito, é fácil transitar da expressão «tirar o termómetro», a fim de ver a febre, para a expressão reduzida «tirar o febre» (tanto mais que «termómetro» não é vocábulo de jeito popular), e daqui seguir-se a mutação de género, «o febre», sofrida pelo substantivo. Deste modo, estaremos, por conseguinte, diante de um fenómeno de ordem semântica e não de ordem analógica: os nomes terminados em *-e* mudo podem ser de qualquer dos géneros, e *lebre*, que com *febre* tem perfeita identidade de consonância a partir da vogal tónica, é nome feminino.

Ouvi dizer *uma fantasma*, troca de género de carácter analógico, por influência da terminação feminina. Confronte-se com a palavra cognata *avantesma*, muito mais usada. Veja-se, também, *rêis* no Glossário de Formas Dialectais.

71.

Se aplicado a mulheres, é frequente dar-se ao apelido de terminação masculina uma forma de aspecto feminino, ainda quando o nome comum de que deriva o apelido não tenha flexão feminina, ou quando o apelido é nome próprio sem relação próxima com

nome comum: as *Brandoas* (por as *Brandões*), as *Leitoas* (por as *Leitões*), as *Carmas* (por as *Carmos*), as *Martinhas* (por as *Martins*), a *Azeveda* (por a *Azevedo*), a *Rosa Monteiro* (por a *Rosa Monteiro*). Sobre todas interessante vem a ser esta feminização: a mulher de um indivíduo de apelido *Reis*, que o povo singulariza em *Rei*, é designada por *Zefa Rainha*, ou simplesmente por a *Rainha*.

72.

Poucas pessoas são geralmente conhecidas pelo apelido com que estão civilmente registadas. O apelido por que de facto se conhecem provém, as mais das vezes, do local em que nasceram ou habitam, e também do mester em que se ocupam, essas pessoas ou os pais. Noutro lugar do presente trabalho voltarei a referir-me a estes sobrenomes, assunto em que toquei agora a fim de mencionar outro caso interessante de feminização de apelido. O pai era barbeiro de sua profissão e conheciam-no pelo nome de baptismo: era o *Vitorino* ou o s' *Vitorino*. Já faleceu, mas os filhos são conhecidos pelo sobrenome que lhes veio da profissão paterna. E a filha, que, por certo, nunca utilizou navalha para barbear, nomeiam-na de *Rita Barbeira*, na apelação fazendo, assim, concordância de género, consoante registei no apontamento anterior.

73.

Como consequência da pronúncia respectiva que assinalei no Ap. 27, os femininos — que deveriam ser em *-ã* — dos nomes que no masculino terminam em *-ão* tónico e aberto (do lat. *-anu-*, fem. *-ana-*) ouvem-se de forma igual à do masculino, isto é, igualmente em *-ão*: «O irmão dele é o home da minha irmão». As madrinhas, no regresso do baptizado, entregam o neófito à mãe, com este dizer: «Comadre, intregou-ma *pagão*, intrego-la *cristão*». Quando se trata de um baptizando do sexo masculino, apenas se nota diferença no género do pronome complemento directo.

74.

Registei alguns *pluralia tantum* regionais. Diz-se *umas tisouras* ou *um par de tisouras*, e diz-se, conforme se apontou no Glossário de Formas Dialectais, *as rês* (ilhargas), *tanazes* (tenaz), *treminos* (modos, posição do corpo).

75.

Como regra geral, os nomes em *-ão* pluralizam-se de três maneiras, tal-qual sucede na linguagem literária, isto é, em *-ãos*, em *-ães* e em *-ões*. Há, todavia, peculiaridade na escolha destes plurais, as mais delas resultantes da pronúncia do ditongo no singular ou dependentes desta pronúncia. Se o ditongo nasal se profere aberto e tónico, o plural faz-se normalmente em *-ãos*. «Eu ténho dous irmãos e também duas irmãos; eles som doentes, mas

elas stom são¹. Poucos são os que mudam para -ães, como *cão*, *cães*. Caso específico é o de *mação*, *mações*.

Quando no singular o ditongo é fechado, ou mesmo não chega a haver ditongo -ão (pronunciado *õ'e* ou *õ*), nesses casos o plural faz-se em *ões*, muitas vezes diferentemente da pluralização gramatical: *pão*, *pões*; *capitão*, *capitões*; *tabalião*, *tabaliões*; *scribão*, *scribões*; *capelão*, *capelões*. Explica-se este facto pela analogia com os nomes que no português arcaico terminavam em -om (v. g. *patrom* > *patrão*) e que, passando para -ão, realizam o plural em -ões. Aliás não admira que a fala popular confunda os plurais dos nomes em -ão, quando na língua culta prevaleceram alguns plurais contrários à regra da etimologia, tais como: *verões*, *vilões*, *capitães*, *aldeões* ou *aldeães*, *serões* (comp. a variante *saraus*), *anciões* ou *anciães*, *anões*, *corrimões*, *truões*, *rifões* e até *bênçãos*, cujos plurais etimológicos seriam *verãos*, *vilãos*, *capitãos*, *aldeãos*, *serãos*, *anciãos*, *anãos*, *corrimãos*, *truães*, *rifães*, *bênções*.

76.

Muitos dos oxítonos terminados em vogal descoberta realizam o plural com acrescentamentos de -ses e não apenas de -s: *pó*, *poses*; *ilhó*, *ilhoses*; *só*, *soses*; *pé*, *peses*; *café*, *cafeses*; *chá*, *chases*; *cu*, *cuses*; *gerimu*, *gerimuses*. Terá havido influxo dos plurais correctos *nozes*, *vozes*, *luzes*, *capuzes*, *pazes* e outros. Note-se que *pá* faz *pás*.

77.

A influência do género na terminação dos adjectivos que possuem desinência feminina, e são normalmente uniformes, manifesta-se às vezes na troca da terminação. Assim «careca», empregado como adjectivo, diz-se amiúde na forma *careco*; chama-se «pêssego careco» à variedade de pêssegos que não têm velo. Aproxime-se este caso do que se registou no Ap. 70.

78.

O adjectivo *mau*, quando na singular e em próclise, não varia com o género, em minhoto puro: *má home*, *má mulher*; *má bicho*, *má bicha*; *má questume* (costume), *má bida*. Aponteí este dizer: «Aquilo foi do binho, qu'ele nũ é má home». Das pessoas ruivas é costume opinar-se, por embirração: «É ruço de má pêlo».

79.

Diz-se *malzinho*, *malzinha*, para significar muito doente. O advérbio fez-se adjectivo, e o sufixo diminutivo é concomitantemente compassivo ou carinhoso e de valor superlativo.

A mudança sematológica para adjectivo foi consequência de

¹ Recorde-se o que ficou dito nos Aps. 22 e 28 da Fon. e no Ap. 73 da Morfologia.

frases como «ele está mal», «ela está mal», nas quais a função predicativa de *mal* fez o advérbio corresponder morfologicamente a adjetivo, visto que já sintacticamente se dá tal correspondência. A equiparação acentuou-se quando, caridosamente, se empregou a forma diminutiva do advérbio: «Ele está malzinho». E facilmente se compreende que, sendo o sujeito feminino, se passasse da construção adverbial «Ela está malzinho» para a sintaxe adjectivada «Ela está malzinha».

Coteje-se o que sucede com *pouquinho* e *pouquinha*, de *pouco*; *rentinho* e *rentinha*, de *rente*; *juntinho* e *juntinha*, de *junto*; e ainda com *cedinho*, *tardinho*, *pertinho*, *longinho*, *devagarinho*, *depressinha*.

80.

Entre os prenomes hipocorísticos regionais, alguns deles comuns a outras regiões, podem citar-se: *Zé*, de José, *Nel*, de Manuel, *Tone*, de Antone ou António, *Quico*, de Francisco, *Quim*, de Joaquim, *Maricas* e *Quinhas*, de Maria, *Zefa*, de Josefa, *Quica*, de Francisca. Todos são susceptíveis de sufixo diminutivo, também como hipocorístico: *Zèzinho*, *Nèlinho*, *Toninho*, *Quiquinho*, *Quinzinho*, *Mariquinhas*, *Zèfinha*, *Quiquinha*. Estes usam-se frequentíssimos, tanto mais que os primeiros, de tanto empregados, já são principalmente abreviaturas usuais.



II — DOS ARTIGOS E PRONOMES

81.

Muito de assinalar é o largo emprego que, para evitar hiatos, se faz, neste linguajar nortenho, da forma arcaica — *lo, la, los, las* — do artigo definido. Com efeito, usam-se tais formas articulares em posições idênticas àquelas em que a língua geral utiliza as correspondentes formas pronominais: «Biste lo Manel por i?» (Vistes o Manuel por aí?); — «Bai dá la erbò gado» (Vai dar a erva ao gado); — «Munto custa a lubá la bida!» (Muito custa a levar a vida!); — «A Quica do Eiteiro já fê las pazes c'o pai» (A Francisca do Outeiro já fez as pazes com o pai).

Facto paralelo se produz com as formas assimiladas a nasal: «Logo bem na tchuba e móilha tudo» (Logo vem a chuva e molha tudo); — «Som nos três milhores que bós troufeste» (São os três melhores que trouxestes); — «Aqueles lébũ na bida regalada» (Aqueles levam a vida regalada).

Também aponte este puro arcaísmo pronominal: «Ele sabe-las bôs» (Ele sabe-as boas).

82.

Ao passo que o demais português substitui a preposição *por* pela preposição *per* ao fazer aglutinação com o artigo, aqui no Minho mantém-se geralmente *por-lo*, etc.: «polo bisto» (pelo visto), «pola minhão» (pela manhã), «polos modos» (pelos modos), «polas augas» (pelas águas).

Porém, se a palavra regida é basitónica e principia por sílaba átona, já aparece então a forma contracta *p'lo* e suas variantes: «Nũ me bás pla quingosta» (Não me vá pela congosta); — «Abriu pla questura» (Abriu pela costura). Também se prefere a forma sincopada quando se segue *l-*: «Intraro pla lóije» (Entraram pela loja); — «Prògunta-le plo lançol» (Pergunta-lhe pelo lençol). No entanto, ouvi: «Bai-me polas tanazes» (Vai-me pelas tenazes, vai buscar-me a tenaz). Em suma, não há regras fixas para opção entre as duas formas.

83.

A preposição *pra* (para) contrai-se com os artigos definidos, nas crases *prò, prà, pròs, pràs*: «Prò ano já entro pràs sortes» (Para o ano já entro à inspecção militar).

Iguais contracções se ouvem com os pronomes pessoais e demonstrativos homónimos: «Bou lá pràs ver» (Vou lá para as ver); — «Isto é prò que der e bier» (Isto é para o quer e vier).

84.

O feminino do artigo indefinido (assim como o numeral e o pronome correspondente) conserva ainda a forma arcaica, *ũa*, anterior ao desenvolvimento do homorgânico *-m-* que reduziu o hiato na linguagem comum. De par com ele estão os femininos pronominais, seus compostos, *algũa* e *ninhũa*:

«Azeitona miudinha
Apanhada ãa a ãa;
As raparigas d'agora
Nũ têm bergôinha ninhũa.»

85.

O adjectivo *tamanho* emprega-se amiúde com o valor etimológico de comparativo de igualdade: «Bi na feira um melão tamanho cumo ãa belancia (Vi na feira um melão tão grande como uma melancia).

Tal peculiaridade não impede o uso do vocábulo com funções de adjectivo absoluto e com as de substantivo, consoante sucede na linguagem geral.

86.

Dum modo genérico, o falar do povo minhoto utiliza os numerais cardinais da língua culta, — salvante as pronúncias ou formas regionais, como *dous*, por dois, *catro*, por quatro, *óito*, por oito. Mas, na enumeração das centenas, prefere decompor o numeral hereditário nos elementos de cuja multiplicação resulta o quantitativo; e, tal-qualmente procedeu a linguagem comum para 400, 600, 700, 800 e 900, diz: *dous centos*, *três centos*, *cinco centos*.

Em lugar do numeral «mil», opta pelo substantivo «milheiro» e conta: *um milheiro*, *dous milheiros*, *catro milheiros*, *trinta milheiros*.

Como *cento* e *milheiro* são nomes substantivos, uma expressão numeral em que entrem os dois elementos, 3200 por exemplo, constrói-se deste jeito: *três milheiros cum dous centos*. E esta expressão mais complexa, 2448: *dous milheiros cum catro centos e mais curenta e óito*.

87.

Dos numerais colectivos conhece o dialecto *dobro* e *tresdobro*, *dúzia* e *carteirão*. Todavia, é mais corrente, excepto no tocante aos dois últimos, serem as proporções multiplicativas indicadas com a utilização do concernede cardinal seguido do termo «*tantos*», o qual, por atracção, concorda em género como se fosse

adjectivo. Assim, diz-se *dobro* ou *dous tantos* (ou *duas tantas*), *três tantos*, *tresdobro* ou *catro tantos*, *cinco tantos*, etc.: «Este castinheiro deu três tantas castáinhas do ano que passou». Pode optar-se pela construção equivalente «...três tantos de castanhas...».

88.

Os numerais fraccionários não se conhecem na linguagem daqui. E compreende-se: as fracções não são nada familiares ao povo, por excederem o geral dos conhecimentos aritméticos adquiridos na prática da vida. No campo dos partitivos, a dotação lexical está limitada, pode dizer-se a *amétade* (metade).

O interessante é que o vulgo entende muito bem as fracções em que o numerador tem menos uma unidade do que o denominador: $2/3$, $3/4$, $4/5$, $5/6$... Quer dizer, o número de avos é sempre de mais um do que as *n* partes indicadas na expressão numeradora, e, portanto, o denominador não se indica, subentende-se. Assim, para significar dois terços, diz-se *duas partes*; para três quartos, *três partes*; para quatro quintos, *quatro partes*. E claro se deduz que *nove partes* vêm a ser nove décimos.

«Meio» é adjectivo; «terço» é o do rosário, sem ideia nenhuma de fracção. O feminino «terça», afora a sua participação em «terça-feira», representa a parte disponível da herança, quer ela seja maior, quer menor do que a concernente fracção numérica: «Deixou-le a terça».

89.

Salvo a forma *le*, do pronome dativo «lhe», fenómeno puramente fonético e peculiar à fala do povo em muitas regiões do País, só há aqui de notável nos pronomes pessoais a sua conjugação quando regidos da preposição *com*. Essa conjugação para as várias pessoas gramaticais dá o seguinte quadro:

- 1.^a p. sing. — *cumigo*
- 2.^a » » — *cuntigo, cum bocê, cunsigo, c'o senhor*
- 3.^a » » — *co'ele, co'ela*
- 1.^a p. plur. — *cum nós, co'a gente*
- 2.^a » » — *cum bós, cum bocês, c'os senhores*
- 3.^a » » — *co'eles, co'elas*.

Como se observa, o facto notável é o dar-se a tautologia da preposição apenas com os pronomes do singular, ou, melhor, com as formas singulares dos pronomes (pois «bocê», «o senhor» e «a gente» funcionam de pronomes). Com os plurais não há tautologia: *connosco* é *cum nós*, *convosco* é *cum bós*.

90.

Não consegui ainda explicação bastante para que *tais*, forma plural do demonstrativo, sirva em minhoto os dois números gramaticais indistintamente: «Este é qui é o tais?» (Este é que é o tal?).

Compare-se a forma correlativa *cais* (qual, quais), a que adiante se há-de aludir.

Constitui *os mais* (e o seu feminino *as mais*) expressão demonstrativa que vale por «os outros» («as outras»), quer em funções adjectivas, quer em funções pronominais: «Os mais homes d'ò pé dele que hão dezer a isto?» (Os outros homens da vizinhança que hão dizer a isso?); — «Maria bai co'as mais» (A Maria vai com as outras).

91.

A frase *tudo é um* significa «vem a ser o mesmo». Tem, pois, a palavra «um», nesta expressão, valor de demonstrativo.

E foi assim que tomou tal valor:

«O qu'eu disse e o que 'tás a dezer é tudo um». Nesta acepção, o vocábulo (originariamente numeral — «tudo é um» equivalente a «tudo é um só») evoluciona no significado de «uma só cousa» para «uma e a mesma cousa» ou simplesmente «a mesma cousa».

É de aproximar o aforismo «Honra e proveito não cabem num saco», no qual se depara significado idêntico: «...não cabem no mesmo saco».

92.

A linguagem interamnense, aliás como o falar extreme do povo de todo o País, quase só emprega o pronome relativo *que* para introduzir as concernentes orações.

O relativo *quem* só se utiliza quando em si contém o antecedente: «Quem nũ quer ser lobo nũ le beste a pel». Incluem-se nesta condição os empregos de «quem» com funções nas quais se correlacione com outro termo da frase, que de facto não é seu antecedente: «Hoje és tu quem bais» (sic).

Em condições comparáveis às deste pronome está o adverbial *onde*.

Quanto aos outros relativos, variáveis ou invariáveis, não se empregam, que eu tenha ouvido.

93.

O pronome «qual», quase sempre dito *cais* e mais raro *cal*, só como interrogativo se usa: «Cais é deles?»; — «Cais som eles?».

O indefinido «qualquer» diz-se *caisquer*. Originariamente plural, a forma usa-se para o singular, pronominal ou adjectivo, a par de *caurquer* e muito mais do que este. O facto deve assentar na singularidade do processo flexional: a flexão, por não se dar no último elemento, não imprime ao vocábulo aspecto bastante de plural. Por consequência, este veio aqui a fazer-se duplamente, com a pluralização no último elemento do já plural «caisquer», que passou a ser «caisqueres» ou, antes, «caisquers». E deste plural se deduziu regressivamente o citado singular «caisquer».

Entretanto, este indefinido, quando pronome, vai amiúde seguido locucionalmente de «um», ou seja *caisquer um* ou *caur-*

quer um: «Cais deles quer bomecê? — Caurquer um» (Qual deles quer vocemecê? — Um qualquer).

94.

O indefinido «todos», seguido de artigo, ouve-se com frequência na forma *tôdolos* e na sua moção feminina. Tal sobrevivência do arcaísmo aparece mais nas circunstâncias de lugar ou de tempo em que se omite a preposição, como em «*tôdolos dias*», por «em todos os dias», e em «*tôdalas sumanas*», por «em todas as semanas». Apontei textualmente a seguinte frase: «Dás-le sumiço tôdalas bezes que ta impresto. Agora pròscurei-a por tôdolos sítios e nũ na topei».



III — DA FLEXÃO VERBAL

95.

A flexão verbal apresenta uma das características mais salientes deste regionalismo linguístico: — a independência da evolução fonética de cada uma de todas as flexões de cada verbo. Quer dizer: em princípio, cada verbo regula-se por si próprio, acompanhado apenas pelos seus compostos, sem imitar outros quadros flexionais. É certo que há muitas flexões paralelas entre os verbos: mas trata-se de coincidências e não de paralelismos paradigmáticos.

A analogia, em contrário do que sucede na língua geral, não interfere para estabelecer simetria de flexões entre verbos e só, como veremos, influi adentro de séries conjugativas do mesmo verbo. Fora disto, a lei fonética é tudo. Daí a frequência de flexões irregulares em verbos que, fora do falar do Minho, podem servir de paradigmas.

Mais precisamente: — a analogia só haverá intervindo nas desinências pessoais, pois nos temas, e até nas características de modos e tempos, imperou livre a fonética, com as suas leis regionais próprias.

É assim que o verbo «levar» (*lubar*) constituiu dest'arte o seu presente do indicativo: *lebo, lebas, leba, lubámos, lubaides* (ou *lubãides*), *lebo*. E que o verbo «quebrar» (*cubrar*) se conjuga: *crebo, crebas, creba, cubrámos, cubraides* (ou *cubrãides*), *crebo*.

Aliás a fraqueza do influxo analógico também se comprova doutras maneiras, quais sejam: — a persistência de certas formas etimológicas, como *ballo* < *valeo* e *baila* < *valeam*, ao lado de *bales* < *vales* e de *balemos* < *valemus*; — a sobrevivência da flexão *imos* (e não «vamos») na 1.^a pessoa do plural do indicativo presente do verbo *ir*; — a palatalização do *z* ao contacto com um *i* em flexões como *fijeste, fijesses, fijeres*, apesar de tão apertadamente cognatas com as outras formas do verbo *fazer* na concernede série de conjugação.

Muitas outras considerações haveria a desenvolver, e bem mais longas e detidas, acerca das peculiaridades da flexão verbal. Não se coadunariam, porém, semelhantes considerações com a índole, meramente informativa, deste trabalho.

Assim, que nos bastem os apontamentos a seguir registados, sem grandes preocupações de ordem científica.

O verbo *TER* possui no falar interamnense funções morfológicas em tudo equivalentes às da língua comum. E, porque gramaticalmente é irregular em português, não se esperaria que fosse na fala do Minho mais regular, como não é.

No entanto, algumas das suas flexões apresentam peculiaridades dialectais, consequentes umas das particularidades fonéticas expostas na 1.ª parte do presente estudo, filiadas outras nas consequências mórficas daquelas particularidades.

a) A 3.ª pessoa do plural do indicativo presente é *têinhem*. A flexão latina, *tenent*, perdido o *-t* final desapoiado, evolucionou em português com a transformação dos *nn* em resonâncias nasais: *têẽ*. E é assim, geralmente, a dicção comum, embora se preceitue como boa a forma *tê*, tanto para a 3.ª pessoa do singular como para a 3.ª do plural, com a artificiosa diferenciação gráfica de se sobrepor acento circunflexo na do plural (*tem* e *têm*). No dialecto do Minho, não sendo curial a contracção das duas nasais de *têẽ*, por ambas se proferirem regionalmente ditongadas (*têiêi*), forçoso era reduzir-se o hiato por outro processo. E foi ele, muito normalmente, o desenvolvimento de uma consoante homorgânica da tónica (*-nh-*) com que aplanou o duríssimo hiato. Dentro da língua comum, comparem-se, neste mesmo verbo, as formas *tenho* < *têo* < *teneo*, *tenha* < *têa* < *teneam*, etc., e, ainda, reduções de hiatos como se produziram em *penha* < *pêa* < *pêna*, em *vinho* < *vîo* < *vinum*, etc., etc.

b) No conjuntivo presente, a 1.ª e 2.ª pessoas do plural proferem-se *têinhamos* e *têinhas*, com rizotonia por manifesta influência analógica das demais flexões da sua série. Trata-se, em primeiro lugar, do mesmíssimo fenómeno de analogia na tonicidade que em toda a nossa língua se realizou no tocante às correspondentes flexões no imperfeito do indicativo, as quais, embora no latim acentuadas na desinência, nós acentuamos na raiz. Atente-se no poder aqui demonstrado pela força da interferência analógica, que se sobrepôs à lei da persistência do acento tónico e à aversão da língua contra a proparoxítonia.

A 1.ª pessoa, *têinhamos*, apresenta a desinência *-nos*, em vez de *-mos*, influenciada, claramente, pelo pronome átono da mesma pessoa. Este, quando em ênclise, com facilidade haverá provocado assimilação regressiva que persistiu, mesmo na flexão desacompanhada de pronome: isto é, de *têinhamo(s)-nos* saiu *têinhano(s)-nos* e daqui ficou *têinhanos*. O fenómeno não é exclusivo desta forma. Repete-se em todos os casos de acentuação esdrúxula desta pessoa gramatical e naqueles em que a desinência *-mos* se precede de *-r-* (infinitivo e futuro do conjuntivo), — e assim no verbo *ter* como em todos os demais verbos.

A 2.ª pessoa, *vós têinhas*, apresenta a desinência reduzida a *-as*, por crase do ditongo final átono (proferido *-âis*), contracção que se coaduna perfeitamente com a índole regional, consoante se

infere dos Aps. 22 e 64, ou seja o apagamento das finais não acentuadas.

Para a ditongação da tónica, em toda esta série conjugativa, veja-se o Ap. 12.

c) No imperfeito do indicativo, a 2.^a pessoa do plural, semelhantemente com o que sucede à do conjuntivo, diz-se *vós tinhas*. E a 3.^a pessoa, *eles tinha*, obedece à desnasalação notada no Ap. 22. A 1.^a pessoa do plural, como se deixou prever acima, diz-se *nós tinhanos*

d) No conjuntivo do imperfeito, o plural declina-se *nós tibésenos, bós tibesses, eles tibesse*. Afora a consabida prolação do *v*, aponta-se, na 1.^a pessoa, a troca já explicada da consoante desinencial; na 2.^a pessoa a crase do ditongo átono, também acima esclarecida, e a regular desnasalação da final átona, na 3.^a pessoa.

e) O pretérito definido — *eu tebe, tu tibestes, ele tibe, nós tibémos, bós tibeste, eles tiberó* — só na 1.^a pessoa do plural, e ainda exceptuada a prolação *b* por *v*, não se diferencia da linguagem padrão. A 1.^a e a 3.^a pessoas do singular diversificaram-se de modo oposto ao que se verificou no português normal. Por evolução fonética, estas flexões haveriam chegado em português a formas idênticas, porquanto, desaparecida muito cedo a desinência *-t* da 3.^a pessoa latina, a sua flexão igualou-se à da 1.^a, não só neste verbo mas também na maioria dos demais. Agindo por dissimilação sintáctica, a nossa língua tratou de diferenciar a 1.^a pessoa (alinhando-a pela 2.^a, em que se produzira dissimilação fonética das vogais). O falar minhoto procedeu em sentido inverso, pois realizou dissimilação sintáctica progressiva, em vez de regressiva, pelo que diferenciou a 3.^a pessoa, enquanto manteve a 1.^a foneticamente.

Outra permuta se nos depara nas 2.^{as} pessoas. A do singular aparece-nos sigmática por ter recebido analógicamente o *-s* desinencial que nos demais tempos a caracteriza. Contrariamente, e para se distinguir, a 2.^a do plural (*tibeste*) perdeu o *-s* da desinência original.

Muito regularmente, no dialecto, a 3.^a pessoa do plural desnasalou-se (Ap. 22).

f) O mais-que-perfeito não possui formas sintéticas. Só se empregam as formas compostas, tanto neste como nos restantes verbos, salvo em frases feitas, de intento condicional ou optativo.

g) Excepto na 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas do plural — respectivamente *nós tibernos, bós tiberes e eles tiber*, — o futuro imperfeito do conjuntivo, se não atentarmos na prolação do *v*, molda-se pela fala comum. Em *tiberes* não houve propriamente queda do *d* que se diz na forma corrente, mas uma dedução analógica das outras formas da mesma série flexional, com apagamento do ditongo por átono

final, em obediência ao que consta do § b) deste Apontamento. Em *eles tiber*, após a desnasalação de Ap. 22, o *e* final caiu, muito regularmente, porque o *r* se apoiou na sílaba anterior.

97.

O verbo *SER* nada tem de especial no significado e, como auxiliar, exerce actuação igual àquela com que intervém na linguagem corrente. Mas possui interessantes peculiaridades flexionais.

a) No indicativo presente, apontem-se as flexões *nós semos* e *bós sendes*. A primeira é deduzida analógicamente do infinitivo. A segunda, ao mesmo passo que mantém o *e* do tema do infinito, saiu filha analógica da correspondente flexão do verbo *ter*, a qual, conforme iremos vendo, fecundou abundantemente os verbos minhotos. Por influência de *somos*, dicção audível, também se ouve a flexão *bós sondes*, em que a nasal, creio que apadrinhada pela mesma pessoa de *ter*, haverá surgido do cruzamento com *pondes*, de *pôr*.

b) No pretérito definido, importa destacar as flexões *eu foi*, *tu fostes*, *bós foste* e *eles fôro*. Ao contrário do que sucedeu na língua normal, o *u* da 1.^a pessoa do singular do étimo latino (*fui*), fonema que a evolução fonológica do vocalismo passou para *ô* e que regressou a *u* sob a influência de *i* (*fui* > *foi* > *fui*), manteve-se no som intermediário, *ô*, frustrando assim a necessidade de distinção da 3.^a pessoa. Há, por consequência, identidade nas flexões da 1.^a e 3.^a pessoas do singular. Encontraremos facto paralelo nos verbos *poder* e *pôr* (*eu pôde* eu *pôs*). Para as outras três formas destacadas, serve a explicação que ficou dada no Ap. 96. e) a respeito das formas do verbo *ter*.

c) O plural do conjuntivo presente — *nós sêjanos*, *bós sejam*, *eles sejo*, é explicável tal-qualmente as formas correspondentes do verbo *ter* (§ b) do Ap. 96).

d) Para as formas do imperfeito do indicativo *nós éranos*, *bós eras* e *eles ero*, as únicas peculiares, ajusta-se exactamente o que no Ap. 96. c) se deixou dito.

e) No imperfeito do conjuntivo, só o plural mostra peculiaridade: *nós fôssenos*, *bós fôsses*, *eles fôsse*. A troca de consoante desinencial na 1.^a pessoa cabe sempre na peculiaridade assinalada em Ap. 96. b), assim como para a 2.^a o apagamento do ditongo. Na 3.^a pessoa, produz-se, conforme a regra fixada no Ap. 22, a perda de nasalação da átona final.

f) Não existem formas simples do mais-que-perfeito

g) No conjuntivo do futuro, as flexões *nós fornós*, *bós fôres* e *eles fôr* estão conformes com *nós tibernos*, *bós tiberes* e *eles tiber* (q. v. supra).

98.

Nas conjugações chamadas regulares, isto é, naquelas cujo quadro conjugativo, partindo de um tema verbal-geral, se constitui de acordo com o quadro de um paradigma, os verbos minhotos só pelas características modais-temporais e pelas desinências pessoais próprias obedecem estritamente a um quadro paradigmático. Os temas, ainda nos verbos que na língua geral se classificam de regulares, podem sofrer, e muitas vezes sofrem, alterações mais ou menos profundas, por se sujeitarem às peculiaridades fonéticas da região dialectal, as quais aqui sobrelevam à rasoura analogística, normal do falar comum.

Assim, dos verbos *falar*, *andar*, *acabar*, *quebrar*, *beber*, *abrir*, que são paradigmáticos na língua portuguesa (com a só restrição para o último do particípio *aberto*), apenas os três primeiros se conjugam no Minho sem nenhum acidente temático.

Os três restantes, cujo infinito se diz *cubrar*, *buber*, *arbir*, sofrem constantes alterações no tema através do seu quadro flexional. Com efeito, *cubrar*, ao lado de *cubrei* e de *cubrarão*, formas condicentes com o infinitivo, apresenta flexões como *crebo* e *creba* que resultam de fonologia independente. De maneira semelhante *buber* tem flexões, como *bubia* e *bubeste*, que se diriam de derivação analógica do infinito, e flexões, como *bebas* e *bebem*, que se tomariam por deduzidas de um infinito *beber*, aqui inexistente. E *arbir*, se possui flexões, como *arbi* e *arbia*, que poderiam ser consideradas como provindas desse infinito, também se flexiona *aibro* e *aibram*, em formas, portanto, que se encontram muito longe de alinhar com aquele tema.

Para verbos como estes, a manutenção ou alteração temática dependem essencialmente da rizo- ou arrizotonia da flexão, conforme se poderá adiante ver em pormenor.

99.

Tomando por paradigmas das três conjugações os verbos *andar*, *bater* e *partir*, que em todo o seu quadro não apresentam acidentes temáticos, esquematizam-se, a seguir, as terminações de cada um dos modos e tempos simples. Apocopado cada infinito da sua terminação *-ar*, *-er* ou *-ir*, e aglutinadas as terminações que se indicam (as quais englobam a característica modal-temporal e as desinências), obtém-se a flexão pretendida. Vão as terminações seriadas em colunas correspondentes às conjugações referidas.

a) Para terminações do indicativo presente, podem destacar-se pela maneira acima anunciada:

-o	-o	-o
-as	-es	-es
-a	-e	-e
-ámos	-emos	-imos
-aides ou -ãides	-eides ou -endes (-eis)	-ides (-is)
-o	-e	-e

Nada se nota, pois, de especial nas terminações do singular; e na 1.^a pessoa do plural apenas se repara na vogal tónica dos temas em *-a*, por ser aberta e pura e não fechada e nasal como na pronúncia padrão. Na 2.^a pessoa do plural atenta-se na existência de mais de uma forma (a que se fará adiante melhor referência), e uma até com terminação resultante da interferência da língua culta. Na 3.^a pessoa do plural, o *-e* reduz-se a zero com verbos de *l* ou *r* na sílaba última do tema.

b) Das terminações do conjuntivo presente só interessam as dos plurais, que nas outras nada há de especial:

-emos	-anos (átona)	-anos (átona)
-eis	-as	-as
-e	-o	-o

A explicação da 1.^a pessoa na segunda e terceira conjugações (as rizotónicas do tipo *nós bátanos*, *nós pártanos*) já ficou dada, em b) do Ap. 96, para a correspondente flexão do verbo *ter*. Também se aplica à 2.^a pessoa das mesmas conjugações o que nesse passo do verbo *ter* se diz a tal respeito. A 3.^a pessoa das três conjugações apresenta a desnasalização que é de regra nas finais átonas, conforme o Ap. 22.

c) No imperativo, o singular não se distingue da conjugação normal. Porém a 2.^a pessoa do plural pode optar por duas ou três formas, como segue:

-aide	-eide	-ide
-ãide	-ende	—
—	-ei	-i

Para os verbos em *-ar* não se vê ainda influxo da língua geral, como se vê nas outras conjugações. E no lugar respectivo se dirá das flexões específicas.

d) Em puro falar minhoto, o condicional não existe como série flexional. Como tempo — a significar um futuro no pretérito — substitui-se por perífrase com o auxiliar *haver* no imperfeito: *prometeu-me qu'havia de pagar inté sábado*» (*prometeu-me que pagaria até sábado*). Quando é modo, substitui-se pelo imperfeito: «*prometeu-me qu'havia de pagar inté sábado*» (*prometeu-me entanto, poderão ouvir-se, em pessoas contaminadas de fala culta, as formas privativas do condicional, exactas nas flexões do singular, mas com as terminações seguintes, nos plurais:*

-arianos	-erianos	-irianos
-arias	-erias	-irias
-ario	-erio	-irio

O parágrafo b) deste Ap., *mutatis mutandis*, explica essas formas.

e) O infinito pessoal, tão frequente na fala interamnense como em toda a nossa linguagem, apenas nos seus plurais toma jeitos específicos, aliás obedientes às peculiaridades que já se apontaram para outras séries:

-arnos	-ernos	-irnos
-ares	-eres	-ires
-ar	-er	-ir

Nota-se total simetria nas três conjugações, no tocante a esta série. Em b) do Ap. 96, escreveu-se o que sucede com a 1.^a e 2.^a pessoas. Quanto às 3.^{as} pessoas, desnasalada a terminação em conformidade com o Ap. 22, repare-se que o -r se encostou à tónica e, muito portuguêsmente, deixou cair o -e inútil.

f) A conjugação do imperfeito do indicativo constitui-se com as terminações assim:

-aba	-ia	-ia
-abas	-ias	-ias
-aba	-ia	-ia
-ábanos	-íanos	-íanos
-abas	-ias	-ias
-abo	-io	-io

Nas flexões do singular não há, pois, nada de regional, se não se atentar na prolação de *b* por *v*, que aliás se faz em toda a respectiva série, como não poderia deixar de ser. As flexões do plural apresentam, muito obviamente, as peculiaridades já observadas em terminações paralelas.

g) Para o pretérito definido, são estas as terminações que aponte:

-ei	-i	-i
-astes	-estes	-istes
-ou	-eu	-iu
-ámos ou -êmos	-êmos	-imos
-aste	-este	-iste
-aro	-êro	-iro

Como peculiaridade mais saliente, repare-se na sigmatização da 2.^a pessoa do singular, facto gerado pela analogia, que assim uniformiza esta desinência, igualando-a na finalização às desinências da mesma pessoa nas demais séries conjugativas. Em contrapartida, à 2.^a pessoa do plural sincopou-se o -s.

h) Em boa verdade, o mais-que-perfeito não existe com formas simples. Teòricamente, obter-se-ia no singular sem qualquer particularismo, e no plural com adaptações moldadas nas que para o condicional se apontaram.

i) O futuro do conjuntivo, tal-qualmente em linguagem sucede com os verbos regulares, não se distingue formalmente do infinito pessoal, e tem no Minho, por conseguinte, as particularidades que se mostraram na alínea e) deste apontamento.

j) No indicativo do futuro imperfeito, as terminações nada têm de regionalista, a não ser no plural da 2.^a pessoa, que se diz ou com a forma comum (-eis) ou, e mais genuinamente, com a forma -eides, em qualquer das conjugações. Noutra oportunidade se explicará como esta forma apareceu.

l) O imperfeito do conjuntivo só no plural se flexiona com terminações específicas do dialecto:

-ássenos	-êssenos	-íssenos
-asses	-esses	-ísse
-asse	-esse	-isse

Constituem, assim, terminações que obedecem aos tipos regionais já explicados no parágrafo b).

100.

Para aplicação do que se expôs no apontamento precedente, escrevem-se agora as flexões sintéticas de um verbo de tema em -a. Seja ele o verbo *andar* — proferido *ãodar* na pronúncia dialectal, com forte ditongação que se distingue tanto nas formas rizo- como nas arrizotónicas.

a) O indicativo presente, sem peculiaridade no singular, declina-se como segue:

<i>andas</i>	<i>andámos</i>
<i>ando</i>	<i>andaidés</i> ou <i>andãides</i>
<i>anda</i>	<i>ando</i> (às vezes <i>ãodũ</i> , basitónico)

A 1.^a pessoa do plural pronuncia-se com o *a* tónico aberto, em conformidade com a fonologia geral do Minho, em que a vogal pura não se deixa influenciar pelas nasais de sílaba contígua.

A 2.^a pessoa do plural é resultante, opina Leite de Vascelos (Opúsc. II, 215), da reacção de -ais (terminação literária e geral) com -ades, desinência arcaica que terá persistido algum tempo na fala popular. E o grande filólogo transcreve de Camilo, na «Brasileira de Prazins»: «vede se mataides aquele diabo». A

outra forma da 2.^a pessoa, *andãides*, claramente resulta do cruzamento de *andaides* com *tendes*, *vindes*, *pondes*.

A 3.^a pessoa, *eles ando*, não é mais do que a pronúncia normal da região para as nasais átonas de fim de vocábulo (Ap. 22). O ouvido exercitado ainda poderá escutar, por vezes, uns longes de nasalização subsistente: *eles ãodũ* (paroxítono).

b) O conjuntivo presente, se exceptuarmos a 3.^a pessoa do plural, que se desnasaliza em obediência à regra do Ap. 22 (*eles ande*), é igual em toda a série ao da flexionação comum. Importa notar o facto de a 2.^a pessoa do plural (*andeis*) apresentar, ao contrário do que sucede nas outras séries conjugativas, a desinência da linguagem corrente.

c) Simetricamente com o presente do indicativo, o imperativo na sua 2.^a pessoa do plural diz-se com as formas *andaide* ou *andãide*, de similar explicação.

d) O condicional, não encontrável no interamnense puro, poderá ouvir-se como contaminação da língua culta, e, nesse caso, dito com formas regradas no singular e, no plural, com as flexões *andarianos*, *andarias*, *andario*, já por de mais explicadas.

e) O infinito pessoal e o conjuntivo futuro, idênticos aqui como em todas as conjugações regulares da nossa língua, só no plural apresentam peculiaridades: *andarnos*, *andares*, *andar*. A troca da consoante desinencial na 1.^a pessoa deu-se, como já se observou com os paralelos casos esdrúxulos, por interferência do pronome átono respectivo. Merecedora é de especial reparo a falta do *d* na desinência da 2.^a pessoa, o que será talvez de atribuir a paralelismo com a mesma pessoa do singular. Na 3.^a pessoa, afora o desnasalamento, deu-se a queda do *-e* por haver para o *r* o natural apoio na sílaba tónica.

f) No singular do imperfeito do indicativo nada temos para assinalar, a não ser a pronúncia bilabial do *v*, facto de ordem geral. As flexões plurais — *andábanos*, *andabas*, *andabo* — regram-se pelas desinências paralelas já apontadas.

g) O imperfeito do conjuntivo, que no singular em nada se particulariza, alinha no plural pelas flexões regionais das mesmas pessoas, pois se conjuga *andássemos*, *andasses*, *andasse*. Não necessita, por conseguinte, de nova explicação.

h) No pretérito definido é assim que se conjuga o paradigma interamnense:

andei
andastes
andou

andámos ou *andêmos*
andaste
andaro

No singular, apenas se nota de especial a sigmatização da 2.ª pessoa por analogia da terminação da mesma 2.ª pessoa nas demais séries flexionais, sempre com -s. A 1.ª pessoa do plural, a par de *andámos*, tem a forma, talvez mais usada, *andêmos*, consequente por certo da necessidade de a diferenciar do indicativo presente (também com tónica aberta, como se viu) e obtida sob influxo da correspondente forma dos temas em -e. A 2.ª do plural, por diferenciação da do singular, perdeu o -s com que finaliza na língua comum.

i) No futuro imperfeito só a 2.ª pessoa do plural, *andareides*, tem regionalismo. A respeito da terminação desinencial compare-se a correspondente flexão do indicativo presente.

j) São geralmente desconhecidas as formas sintéticas do mais-que-perfeito e só empregadas as formas compostas.

101.

Sirva-nos de paradigma para os temas em -e o verbo *bater*, a que se consagrarão notas mais resumidas, em vista de a maioria das particularidades coincidirem com outras já tratadas.

a) No presente do indicativo, afora a desnasalação da 3.ª pessoa do plural (*eles bate*), apenas é de apontar a 2.ª pessoa do mesmo número, com as suas três alotropias *bateides*, *batendes* e *bateis*. A última, que começa a ouvir-se muito, resulta de influência estranha ao dialecto. A flexão *batendes* provém do cruzamento com a flexão correspondente do verbo *ter*, corroborada pelas de *vir* e *pôr*. E *bateides*, idênticamente ao que sucedeu para *andaides*, filia-se na reacção do arcaísmo tardio *batedes* com o actual *bateis*.

b) No conjuntivo presente, por analogia com as outras flexões desta mesma série modal, são rizotónicas a 1.ª e 2.ª pessoas do plural, *bátanos* e *batas*. Note-se, mais uma vez, o grande poder da analogia, que se sobrepôs à lei da permanência da tónica e que postergou a aversão da nossa língua contra a proparoxitonia, aversão ainda mais intensa em toda a fala popular. A explicação destas terminações e da 3.ª pessoa, *eles bato*, já está repetida *passim*.

c) O imperativo nada tem de específico no singular (*bate tu*), e no plural apresenta as três formas *bateide*, *batende* e *batei*, simétricas com as que se registaram para o indicativo.

d) Ao condicional deste verbo, como ao de todos, aplica-se o que ficou dito a propósito do verbo *andar*. As flexões imitadas da língua culta, idênticas no singular, são no plural *bateríanos*, *baterias*, *baterio*, que não requerem nova explicação.

e) O infinito pessoal e o conjuntivo futuro, de flexões iguais entre ambos como em linguagem, só no plural têm peculiaridade (*nós baternos, bós bateres, eles bater*), a que cabe a explicação já oferecida para os temas em *-a*.

f) Os dois modos do pretérito imperfeito, com regionalismos só no plural, fazem-no, respectivamente, assim:

nós batíanos
bós batias
eles batio

nós batêssenos
bós batesse
eles batesse

Trata-se de formas já sobejamente explanadas, ao apresentarem-se flexões paralelas.

g) O pretérito definido pode seriar-se:

eu bati
tu batestes
ele bateu

nós batemos
bós bateste
eles batêro

São peculiares do dialecto, além da 3.^a pessoa do plural, desnasalada consoante a regra minhota, as 2.^{as} pessoas, uma sigma-tizada para identificação, a outra apocopada do *-s* para se diferenciar.

h) A única forma regional do indicativo futuro é *batereides* (V. i) do Ap. 100); e já se vai ouvindo, em vez dela, empregar *batereis*, por influência da linguagem estranha à lidimez da região.

102.

Se tomarmos como paradigma dos temas em *-i* o verbo *partir*, concluiremos que as peculiaridades nos verbos deste tema são, *mutatis mutandis*, idênticas às apresentadas para as outras conjugações.

a) Assim, o presente do indicativo tem apenas como regionais a 2.^a e a 3.^a pessoas do plural, *bós partides* e *eles parte*, esta com o desnasalamento que é aqui de regra, aquela com a forma arcaica, mantida pura em contrário do que sucede nas demais conjugações, porque a forma actual dos temas em *-i* não é ditongada, como nos temas em *-a* e *-e*.

b) Também nesta conjugação o plural do conjuntivo presente é todo rizotónico (*pártanos, partas, parto*).

c) A flexão plural do imperativo hesita entre a forma arcaica, *partide*, e a forma actual, *parti*.

d) Semelhantemente .ao .que se expôs nas outras conjugações, as flexões plurais do infinito pessoal e do conjuntivo futuro dizem-se *nós partirnos*, *bós partires*, *eles partir*.

e) O imperfeito do indicativo e o do conjuntivo, que nada contêm de específico no singular, flexionam-se no plural com obediência às regras já explanadas para as 1.^{as} e 2.^{as} pessoas, quando dactílicas, e para as 3.^{as} pessoas de nasal átona: respectivamente, *nós partíanos*, *bós partias*, *eles partio*, e *nós partíssenos*, *bós partisses*, *eles partisse*.

f) No pretérito definido, afora a desnasalação da 3.^a pessoa do plural (*eles partiro*), há, como em todos os verbos regionais, a permuta de desinências entre as 2.^{as} pessoas (*tu partistes*, *bós partiste*).

g) No futuro imperfeito, também a 2.^a pessoa do plural destes verbos hesita entre a flexão hodierna (*partireis*) e a manutenção do cruzamento dela com a forma arcaica (*partireides*).

103.

O verbo *arbir* (abrir), em que se verifica posição metatética do *r* temático, poderia considerar-se verbo regular, se não fossem as modificações de radical que se lhe produziram no presente do indicativo, do conjuntivo e do imperativo:

<i>aibro</i>	<i>aibra</i>	—
<i>arbes</i> ou <i>aibres</i>	<i>aibras</i>	<i>aibre</i>
<i>arbe</i> ou <i>aibre</i>	<i>aibra</i>	—
<i>arbimos</i>	<i>áibranos</i>	—
<i>arbides</i> (raro <i>arbis</i>)	<i>aibras</i>	<i>arbide</i> (raro <i>arbi</i>)
<i>aibre</i>	<i>aibro</i>	—

O *i* subjuntivo de ditongo nas formas rizotónicas tem todo o jeito de etimológico. Atente-se na hesitação entre *arbes* e *aibres*, entre *arbe* e *aibre*: como é sabido, os étimos destas duas duplas flexões não no-las dariam ditongadas (alótipos *arbes* e *arbe*); mas lá está a analogia da 1.^a pessoa a provocá-las (alótipos *aibres* e *aibre*). Ao passo que nas flexões da língua geral se faz alinhamento analógico pelo infinito, e por isso nunca aparece o *i* dos étimos flexionais (compare-se o fenómeno inverso nas flexões *sei*, *saiba*, etc., do verbo *saber* e nas flexões *caibo*, *caiba*, etc., do verbo *caber*), — no verbo interamnense o *i* subjuntivo profere-se exactamente nas flexões cujo étimo o continha e em que se transmitiu atraído metateticamente pela tónica.

Contudo, não teria explicação fonológica a proveniência directa de *aibro* de *aperio*, ou *aibra* de *aperiam*, porquanto ela implicaria o facto impossível da queda da vogal tónica e a retracção do acento em condições nunca verificadas.

A forma *aibre* do imperativo, que se esperaria *arbe*, ou resulta de simetria com a correspondente do indicativo, ou, e mais provavelmente, de influxo das formas negativas do mesmo imperativo, as quais, como se sabe, vão buscar-se ao conjuntivo.

De salientar é, ainda, a impossibilidade que houve para a metátase do *r* nas formas ditongadas.

104.

O verbo *baler* (valer), regular no conjunto da sua conjugação, tem peculiaridades no presente do indicativo e no do conjuntivo:

<i>bailo</i>	<i>baila</i>
<i>bales</i>	<i>bailas</i>
<i>bale</i>	<i>baila</i>
<i>balemos</i>	<i>báilanos</i>
<i>baleides</i>	<i>bailas</i>
<i>bale</i>	<i>bailo</i>

Coincidem estas flexões, precisamente, com aquelas da língua geral em que o *e* etimológico, depois de em hiato se haver mudado para *i* consoante, palatalizou o *l* (*valho*, *valha*, etc.). Na fala interamnense, o *i*, atraído pela tónica, não chegou a interferir nessa consoante.

«Nũ há nada que le baila» (Não há nada que lhe valha).

105.

Como consequência da assimilação vocálica registada no Ap. n.º 6, o verbo «beber», em infinitivo minhoto *buber*, tem dois radicais diferentes, um para as flexões rizotónicas (*beb-*), outro para as arrizotónicas (*bub-*). Desta maneira, os dois radicais podem encontrar-se imiscuídos na mesma série conjugativa, conforme sucede, por exemplo, no presente do indicativo e no do conjuntivo:

<i>bebo</i>	<i>beba</i>
<i>bebes</i>	<i>bebas</i>
<i>bebe</i>	<i>beba</i>
<i>bubemos</i>	<i>bubámos</i>
<i>bubeides, bubendes, bubeis</i>	<i>bubaides ou bubais</i>
<i>bebe</i>	<i>bebo</i>

Como num quadro flexional predomina muito a arrizotonia, claro está ser *bub-* o radical mais encontrado: *bubia*, *bubesse*, *bubi*, *buberei*, etc.

De jeito semelhante é o verbo *lubar* (levar), com os radicais *leb-* e *lub-*, também conforme a incidência da tónica. Assim, diz-se *eu lebo* e *nós lubámos*. De idêntica maneira, na arrizotonia, mais frequente, depara-se o segundo radical: *lubava*, *lubasse*, *lubei*, etc.

106.

Destes verbos se aproxima o verbo *cubrar* (quebrar), com a labialização da vogal radical, quando em arrizotonia. Assim: *cubrado*, no particípio; *cubrámos*, *cubraides*, no plural do indicativo presente; *cubrava*, etc., no pretérito imperfeito; *cubrei*, etc., no pretérito definido; e similarmente sempre que o acento recai na desinência ou na característica. Se a flexão é de rizotonia, o radical corresponde a um infinito * *crebar*: no indicativo presente, *eu crebo*, *tu crebas*, *ele creba*, *eles crebo*; no conjuntivo, *crebe*, *crebes*, etc..

Este radical iniciado pelo grupo *cr-* poderia julgar-se persistente do étimo (*crepare*) ou atribuir-se a metátese da forma corrente, *quebrar*. A índole dialectal e a coexistência de flexões assentes no infinito *cubrar* inclinam-me para a segunda solução, até porque a labialização da vogal radical não poderia ter-se produzido senão a partir das formas derivadas de um infinito * *quebrar*.

Não será aqui descabido apresentar seriadas as flexões do indicativo presente:

<i>eu crebo</i>	<i>nós cubrámos</i>
<i>tu crebas</i>	<i>bós cubraides</i> ou <i>cubrãides</i>
<i>ele creba</i>	<i>eles crebo.</i>

É interessante observar quanto a fonologia interamnense sobrepunhou a regularidade conjugativa.

107.

O verbo *considrar* (sic) perdeu, para todas as suas flexões, o *e* mudo, por este se encontrar antes de *r*, ou seja nas condições que se mostraram no Ap. 3. Como consequência de tal síncope vocálica, dá-se retracção da tónica em referência à forma correspondente na língua geral. Assim: *eu considro*, *tu considras*, *ele considra*.

108.

A dicção imperativa do verbo *fugir* é *fuge* (foge), apesar de as flexões paralelas do presente do indicativo serem *tu fóiges* e *ele fóiige*. Recorde-se que a forma arcaica desta flexão do imperativo também não era metafónica. — Ainda nos *Lusíadas*, II, 61, lá vem «Fuge, fuge Lusitano».

É de comparar o proferir-se «*sume-te*», em vez de «*some-te*», imperativo este muito audível na profugação do Diabo: «*Sume-te, Manfarrico!*». Por extensão, também se ouve a frase, até com o mesmo apelativo, contra pessoas que importunam: «*Sume-te, Manfarrico; sume-te da minha bista!*».

109.

Conforme se escreveu no Ap. 11, jantar diz-se *jintar*, e tanto o substantivo como o infinito do verbo. Todavia, porque nelas se não verificam as condições do Ap. citado, as flexões rizotónicas partem do infinito *jantar*, claro está que com a pronúncia regional: *eu janto*, *eu jante*, etc., a par de *jintámos*, *jintei*, *jitemos*, etc..

110.

O infinito *mentir* adaptou-se às flexões metafónicas *mintto*, *mintta*, etc.. E, por via de tal infinitivo, todas as formas arrizotónicas se dizem com a nasal *ĩ* (*minttia*, *minttisse*, *mintti* etc.). Só se dizem com a nasal *ẽ* (proferida *éun*, como do Ap. 29) as formas rizotónicas do presente do indicativo (*tu mentes*, *ele mente*, *eles mente*) e a do singular do imperativo (*mente*).

111.

Muito conforme a regra, as prolações dialectais intervêm diferencialmente na ortoépia das várias flexões, impedindo, por consequência, a regularidade paradigmática. Assim, atente-se nas diversas prolações da nasal escrita *en* (V. o Ap. 29) do verbo *entender*, regionalmente pronunciado *intender* (a penúltima sílaba com *e* mudo nasalado):

<i>eu intêundo</i>	<i>nós intêdemos</i>
<i>tu intéundes</i>	<i>bós intêdeides</i>
<i>ele intéunde</i>	<i>eles intéunde.</i>

Aparecem, por conseguinte, a pronúncia *ĩ*, o ditongo nasal *ẽu* aberto, o ditongo nasal *ẽu* fechado, o *e* mudo nasalado e a perda de ressonância na terminação da 3.^a pessoa do plural.

Se flexionamos o verbo *intrar* (entrar), a observação do fenómeno completa-se:

<i>eu êuntro</i>	<i>nós intrámos</i>
<i>tu êuntras</i>	<i>bós inтраides</i>
<i>ele êuntra</i>	<i>eles êuntro</i>

E o singular do imperativo diz-se *éuntre*. Quere dizer: a própria sílaba inicial oscila de *ẽu*, aberto ou fechado, para *ĩ*, conforme se trate de rizo- ou de arrizotonia.

112.

Oscilação comparável se nos mostra em verbos como *mundar* (mondar), cujo indicativo presente se conjuga:

eu mondo
tu mondas
ele monda

nós mundámos
bós mundãides
eles mondo

Está nitidamente a ver-se que a fonética predomina aqui sobre a analogia, porquanto, a raiz, adentro da mesma série conjugativa, se modifica segundo a incidência da tonicidade. E a nasal *õ* se mantém quando tónica (*mondas*), passa a *ũ* quando pretónica (*mundámos*) e, depois de ensurdecida, se desnasala quando átona final (*eles mondo*). Comparem-se, ainda, as prolações *mundarôm*, da 3.^a pessoa do plural do futuro, e *mundaro*, da mesma pessoa no pretérito definido. O que tudo vem a ser o conteúdo do Ap. 25 verificado plenamente em camptologia.

113.

Das fichas que em tempos fui preenchendo, colijo agora estas frases nas quais se depara o mesmo facto morfológico:

— *Alumeia p'r'àqui, môça!* (Alumia para aqui, moça!).

— *É ũa malina qu'inté agoneia a gente.* (É uma fedentina que até nos agonia).

— *Tamém strabeias tudo!* (Tu também extravias tudo).

— *O rxio do gato meia toda a noute* (... mia toda a noite).

— *Stá acabadinha de todo: já bareia munto da cabeça* (... já tresvaria muito...).

Nota-se aqui a tendência, muito mais corrente do que na fala culta, para flexionar os verbos em *-iar* como se foram de sufixo *-ear*. Pois na língua geral já não escasseiam os verbos em *-iar* que se flexionam deste jeito. Uma pequena lista: *agenciar*, *ansiãr*, *comerciar*, *diligenciar*, *incendiar*, *mediar*, *negociar*, *obsequiar*, *odiar*, *premiar*, *remediar*, *sentenciar*.

114.

O verbo *dar*, que no seu conjunto alinha as flexões pelas da língua comum, faz assim no conjuntivo presente:

deia
deias
deia

dêianos
deias
deio

Vê-se o que sucedeu. À forma *dê* atribuiu-se a característica a do conjuntivo (> *dea*), e, para redução do hiato, intrometeu-se a semiconsoante *-i-*, homorgânica da vogal tónica. Os outros regionalismos, do plural, encontram-se já várias vezes explicados, a propósito de outros verbos.

115.

Os hiatos que se produziriam nas flexões rizotónicas de verbos como *doer*, *moer* e *roer*, e como *aboar* (voar), *coar* e *doar*, reduzem-se geralmente por larga ditongação da vogal tónica com a sua homorgânica -u-. Mas é frequente a ditongação com -i-, sobretudo para dissimilação nos casos em que se segue -o desinencial. Exemplo, esta duas frases feitas:

— Doua a quem doer.

— *Nunca as mãos le dôio* (lhe doam).

Similarmente, para os verbos *moer* e *roer* preferem-se como segue as flexões rizotónicas:

<i>eu móio</i>	<i>que eu moua</i>	<i>eu rôio</i>	<i>que eu roua</i>
<i>tu móies</i>	<i>que tu mouas</i>	<i>tu róies</i>	<i>que tu rouas</i>
<i>ele móie</i>	<i>qu'ele moua</i>	<i>ele róie</i>	<i>qu'ele roua</i>
<i>eles móie</i>	etc.	<i>eles róie</i>	etc.

No entanto, para os três verbos de tema em -a acima designados é só com a semiconsoante -u- que a ditongação se faz.

116.

Pela evolução fonética dos seus étimos, a 1.^a e 3.^a pessoas do singular do perfeito dos verbos *estar*, *fazer*, *poder*, *pôr*, *querer* e *ter*, haveriam, para cada um, produzido em português formas idênticas entre si. Com efeito, desaparecida muito cedo a desinência -t da 3.^a pessoa latina, esta igualou-se à 1.^a pessoa, em todos os verbos citados.

A língua geral obviou à ambiguidade que resultava da homofonia, diferenciando-as pela analogia regressiva: — a vogal radical da 2.^a pessoa veio também para a 1.^a pessoa. E ficámos dizendo *estive* por causa de *estiveste*, *fiz* por causa de *fizeste*, *pude* por causa de *pudeste*, etc...

O falar interamnense realizou a diferenciação em sentido inverso: foi a 3.^a pessoa que se diversificou influída pela 2.^a:

<i>Eu estebe</i>	<i>tu estibestes</i>	<i>ele estibe</i>
<i>Eu fez</i>	<i>tu fizestes</i>	<i>ele fiz</i>
<i>Eu pôde</i>	<i>tu pudestes</i>	<i>ele pude</i>
<i>Eu pôs</i>	<i>tu pusestes</i>	<i>ele pus</i>
<i>Eu quês</i>	<i>tu quijestes</i>	<i>ele quis ou quês</i>
<i>Eu tebe</i>	<i>tu tibestes</i>	<i>ele tibe</i>

No verbo *querer* hesita-se entre *quês* e *quis*. E no verbo *ser* a diferenciação não se realizou (*eu foi*, *ele foi*), talvez porque o ditongo *ui* não seja muito de jeito dialectal. A respeito da diversificação destas duas formas em linguagem, recorde-se o que ficou escrito em b) do Ap. 97.

117.

No seu conjunto flexional o verbo *fazer* alinha com o da língua comum, exceptuadas, claro está, as particularidades desinenciais a que nos temos referido para os demais verbos. Todavia, as flexões derivadas do tema do perfeito aparecem com a alteração específica desse mesmo tema.

<i>Eu fez</i>	<i>nós fijemos</i>
<i>tu fijestes</i>	<i>bós fijeste</i>
<i>ele fiz (às vezes fez)</i>	<i>eles fijero</i>

Os tempos derivados moldam-se por aqui: no imperfeito do conjuntivo, *eu fijesse*, etc.; no conjuntivo futuro, *eu fijer*, etc. Não se usam as formas sintéticas do mais-que-perfeito.

Trata-se da palatalização do -z- ao contacto com o *i*, fenómeno que se depara tanto na fala popular (*Isabel* > *Jabel*, *visitas* > *bejitas*, *quási* > *caijo*) como na língua arcaica (*occasione* > *cajão*, *prisione* > *prijão*, *artemisia* > *artemija*), como em numerosos vocábulos dicionarizados (*beijo*, *queijo*, *igreja*, *aleijão*, *cereija*, *feijó*, *entrujão*, *cerveja*, etc.), como até na toponímia e no onomástico (v. g. *Grijó* e *Tareja*, de *ecclesiola* e *Therasia*).

Podem ouvir-se formas assentes em *fizestes*: mas não passam de corrupções do dialecto resultantes de interferências exteriores.

118.

O verbo *ir*, não se considerando o regionalismo de certas prolações e de terminações já estudadas para outros verbos, só tem uma peculiaridade, a 1.^a pessoa do plural do indicativo presente:

<i>eu bou</i>	<i>nós imos</i>
<i>tu bais</i>	<i>bós indes</i> (raro <i>ides</i>)
<i>ele bai</i>	<i>eles bom</i>

Com efeito, essa declinação utiliza a forma arcaica ou arcaizante, em vez da forma supletiva, que prevaleceu na língua geral.

O imperativo é: *bai tu*, *inde bós*.

119.

O verbo *querer*, conquanto as suas particularidades correspondam a regionalismos já registados nestas páginas, merece, por algumas delas, um apontamento especial.

O seu presente do indicativo conjuga-se:

<i>eu quero</i>	<i>nós queremos</i>
<i>tu queres</i> ou <i>qués</i>	<i>bós queres</i>
<i>ele quer</i>	<i>eles quer</i>

A notar a contracção da 2.^a pessoa do singular, por assimilação *rs* > *s*, da prolação *quers*. A 2.^a pessoa do plural, análoga de *têndes*, não admite opção como o paradigma dos temas em *-s*.

Obediente ao preceito que no Ap. 3 ficou registado, o imperfeito do indicativo conjuga-se:

<i>eu cria</i>	<i>nós críanos</i>
<i>tu crias</i>	<i>bós crias</i>
<i>ele cria</i>	<i>eles crio</i>

Aliás, a síncope do *-e-* em sílabas pretónicas, como estas, é naturalíssima e não constitui mais do que a efectivação da tendência que, para condições comparáveis, se verifica em toda a nossa língua, perante a facilidade que a líquida vibrante possui de formar grupo com uma consoante precedente.

No pretérito definido, conforme se focou no Ap. 116, depara-se-nos a forma *quês*, realizada por dissimilação sintáctica para distinguir uma da outra a 1.^a e 3.^a pessoas do singular. Utiliza-se de preferência para a 1.^a pessoa; mas também se ouve para a 3.^a, e, neste caso, perde-se a vantagem da dissimilação. Pode, por conseguinte, sistematizar-se desta maneira a série verbal:

<i>eu quês</i> (ou <i>quis</i>)	<i>nós quijemos</i>
<i>tu quijestes</i>	<i>bós quijeste</i>
<i>ele quis</i> (ou <i>quês</i>)	<i>eles quijero</i>

Novamente se encontra aqui o *j* (resultante da palatalização do *s* ao contacto com o *i*) que encontrámos no tema do perfeito do verbo *fazer*. Logo se antevê que tal palatalização aparece em todas as flexões derivadas: *quijesse*, *quijesses*, etc., *quijer*, *quijeres*, etc. Como para os demais verbos, não há mais-que-perfeito sintético.

120.

O verbo *bir* (vir) regula-se pelo verbo gramatical, salvo nalgumas formas específicas, provocadas pela fonologia do dialecto.

a) Assim o indicativo presente, sem falar na prolação da consoante que inicia o tema, distingue-se do verbo gramatical pela ditongação das nasais e pela forma que a 3.^a pessoa do plural tomou:

<i>eu bêinho</i>	<i>nós bimos</i>
<i>tu bêis</i>	<i>bós bindes</i>
<i>ele bêi</i>	<i>eles bêinho</i>

Nesta última flexão da série, a nasal em hiato palatalizou-se em consonantização homorgânica (*nh*), antes de se produzir a desnasalização que é de regra nas átonas finais: *vêem* > *bêẽ* > *bêiẽ* > *bêinhẽ* > *bêinhe*.

b) Nas flexões derivadas do tema do perfeito (pretérito definido, imperfeito do conjuntivo e futuro do conjuntivo) realizou-se idêntica palatalização:

<i>eu bim</i>	<i>eu binher</i>	<i>eu binhesse</i>
<i>tu binhestes</i>	<i>tu binheres</i>	<i>tu binhesses</i>
<i>ele bêun</i>	<i>ele binher</i>	<i>ele binhesse</i>
<i>nós binhemos</i>	<i>nós binhernos</i>	<i>nós binhéssenos</i>
<i>bós binheste</i>	<i>bós binheres</i>	<i>bós binhesses</i>
<i>eles binhero</i>	<i>eles binher</i>	<i>eles binhesse</i>

A 3.^a pessoa do singular, *bêun*, corresponde ao arcaico *vêo*, destruído o hiato por sinérese. A 1.^a pessoa não havia por que se alterasse. As demais terminações das desinências já estão explicadas.

121.

O verbo *trazer*, gramatical na maioria das suas séries flexionais, é multiforme no pretérito definido:

<i>troufe</i>	<i>trouve</i>	<i>troixe</i>	<i>trouxe</i>
<i>troufestes</i>	<i>trouveste</i>	<i>troixestes</i>	etc.
<i>troufe</i>	<i>trouve</i>	<i>troixe</i>	
<i>troufemos</i>	<i>trouvemos</i>	—	
<i>troufeste</i>	<i>trouvestes</i>	—	
<i>troufero</i>	<i>trouvero</i>	—	

As flexões do tema *troufe-* são as mais lídimas. Este tema e o seu parónimo *trouve-* já existiam no português arcaico, a par do pretérito sigmático (*trouve* < *traxi*). Do cruzamento de *trago* com *trouxe* proveio o arcaico *trougue*. Por sua vez, esta forma, cruzando-se com a flexão correspondente do verbo *haver*, trocou-se por *trouve*, e também por *troufe*, num reforço consonântico mal explicado, porém muito comparável com o que se depara em *palanfrório* < *palavrório*, *femença* (arc.) < *vehementia*, *safo* < *salvo*, *belfa* < *belva* < *bellua*, *catrefa* < *caterva*.

As séries derivadas do tema do perfeito assentam, naturalmente, ou no tema *troufe-* (*eu troufesse*, *eu troufer*), ou, menos frequentes, no tema *trouve-* (*eu trouvesse*, *eu trouver*).

Nunca ouvi senão no singular do perfeito as flexões *troixe*, etc., as quais se proferem com o *x* palatal de *enxó*. Suponho-as afilhadas na forma sigmática *trouxe*. E seria assim: — Dada a fácil oscilação entre os ditongos *ou* e *oi* (*fouce* ou *foice*, *couce* ou *coice*), também *trouxe* se diria *troixe* (proferido *troisse*); depois, o *s* ao contacto com o *i* palatalizou-se e, daí, a prolação *troiche* (com *x* fricativo).

As formas *trouxe*, *trouxestes*, *trouxe*, etc., são de interferência exterior ao dialecto.

122.

O povo minhoto desconhece a *tmese*, isto é, não intercala o pronome oblíquo átono no meio dos dois elementos de que se compõem as flexões do condicional e do futuro. Nunça diz «falar-te-ia» ou «falar-nos-ão», mas *falaria-te* ou *falarão-nos*, isso, claro está, no caso de o pronome não dever antepor-se.

123.

A posposição de *nos*, pronome átono, dá aso a uma interessante haplologia sintáctica. Entre muitos outros casos idênticos, registei esta frase:

— *Nós dava-nos todos bem uns c'os outros e daria-nos sempre como família, se nũ fosse a nora dela, que saiu ãa lingureteira de lubar e trazer.*

A haplologia transformou «dávanos-nos» em «dava-nos» e «daríanos-nos» em «daria-nos». É sempre a fonologia a prevalecer.

124.

O verbo *dever*, como auxiliar de formas perifrásticas, tem duas construções. Numa, liga-se ao verbo significativo pela preposição *de*; noutra, pela preposição *a*.

Com a primeira destas conectivas, a perífrase é para se entender no verbo auxiliado a ideia acessória de «ter o dever de...»; — «Os filhos deve de ter munto respeito òs pais».

Quando incluem a preposição *a*, as perífrases subministram uma conjectura ou probabilidade: — «deve de estar» quer dizer «é provável que esteja».



IV — DOS ADVÉRBIOS

125.

Muito mais do que as formas dialectais que adquirem certos advérbios, o que sobretudo releva, neste capítulo, são as locuções de sabor todo regional, algumas interessantíssimas.

a) Os advérbios de tempo *ónte*, *hôije* e *âminhão*, constituem apenas a prolação interamnense dos mesmos advérbios da língua comum. Para o primeiro verifica-se a desnasalização constante do Ap. 22. A tónica do segundo ditongou-se em conformidade com a lei consignada no Ap. 20. No último é de observar, além da dissimilação do *a* medial, provocada pela consoante *nh*, a pronúncia ditongada da nasal (Ap. 27).

b) A seguir, apontam-se algumas locuções temporais, todas elas de cunho marcadamente minhoto:

Cum de dia — de dia: «Meixe-te p'ra acabares isso cum de dia (Apressa-te para acabares isso de dia ainda).

Cum de noute — de noite: «Bou-me à bida, que nũ quero bir cum de noute» (Vou-me à lida, que não quero vir de noite).

S'outro dia — nesse dia, há dias. É redução proclítica da expressão *esse-outro-dia*, na qual não havia regência de preposição, conforme acontece em linguagem com expressões de tempo em que.

Borta-e-meia — muito amiúde, a cada passo, repetidamente (de «volta e meia»).

A cand'a ele — ao mesmo tempo que ele (de «a quando ele»): «Eu já tchiguei há munto, tchiguei a cand'a ele». Emprega-se prepositivamente com qualquer outro pronome (de forma tónica oblíqua) e com nomes substantivos.

Mais de canto — advérbio que traduz grande anterioridade: — «Ora! isso foi há mais de canto!». O vocábulo *canto* é prolação interamnense de *quanto* (Ap. 17). Trata-se, visivelmente, de uma expressão elíptica, na qual se subentendeu a palavra «tempo».

Aqui atrasado — há dias, há algum tempo: «Sim, hôije stá munto calor: mas se bomecê binhesse aqui :trasado...».

Ô depois ou *òspoís* — depois. A forma arcaizada *despois* está regida da crase *ô*, realizada na sinérese da preposição *a* com o artigo neutro *o*. E a segunda forma é redução da primeira.

'*Stiano* — este ano, neste ano. A expressão temporal funciona como verdadeira unidade morfológica.

Ũ-nh'hora cum de noute — uma hora ainda com noite, uma hora antes do amanhecer: Alebanto-me sempre ũ-nh-hora cum de noute, pra dar penso ò gado». Também se pode ouvir «ũ-nh-hora cum de dia».

126.

Nas expressões locativas não se depara a riqueza de regionalismos que arrolamos para as temporais.

a) Já se registou a forma *adente* (Ap. 68), de adiante, produzida por cruzamento com outras formas adverbiais.

b) O advérbio *adonde* vale por «onde» e por «aonde». O étimo de *onde* — *unde* — significava «donde»; mas no latim vulgar correspondia a *ubi*, e, assim, precisava das preposições *de* ou *ad* para significar circunstâncias de proveniência ou de destino. Facto semelhante se produziu no derivado português *donde*, tanto na língua popular como na língua antiga: requer as preposições *a* e *de* para as relações de destino e de origem. Por isso, «Aonde vais?» diz-se no Minho «Adonde bais?»; e «De onde vinhas por ali?» diz-se «De donde binhas por li?». Existe, pois, *de donde* em simetria com *aonde*.

c) Como locuções locativas de jeito especial, apenas aponte *im riba* e *onde quer*.

Im riba, cujo primeiro elemento é a preposição *em* proferida na próclise como sílaba inicial de palavra (V. o Ap. 23), quer dizer «em cima», e também vale para locução prepositiva quando engloba a preposição *de* (*im riba de*).

Onde quer significa por toda a parte, em qualquer parte, e faz lembrar a locativa latina «*passim*»: «Ó home, onde quer deixas as cousas!».

127.

Nos advérbios quantitativos sintéticos nada há a notar de dialectal, afora a pronúncia *munto*, de «muito», já registada no Ap. 67, e a forma *acaijo* ou *caijo*, de «quasi», que se explicou no Ap. 68.

Mas são dignas de apontamento algumas locuções interam-nenses:

A maor — a mais, em excesso, de sobra: «Só quero o qu'é meu; pega lá as cinco croas que binhero a maor».

Dũa bez (duma vez) — locução de encarecimento, de valor superlativo: «O binho do Zèzinho da Benda stiano é bô dũa bez» (O vinho do Sr. José da Venda este ano é bom a valer).

Qu'eu sei lá — muitíssimo, em quantidade enorme: «Na feira d'hôije habia pobo qu'eu sei lá».

Por i — locução umas vezes quantitativa, equivalente a «cerca

de», outras vezes dubitativa, a significar «talvez», que será hoje o significado fundamental. Tem acepção dubitativa na frase «Cuidas por i que m'ingáas»; e tem significação quantitativa-dubitativa na frase «Ero por i dous centos deles». A génese semântica do significado actual, para uma expressão que é formal e originariamente locativa, estará em frases como «Serio meio cento? (seriam...?) — Upa ,upa. — Um cento? — Upa uma. — Dous centos? — Por i, por i».

128.

A locução «às avessas», tomou aqui jeito de vocábulo singelo, com dizer-se *àsebessas*. É seu antónimo *às dreitas*.

A expressão «de súbito» singelizou-se no advérbio *súpeto*, que resulta do emprego adverbial dum adjectivo. No entanto, continua locucional a sua forma superlativa, que é *de supetão* (repentina e bruscamente). Outros adjectivos se utilizam com função adverbial: «parou rápido», «tchobe rigular», «come sofrível».

Como locuções modais são de apontar:

De reboião — de roldão, rolando como bola: «Caeu de reboião pelo balado a baixo» (Caiu de roldão talude a baixo).

À moda de — como, semelhantemente: «Apareceu-lhe à moda dum bojogo» (apareceu-lhe coisa semelhante a um bojogo). Comp. «a modos de» e «ao modo de».

A modo — com jeito, com cuidado, devagar.

A modinho — tradução superlativa da locução precedente, que se usa para actos praticados com objectos frágeis ou melindrosos.

Ôs poucos — aos poucos, a pouco e pouco. O primeiro vocábulo resulta da crase de «aos».

Ô p'ra baixo — para baixo, a descer: «Ele é sempre ô p'ra baixo e a maneca fôige sem a gente se cansar» (É sempre a descer e a bicicleta corre...). Note-se o sujeito «ele», com verbo a modos de impessoal.

Ô pa riba — locução antónima da precedente — para cima, a subir: «Assim doentinha, nũ debes d'ir lá, qui o caminho é semp'ô pa riba». Repare-se na supressão haplológica do *r*, assim na locução como no advérbio «sempre».

Assim-cumàssim — assim como assim, a final de contas. A abertura do *a* pretónico, no vocábulo composto, resultou da contracção de dois *aa*: a conjunção *como* aglutinara a preposição *a* e passara a *coma*, dito *cuma*, que ainda se ouve em frases do jeito «Eu posso tanto cuma ti», «Ninguém tem sorte cuma a Zefa» (leia-se ... «cumà Zefa»). A respeito destas construções, compul-se J. J. Nunes, nas suas '*Digressões Lexicológicas*', pág. 189.

129.

Em próclise o advérbio de negação profere-se *nũ* («Nũ bou» — não vou), tanto por todo o Norte como na maior parte da Beira. A forma tónica é sempre *não*, — fortemente ditongada, e até tritongada na ênfase (*nãoe*).

V — DOS VOCÁBULOS CONECTIVOS

130.

A forma normal da preposição «para» é aqui *pra*, dicção aliás corrente na fala despretensiosa de todo o País. O *e* do arcaico «pera», em vez de reforçar-se como na dicção literária, caiu por efeito da próclise e em conformidade com o Ap. 3. Quando entra em locuções de parceria com vocábulos iniciados por *r* ou que contenham outro grupo com *r*, perde haplologicamente o seu *r* e, por consequência, reduz-se a *pa*. Assim, ao lado de *pra baixo* e *pra dente* (diante), diz-se *pa riba* e *pa trás*; mas *pra môr de* e *pra fazer*.

131.

A preposição «desde» (que, como é sabido, se compôs de *de-ex-de* e que arcaicamente só se compunha de *de-ex*, na forma *des*) é no falar interamnense ainda *des*, proferido com *e* mudo. Em próclise de palavras começadas por vogal, incorpora-se nelas foneticamente, sobretudo tratando-se de advérbios de lugar ou de tempo. Se a vogal que começa o advérbio é tónica, produz-se mesmo aglutinação permanente: *desi* (desde aí), *desónte* (desde ontem). A forma comum, «desde», da preposição já principia a interferir, mas não ainda aglutinada e só como locução prepositiva («des de»), pelo que as expressões *des-antom* (desde então) e *des-âmi-nhão* (desde amanhã) são audíveis como *des d'antom* e *des d'âmi-nhão*.

132.

É *antre* que se profere a preposição «entre». Acerca da oscilação *en* < > *an*, veja-se o Ap. 68, s. v. *anguia*.

133.

Em próclise, a partícula «sobre» profere-se *subre*, quer funcionando de preposição, quer de prefixo: «Deu subr'ele» (foi em cima dele, isto é, perseguiu-o); subremesa, à subrepose, subrecu (uropígio), subreceia (segunda ceia). Cfr. *cumo*, por «como».

134.

Fóra-parte, sinónimo de *excepto*, além de, sem contar, é advérbio e preposição, que se obteve adicionando redundantemente *fora* e *à parte*: «Fóra-parte os lençóis de linho que som pra guardar na arca, a moça leba roupa qu'inté faz barar» (Sem falar nos lençóis... leva roupa que até faz varar — faz espanto); «Nũ pôinhas o gás na conta: isso é fora-parte» (Não ponhas o petróleo...).

135.

De participios do presente fizeram-se dialectalmente duas locuções prepositivas: *passante de* e *chegante a*. Cfr. em linguagem «durante», «tirante», «consoante», «mediante», «salvante». A primeira daquelas locuções quer dizer «mais de», como na frase: «Pàguei por eles passante de curenta moedas». A outra entende-se bem na frase: «Chigante a casa quês logo jintar».

136.

É frequente, quer a funcionar de locução prepositiva, quer a funcionar de locução conjuncional, achar-se o vocábulo «antes» regido da preposição *im* (em). Ouvi assim o conhecido rifão: «Im antes que cases óilhò que fazes».

137.

Constitui «*por bê de*» uma locução equivalente a «por môr de» ou «por causa de». Se não, vejamos: «Diáinhos te lebe, foi por bê de ti que me trilhei» (Diabos te levem, foi por causa de ti que me magoei). O elemento central da expressão — *bê* — é dicção contracta de *vía*, da locução «por via de».

138.

Ouve-se com muita frequência a conjunção correlativa «*à ua... à outra*», a qual serve para apresentar uma série de argumentos ou de razões, e corresponde, mais ou menos, a «por um lado... por outro».

139.

Muito mais expressiva do que «mas, se», que é a sua tradução em vulgar, a combinação conjuncional «*ora agora se*» introduz uma afirmação em hipótese, contrária a uma negação já expressa, ou então uma negação hipotética que se contrapõe a uma afirmação: «Lá que debes, debes. Ora agora se nũ quês pàgar é outra cousa...».

140.

A expressão «*a mais*», em frases como «*Anda a mais eu*» ou, reduzidamente, «*Anda mais eu*», tem umas vezes acção copulativa

(sua função de origem), outras desempenha actuação prepositiva que derivou daquela através da circunstância de companhia. Ora observe-se este exemplo: «Bomecê mai-lo seu home habio de bir a mai nós», que traduzimos em linguagem, para total compreensão: «Vocemecê e o seu homem haviam de vir connosco».

Não é difícil de seguir a factura da expressão que estamos a anotar. À partícula copulativa *e* ajuntou-se, para a reforçar, o advérbio «mais»: «eu e tu» passou a «eu e mais tu», para um dizer intensivo. Depois, porque foneticamente fraca, e porque abafada de significado adentro da locução, a primitiva partícula «e» reforçou-se em «a», — isto ao mesmo tempo que se esvaziava do resto de valor significativo. Daí, também, o dizer-se reduzidamente «eu mais ela», — redução esta que se ouve especialmente quando se precede a locução de vocábulo terminado em *-a* surdo: «Anda a mais eu», ou, preferidamente, «Anda mais eu».

Por nelas se produzir idêntico reforço fonético, são aqui de aproximar as dicções «dúzia a meia», «arratl'a meio», conforme se ouve amiúde.

141.

Continua a ser *ca* (*quam*) a partícula que liga, em vez da conjunção locucional «de que» ou «do que», os dois termos de uma comparação de desigualdade: «Eu ainda posso menos *ca* eles»; «Ela é munto mais noba *ca* ti». Entretanto, só ouvi esta partícula empregada com pronomes. Fora disso, ouvi sempre a conjunção singela «que», embora, para o nosso ouvido, se preste a confusão, por homofonia com a partícula *ca*, a forma aglutinada, *qu'a*, com o artigo feminino: «Bês, inda bim mais rápedo qu'o João e qu'a Zefa».

Por outro lado, a partícula arcaica ainda sobrevive quando se contrai com os artigos definidos em *cò*, *cà*, *còs*, *càs*, contracções estas de vogais abertas que fonològicamente não se poderiam produzir senão com tal partícula: «Ó mulher, tu nũ és mais arresorbida *cà* s' Rita» (...não és mais decidida ou corajosa do que a sr.^a Rita).

Iguais combinações se realizam com os pronomes demonstrativos homónimos dos artigos definidos: «Inda binhero pior *cò* que fôro» (Ainda vieram pior do que o que foram).

142.

É *cumo* a dicção da partícula «como», qualquer que seja a função por ela exercida e qualquer que seja a sua posição ou tonicidade: «Nem sei *cumo* quês essa porcaria» (Nem sei como queres...); — «*Cumo* tens passado?»; — «*Cumo?*» — «Este pau é duro *cuma* ferro»; — «Tu fostes mau *cumàs* cobras».

A respeito da partícula *cuma*, de *como a*, que se lê nestes dois últimos exemplos, há referência, nos 'Opúsc.', II, 50, de Leite de Vasconcelos, o qual dá para étimo «quomodo ad». A ser assim, a aglutinação não se haverá produzido em português, mas em latim

vulgar. Por seu lado, J. J. Nunes, nas suas '*Digressões Lexicológicas*', pág. 189, mostra-se de opinião semelhante, e apresenta a impossibilidade da regência prepositiva com elementos da oração correspondentes a nominativos. Forrageou em Gil Vicente abundosos exemplos demonstrativos, como este do epitáfio do comediógrafo — «tal fin coma ti», e este do '*Juiz da Beira*' — «e hei de dizer o mau, coma qualquer criatura».

143.

A locução «*e mais*» é de valor concessivo, aproximado ao de «muito embora», ou «conquanto» ou «apesar de que»: — «O milho 'stá bem bô, e mais nũ tem habido auga prò regar». Este emprego enfático de «*mais*» ensina o rumo sematológico seguido pelo advérbio latino *magis* para vir dar a nossa conjunção adversativa «mas».

144.

Na conjunção «*desque*» (desde que) ambas as vogais se proferem átonas e mudas, pois o vocábulo é essencialmente proclítico. Reveja-se no Ap. 131 a preposição *des* e cfr. a locução arcaica *des que*.

145.

Na locução conjuncional «*de maneiras que*» o -s do seu elemento substantivo não constitui desinência plural, e sim fonema paragógico resultante de analogia, tal-qualmente sucede na locução «*a modos que*». Encontra-se paragoge equivalente em «*indas que*», exactíssimamente como na forma, que se generalizou, *antes*, por *ante* que seria a etimológica. Parece ter-se produzido a interferência de *desque* ou *des que*, referida no Apontamento anterior. O -s- epentético de *despois* ou *despois que* provirá da mesma analogia.

146.

Em «*pruque...?*» e em «*pruquê?*» deparam-se as formas interrogativas, átona e tónica, de «por que» e «por quê»: «Pruque nũ bens?» (Por que não vens?); — «Pruquê?!» (Por quê?!).

147.

Para partícula integrante, quando se pretende impor com mais intimativa uma afirmação, emprega-se a locucional «*em cumo*», em vez da partícula corrente «que», consoante se vê dos exemplos seguintes, transcritos *ipsis verbis*: — «Aposto em cumo hõije nũ bem tchuba»; — «Inté posso jurar em cumo, se o der por menos, me dá perca (...que se o entregar por menos...)»; — Assim Deus arreceba a minha aurma (alma) em cumo é a pura da berdade».

VI — DAS EXPRESSÕES INTERJECTIVAS

148.

Ouve-se com muita frequência a interjeição de dúvida ou de espanto «*hâgora!*», equivalente a «pode lá ser!», «isso sim!», «como assim?!», «não pode ser». Já com esta intenção empregava Gil Vicente o vocábulo, no «Auto da Índia»: — Ama: «...Alembra-vos eu lá?» — Marido: «E como!...» — Ama: «Agora, aramá: lá há índias muy fermosas...» ('*Obras Completas*', ed. de Barcelos, pág. 371).

Também serve de advérbio de negação, enfático e absoluto, em casos como num diálogo deste jeito: — «Que tens p'ra 'star assim mona, ó 'p'riga (rapariga)? 'stás doente?» — «Hâgora: têinho mas é sono».

Porque deriva de *há agora*, a grafia com *h* é preferível a *àgora*.

149.

A interjeição «*tâmém!*» traduz um protesto passivo ou uma impotente revolta. Emprega-se ou isolada ou na locução «Ai que tamém!...». Trata-se do mesmo vocábulo da conjunção *tamém* (V. o Ap. 68, s. v.), que se haverá tornado interjeccional por elipse de frases como «também você me faz isto!» ou «também isto me sucede!».

150.

Para chamamento de suínos utilizam-se geralmente as vozes: *tchico, tchico, tchico...*.

151.

As aves de capoeira atendem a várias espécies de chamamento. O mais ouvido é «*pilinhas, pilinhas, pilinhas...*», e nele vê Leite de Vasconcelos ('*Opúsc.*', II, 331) o diminutivo *pulinha*, de *pola*. Quando há pintainhos na criação a convocar, preferem-se as vozes «*pipi, pipi, pipi...*». E, só para galinhas, ouve-se «*queninhas... queninhas... queninhas...*», manifestamente redução aferética de *pequeninhas*.

152.

Para enxotar animais, em especial tratando-se de aves de capoeira, intima-se «*Tchô... tchôô...*».

VII — DA DERIVAÇÃO

153.

Não é o dialecto interamnense prolífero na formação de novos vocábulos, por nenhum dos processos tematólogicos. E nenhuma peculiaridade dialectal se observa nos processos de derivação.

154.

Por consequência, os exemplos seguintes de compostos imperfeitos vêm aqui a pêlo não pela singularidade de formação, e sim pelo seu regionalismo conceptual:

Chucha-pitos — insecto pernilongo, espécie de vaca-loura, que, segundo a crença popular, mata os pintos por sucção. Vocábulo composto de verbo e nome, não se flexiona com a mudança de número. Consta-me que o termo também se usa na região duriense, e com a mesma crença.

Palha-milha — palha de milho. Estamos perante um composto constituído por dois substantivos, o segundo dos quais sofreu atracção de género por se ter aglutinado. Semelhantes passagens de substantivos a adjectivação são frequentes em português.

Palha-triga — palha de trigo: composto de constituição idêntica à do anterior.

Palha-centeio — palha de centeio. Dizem-me que na Beira Alta se usa a mesma expressão.

155.

No tocante a derivação por meio de sufixos, arrolei no meu ficheiro os seguintes casos:

Achanzar — aplanar, alisar: verbo tirado de *chão*, com a consoante eufónica -z-, como em linguagem sucede com *lanzudo*, *canzarrão*, *pàzada*, *irmãozito*, etc.

Tardeiro — serôdio, antónimo de temporão: derivado de *tarde*, como *dianteiro* de *diante*, *traseiro* de *trás*, *cimeiro* de *cima*.

Pintor — começo de coloração nas uvas: vocábulo deduzido de *pintar*, à semelhança de *fedor* em relação a *feder*, de *amargor* em relação a *amargar*, de *travor* em relação a *travar*.

Mas o caso sobre todos interessante consiste no emprego do

sufixo *-eiro* como unitário, — para significar uma só coisa de um conjunto em que há muitíssimas e cujo singular tem, ou pode ter, valor de colectivo. É assim que, no conjunto do cabelo, um só cabelo se diz um *cabeleiro*: «Depois do tife (tifo) nũ me ficou um *cabeleiro* na cabeça».

Com idêntica sufixação registem-se: *milheiro*, pé-de-milho; *tojeiro*, pé-de-tojo; *peleiro*, um só pêlo; *palheira*, haste de palha, pequena; *prumeira*, folha de pruma ou caruma, e outros que adiante se incluem nos «Termos regionais». Aponteí mais esta frase, cujo paralelo é quase uma frase-feita: «É tão preguiceiro que nũ meixe ãa palheira».



4.^a PARTE

LEXICOGRAFIA

- I — Significações dialectais
- II — Termos regionais
- III — Alguns topónimos

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
ART AND
ARCHAEOLOGY
OF THE
UNIVERSITY OF
CAMBRIDGE
100 Brook Hill Drive
Cambridge, Mass. 02138
U.S.A.

12-11-1971

100 Brook Hill Drive
Cambridge, Mass. 02138
U.S.A.

I — SIGNIFICAÇÕES DIALECTAIS

156.

Abundam no falar minhoto vocábulos que, existentes também no vocabulário geral do País, aqui adquiriram significado regional e se usam só com esse valor peculiar uns, enquanto outros conservam, a par daquele, a acepção dicionarizada.

Trata-se de factos semasiológicos de vária génese psíquica, e nem sempre de explicação fácil. Do mesmo passo que, ao menos para muitos deles, se pode estabelecer a classificação específica do fenómeno, a verdade é que, na maioria dos casos — tal como aliás sucede em semântica — impossível se mostra verificar as causas da mutação de sentido ou seguir a sua evolução significativa. O que não admira. A metassémia (ou seja a mudança de significado — diga-se para os menos versados em nomenclatura sematológica), em qualquer das suas variadíssimas modalidades, assim como a polissémia (isto é, a coexistência de acepções diversas num só vocábulo) representam fenómenos de ordem psicológica e, por isso mesmo, de sequência difícilima.

Estudar, pois, a fundo a psicologia das alterações no significado regional constituiria, sem dúvida, tarefa tão difícil quanto excessiva; e, que o não fora, redundaria numa pretensão a ultrapassar largamente a índole do presente trabalho.

E importa mesmo não esquecer que até a simples classificação dos fenómenos, até essa, a fazer-se com honestidade de processos, nem sempre se tornaria exequível.

Com efeito: — se podemos classificar de «eufemismo» o dizer-se *bista* (vista) em vez de *olho*, *folha* e *sujar* para fugir a um turpilóquio muito obsceno e à crueza na referência a uma função fisiológica, disfarces que todos eles visam a minimizar a impressão penosa ou inconveniente; — se no falar deste povo superabundam os «disfemismos» ou expressões brutais, que aqui totalmente se calam por discreção e respeito para quem me lê; — se, entre outros muitos casos, *infundir* por afundar e *punir* por pugnar são exemplos de «contaminação» originada em semelhanças fonético-conceptuais; — se um significado mais geral se restringiu (fenómeno que os semasiologistas denominam «prossémia») em vocábulos como *serbo* (servo) e *ingêinho* (engenho), que só dizem aqui, respectivamente, sacristão e nora ou estanca-rios; — se, conferindo a significação de intriga ou mexerico à palavra *inrodilhada* e a significação de pacífico ou pouco exigente ao adjectivo *acom-*

dado, se produziu o fenómeno da «parassémia», visto que estes vocábulos imprimem mais vigor expressivo à transmissão da ideia; — se ainda outros muitos casos se poderiam catalogar e se reuniria dessarte uma longa e talvez curiosa lista, — o certo é que, na sua grande maioria, estamos perante fenómenos cuja causa psíquica não se descortina, salvo recurso a hipóteses muito falíveis.

Mas estes «Apontamentos» não pretendem alçapremar-se até um curso de Semântica dialectal, que viria de todo descabido. Quedemo-nos, pois, no enunciado das acepções locais e em algumas explicações despretensiosas.

157.

As alterações regionais de significado aparecem não sòmente em palavras simples mas também em locuções e em expressões especiais. Começemos pelas palavras:

ABANÇAR (avancar) — saltar por cima de: «O home abançou o muro, mas eu foi p'lo portelo e inda tchiguei a cand'a ele» (O homem saltou o muro, mas eu fui pelo portelo e ainda cheguei ao mesmo tempo). Nunca ouvi o termo no significado comum.

ACOMODADO — pacífico, dado à boa paz, pouco exigente: a evolução ter-se-á produzido através de colocado, quieto, sossegado, paciente.

AFRUITADO — dotado de boas e bastantes árvores de fruto: «Ele pede munto plo prédio; mas cumo o eido 'stá bem afruitado...» Prédio quer dizer quinta; e eido, o campo junto da casa.

ALEBANTE — burburinho, comoção geral de uma freguesia ou da população dum lugar por qualquer facto ou notícia de sensação. A palavra é deverbal de «alebantar» ou alevantar. Fernão Lopes emprega o parónimo «alevanto» a valer por alvoroço, motim.

ALEIJAR-SE — magoar-se, ferir-se, ficar contuso. Para o valor deste verbo não é necessário que se trate de aleijão ou fratura grave.

AMOROSO — macio, aveludado, de toque extremamente suave. Com intento superlativo diz-se «amorosinho»: «Que rico tchale! e é tão amorosinho aqui no catchaço!»

ANZONEIRO — enredador, intriguista, lisonjeiro, caricioso. Esta última acepção aplica-se mais a crianças, e originou-se em epíteto irónico dado a criança que utiliza meiguices para obter o que pretende: «A menina sempre me 'stá saindo ãa anzoneira!...» (De *onzeneiro*).

ANZONICES — intrigas, ditos, mexericos. Em referência a crianças, também se ouve a significar meiguices ou carícias interesseiras (cfr. *anzoneiro*). Com sentido aproximado deste, aparece em Camilo: «E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma feiticeira que só aparece de noite a dizer anzonices ao sete-estrela?!» (*Cenas da Foz*, Porto, 1873, pág. 105).

- APRENDER — perceber, compreender: «Bê tu se aprendes o qu'ela quer». Também possui o significado corrente.
- ARMAR — obter, arranjar, conseguir: «Armou bô dinheiro c'o borframe» (arranjou bom dinheiro com o volfrâmio); «Por môr do sol, sempre armei ãa dor de cabeça!» (Por causa do sol...); «Armaste-la boa!».
- ARREBITAR — esguichar, sair um líquido com jacto comprimido em orifício estreito.
- ARRECEBER-SE — casar. Na região, o verbo *casar* tem por vezes intenção cacossémica, pelo que se evita.
- ARRESORBIDO — corajoso, decidido, destemido, activo, empreendedor (de *resolvido*, com *a* protético).
- ARTISTA — artífice, operário (de «arte», como sinónimo de *mes-ter*).
- ASTREBER-SE — ser capaz de, conseguir (e também o significado corrente): «A porta 'stá tão perra que nũ m'astrebi a arbi-la». Ao *s* epentético já se fez referência no Ap. 52.
- ATERDOADO — insensato. Também se ouve no significado próprio.
- ATRIGAR-SE — atarantar-se, atrapalhar-se, perturbar-se com medo: «Nũ t'atrigues, moça, que nũ há prigo nenhum». E, também, acanhar-se: «Por que estás tu a atrigar-te de lhe dizer o que tens na ideia?» (Camilo, '*Mistérios de Fafe*', Lisboa, 1906, pág. 17).
- BACORADA — afirmação asnática, disparate (de *bácoro*).
- BARAR (varar) — espantar, admirar, tornar estupefacto: «Inté faz barar, ãa cousa assim!»; «Fiquei barado!» (fiquei estupefacto). Leite de Vasconcelos ('*Opúsculos*', II, 233) atribui origem náutica a esta metassémia; quer-me parecer que a mutação semântica haverá partido da acepção que o verbo «varar» tem de «trespassar».
- BARIAR — delirar, desvairar, tresloucar-se: «Tinha tanta febre qu' inté bariou» (...que até delirou); «Anda bariado da cabeça des-qu'a Maricas da Bouça-Boa nũ quês mais falar p'ra ele» (de *vari*ar: cfr. «desvairar»).
- BAURCÃO (balcão) — socalco natural ou artificial de terreno, ainda que de pequenas proporções. Por via de regra, tem muro de suporte; quando o não possui chama-se *balado* (valado).
- BEIRADA — série de uveiras que ladeiam um campo, em especial do lado em que seja de nível superior ao do terreno contíguo.
- BENERA (venera) — medalha, designadamente medalha religiosa.
- BERDE (verde) — o sangue corrente ou derramado. «Abrir ao berde» diz-se quando há ferimento que causa derrame de sangue: «Dei co'a cabeça cum tanta força qu'inté abriu ao berde». Também significa o guisado de sangue de porco ou de boi. Compare-se «carnes verdes» e «coiros verdes».
- BIQUEIRADA — pontapé, no significado rigoroso de termo: dado com a ponta do pé. Também pode significar «topada», isto é, embate com a ponta do pé.
- BISTA (vista) — olho. A palavra «olho» é tida por pouco decente,

mesmo no plural, pelo que se julga de boa regra eussémica preferir: «Stá caijo ceguinho das duas bistas». No entanto, diz-se: «Tem uns olhos bonitos».

BRABO (bravo) — zangado, enfurecido: «Nũ te pôinhas brabo, home, que nũ bal' a pena»; «Olha qu'ele 'stá munto brabo cuntigo».

BRILHANTES — papelinhos redondos, de cores sortidas, usados para arremesso no Carnaval e outras festas, os quais em Lisboa se designam à italiana *confetti* ou, em plural erróneo, *confétis*.

CABEÇALHA — cabeçalho, parte dianteira do temão do carro de bois.

CADRO (quadro) — quadrado, subst.: «um lenço òs cadros».

CAIXÃO — caixote: contrariamente ao que sucede em grande parte do País, não se evita a homonímia com o significado de ataúde.

CANALHA — conjunto de crianças, criançada, miudagem: «Bota-me esta canalha a brincar p'ra outra parte, que já nũ na posso aturar». É, assim, um nome colectivo e não traduz, pois, intento pejorativo nem ofensivo, como a acepção comum do vocábulo. Com este mesmo valor deprimente, o espanhol tem *canalla*, o francês diz *canaille* e o italiano *canaglia*. O último, derivado de *cane*, parece constituir o étimo, imediato de uns e, provavelmente, mediato dos demais. O francês antigo teve *chiennaille*, derivado de *chien*.

CÁNO — ramo forte de árvore, com direcção próxima da horizontal, pernada.

CAREPA — cápsula que contém o pólen do centeio, ou o conjunto de tais cápsulas. Se a carepa está a cair, diz-se que o centeio está a purgar.

CAROCHA — pendão do milho.

CARRO — quantidade correspondente a quarenta medidas, ou seja a quarenta rasas ou alqueires. Como estas medidas oscilam de concelho para concelho, entre 14 e 20 litros, claro está que também varia a quantidade de um «carro». Mas o número 40 é que se mantém sempre, e a ponto de valer em certos casos por numeral colectivo. É assim que os velhos dizem: «Já estou caijo cum dous carros» (80 anos). O carro é, em especial, tomado para base da pensão de arrendamento de quintas, no tocante a cereais: «Nũ posso pàgar por este prédio mais ca nobe carros a meio e doze rasas de fajões» (Não posso pagar por esta quinta mais de nove carros e meio e doze rasas de feijões).

CATURNOS (coturnos) — peúgas, meias curtas. Para a fonologia do vocábulo, consulte-se o Ap. 19.

CHIEIRA — presunção, vaidade, basófia: «Bais toda tcheia de tchieira co'a blúsia noba!». Cláudio Basto ('*Rev. Lusitana*', XV, 73) explica assim a adaptação semasiológica: «A gente do povo ao domingo, ou em ocasião de festa, enfarpela-se o melhor que pode. Ter uns sapatos ou umas botas novas é o cúmulo da satisfação. E se esse calçado chia, indício de que

é novo, — a gente classifica a satisfação do proprietário do calçado pelo que nele mais sobressai: a *chieira*. E como o nosso povo tem, como todos, a sua vaidadezinha, ela vem-lhe ao rosto e às maneiras, ao sentir o efeito da *chieira* do calçado: O vocábulo passou a designar essa *basófia* e, depois, *basófia* em geral.

CHIEIRENTO — vaidoso, presumido. V. supra *chieira*.

COMER (subst.) — refeição: «Eu só bebo òs comeres». Usa-se quase só no plural; para singular emprega-se o nome da refeição aludida.

COMPOR-SE — amadurecer: «Apáinha essas maçãs qu'elas inda se pode compor no compodouro» (...podem amadurecer...). V. *compodouro* no glossário de «Termos regionais».

CORAIGE (coragem) — fúria, zanga (e também coragem): «Eu 'stou-te c'ũa coraige...».

COUCE — pontapé: «Se te nũ meixes daí ráp'do, lebas-me um couce que bais parar nũ sei onde». Também possui o significado geral do vocábulo, pancada com a pata.

CRIAÇÃO — geração, idade: «Nũ pode ser; ele tem mais idade ca isso, qui é da minha criação».

CRISTÃO — pessoa (independentemente do significado religioso). O termo, nesta acepção, usa-se como sobrecomum: «O pobre do alimal, a penar, a penar, inté par'cia um cristão».

CUNFIADO — atrevido: «Nũ sêijas tão cunfiado, não?»

CUNSIDRAR-SE — reflectir, ponderar: «Cunsidra-te bem, im antes de t'arresorberes a casar co'ess'home» (de *considerar*).

DADO — costumado, conveniente, próprio, justo: «O dado é cada um trazer a sua ferramenta e nũ pegar na dos mais»; «Nũ bês, Jabel, qu'assim nũ é o dado?!»; «O dado é ir o mais lebe por riba e não as cousas de maor peso»; «O amo é um mísera: sempre foi dado buber-se à merenda ãa maurga de binho ou d'auga-pé».

DECLINAR ou DECRINAR — divisar, perceber, descortinar: «Cá de baixo nũ se decrinò qui é».

DEFESO — rebelde, renitente, indomável. De uns rapazitos insubordinados ouvi dizer: «Eles são defesos». E de uns sobreiros maus de rachar: «Isso é defeso de ratchar cumò diánho».

DEMOSTRAR — aparentar, dar a perceber: «Se quer casar co'a nossa Getrudes, nũ é assim que o demonstra». A respeito da oralização da sílaba medial, comp. *cuspir* de *conspuere*, *custipar* de *constipar*, a forma sem prefixo *mostrar* de *monstrare* e o arcaico *costranger*, em que o grupo *ns* > *s*, como aliás é de regra em idênticas condições. A língua culta restaurou a forma nasalada.

DESINGASTALHAR — desenvencilhar, desenredar, desembaraçar, desprender: «Se nũ fosse eu, nunca ela desingastalhava o cabelo». Comp. *ingastalhar*, s. v.

DORMENTE — entorpecido, insensível. Diz-se do pé, da mão ou de qualquer parte dos membros, em que se dê passageira insensibilidade resultante de compressão ou de imobilidade

demorada, e que produza a sensação de «formigueiro» ou prurido com uma espécie de levíssimas picadas. Também se diz «adormecido», com igual significado, e usa-se o verbo «adormecer» com o pronome pessoal em dativo de proveito: «Tenho um dedo dormente»; «Adormeceu-me este pé». Para livrar do formigueiro, faz-se na parte atingida uma cruz com «escupe», mesmo por cima da roupa ou da sola do calçado.

DURO — forte, sadio, de boa compleição: «O rapaz é magrinho, é, mas óilha qui é duro».

ENGANAR — seduzir uma rapariga.

ESGANAR-SE — engasgar-se: «Esganei-me c'um rabinho de porbo (polvo) e 'stibe a espedir (morrer) por um cabeleiro (por um triz)».

ESPÊCADO — parado e de pé: «Nũ 'stou p'ra ficar ali horas espêcado à tua 'spera».

ESTREMAR — lóbrigar, descortinar, ver ao longe (de *extremar*).

FABRICANTE — operário de fábrica. O termo é mais usado no feminino, *fabricanta*, operária fabril.

FAÚLA (adject.) — pequeno e muito franzino, em referência a pessoas, sobretudo a crianças: «Toma cuidado c'o piqueno, qu'ele 'stá a ficar munto faúla».

FERO — robusto, saudável de aspecto: «Quem é que diz que bocê 'stebe tão duntinho (doentinho)?! Bocê 'stá aí fero qu'inté mete imbeja».

FIDAURGO (fidalgo) — pessoa de teres, com certa educação e apresentação, e que não labute em trabalhos mecânicos; burguês: «Carago! tu luxas que nem um fidaurgo!»

FÔRMA — botão de osso, para roupa branca: «O Tone arrinca-me as fôrmas todas, para jogar cum outros deslarados cuma ele».

FREGUÊS — paroquiano, sobretudo em relação ao padre. De uma pequena freguesia nas abas da Falperra, costuma ou costumava dizer-se, por gracejo que abrangia o pároco:

Esporões,
Binte e nobe fregueses,
E trinta ladrões.

FUGIR — ser muito veloz: «Nũ sei pru qui é (por que é), mas a dele (a bicicleta) fóiige mais qu'às outras, lá isso fóiige».

FULANO — indivíduo, sujeito, pessoa. O termo funciona como substantivo bigénere: «Quê nh'era a fulána e aqueles fulános cum quem tu binhestes?» (Quem era... tu vieste?).

GAITA — chifre, especialmente de bovídeo. O termo usa-se por delicadeza eussémica, a fim de evitar o vocábulo próprio, em razão de no Minho ele ser, embora talvez menos incisivamente do que no geral do País, havido por obsceno.

GÁS — petróleo: «Bai mercar mei-cartilho de gás».

GATEAR — rebocar e cair muros ou paredes deixando a descoberto as pedras maiores.

- HÒMINHO — diminutivo de *homem*, aqui *home* na forma normal, que se usa em sentido compassivo.
- IMBORBER (envolver) — turvar: «Nũ salouques c'o pipo p'ra nũ imborberes o binho» (Não abanes...).
- IMBORRALHAR — turvar: «O binho 'stá todo imborralhado»; «Nũ m'imborralhes a auga da pôça, rapariga, qu'é p'ra-y-eu labar os lançois».
- IMBORTO — envolto, turvo. Serve de adjectivo verbal de *imborber* e de *imborralhar*, termos que são praticamente sinónimos.
- IMPERRIÇAR-SE — zangar-se muito, enfurecer-se. V. *perro*, s. v.
- INFADAR-SE — cansar-se, fatigar-se; ofender-se, zangar-se.
- INFIRMAR-SE — firmar-se, fixar bem, fixar a vista: «Descurpe, mas só depois que m'infirmei bem é qui a conheci».
- INFUNDIR — afundar: «Infunde-me bem essa estaca»; «Assim eu m'infunda no inferno, se 'stou a mintir».
- INGASTALHAR — emaranhar, enredar: «Nũ m'ingastalhes a meada»; «Ficou-se o cabelo ingastalhado num ramo da carbalheira» (De *engastalhar*, prender com galhalho).
- INGÊINHO — nora, estanca-rios: «Desapõe-me os bois do ingêinho».
- INGUIÇAR — saltar por cima de alguém: de *enguçar*, causar enguiço, pois que a pessoa por cima de quem se salta ficará enguiçada, se não se desenguçar com salto em sentido contrário.
- INLEIA — corda fina ou cordel grosso (nome deverbal de *enlear*).
- INRODILHADA — intriga, enredo, mexerico.
- IRMÃO (adject.) — igual: «Se m'armasses ùa dorna irmão à tua p'lo mesmo dinheiro...»
- LATA — latada, ramada, parreira: ripado assente em esteios (de pedra, de ferro ou de madeira) que se cobre de videiras: «Pareces c'um cão que bai roer o osso p'ra debaixo da lata».
- LIMPEZA — bragal, roupa de casa: «A moça tem pouco de seu, mas já tem muita limpeza p'ra lubar».
- LUBAR-SE (levar-se) — ir-se embora, pôr-se a andar: «Eu ralhei-le por môr da reção do gado, e pega ela lubou-se p'la porta fora».
- LUME — fósforo, em forma elítica da locução *lume-pronto*, que ainda se ouve. A origem sémica do vocábulo é clara, pois é como quem dissera lume automático: o povo foi assim muito mais castiço no adjectivo determinante que arranjou para o efeito. Em tempos, vendiam-se clandestinamente uns palitos para acender cuja cabeça era de enxofre: chamavam-se *lumes d'espera galego*, talvez porque de início fossem vendidos por bufarinheiros galegos. Tais acendalhos eram rigorosamente proibidos, não só por prejudicarem o monopólio existente da indústria de palitos fosfóricos, mas não menos por muito sujeitos a combustão espontânea, com o perigo consequente de incêndios.
- LUMIEIRA — archote de palha centeia: «Si eu binher cum de noute, inde-me esperar à Tchousa c'ũa lumieira».

- MANADA — mão-cheia, grande quantidade: «Lubou-me por elas ãa manada de dinheiro».
- MANEIRA — carcela ou braguilha das calças; abertura das saias que se aperta com um colchete no cós ou «trinchã» e pela qual se introduz a mão para o «borso» ou «patrona». Deriva de *manuaria*, por onde entra a mão.
- MARCHANTE — dono de talho, vendedor de carne, empregado de talho: tem o feminino *marchanta*.
- MARÉ — brisa, vento pouco intenso, geralmente frio; ocasião, ensejo, oportunidade: «Bai lá fora ãa maré mais fria qu'inté parece que corta»; «Bens em boa maré p'ra mas oubir...».
- MARRAR — parar o cão de caça quando fareja perdiz, coelho ou outra peça de caça: o mesmo que *amarrar* no vocabulário geral com este sentido. É, pois, um caso fonético e não semântico.
- MARUJAR — chover uma chuva muito miúda e leve, pouco mais do que orvalhar (de *marejar*, gotejar, ressumar líquido pelos poros).
- MOÇO — criado de servir (*moça*, no feminino da profissão), independentemente da idade que tenha. Não haveria nada de incongruente numa frase como esta: «A tua moça já 'stá munto belha p'rò serbiço».
- MODESTO — recatado, casto, púdico. Ouvi o adjectivo apenas no feminino e referido, por conseguinte, a mulheres.
- MORRINHA — chuva miúda, contínua e persistente. Do abatimento e depressão que causa a doença chamada *morrinha*, passou-se para o significado de «mal teimoso e acabrunhante», qual em frases deste sentido: «A dor forte passou, mas ficou-me ãa morrinha que me não larga» (...uma dor pouco aguda e persistente...). À importunação teimosa e lamuriante já ouvi também chamar *morrinha*. À pessoa que se mostra abatida física e moralmente dá-se de *morrinhenta*. Está, pois, a ver-se o caminho semântico por que se chegou à chuva *morrinhenta* ou *morrinha*.
- NAÇÃO — espécie, qualidade, feitio: «Tu nũ 'stás bô; andas c'um sapato de cada nação!».
- NETOS — rebentos laterais, ou grelos, que brotam nos troncos velhos das couves-galegas.
- NINA — porca, peça fêmea do parafuso (do espanhol *niña*).
- NOVIDADES — produtos agrícolas que não sejam vinho, cereais ou frutas de pomar, ou ainda couves vulgares. Constituem-se, pois, de feijão-verde ou vagens (*barges*, na forma dialectal), hortaliças escolhidas, tomates, ervilhas, melancias, melões, abóboras, etc. Por via de regra as «novidades» não se incluem na pensão, ou *punsão* na pronúncia regional, pois esta consiste em cereais e feijão e, ainda, numa quota-parte de vinho.
- PANELA — catarreira que produz respiração áspera e ruidosa.
- PARANÇA — quietação, paragem, tranquilidade, sossego. A palavra usa-se sobretudo em negativas como «não ter parança», «sem parança».

- PENSAR-SE — reconsiderar, ponderar: «Nada... pensei-me melhor e já nũ quero»; «Pensa-te bem, home, antes de t'arresorberes».
- PERRO — zangado, furioso: «Que perro qu'ele se pôs, cando lo dissero!» (cfr. *perrice*).
- PICAR — último toque de sino para a missa, mais entrecortado e rápido de badaladas.
- PILHAR — agarrar correndo; apanhar em flagrante: «O rapaz, cando deita a fugir ninguém no pilha»; «Pilhei-a mesmo a buber da infusa, à grande borrachona».
- PINGÃO — molengão, indolente.
- PINTOR — o pintar das uvas quando começam a amadurecer: «O S. Tiago já foi há mais dũa sumána e inda nũ se bẽ ninhum pintor».
- PITO — âmago apodrecido da fruta, sem mostras por fora: «...ũa pêra que par'cia tão linda, e tem pito!».
- PONTA — originariamente, pontuada no jogo do pau. Por extensão, tomou na manobra do varapau o significado de todo o golpe, finta ou investida. Referiram-me uma interessante anedota (que eu algures contei miudamente) na qual aparece o vocábulo com a última acepção e que pode resumir-se como segue. Um caceteiro emérito foi amestrando dois filhos, que prometiam de sair ao pai em valentia, para que lhe sucedessem na invencibilidade paulista. Pouco a pouco, foi-lhes ensinando todas as «pontas»: — a «guarda de espera», o «corte» ou «arresto», o «rebate», o «moinho», a «pancada arrepiada». Até que um dia lhes declarou ter ensinado tudo, excepto a «última ponta». Essa, que a descobrissem eles. Não lhes valeu insistir: — Que a descobrissem, que a descobrissem ao verem-se apertados. «E bão eles e resorberam de fazer de noute ũa espera ao pai». Assaltaram-no disfarçados. E toca de apertar com ele. Os lódãos «azuniam, trupabam uns nos outros, que era o fim do mundo». Defendia-se bem o pai, com toda a sua mestria, mas os rapazes eram dois e muito forçosos. Ele, por fim, deitou a fugir. No dia seguinte, quando os moços se denunciaram e inquiriram do progenitor por que não puxara pela «última ponta», ele retorquiu: «— Puxei, ora se puxei... A última ponta há-de ser sempre aquela: fugir».
- PRANTA — nome colectivo (à semelhança de *fruta*, *lenha*, *rama*) com que se designam as plantas tenras de horta, que, tiradas de alfobre, se vão plantar, e em especial as várias espécies de couves: «Bou mercar a pranta p'ràs trintchudas» (couve tronchuda).
- PUNIR — pugnar, esforçar-se: cruzamento semântico provocado pela paronímia. O verbo pede complemento regido de *por*.
- RAPOSOS — feixe de raízes filamentosas que se desenvolvem na obscuridade húmida das minas de água e as obstruem. Lembra caudas de raposa. É um *plurale tantum*.
- RECADO — ralho, admoestação severa: «Prega-le um grande re-

- cado, p'ra môr dela nũ tornar a andar c'o moço p'las quingostas».
- REPOSTA — recado: «Ficou de mandar reposta p'ra nos encontrarmos, e inté'gora nada». Também significa resposta. Acerca da forma, veja-se o Glossário de Formas Dialectais, s. v.
- ROGAR — apelidar pessoas para trabalhos agrícolas que ocupam muita gente: «Rogar homes p'rà malhada»; «Já rogastes p'rà esfolhada?».
- SAURBAÇÃO (salvação) — saudação: «Passa p'la gente e nem siquer dá a saurbação». É substantivo do infinito verbal *salvar* (*saurbar*) com o significado de «saudar». Está, infelizmente, em vias de perder-se, com outras mais, a frase de simpatiquíssima cortesia, que tantas vezes escutei de pessoa com quem me cruzava no caminho: «Saurbe-o Deus, meu senhor», ou «Salve Deus a vossa senhoria», ou que tais.
- SANTINHO — forma de tratamento que se usa com mendigos, sobretudo quando são um tanto idosos: «Tem troco dũa croa, santinho?». Também se emprega para com pessoas humildes, se de certa idade e respeitáveis, por caridosa benevolência.
- SÊINHA — sinal, aviso, tento: «Bai ber quẽ nh-anda na eira, qu'ô cão 'stá a dar tanta sêinha»; «O morcão (molengão) dorme que nẽ nh-um reco: nũ dá sêinha de nada». É o vocábulo *senha*.
- SERBO (servo) — sacristão.
- SIGUNDAR — repetir.
- TIO — tratamento dado a uma pessoa de respeitabilidade, ou a desconhecido de aspecto respeitável, em especial quando se lhe ignora o nome. Os tios são as mais das vezes tratados de «padrinho».
- TOLEDO — loucura amorosa: «Gosta do filho da Corre-Corre! deu-le naquele toledo...»; «Deixa-te de toledos, mulher; o Manel nũ é fôrma do teu pé, e tu inda tens os coirinhos (cueiros) atrás da porta». Por extensão, também significa prostituição: «Anda no toledo; quem habia de dezer, ãa rapariga de tão boa gente...».
- TORNAR (o gado) — desviar o gado, enxotá-lo de sítio em que cause prejuízo: «Torna-me esse gado das coibes, 'priga!». Tem regência transitiva.
- TOURO-TOURA — bezerro, vitela; quando novinhos, designam-se pelos diminutivos, sem ideia de pequenez, de *tourinho* — *tourinha*.
- TRAFÊGO — azáfama, trabalhadeira: «É ãa casa de tanto trafêgo qui as moças nũ paro lá» (...não param lá).
- TRILHAR — magoar. Na forma reflexa, *trilhar-se*, quer dizer «magoar-se» ou «ferir-se».

Também não escasseiam as locuções e construções locucionais em que se podem assinalar regionalismos de significação. Alguns são interessantes casos de semântica.

- ANDO NOS BINTE (ou *ando em binte*) — expressão que, em linguagem, significamos com dizer «tenho 19 anos». É por esta maneira que se costuma indicar a idade, e com certa lógica: — também nós dizemos estar no século XX, em 1958. Como alguém insistisse na pergunta, o rapaz que respondera com a frase que abre este artigo, julgando que se duvidava, porque era de aspecto franzino, asseverou: «Si-senhor, ando em binte. Já fez dezanove áno passado e inté fui às sortes (à inspecção militar); prò S. Miguel entro em binte e um».
- ARRUMAR *cum* (com) — arremessar, atirar com: «Arruma-lhe c'um calhéu».
- AURGUÉM É... — resposta que dá quem bate a uma porta, ouvida a pergunta «Quê nh-é?» ou «Quem 'stá i?».
- BÁAMOS QUE... — suponhamos que: «Ora báamos qui ele descunfia e nũ bem?» (...e não vem).
- BÊBEDO CUMA UM CARRO — a cair de bêbedo. Esta expressão é frequentíssima; mas não se lhe vê a génese, nem a explicação semântica.
- BEM-MANDADO — obediente sem constrangimento.
- BEM-PARCIDO (bem parecido) — bonito, simpático.
- BOTAR A — pôr-se a: «Bota a correr e bê s'indò pilhas» (e vê se ainda o alcanças).
- BOTAR CORPO — crescer e alargar uma pessoa, encorpar, tomar formas e proporções de adulto: «Nũ saía da cepa torta, mas agora botou corpo qu'inté nũ s'acredita».
- BUBER MEIA — forma elítica da frase «beber meia canada». Corresponde, salvante a diferença de medida, à expressão lisboeta «beber dois». É de muita cortesia o convite: «Bêinha daí buber meia».
- CHAMAR OS BOIS — conduzir os bois pela sôga: «Os bois são tão mansinhos que nem é preciso tchamá-los».
- ALEBANTAR CRÉDITOS — difamar, caluniar.
- CUM LECENÇA (com licença) — locução que serve, sobretudo, para apresentar desculpa, um pouco tal como na linguagem policiada se diz «com perdão de V.» ou «queira desculpar». É muito frequente, naquela relativa sem-cerimónia da gente de aldeia, que quem esteja com flatulência provoque o alívio da eructação, e, seguindo o acto de um «cum lecença», o julgue muito civilmente arrumado. Não se reputa nada correcto falar de um burro ou de um porco, sem preceder a palavra de um «cum lecença». E o servir-se desta locução permite citar uma sujidade, sem que isso possa considerar-se mal-criação. Falando a umas damas que me acompanhavam, dizia um homenzinho: «O s' Grabiél sempre tem lá ãas cebas! nunca bi porcas assim, cum lecença das Senhoras».
- DAR A — pôs-se a, desatar a: «Deu a afugir e ninguém mai-lo biu»; «Deu a rir, a rir, que nẽ nh-um perdido».
- DAR BEJITAS (visitas) — transmitir cumprimentos.
- DEU LE FALE NAURMA (Deus lhe fale na alma) — frase que se acrescenta quando se fala no nome de pessoa falecida:

«A minha madrinha Binagra, Deu le fale naurma, é qui o cuntaba».

F. DEU-LO-PERDÔIE — o falecido F.

FALAR PARA — ter namoro com: «A Micas do Eiteiro nũ gosta nada qu'a filha fale p'rò da Raiba» (...para o da Raiva).

FIÉIS DAS AURMAS — dádiva de uma tijela de feijões e de uma pequena broa, que os lavradores levam a cada uma das casas de onde foram pessoas ajudá-los de graça às vindimas ou às esfolhadas. Também se diz *fiéis de Deus*. A dádiva faz-se no dia 1 de Novembro, véspera do dia dos «Fiéis defuntos».

IR POR — ir buscar, ir chamar: «Ó Quinhas, já fostes p'lo azeite?»; «Bai depressa p'lo doutor, qu'o pai 'stá munto mâr-zinho».

NAMORAR *uma rapariga* — desflorar uma rapariga.

NAMORADA (*estar*) — estar desflorada.

PASSA FORA! — voz para enxotar cães.

PÔR SAL NA MOLEIRA — causar arrelias, embaraços ou aflições, fazer zangar, enervar. A palavra *moleira* significa a fontanela, que, no significado próprio, se diz mais amiúde *moleirinha*.

PÔR-SE NO MUNDO — ir-se embora, pôr-se a andar: «Se m'apouenta munto, pônho-me no mundo».

ROGAR CUM (com) — oferecer para compra: «Andei a rogar c'os figos e ninguém mos quês» (quis).

SE FOSSE A TI... — se estivesse no teu caso. Idênticamente, *se fosse a ela* (se estivesse no caso dela), *se fosse à ti'Ana* (se estivesse no caso da sr.^a Ana). Não está explicado este uso da preposição *a* na regência do que parece valer como nome predicativo e, portanto, dar-se no caso recto. O caso oblíquo terá sido provocado pela preposição; mas por que aparece esta conectiva? A este respeito, só aparecem suposições que não satisfazem.

STOU QUE... — julgo que, parece-me que: «Stou que sim»; «Stou que não»; «Bomecê nũ biu por i minha irmão? — Stou que inda stá lá em riba co'a Adelaides».

STAR DE TÔCO — estar amuado, mostrando bem que o está, por atitudes e até por actos.

TER DE SEU — ser abastado. Esse emprego do pronome *seu* substantivado confere-lhe o valor de forma neutra, correspondente às formas *isto*, *isso*, *aquilo*, dos demonstrativos. Compare-se a frase feita «dar o *seu* a seu dono».

TUDO É UM — vem a ser o mesmo, vem a ser a mesma coisa, dá o mesmo resultado: «Cum o despois nũ tenho cum que pàgar, pedir dinheiro sobr'ele ou bender o campinho, tudo é um»; «Ou ir pola quingosta ou ir po riba, tudo é um».

ZERÔILHO (*a*) — a esmo: «O centeio foi semeado a zerôilho» (foi semeado sem regos). O vocábulo também pode ser adjetivo: «Esta semente 'stá zerôilha», isto é, nem seca nem verde. O termo provém de *zarolho*, palavra que, se porventura, coin-

cide etimologicamente com o seu homónimo dicionarizado, tem sem dúvida um processo semântico muito diverso.

159.

Não me parece, também, despidendo fazer aqui menção das frases feitas que consegui registar. Valem tais frases, creio eu, não só pelo conteúdo linguístico como igualmente pelo aspecto sematológico, e não menos, ainda, por quanto nelas se infere da índole da gente que as elaborou e utiliza.

ADONDE BAI ELE SE BEM ANDOU! — Já vai muito longe: resposta a quem vem perguntar tardiamente.

ISTO AMARGA CUMA TROBISCOS — amarga muitíssimo, tomando a folha de trovisco para cúmulo do amargor.

AQUILO É UM MÉURRO!... (ou *ũa meurra*) — é um espertalhão (ou espertalhona), classificação que se faz com intento depreciativo.

BÁ NÁ GRAÇA DO SINHOR — frase de despedida, correspondente à fórmula arcaizada «vá em boa hora» (de que resultou o adv. «embora»), e que é por quem fica dirigida à pessoa que se despede, se afasta.

BÔ BAI ELA! (boa vai ela!) — mau, mau! Frase feita que significa não comecem as coisas a correr bem.

ÉS UM CABEÇA DE ABELÃO (de avelã) — um esquecido, um descuidado.

CHAMAR A TERREIRO — desafiar, pedir contas: «Ela bem no tchama a terreiro, mas o Manel nũ é cantador p'ra aquilo».

SER COPA DE PALHA — badameco, lagalhé: «óilha bem p'ra mim: jurgas que sou aurgum copa de palha?!».

DEITAR BARRO À PAREDE — tentar obter alguma coisa com rodeios ou palavras doces ou edulcoradas. A imagem frásica virá da maneira como se tenta argamassar, prender o barro à parede, sem que ele escorra muito ou caia.

DESIMBUTCHE, HOME! — Fale, diga o que tem a dizer.

DEU-LE PORRADA DE CRIAR BITCHO — deu-lhe muita pancadaria.

DEU'LO PAGUE (Deus lho pague) — fórmula de agradecimento, assim por motivo moral, como por dádiva material.

O SINHOR LE DÊ MUNTO QUE DAR — forma de agradecimento por benefício de ordem material.

DEUS TE FADE BEM — bênção para crianças, ou de avós e padrinhos também para adultos. Claro que igualmente se utilizam as variantes, conforme os casos respectivos, «Deus vos fade bem», «Deu' la fade bem», «Deu' lo fade bem». As duas últimas constituem mais um voto do que uma bênção, pois não se dirigem ao beneficiando, mas a quem por ele se interessa, à mãe, por exemplo.

DIANHOS TE CARREGUE! — imprecção muito frequente, tão usada que já esbateu muito da sua intenção imprecativa, do

mesmo jeito que é já fracamente eufemística a forma «diá-nho», por abuso da eussémia. O verbo está na 3.^a pessoa do plural.

DIÁNHOS TE LEBE! (te levem) — imprecação a que é aplicável o que se afirmou para a precedente.

DIÁNHOS TE LUBARO! (te levassem) — imprecação muito mais intencional do que as duas anteriores: atente-se na flexão do verbo, a qual como que sublinha essa intenção.

DIZER MAL DE SI MESMO — confessar-se. Trata-se de uma espécie de interpretação irónica.

FALO EU OU TCHIA UM CARRO?! — dito de protesto contra a falta de atenção a quem fala: a chiadeira constante dos carros de bois, por monótona, deixa de ser notada por quem os acompanha.

FAZ-M'O FAVOR DÕA PALABRINHA? — maneira de pedir uma conversa em particular ou à puridade.

MAL O HAIJA O CARECO! — impressão que não increpa o interlocutor, mas a sorte, o destino: «Mal haja o demónio!», e mal haja por ser ele o responsável pelo facto que provoca tal desabafo.

MALHAR C'OS OSSOS NO TCHÃO — estatelar-se.

MÁ-RAIOS TE PARTO! (te partam) — conhecida e vulgar imprecação, que tem aqui de especial o adjectivo superlativante, com a dicção resultante de próclise a que se fez referência no Ap. 78 e para a qual contribuiu a dissimulação haplológica.

MORRA UM HOME E FIQUE FAMA — frase de quem toma decisão ousada.

MORTE T'ALIMPE! — impressão que, tal como a maioria delas, excede a intenção votiva de quem a solta.

NÛ LE CONTO NADA... (não lhe conto nada) — frase que antecede o fecho de uma narrativa, o qual se vai dar em súmula brevíssima; «Nû le conto nada: Lubou-me logo dous sopapos que le hão de ficar p'ra emenda. Olaré».

NÛ QUERO SABER DE DESGRÁCIAS — Não tenho nada com isso; as consequências não são comigo.

NÛ SOU D'ARCAS INCOIRADAS — não sou de mistérios, de segredos, de reservas intencionais.

NUNCA FIANDO: O DIÁBO É TENDEIRO — é preciso ter cuidado, que o diabo arma-as, que o destino traz surpresas desagradáveis.

PAGA A PENA!... — Vale a pena... (expressão irónica).

UM PAZ D'AURMA — é um bonachão (com intento depreciativo).

QUEM MUITO SE ABAIXA O CU SE LE BÊ — aforismo: Ninguém se deve humilhar demasiado.

RAÇAS TE COMA! (ou, curtamente, *Raças!*) — imprecação com termos eufemísticos: «raças» substitui «raios».

SÊIJA P'LAS AURMAS! — frase interjectiva de resignação ou de conformidade, solta por pessoa a quem acontece algum dissabor.

- SÊJA P'LAS AURMINHAS — agradecimento humílico de algum benefício; com um pouco menos de humildade, diz-se «Sêja p'las aurmas». A frase completa, conforme também se ouve, é «*Seja p'las aurmas de quem lá tem*». «Lá» entende-se no outro mundo. É sobretudo o mendigo quem, nas várias modalidades, usa a frase.
- O SIGURO MORREU DE BÊLHO E O DESCUNFIADO INDA EXISTE — aforismo a recomendar a máxima prudência e circunspecção.
- O SINHÔ-LO FABOREÇA — frase estereotipada, para recusa de esmola.
- SUME-TE DA MINHA BISTA — «Vai-te, desaparece»: frase de zanga, de impaciência provocada por insistência em demasia do escorraçado.
- TANTO SE MÊ DÁ CUMO SE ME DEU — «Isso não me aqueita, nem arrefenta», «Não quero saber disso»; «Não me importo nada».
- TANTOS ÂIJOS O ACOMPÂNHE COMO DE BEM EU LE ROGO — Voto da mais subida gratidão, a pedir para o benfeitor, na sua hora de trespasse, uma numerosíssima companhia de anjos caminho do céu. «Rogar bem» constitui expressão antinómica de «rogar mal», ou seja de rogar pragas, desejar o mal.



II — TERMOS REGIONAIS

160.

Registam-se neste capítulo numerosos vocábulos que constituem propriedade do falar minhoto. Possível é que alguns deles se encontrem já dicionarizados; e não menos possível é que uns tantos, dicionarizados ou não, se oiçam também noutra das províncias nortenhas, Douro, Trás-os-Montes ou Beira. Nem por isso aqueles perdem a condição de regionais, porquanto o facto da inclusão no dicionário não basta para lhes generalizar o emprego; nem por isso os últimos deixam de representar provincianismos, mais ou menos exclusivos embora, visto não pertencerem efectivamente ao léxico geral da Língua Portuguesa.

Por outro lado, uma volumosa publicação lexicológica apresenta com a nota de provincianismos minhotos uns quantos termos, que, claro está, define. Porque jamais os ouviu e pretende fazer trabalho da sua responsabilidade, o autor destes Apontamentos entendeu que nenhum deles deve incluir no glossário que coligiu.

161.

No rol de vocábulos simples que se segue, dá-se a definição de todos e indica-se-lhes a origem, sempre que se julgou necessário e ela se tornou possível de encontrar ou, ao menos, de aventar.

ACACHAFUNDAR — fazer mergulhar: «Acachafunda-le bem a cabeça, a esse muncoso, p'ra-i-ele perdê lo medo à-i-auga». De cachafundo, mergulho, q. v.

ACADIMAR-SE — adaptar-se, habituar-se, ajeitar-se «O Jirómeno bortou p'rà laboura porque nũ s'acadimou lá na lóije de ferraige»; «Bámos a ber si o piqueno s'acadima c'os tios»; «Os bois nũ s'acadimo ò carro um c'o outro». Por extensão, também pode entender-se como sossegar, ganhar juízo: «A moça, ò prumeiro, binha ãa cabeça no ar, mas agora já parece mais acadimada» (por «ò prumeiro», ao primeiro, entenda-se começo»). O vocábulo derivou-se de *cadimo*, dextro, jeitoso.

ACARREJAR — acarretar, fazer fretes.

ACEZANAR — acirrar, irritar, atenazar: talvez de *cizânia*, ou então de *atenazar* cruzado com acirrar.

ACHANZAR — aplanar, alisar: de *chão*, plano; o -z- entra como infixo eufónico na aglutinação do sufixo verbal.

- ADOADO — assisado, correcto, educado, pacato. Quando precedido do advérbio «mal» (*mal adoado*), tem significações antinómicas das precedentes. Na afirmativa, pode dizer-se «bem adoado» ou simplesmente «adoado». O vocábulo provém de *doar*, de *dom* < *donum*. Comp. «bem dotado», «com bons dotes», expressões correntes em linguagem.
- ALANZOAR — gabar-se com insistência e sem discrição. Virá de *aranzel* com interferência de *zoar*?
- ALBEZES — às vezes. Também se ouve, mas menos, a prolação *aurbez*, por actuação do fenómeno que se referiu no Ap. 41. No Português arcaico havia *alvez* (de *a la vez*), assim como havia *almenos* ou *almãos* e *aldemenos* (de *a lo menos*, etc.), *alcor* (de *a lo cor*, coração), *alardo* (de *a lo pardo*, ao cair da noite), *alpelo* (de *a lo pêlo*, ao correr do pêlo), tudo formações adverbiais muito comparáveis ao advérbio minhoto. Facto paralelo é, igualmente, o artigo *el* na expressão fossilizada *el-rei*.
- ALOMEAR — referir, aludir, mencionar: de *nominare* através de *nomear* com *a-* protético e por dissimilação $n - m > 1 - m$ (comp. *alimal* < *animal*, *lembrar* < arc. *nembrar*, etc.).
- AMIÃO — ferro que prende o *pírtego* (q. v.) à mangueira ou cabo do malho: o vocábulo também se depara na toponímia do Alto Minho.
- ANAÍNHO — diminutivo de *anão* ou, melhor, de *anaio* (q. v.), usado mais como adjectivo: «galo anaínho», «ũa franga anaínha».
- ANAIO — anão, palavra mais empregada no diminutivo *anaínho*. Como de *fontã* se fez *fontainha*, de *campã* se tirou *campainha*, assim de *anão* se formou *anaínho*, tanto mais que as terminações *-ã* e *-ão* se proferem ambas iguais na prolação interam-nense. Depois, por falsa analogia, de *anaínho* deduziu-se o positivo *anaio*. A forma *anão* descende do lat. *nanus*, com prótese moderna de *a-*.
- ANDRÓMINA — tretas, mentira, intrujice. Os dicionários registam *endrómina*: trata-se da frequente oscilação *en* < > *an*.
- ANEIRO — diz-se das plantas que dão fruto ano sim, ano não, isto é, em anos interpolados. Se uma mulher comer os primeiros frutos de uma árvore, a planta fica aneira.
- APAIJAR — acariciar muito, fazer a alguém todas as vontadinhas, lisonjear (de *pajem*).
- APANHADOURO — em condições de ser apanhado, de ser colhido: «Estas peras nũ 'starão já apanhadouras?». Trata-se de um vestígio do particípio latino do futuro, como se podem citar outros na linguagem regional (*tiradouro*, *sachadouro*, *saidouro*) e na língua geral (*casadouro*, *vindouro*, *imorredouro*).
- APEGAR-SE (com um santo) — implorar a protecção especial de um santo.
- APEGAR-SE (uma doença) — contagiar-se.
- APINTAR — ganhar a uva a cor do começo de amadurecimento, começar o *pintor* (q. v. nas «Significações dialectais»).

APOUSAR — pousar (a- protético).

AQUELA — substantivo de omnímodas significações que se usa como termo vicário, por uma espécie de preguiça mental, para substituir um termo que não ocorre logo e que facilmente se depreende do contexto: «E tem a aquela de falar de mim, que fui sempre como as estrelas...!» (Camilo, '*A filha do arce-diago*', 6.^a ed., pág. 88); «E fez-me cá no coração uma certa aquela» (*ob. cit.*, pág. 194). Para efeito de vocativos, veja-se *aquele*, s. v.

AQUELAR — verbo vicário, de inúmeras significações ou, melhor dizendo, de todas as significações ocasionais, que, tal-qualmente o pronome substantivado *aquela*, substitui qualquer outro verbo de intuitiva compreensão na frase ou na oportunidade. Se uma porta está aberta e incomoda, «Aquela-me essa porta» entende-se «Fecha-me essa porta»; se está fechada e convém abri-la, «Aquela-me essa porta» vale por «Abre-me essa porta». Alguns dicionários traduzem a palavra por «arranjar», significado este que me parece um tanto artificioso, porquanto «aquelar» está para os verbos como o substantivo «coisa» está para os nomes: «Qu'istás p'ra aí a aquelar?» (Que estás para aí a pensar?); «Caeu e aquelou um braço todo» (Caiu e esfolou ou feriu um braço todo). Hugo Rocha, no seu romance regional '*Gentio Branco*', pág. 284, define: «*aquelar* significa, aproximadamente, fazer qualquer coisa». Também se emprega este verbo vicário para em síntese exprimir uma acção complexa que não pode significar-se numa só palavra; e dessa maneira resulta uma economia de expressão: «Ami-nhão temos de aquelar o grão qu'istá há um ror de dias no barandão por môr da tchuba». O verbo concentrado desdobra-se em: Temos de estender o cereal na eira, temos de o alimpar (joeirar), temos de o medir e temos de o recolher na caixa (tulha).

AQUELE — recurso vicário com que, nos vocativos, se substitui o nome da pessoa apelidada, quando este se desconhece ou não ocorre logo à memória: «Ó aquele, cumo é que tu te chamas?»; «Ó aquela, dá-me daí as tisouras». Às vezes, quando a memória não tem imediata prontidão, chega a anteceder o nome, por um recurso momentâneo: «Incontrei na feira a aquela... a Clotídes Pedreira».

ÁRIA — aspecto, apresentação; vaidade, impostura: Que bonita ária tem a tua filha!; «Sempre tens ãa ária que se te nũ conhecesse...» (De *ar* com *e* paragógico, *are*, e nova paragoge? Cfr. *espécia*, etc.).

ARJÃO — pau secó provido dos seus ramos, que se espeta no solo para apoio e ramificação de feijoeiros, ervilhas, videiras, etc. É forma sincopada de *arejão* e dela se tirou o verbo *arjoar*.

ARJOAR — colocar arjões.

ARREDOAR — cortar em forma arredondada, arredondar: «O s' Doutor de Semelhe cumprou caro este migalho de monte; mas foi p'ra arredoar a bouça, e ela daba-le pouco mato»

- (...este bocadinho de monte; mas foi para arredondar a bouça, que lhe dava pouco tojo).
- ARRENEGAR-SE — zangar-se: «Nũ s'arrenegue c'o que le bou dizer, não?».
- ASCORDAR — acordar, despertar: «Bai ascordar aquele teu irmão, que são horas de dar o penso ò gado».
- ASCORDAR-SE — recordar-se, lembrar-se: só se usa reflexo, neste sentido; com sentido activo emprega-se o verbo *alembrar*, o qual também dispõe de forma reflexa, *alembrar-se*.
- ASSAPAR — baixar, esmagar, assentar, aplicar com força: «O forno 'staba cum pouca quentura e o pão assapou»; «Aquele astrebido quês-me apaurpar, e eu assapei-le um catchação que o sãigue espirou-le logo das bentas». Em forma reflexa, significa sentar-se ou agachar-se.
- ASSEADA — o que os homens levam entre a camisa e o peito: «uma asseada de uvas, de maçãs, de laranjas» (de *seio*). Comp. *abada*, o que as mulheres levam no avental.
- ASSEZINAR — importunar pela insistência: parece de origem onomatopaica, influenciada por *acezanar* e *atanazar* (atenazar).
- ATÓLICO — atónito (cruzamento com *tolo* e confusão de sufixo).
- ATREMAR — acertar, atinar. Haverá relação com termo, levar a termo?...
- ATUIR — entulhar, encher de terra uma grande cavidade — fosso, vala, poço, caboucos.
- AZIUMADO — aziúme, azedum, azedia. É regressivo de *aziumar*, que por seu turno assenta em *azedume*: «Esgomitou na roupa e agora nũ se pára c'o aziumado que deita».
- BARANDÃO (varandão) — varanda corrida, muito larga, no 1.^o andar de casa rústica, coberta pelo telhado geral, e que serve para resguardar os cereais, cebolas, etc., com tempo chuvoso ou húmido, enquanto não adquirem condições de arrecadação.
- BARRUFADOR — regador (de barrufar, borrifar).
- BÊGUEIRO (vegueiro) — mulo, macho, jumento de carga: parece derivar de *vehicularius*.
- BINTCHE — paulito, ou outro alvo, do jogo da malha, jogo que na região se chama *fito* ou *fite*. O vocábulo parece relacionar-se com vinte. Confronte-se a frase «dar no vinte», que significa acertar, com a frase «dar no bintche», que no dito jogo tem esse mesmo significado. Importa, além disso, não esquecer que no dialecto não há *v*, pelo que o *bintche* será *vintche* ou *vinche*: na fala brasileira o *t* assim situado molha-se.
- BINDIMADA (vindimada) — acto de vindimar realizado por um grupo de pessoas; vindima. O sufixo *-ada* traz-lhe a significação colectiva, como em *podada*, *esfolhada*, *roçada*.
- BIRELAS (Virelas) — a sorte, personificação da sorte nos jogos, sobretudo nos de cartas: «Nũ fostes tu que ganhastes, foi o Birelas». Substantivou-se o dito «virem elas» (as cartas), na

- prolação minhota «bir elas», ou seja com a pronúncia $b=v$ e com a flexão do verbo na 3.^a pessoa do plural do infinitivo.
- BOJEGO — empola, entumescimento devido a traumatismo ou infecção (de *bojo*). Em Trás-os-Montes diz-se *bejoga* ou *bejoega*, palavra que, embora paronímica, virá de étimo distinto, talvez *vesucula* por *vesicula*.
- BONDAR — bastar, ser suficiente (de *abundare*). A flexão empregada mais vezes é «Bonda» como ordem, e com sujeito elíptico, equivalente a «isso bonda»; mas pode ter utilização vária: «Se acardito!? Bonda bomecê dezê-lo».
- BORCAR-SE — debruçar-se (de *borco*): «Nũ te borques tanto, que caís ao tãique (tanque). Também se ouve na forma activa, *borcar*, a dizer voltar uma vasilha de boca para baixo: «Borca-me esse cantro p'ra ficar bem escorrido». Comp. *emborcar*.
- BRADÓRIO — o conjunto das orações que na igreja se rezam em sufrágio de um defunto no domingo seguinte ao dia do enterro, orações a cada uma das quais corresponde uma oblata oferecida por cada um dos assistentes que promove a oração. O vocábulo, proveniente de *obrada* o mesmo que *oblata*, está por *obradório*: a inicial, aglutinando-se com o artigo, suprimiu-se como em *relógio*, *menagem*, *varino*, *ror*, *Mezio*.
- BRANDEZA — fraqueza, fome.
- BRELHO — tijolo: de *imbriculu-*, diminutivo de *imbrex*; para a aférese, comp. *sanha* < *insania*.
- BUTCHO! — interjeição para chamamento de um cão cujo nome não se sabe ou não se utiliza.
- CABELEIRO — cabelo, palavra de intenção unitária, para designar um só cabelo ou pêlo. Vale também para acentuar uma afirmação minimizante: «Ó home, olha que nũ faz siquer diferença dum cabeleiro. A palavra *cabelo* toma-se por colectiva, o conjunto dos «cabeleiros». Para similares derivações de substantivos unitários, cfr. *coibeira*, *erbeira*, *folheira*, *greiro*, *milheiro*, *peleira*, *peleiro*, *palheira*, *pingueira*, *prumeira*, *tojeiro*.
- CACHAFUNDO — mergulho de cabeça para baixo: é um nome verbal.
- CACHAFUNDAR — mergulhar de cabeça. Não se confunda com o verbo causativo, acima já registado, *acachafundar*.
- CACHEIRA — rasteira, busca-pé.
- CACHICHA! — caticha! interjeição de nojo, ante qualquer suidade, que se secunda com uma cuspidela mundificadora.
- CACHINHOS — anéis de cabelo: de *cacho*, pela semelhança dos caracóis laterais com os cachos pendentes. A forma positiva, ou seja sem sufixo, pode usar-se, mas é rara.
- CAGALHOTO — girino, larva de rã.
- CAIBRADA — paulada violenta com caibro ou sarrafo.
- CANGAÇO — o cacho das uvas depois de esbagoado. O «bagaço» é o que, depois de esmagadas as uvas e extraído o vinho, fica dos cangacos e da grainha.
- CANHEIRO — vassoura de giesta. O nome deriva de *canhar*, varrer os *canhos* ou detritos de palha que ficam por cima do grão

no fim da malhada, depois de levantada a palha graúda. Este verbo e o substantivo com que se relaciona caem em desuso. Apenas subsiste o instrumento, e aplicado para mais larga utilização, qual é varrer a eira e todas as grandes superfícies. O verbo *canhar* é evolução de *coanhar*, do mesmo modo que *canho* é forma contracta de *coanho*: mas a origem do verbo e do nome continua incerta.

ÇANICAR — abanar repetidamente. Constituiu-se como frequentativo de *acenar* na prolação *açanar* (q. v. no cap. das «Pro-núncias dialectais»); *çanicar* é, pois, forma aferética de *açanicar*.

CANTÊ! — quem dera! (de *quanto é*).

CARADA — acto ou efeito de acertar com a malha (*patela* se chama a esta), de acertar com ela no *bintche* (paulito ou fito) derrubando-o.

CARAMILO — Veja-se *gramilo*.

CARAPÊLO — meda feita com molhos de palha triga ou centeia, ainda por malhar. Estas medas, que se constituem em pleno campo, são de forma e feitura especial. Pega-se de três molhos atados pelas pontas do lado das espigas, e com as espigas para cima, e colocam-se erectos com as bases bem afastadas. Outros três molhos, atados como os primeiros, colocam-se sobre eles, nos espaços que vão de um molho a outro. Um sétimo molho, então, espeta-se em cima dos outros, com as espigas para baixo, a constituir uma cobertura ou telhadinho. O vocábulo resultou de *carpelo* com anaptixe.

CARBALHEIRA (carvalheira) — cambalhota: não é fácil de perscrutar o fenómeno psicológico que provocou esta metassémia, se, como aparenta, a palavra é a mesma que significa a conhecida árvore.

CARENDEIRO — meigo, carinhoso, lisonjeiro: de *crendeiro* < *querendeiro*, adjectivo tirado do verbo *querer*, na significação de querer bem. Por anaptixe restituiu-se a *crendeiro* a sílaba que desaparecera com a queda do *e* mudo e dera aso à formação do grupo *cr-*. O *carendeiro* procura que lhe queiram bem, que o amem por meio dos seus carinhos ou meiguices. As mais das vezes, a adjectivação aplica-se em sentido ternamente irónico, a uma criança carinhosa cujos carinhos se tomam, ou se finge tomarem-se, por impostores ou interesseiros.

CAROÇA — capote contra a chuva, feito de palha. Hoje desapareceu ou quase, mas ainda há algumas dezenas de anos tinha muito uso. O que subsiste é o rifão: «Fraco é o Maio que nũ rompe ãa caroça». O termo, se não é oriundo do castelhano *caroza* como tudo leva a supor, é com ele aparentado através da forma *coroça* que passou a *croça*, como *coroa* passou a *croa*. De *croça* veio por anaptixe *caroça*, fenómeno frequente tanto na fala popular (*caravelho*, *carapim*, *garabulho*, etc.) como em palavras dicionarizadas (*caranguejo*, *taramela*, *garatujar*, etc.).

- CARRIJÃO — moço de fretes, carregador: cfr. *acarregar*. O feminino é *carrijona*.
- CASTE — qualidade, boa qualidade, casta escolhida: «ubas de caste».
- CATROZADA — grande quantidade, grande número: de *catorze*.
- CAURCORÉ — calcoré, codorniz. Deve ser onomatopeia.
- CEBA (ceva) — porco cevado ou para cevar. Vocábulo deverbal, é nome epiceno de concordância feminina: quer dizer, mesmo tratando-se de um porco, é uma ceba.
- CEIBAR (ceivar) — soltar a água dum recipiente, abri-lo, destapá-lo, esvaziá-lo: «Bai ceibar aquele tãique e òs pois ceilba tamém a pôça». O termo provirá de *ceive*, que, por seu turno, terá como étimo o adjectivo latino *caelebs*: da significação de solteiro é fácil a passagem para o de solto, sem vedação.
- CENTEIA — adjectivo torado de *centeio*, que aparece nas expressões «palha centeia» e, mais raro, «farinha centeia»: cfr. «palha milha» e «farinha milha». Nunca ouvi o adjectivo em concordância masculina.
- CHANATO — muito baixo, referindo-se a pessoas. Talvez se empregue mais na forma diminutiva *chanatinho*. Haverá no vocábulo cruzamento de *chão* com *chato*?
- CHABILHÃO (chavelhão) — peça de ferro que, entrando num furo da cabeçalha do carro, lhe prende a junta de bois ligando o jugo pelo tamoeiro, ou seja por uma peça de coiro de forma anular.
- CHELINCAR — tilintar (onomatopeia).
- CHICHINHO — bocadinho extremamente pequeno de qualquer coisa. Deve ser diminutivo de *chicho*, que, a significar pequenez, também só ouvi no Alto Minho. Conheço a mesma palavra como provincialismo trasmontano — bocadinho de carne assado nas brasas.
- CHIGANTE — próximo, contíguo, imediato: O Antone é logo chigante ò mais belho» (É o segundo filho).
- CHINCHARRABÊILHO — criancita viva, irrequieta e esperta (onomatopeia).
- CHINQUILHAR — chocalhar, tilintar (onomatopeia).
- CHONINHAS — homem sem préstimo, enfezado e amaricado. Talvez de *Joaninha* através da pronúncia galega do *j* e com a crase *oa* > *ò*. O *s* virá por influência da terminação de *maricas*, epíteto que, derivado pejorativamente de *Maricas*, hipocorístico de *Maria*, tem no Minho significado cacossémico, mas não tão deprimente como em Lisboa: vale apenas, muito aproximadamente, o significado com que defino o vocábulo desta mesma rubrica.
- CIBINHO — pequeno pedaço de comida. Representa o diminutivo de *cibo* (do lat. *cibus*). A forma positiva raro se ouve. Empregou-a Camilo: «A enferma, como não tivesse cibo de pão que desse à menina...» (*'A enjeitada'*, 7.^a ed., pág. 106).
- COCEIRA — comichão, prurido; irritação cutânea que causa prurido.

- COIBEIRA — pé-de-couve (de *coibe*, na dição do Minho, indicação unitária numa plantação de couves, semelhantemente ao que dá com *cabeleiro* (q. v.), *tojeiro*, *milheiro*, etc. A palavra *coibe*, no singular, significa uma folha de couve; no plural, *coibes*, pode traduzir uma pluralidade de folhas ou um conjunto de pés-de-couve.
- COIRA — mulher de mau porte (fem. de *coiro*).
- COMILAR — fazer batota, trapacear.
- COMILICE — trapaça ao jogo, fraude, exagero de preço: «Trinta meurréis por este conserto?! que grande comilice!»
- COMPODOURO — Madureiro, maturação: «As peras p'ra ser melhores hão de estar uns dias de compodouro». Do centeio, dos feijões ou de qualquer semente de ervas, ainda a aguardar completo amadurecimento, diz-se que estão de compodouro.
- CONÇOEIRA (couceira) — cada uma das peças verticais da porta, que enquadram e aguentam a restante madeira da mesma. Delido o étimo, *couce*, trocou-se a sílaba inicial pelo prefixo *con-*; através da forma *couciera*, que também existe, fizera-se *couçoera*, como de *ameixieira* se fez *ameixoeira*.
- COPA DE PALHA — molho de palha milha. Acerca da acepção metassémica da expressão, veja-se o Ap. 159, s. v.
- CRIATURO — indivíduo. Trata-se de masculinização anómala de *criatura*, que inclui seu quê de depreciativo.
- CUMBARRA — largo estrada suspenso do tecto, ou de traves ou barrote, onde se estendem batatas, cebolas, maçãs, etc.; pode ter escoras ou espeques. Nalguns pontos do Minho diz-se *barra*: aquele vocábulo deriva provavelmente deste. Mas como explicar o prefixo *cum*, prolação dialectal de *com*?
- CUMPARANÇA — comparação: houve troca de sufixo, por analogia com *confiança*, *tardança*, *andança*, *poupança*, etc.
- CUNFESSANAÍRO — confessional. Deu-se interferência de *confessar* (*cunfessar*, na pronúncia regional) sobre a forma normal *confessionário*. O sufixo culto *-ário*, que já na fase pre-histórica se mudara em *-airo* para dar *-eiro* (*primariu* > *primairo* > *primeiro*), converte-se agora, na linguagem popular, em *-airo*, mas já não assimila as vogais do ditongo: *vigairo* < *vigário*, *contraíro* < *contrário*, *nessairo* < *necessário*.
- DECRUAR — sachar o milho pela primeira vez, o que corresponde a tirar a crosta da terra endurecida (de *cru*?).
- DEGARGAR — tirar os grãos às espigas: perderem as espigas os grãos. Provém de *desagregar*, com troca do primeiro prefixo e supressão do segundo (*degregar*) e com metátese do *e* temático a que se seguiu o indispensável reforço para *a*.
- DESADORAR — insitir muito num pedido a pessoa de quem somos bem queridos. Parece ter havido cruzamento de *desorar* com *exorar*, verbo este no qual se contém, aproximadamente, o sentido do vocábulo em rubrica.
- DESAJUDAR — ajudar alguém a tirar uma carga da cabeça ou dos ombros. Pedir a outrem «Ajude-me aqui» significa «Auxi-

lie-me a levantar para a cabeça ou para o ombro». Compreende-se que, imprimindo o prefixo *des-* o significado de operação inversa, como em *desfazer*, *descaçar*, *descarregar*, *destapar*, a operação invertida de *ajudar*, naquela acepção, se traduza por *desajudar*.

DESAUSTINADO — desatinado, furioso, desequilibrado. No Português arcaico havia *austinar*, vocábulo que a língua moderna refez na forma *obstinar*.

DESLARADO — desfaçado, descarado, atrevido, sem-vergonha: «Sempre me saistes ãa deslarada!».

DREITURA — direcção, sentido (de *dreito* < *direito*); em *dreitura*, directamente: «Bais em dreitura à madrinha Adelaides (tia Adelaide), e só depois bais ò resto».

EI! — interjeição para fazer andar os bois e para os incitar em marcha.

EMBORNECER — tornar borno, amornar. Veja-se *borno* no Glossário de Formas Dialectais, s. v.

ENCACHIÇADO — encaracolado, referindo-se ao cabelo. De *encachicar*, verbo pouco usado que se filia em *cacho*. V. *cachinhos*, neste mesmo glossário.

ENRILHADO (profer. *inrilhado*) — obstipado, com prisão de ventre: muito provavelmente de *enrolhado*.

ENXE BRE (profer. *enxêbre*) — nu, em pêlo, ao natural: «Dei-le catro paumadas naquele cu enxebre, que nũ le ficou buntade de fazer outra»; «No quinteiro o mato inda 'stá enxebre». Também se ouve, muito raro, a dicção *ingêbre*. Leite de Vasconcelos, in '*Opúsc.*', II, 106, regista acepção muito diversa. Este vocábulo *enxebre* aparece amiúde em documentos arcaicos, como, por exemplo, na famosa carta escrita por D. Lourenço Vicente, arcebispo e senhor de Braga, a D. João de Ornelas, o poderosíssimo Dom Abade de Alcobaça em tempos de el-rei D. João I.

ERBEIRA (erveira) — pé-de-erva: «A seca é tanta que nem siquer se bẽ ãa erbeira». Cfr. o significado unitário de *cabeleiro*, etc.

ESBAIRAR — distrair-se, espaiar-se: «Bá dar ãa borta inté ò eido, que sempre esbaira» (Vá dar uma volta até ao eido, que sempre se distrai); «O tempo parece que bai esbairar». Também se emprega o termo a respeito de uma dor que se atenua com tendência para cessar. Resulta de *des-variar*, com posterior troca de prefixo. Cfr. *desvairar*.

ESBANGALHAR — escangalhar: talvez por cruzamento deste verbo com *bandalho*, na acepção de trapo, de que facilmente passa à de trapalhada, de desarranjo, de confusão, conforme se entende da expressão local «pôr num bandalho». Cfr. ainda *esbandalhar*.

ESBUCHAR — sair para fora dos limites normais, extravazar do continente, fazer grande saliência: «Ó rapariga, esse peito assim esbuchado inté parece mal». Compare-se a expressão adjectiva «bucha», a designar uma pessoa muito gorda, como inchada.

- ESCABOUCAR — escavar, partir em pedaços, escaqueirar: cruzamento de *escavar* com *esmoucar*?
- ESCADRAÇAR (esquadraçar) — despedaçar com violência: quebrar-se em pedaços, rachando.
- ESCAGANITAR-SE — esganiçar-se, fazer esforço por soltar voz aguda e estrídula. O sentido coprolático originário esbateu-se, ou mesmo diluiu-se de todo.
- ESCAMBRO — nome deverbal de *escambiar*, espaço entre duas chuvadas. O verbo significa melhorar-se o tempo transitóriamente, com prenúncio de um escambro. Provirá de *escambo*, troca, mudança? ou de *excamerare*, desfazer a abóbada? O meu velho amigo Dr. F. Vieira e Brito informa-me de que na Póvoa de Lanhoso a mesma ideia se traduz por *bocanho*.
- ESCANAR — partir-se a uma árvore o ramo ou «cano»; partir-se o ramo com o peso dos frutos; por extensão, estar a planta carregadinha de frutos: «Nũ bás tanto p'ra a ponta da figueira, que ela escána!»; «Se tibesses escorado a p'reira, já ela nũ escanaba»; «Esta fruiteira, benza-a Deus Nô-Sinhor, 'stá mesmo a escanar». É evidente a sua origem de *cano*, ramo de árvore, pernada.
- ESCÂNDOLA — ofensa, razão de queixa: «Ó tu, tens algũa escândola do meu âmo, p'ra môr d'istares a murmurar dele?».
- ESCOCHO — esquerdo, canhoto: «Bira à mão escocha, e é logo ali»; «Inté a buber és escocho!». Apesar de certa paronímia com o francês *gauche* e da sinonímia com o derivado *gaucher*, não se vê maneira de os aproximar etimologicamente.
- ESCOGITAR — espreitar, esquadrinhar, remexer à procura.
- ESCORÇOAR — desanimar, perder a coragem, desistir: de *descoçoar*, por troca de prefixo, troca esta muito frequente no dialecto.
- ESCRABANADA (ou *escarabanada*) — chuva violenta e passageira, acompanhada de forte pé-de-vento: «as escrabanadas d'Abril». Em Trás-os-Montes diz-se *esgaravanada*, e há *esgaravananar*, que é regar com o *gravano*, vaso de folha que no Minho se chama «cabaço». Aproxime-se a expressão corrente «chover a cântaros».
- ESCRIBAR — crivar, joeirar, peneirar: de *crivo* com o prefixo *es-*, para tornar o verbo mais significativo.
- ESFUTRICAR — esfarrapar, retalhar, esburacar, amarfanhar. Também se ouve sem o prefixo intencional, *futricar*. De *futrica*, farraparia.
- ESGADANHAR — arranhar: «O raio da gata esgadanhou-me toda». Talvez seja por *esgadunhar* (de *gadunha*), mais fácil de explicar semanticamente do que propondo a raiz *gadanho*.
- ESGORRICHAR — escorropichar, despejar ou sorver as últimas gotas de um vaso. Trata-se de onomatopeia para que hajam concorrido *gorja* e *golo*?
- ESTACÃO — rasgão dado na roupa por esta se espetar súbitamente em prego ou objecto agudo. Também se diz *estacadela*.

ESTANTIO — estacado, pasmado, assarapantado: «Eh! rapariga, parece que ficastes estantia!».

ESTARRINCAR — trincar fazendo barulho no alimento que se está a triturar, ou rangendo os dentes: «...onde diz Job que há o estarrincar de dentes, na hipótese de que as almas, saídas do corpo, recebem uma dentição nova à porta do inferno» (Camilo, '*Luta de gigantes*', Lisboa, 1920, pág. 128). O jeito onomatopaico parte do verbo *trincar*, que passa a *terrincar* e, daí a *tarrincar* pelo reforço vocálico que a proximidade do *r* exige. O prefixo *es-* é intensitivo.

ESTIÇA — provadeira de tonéis ou barris de vinho. Consiste num buraco de verruma, que se veda com um pauzinho aguçado e estopa ou cebo.

ESTONADA — bordoadada (de *bastonada*).

ESTONAR — tirar a tona, descascar, pelar: estonar uma laranja. por extensão, tirar as folhas e ramificações a uma vara, para a transformar em vergasta: «O barrosão, quando quer bater ou evitar que lhe batam, estona um esgalho de cerquinho ou marmeleiro» (Camilo, '*Ecos humorísticos do Minho*', III, 28).

ESTRAMPALHAR — escangalhar, desarranjar, espalhar o que se desorganizou: haverá talvez cruzamento de *destrambelhar* com *espalhar*.

FALHEIRO — falho, que tem falhas, que tem espaços por preencher: «O centeio nasceu munto falheiro».

FOLECA — neve em flocos.

FOLHEIRA — folha de qualquer planta, quando ela se designa unitariamente em relação a um conjunto grande de folhas: «Já andarás aqui o mal do surfate? Chega-me ãa folheira da-quele bide». V. *cabeleiro*.

FÒMENTO — esfomeado, pessoa que anda sempre com muito apetite.

FOSTAR — recuar, fazer recuar, desviar. Emprega-se sobretudo em referência a juntas de bois e em especial quando apostas ao carro. Provém de *afastar*, na forma aferética *fastar*, na qual, concomitantemente, os *aa* se dissimilaram e o primeiro se adaptou à consoante inicial. Aos próprios bois se intima «Fosta! fosta!», ao mesmo tempo que se levanta a sôga e se agita por cima a aguilhada.

FOUCINHÃO — instrumento para cortar a palha de centeio ou de trigo a dar ao gado. Está cravado numa parede. O vocábulo deriva de *foucinha*, por ter dentes e forma recurva como ela, e o sufixo aumentativo indica a diferença de tamanho.

FRACA — galinha-da-índia, pintada: é vocábulo onomatopaico, tirado da voz desta ave.

FRAGO — excremento de coelho, cabra, ovelha.

FREGUILHA — fervilha, pessoa muito mexida, que anda numa roda viva. Parece ter evoluído assim: *fervilha* > *frevilha* > *freguilha* (cfr. *esgomitar* de *vomitar* etc., etc.).

FREGUILHEIRO — o mesmo que *freguilha* (q. v.) e talvez mais usado, por mais significativo com o sufixo.

FREIMA — apoquentação, aflicção: «Há de se lhe cortar o cabelo, praque l'anda a fazer munta freima». Fonològicamente, parece que o étimo é *flegma*, conquanto no significado se contrarie o alótropo *fleuma*.

FUMADEIRA — boquilha.

FUNGAR — arremessar para longe; deitar fora com arremesso. Mais rara, há também a forma *afungar*. Não se descortina ligação fonológica com *funda*, apesar de certa paronímia e da aproximação que pode fazer-se dos significados das duas palavras.

GABETO — recipiente, vasilha grande, em especial para vinho. Cândido de Figueiredo, s. v. *Gávedo* (prov. minhoto), define no seu Dicionário: «Qualquer vaso ou recipiente». Conf. '*Portugália*', II, 650. O *t* intervocálico, na dicção que registo e única que ouvi, é de persistência anormal, e só me ocorre caso paralelo em *súpeto* (súbito), que, de origem literária, constitui vocábulo recente no dialecto. Também não é muito normal a proparoxítonia, mas justifica-se pela mesma impossibilidade que impediu a completa evolução de *bêbedo* e *sábedo* (sábado). Hugo Rocha, no já citado romance '*Gentio Branco*', pág. 284, cita a palavra *gávedo*, que define como «vasilha de certo tamanho para qualquer líquido». Em castelhano há «*gábata*», que, segundo o Dicionário da Academia Espanhola, significa uma escudela ou caçoula de pau em que se deitava a comida repartida para cada soldado ou galeote, e tem por étimo o lat. *gabata* ou *gavata* (esdrúxulos), que vinha a ser escudela ou gamela. E no Alto Minho (Cerveira, Monção) há *gavejo*, vasilha, vocábulo em que parece existir o mesmo semantema.

GAJAR — jactar-se, gabar-se: «Nũ 'stejas p'raí a gajar, qu'inté parece mal». O vocábulo não deve ter qualquer relação com o homónimo «gajar», contagiar com gafa, e surge-me como demasiado violenta a hipótese de evolução do seu sinónimo *gabar*, pela mudança $b > v > f$, aproximando, para o efeito, o caso *trouve* <> *troufe*, que já foi tratado no lugar próprio destes Apontamentos.

GAIPO — pequeno cacho, parte de um cacho de uvas dele esgalhada. O diminutivo tem as formas *gaipinho* e *gaipelinho*, esta derivada de *gaipelo*, positivo que já não se ouve.

GALHEIRA — longa vara cuja extremidade superior se fende para se lhe intrometer uma travícula que mantenha separadas as partes fendidas. Obtém-se destarte uma forquilha muito estreita com que se colhem frutos altos, e em especial cachos ou gaipos de uvas tirados de vides enforcadas. As galheiras utiliza-as muito o rapazio para alcançar as uvas que escaparam aos vindimadores (de *galho* com o suf. *-eira*).

GARAMILO — forma anaptítica de *gramilo* (q. v.).

GARAPALHO — o mesmo que *grapalho*, que se define s. v.

GAROTAIGE — rapazio, conjunto de garotos, qualidade de garoto, acto de garoto. Note-se que o termo «garoto», assim como qualquer dos seus derivados, não tem aqui acepção pejorativa.

GAURGUEIRA (galgueira) — rego muito profundo, valeira para plantação de árvores ou para conduta de água. Foneticamente, é manifesta a origem de *galgar*; mas semânticamente a explicação torna-se um tanto mais especiosa.

GODO — seixo, pedra rolada.

GRADÃO — portão de ferro: «Subia, uma manhã, a cadela com a alcofa dos provimentos para seu dono; e, no acto em que tinha meio corpo a dentro do gradão principal, o chaveiro, inimigo dos cães, deu-lhe com a pesada chave na cabeça» (Camilo, '*Memórias do Cárcere*', I, cap. III, pág. 22 da 4.^a ed.).

GRAMILHO — o mesmo que *gramilo*, q. v., infra.

GRAMILO — fecho interior, em forma de arco de círculo, articulado numa das extremidades, que prende o cravelho para impedir que, manejando a aldraba ou outra alavanca exterior, este possa abrir-se da parte de fora. Em galego diz-se *gramil*. E o Dicionário da Academia Espanhola regista também o vocábulo homonímico *gramil*, a designar instrumento muito diverso e ao qual atribui para étimo o grego *grammé*. No Minho, o vocábulo apresenta, concomitantemente, outras formas: *garamilo*, obtida por anaptixe; *gramilho*, em que o *l* se molhou no contacto com o *i*; *grumilo*, na qual se verifica a labialização registada no Ap. 5; *caramilo*, com manifesto cruzamento de *caravelho*.

GRAPALHO — uma das correias que prendem o pírtego ao cabo do mangual: terá o vocábulo alguma relação com *grampar*, prender?

GREIRO — grão: «um greiro de milho», «um greiro de centeio». A palavra «grão» refere-se ao próprio cereal e, sobretudo, vale correntemente como sinónimo de milho: «O tempo nũ bai nada bô p'rò grão: nũ me percas nem um greiro do bélho (velho)». Camilo, *passim*, empregava a forma *graeiro*, que é estádio anterior da evolução fonética: *granariu* > *graeiro* > *greiro*. Acerca de termos unitários cfr. *cabeleiro*, etc.

GRUMILO — o mesmo que *gramilo*, q. v.

GUICHO — pequeno e esperto, vivo. Ouve-se mais amiúde a respeito dos olhos, «ter olhos guichos» ou, mais vezes ainda, usando o singular pelo plural, «olho guicho». Uma abonação de Camilo ('*Onde está a felicidade?*', a pág. 226 da 7.^a ed.): «Que tens, Augusta? Estás tão vermelha, e com os olhos tão guichos!...».

HÔMESSA! — essa agora! ora essa! — É interjeição de espanto e dúvida que, embora originada de «homem, essa!» através de «home, essa!», se emprega sem atender ao sexo do interlocutor.

- IMBEJIDADE — inveja, ciúme, cobiça: o sufixo de qualidade, aplicado ao termo *imbeja*, acentua-lhe o significado.
- IMBÉS — avesso. A locução adverbial *ao imbés* quer dizer ao contrário, às avessas (de *inverso*).
- IMBUDE (embude) — funil grande (do lat. *imbutum*). Em castelhano há *embudo*, com significação de *funil*.
- IMITANTE — semelhante, parecido. Emprega-se em construção de participio presente, a valer por «que imita» ou, mais rigorosamente, «que se assemelha a», como na frase que registei: «É assim ãa cousa imitante a ãa caixinha cadrada». De Camilo: «Tendo lido trezentos volumes de novelas, não encontrara caso imitante» (*A brasileira de Prazins*, a pág. 12 da 4.^a ed.).
- IMPONTAR — correr com alguém, pôr fora, despedir, mandar embora: «É ãa guelosa, imponta-a, põe-na já cum dono».
- IMPOR (alguém) — pôr fora, mandar embora, «impontar».
- IMPRÊGADO — entrevado, paralítico.
- INCHAMBRAR — melhorar o tempo chuvoso: «A minhão tem 'stado de munta chuba, mas à tarde debe de inchambrar».
- INCOURAR — represar da água corrente, em rego ou outra conduta, por qualquer estorvo: «Bou ber adonde a auga incourou». De *ancorar*?!...
- INCRÉU — maçador, impertinente. É a palavra arcaica *incréo* < *incrédulo*, que passou por esquisita metassémia.
- INFINCAR — fincar, firmar: «Infica-te bem, mulher, p'ra môr de nũ escorregares». O prefixo é intensitivo.
- INFUSA — caneca de barro.
- INJÒRCADO — arranjado, apresentado, trajado, constituído. Só ouvi o termo nas locuções *mal-injòrcado* e *bem-injòrcado*: «O moço p'ra qu'a Antoninha fala é tão mal-injorcado!»; «Isso, nũ haija dúbeda, foi bem injòrcado». Viterbo traz *ajorcado*.
- INSADOURO — uma das correias do malho.
- INSARRASCAR — mascarrar de cor escura; o mesmo que *infarruscar* (*enfarruscar*). Deriva de *sarrasco*, q. v.
- INSURRASCAR — o mesmo que *insarrascar*.
- JANDRA — conjunto de pessoas malcriadas e barulhentas.
- JINÊLO (janelo) — postigo, pequena janela.
- LACADA — cova de estrada ou de rua; o solavanco dado pelos veículos numa cova dessas.
- LESTREZA — rapidez, desembaraço, agilidade: de *destreza*, por dissimilação.
- LESTRO (ou *lesto*) — rápido, desembaraçado, ágil, expedito: de *dextro*, por dissimilação.
- LINGURETA — lingueta, peça corrediça das fechaduras. Em latim havia *lingula*, que poderia dar *lingura*, mas não é de supor que haja relação de proveniência entre este vocábulo e a forma interamnense. Deve resultar de um cruzamento o *r* epentético.
- LINGURTAR — ser lingureiro, dar à língua: de *lingureta*, atra-

- vés da forma *linguretar*. Cfr. *lingurteiro*. Porta-se como verbo defectivo, só usado nas formas arrizotónicas.
- LINGURTEIRO — linguareiro, linguarudo: de *lingureta*, por intermédio da forma *lingureteiro*.
- LORFINHO — muito fofo, macio. Presume-se a forma positiva *lorfo*; mas nunca a ouvi. Ligar-se-á foneticamente a *balof*?
- LOUCEIRO — prateleira para louça, estandeira.
- LUSINCU — pirilampo: de *luz-em-cu*.
- MAÇÃOZEIRA — maceira: derivação feita de *maçã* na prolação *mação*, registada no Ap. 27. O infixos eufónico -z- está na índole de toda a nossa língua em casos idênticos: *mãozada*, *melãozito*, *cãozoada*, *manhãzinha*, da língua corrente; *romãozeira*, *irmãozinha*, *abelãozeira*, *lãozudo*, na fala minhota.
- MALOTA — corcunda. O termo aplica-se tanto à sifose como ao indivíduo que a apresenta; mas a este é mais frequente designar-se por *malõtinha*, diminutivo que tem seu quê de intenção compassiva.
- MANGAR — trocar; dizer alguma coisa por brincadeira ou fazer, por brincadeira, alguma partida. De Camilo, que tão apropriadamente usou de numerosos minhotismos: «A senhora cuida que eu estou a mangar, e por isso me responde assim...» (*As Três Irmãs*, 7.^a ed., pág. 199).
- MANGAÇÃO — acto de mangar, ou o seu efeito: «Óilha qu'eu nũ sou p'ra mangações, oubistes?».
- MANGUEIRA — o pau maior do malho ou mangual, o pau que serve de cabo desse instrumento.
- MASTURADOURO — espécie de estábulo em que se corta com o «foucinhão» a palha seca e se mistura com erva verde, a fim de fazer a *masturada* que se dá ao gado vacum (de *masturar*, forma dialectal de *misturar*).
- MEDEIRO — uma pequena meda de palha triga ou centeia, ainda por malhar, que se amontoa em plena eira ou espaço atinente.
- MEMUNHAR — murmurar, resmungar em voz baixa: onomatopéia realizada nos moldes de *mermurar*, murmurar.
- MENDINHO — dedo mínimo: profere-se com *e* surdo nasal, como do Ap. 23.
- MIGALHO — bocadinho, pedacinho. Usa-se também em sentido temporal: «Tens de esperar um migalho».
- MILHA (adjectivo) — discriminativo que aparece nas expressões «farinha milha» e «palha milha». Nunca o ouvi em concordância de masculino. Cfr. «palha centeia».
- MILHORIA (melhoria) — substantivo de sentido neutro e colectivo: o conjunto das melhores coisas, cujo contra-nome é *pio-ria* (q. v.): «Manda-le um cesta de maçãs, da milhoria».
- MIROLHO — vesgo. O vocábulo aparenta de constituído por mira-olho. Todavia, a intenção semântica leva-me a aventar a hipótese de que a palavra se tenha originado de *vira-olho* > virolho, e de que, posteriormente, se haja cruzado com *mirar*.
- MOCANQUICES — carícias trejeitadas de duvidosa sinceridade, com que se pretende obter qualquer coisa. Podem ser ou não

secundadas de palavreado atinente ao mesmo objectivo. O vocábulo deve estar por *moquenquices*, de *moquenço*, pela fácil oscilação *en <> an*. Em espanhol há *mueca*, trejeitos, esgares, visagens.

MÔDINHO — aquilo que fica no fundo da malga de caldo, o resto mais apreciado e saboroso, constituído pelo caldo mais compacto da broa migada, dos feijões mais desfeitos, etc., que não veio nos golos sorvidos, nem no garfo de ferro com que se vão comendo as verças.

MOLETE (leia-se *muléte*) — pequeno pão de trigo, o que em Lisboa veio a chamar-se «papo-seco». Também se diz «um trigo», com o mesmo significado. Em galego há «molete» e em castelhano «mollete», que o Dicionário da Academia Espanhola define como «panecillo de forma ovalada, esponjado e de poca cochura» e para que dá o étimo latino «mollis». É também de trazer à colação o francês «pain-mollet», pão branco e leve. Finalmente, importa declarar que é *pro memoria* que se regista o vocábulo minhoto da rubrica: ele pode considerar-se desaparecido desde que as duas guerras mundiais levaram os governos a impor alterações de formatos, pesos, fabricos e constituição do pão, — em resultado do que *molete* só se ouve hoje de pessoas mais idosas.

MONELHO — amontoado de trapos ou de roupa amarrotada: de *molhelho*, de *molho*, com dissimilação.

MORCÃO — preguiçoso, falho de desembaraço, molengão.

MORDICÃO — beliscão (de mordicar).

MORDICAR — beliscar. Um gracejo frequente consiste em dizer a alguém, beliscando: «Deixa ber s'este páno é da minha lóije».

MUNCOSO (moncoso) — apalermado, falho de iniciativa, pouco enérgico.

NICO — pedaço diminuto: usa-se mais em referência a espaço de tempo do que em significado material. Para este prefere-se o diminutivo *niquinho*, que aliás também serve para tempo.

NINA — forma aferética de *menina*, usada quase só em vocativos.

NIQUINHO — diminutivo muito usado de *nico*, q. v.

ÔSPOIS — depois, ao depois, em seguida: provém de *ao-despois*, na dicção *ò-despois*, por queda do *d* medial

OUGAR — adoecer uma criança (raro se refere a adultos) por não lhe darem algum alimento que apeteceu. Segundo a crença, a criança fica com os cabelos em pé, eriçados. De *aguar* > *augar* > *ougar*.

OUPAR — entumescer, impar, inchar, envaidecer-se: verbo derivado da interjeição «*oupa!*», como *upar* de «*upa!*».

PALHEIRA — pequena haste de palha de centeio ou de trigo: designação unitária conforme se explicou para *cabeleiro*, etc. Emprega-se muito o termo para traduzir uma ninharia ou insignificância: «Nũ me benhas cum palheiras que nũ 'stou p'ra amar» (...para brincadeiras, para aturar); «Saistes-me ùa preguiceira cumo nũ há outra: inda hõije nũ meixestes ùa palheira».

- PASMÃO — apalermado, pascóvio; indiscreto que tenta ouvir ou escutar.
- PATE — empatado: de *empate*, com aférese da sílaba inicial, talvez por efeito haplológico da expressão «em empate».
- PATO — o mesmo que *pate*, empatado: possivelmente de um particípio irregular, **empato*, de empatar, sob influência do substantivo *empate*: «Estamos patos». Para o singular talvez se prefira *pate*: «O jogo ficou pate».
- PEDRAÇA — granizo, saraiva.
- PEDRÊS — fecho vertical das portas ou janelas. A sua derivação sufixada de *pedra* resulta de o pedrês ter designado primeiro o fecho que prende a porta à pedra da soleira ou à pedra da padeeira; agora, por extensão, refere-se a qualquer fecho correção vertical.
- PELAÇO — pele. Ouve-se no rifão «Março leva pêlo e pelaço».
- PELAR-SE — queimar-se, escaldar-se: de *pele*, por a queimadura levar a pele. Também se usa como activo: «Fóige daqui que posso pelar-te!».
- PELEIRA — um pouco de pele, quando escarificada ou levantada do resto da epiderme: «A tua Abó 'stá tão magrinha, tão magrinha, qu'inté se le bêm ãas peleiras caídas no pescoço». Trata-se de mais uma designação unitária como as que se têm apontado *passim* e, especificadamente, em *cabeleiro*, q. v.
- PELEIRO — designação unitária de um só pêlo.
- PERNÃO — ímpar: forma dissimilada de *parnão* (de *par-não*). Utiliza-se especialmente no jogo dos pinhões, quando, com a mão fechada e cheia de pinhões, se pergunta: «Par ou per-não?». Camilo, cujas obras constituem repositório abundoso de expressões minhotas, empregou a propósito a palavra ('*Os Brilhantes do Brasileiro*', 5.^a ed., pág. 41): «O dono da casa, invejoso do espírito dos seus amigos, acrescentou: — Quatro, quatro, para não ser pernão...».
- PIBÊTE (pivete) — criança de pouco corpo, mas esperta e algo intrometida. O vocábulo talvez se ligue com *espevite*, de verbal de *espevitar*, que possivelmente se relaciona com *pevide*.
- PIGARRO — peça da cabeçalha do carro de bois, nela cravada perpendicularmente, para suporte daquela e para evitar que pouse directamente no chão. Estará acaso por *pegarro*, aumentativo de *péga*?
- PIJEIRO — montículo de terra com que se veda um rego de água de rega, a fim de a guiar para novo sulco. De *pejar*, no sentido de embarçar, impedir.
- PINCHAR — saltar, pular: em castelhano existe *pinchar*, mas com significado muito diverso.
- PINCHO — salto, pulo. A palavra primitiva será *pincho* ou será *pinchar*?
- PINGUEIRA — cada uma das gotas ou pingas de água caídas do beiral, ou de qualquer líquido a gotejar, quando consideradas isoladamente: «Bai ber aquela torneira da pipa, qu'estou a

- oubir tanta pingueira a cair na almofia». Trata-se, por conseguinte, de mais um substantivo unitário. Cfr. *cabeleiro*.
- PIORIA — contra-nome de *milhoria* (q. v.), na acepção regional desse termo, como colectivo neutro: «Ó mulher, estas trintchudas são da pioria que lá topastes». De *pior*.
- PISCOCEIRA — armadilha que apanha pássaros pelo pescoço.
- PISORGA — mixórdia, mistela; comida mal feita; bebida desagradável, estragada.
- PODADA — trabalho de poda realizado por um grupo de homens. O sufixo *-ada* imprime à palavra o valor de colectivo, como em *vindimada, malhada, esfolhada, roçada*.
- PODRICAS — fracalhote, de pouca força.
- PODRIQUEIRO — fracalhote. É de intenção mais depreciativa do que a do adjectivo *podricas*, do qual deriva com o sufixo *-eiro* que se emprega como para sublinhar o significado primitivo: para o efeito compare-se *falheiro*, por falho, *madraceiro*, por madraço, *freguilheiro*, por freguilha, *preguiceiro*, em vez de preguiçoso.
- PÓLA — sova, tarefa.
- PORTÊLO — passagem muito estreita num muro ou parede, que só permite a entrada ou saída de uma pessoa e apertadamente: não passam bois, cavalos ou porcos. Em geral não é ao rés do terreno.
- POSTOURO — lugar que compete a um objecto, lugar em que deve ser posto: «O postouro da tchabe é ali no jinêlo, já debias de saber»; «Tem de s'armar (i. é, arranjar, estabelecer) outro postouro p'ra a infusa, se não a guelosa da moça nũ deixa ficar ãa pinguinha de auga-pé».
- POUSÃO — pachorrento, vagaroso, indolente.
- PRECHA — fasquia, pequena tábua estreita (de *percha*, por metátese).
- PRUMA — rama de pinheiro (de *pluma*).
- PRUMADA — linha de prumo, vertical: «Bê se pões isso bem na prumada».
- PRUMEIRA — uma folha de pruma: trata-se de mais um nome unitário, como se assinalou em *cabeleiro* (q. v.) e muitos outros.
- QUINTAR — perfazer o quinto dia. Ouve-se o termo a propósito do estado do tempo e designadamente no adágio «Cumô quinta, assim trinta», o qual quer significar ser o quinto dia da lua aquele que regula o tempo até ao fim dos trinta dias, ou seja do mês lunar. Perguntado por alguém se viria melhor tempo, respondeu um velho camponês: «Hum... quintou de tchuba, tem de trintar».
- REBELHIDO (revelhido) — avêlhado, envelhecido, com aspecto de velho: deriva de *revelho* com o sufixo *-ido*, participial. Em *revelho* (de que existe, na expressão feita «velho e relho», a forma contracta *relho*) há o prefixo *re-* a imprimir ideia intensiva ou superlativa, qual se depara em *realçar, remexer, revolver*, etc.
- REBOLADA — arremesso do rebôlo (q. v.).

- REBÔLO — pau grosso e curto que se arremessa às árvores de fruto, em especial aos castanheiros para deitar abaixo as castanhas.
- RECADEIRA — mulher de recados: «Tinha a menina pessoa segura que entrava na cadeia a toda a hora, e era recadeira dos presos» (Camilo, *Memórias do Cárcere*, I, VII, 82).
- RECO — porco, suíno: «Dormias que nem um reco». É também a voz para chamar os porcos: «Reco, reco, reco!». Tirou-se por onomatopeia dos grunhidos.
- RÊDIO — vadio, pândego, alegre, expansivo, de alegria comunicativa (de *arredio*): «Tens andado munto rêdio, ninguém te bê»; «Gosto munto qu'ele cá bêinha, porque é munto rêdio».
- REFUSTAR — reflectir-se o calor: «O sol refusta tanto no campo do Mundim que queima totalas nobidades».
- RÊIS (fem.) — rins: é um «plurale tantum». Aparece várias vezes em Camilo: «Na semana que passou andei mal das rês e muito despegada do peito» (*A Queda de um Anjo*, XIV, 96).
- RELA — pequena rã verde (de *rana* com o sufixo diminutivo *-ella*). No português arcaico havia *raela*. É a rã das ervas, cujo rasto se tem, na região, por tão venenoso que mata o gado que paste a erva conspurcada. Veja-se, adiante, *solhado*.
- RIÇO — encrespado, enriçado: cabelo ou pêlo riço, galinha riça, pita riça. Figuradamente, diz-se de uma rapariga que é «uma pita riça» para significar que tem génio irascível. De *ericiu*.
- RILHEIRO — fartura de provisões de boca, economias, mealheiro: «O Adorfinho da Raiba debe de ter bô rilheiro...».
- RODAINA — roldana: o 1 sucumbiu no cruzamento com *roda*. Acerca da terminação *-aina* < *-ana*, comp. o mesmo alargamento em *pobretaina*, *plaina*, *andaina*, *comezaina*, *capitaina*, *faina*.
- RÔTA — vala profunda para tornar a tapar: «Aibra-me por 'qui uma rôta p'ra meter os cânos do tãique».
- RUÇO — ruivo: «Hum... ela é ruça de má pêlo».
- SACHADOURO — em condições de ser sachado, a requerer sacha. Cfr. *apanhadouro*, *tiradouro*, *saidouro*, *casadouro*, etc.
- SAGRÊTA — latrina. O vocábulo deriva de *secreta*, com abrandamento do *c* medial e com o reforço do *e* átono provocado pela proximidade do *r*; cfr. *jaral*, *miserable*, etc., etc.
- SAIDOURO — pronto para se fazer sair, para se tirar: «O binho já 'stá saidouro». É um vestígio do participio latino do futuro, como *casadouro*, *vindouro*, *apanhadouro*, etc.
- SALOUCAR — abanar. Em galego encontra-se o mesmo vocábulo. Parece onomatopaico.
- SANICAR — abanar, agitar: veja-se *çanicar*, grafia mais exacta.
- SAPEIRA — espaço de chão muito molhado, enxarcado: «Ao sair da porta sempre está ãa sapeira!»; «Ó rapaz, ò labar os péses tu fijestes ãa sapeira no sobrado que tibe de apanhar a auga».
- SARAGATA — lagartixa. Deve tratar-se de corruptela de *lagarta* por cruzamento com *sardana* ou *sardanisca*.
- SARAMELA — salamandra. Também se diz *saramela-pinta*.

SARRASCO — mascarra de carvão, de tinta, de qualquer mancha escura: de *sorrasco*, com adaptação da primeira vogal ao *r* forte.

SOLHADO — empeçonhado pela ingestão de erva maculada por uma relva ou por pássaro com cio. Certo dia ouvi a palavra em referência a uma vaca que parecia em transe de morte e que, ansiosa, entumescera em extremo no decurso de breves momentos. «O alimal está solhado!...», exclamavam aflitos os circunstantes. Pedi a tradução: e do que atabalhoadamente me explicaram deduzi que a pobre vaca teria comido da tal erva solhada. Quando me aconteceu de passar por ali, já lhe haviam golpeado a língua à navalha, para que o próprio sangue lhe fosse servir de contra-veneno. Como a aflição do animal não remitisse, vá de a forçar a ingerir uma boa dose de azeite, como vomitório. E já se preparavam, apesar do meu protesto, para introduzir nas goelas da pobrezinha um paustoso, talvez com o fim de desentupir... Afinal, a vaca, num arranco de aflição, expeliu um naco de maçã que, muito provavelmente, se lhe entalara no esófago. E em breve espaço desinchou, que o entumescimento resultara de aflitivos haustos aerofágicos.

SOPIAR — administrar, sem o ritual, o baptismo de urgência, por se encontrar a criança *in articulo mortis*. O verbo da rubrica em nada deve relacionar-se com «sopear», cujo significado me parece de impossível aproximação semântica.

STARDALHO (estardalho) — palavra usada como insulto desprovido de significado especial e cuja impressão ofensiva resulta, talvez, da terminação mal consoante do vocábulo.

SUSPIRAÇÃO — fôlego, respiração: «Ó mulher de Deus, toma prumeiro a suspiração, ò depois contas»; «No carto (quarto) inté fedia mais qu'ũa sagreta, e nem se podia tomar a suspiração»; «Home, falas tão depressa qu'inté tiras a suspiração à gente».

TACHAR — pregar tachas nos tamancos ou nas chancas para evitar o desgaste.

TACHOLAS — dentes incisivos muito grandes e salientes (de *tacha*).

TAMÃO — viga de madeira dos carros de bois, assim como das noras ou estanca-rios, a que se jungem os animais para tirar a água. A forma dicionarizada é *temão* (do lat. *temone*).

TAROUCAR — fazer barulho com o andar de tamancos ou de outros calçados de base rígida, sobretudo quando mal presos aos pés.

TAROUCOS — socos, tamancos, chancas, em sentido depreciativo, tachando-os de mal feitos ou, melhor, de demasiado grandes para os pés. Não é fácil estabelecer se a palavra primitiva é *taroucar* ou se *tarouco*; mas, seja qual for delas, a sua origem é onomatopaica, imitativa do barulho no andar.

TATO — gago, tartamudo, tatibitate: «Fala que se cumprenda, rapaz; pareces tato!».

- TENDILHA — ferro, com forma de agulheta, aplicado para prender ao jugo o arco que, enfiado por baixo do pescoço dos bois ou vacas, os junte à ensogadura do dito jugo.
- TIRADOURO — capaz de ser tirado, em condições ou estado de se tirar: «Aquelas maçãs, ó home, já 'stão tiradouras inté de mais». Como *sachadouro*, *apanhadouro*, *saidouro*, etc., constitui vestígio do participio latino do futuro.
- TOJEIRO — pé de tojo, na acepção unitária, em contraposição de *tojo*, que é nome genérico e colectivo. Cfr. *cabeleiro*, etc.
- TRAMBALAZAINAS — trangalhadaças, pessoa desajeitada no andar ou nos modos. Atente-se no alargamento da terminação *-aina*, por *-ana* (cfr. *rodaina*), e repare-se sobretudo no *-s* final que aparece em nomes amesquinhadores, como *podricas*, *medricas*, *maricas*, *chôchinhas*, *chorincas*, *magrizelas*, *traquinas*.
- TRAMBLICAR — oscilar, vacilar, ir para cair. Comp. *trambulhar*. Também se ouve *trambulicar*, mas só em flexões arrizotónicas. Tudo aponta a paternidade de *tremelicar*.
- TRESANTÓNTE (adv.) — antes de anteontem: de *trásantontem*.
- TRILHADELA — magoadela, contusão, ferimento superficial (de *trilhar*, com o significado de magoar).
- TRINCHA — cós da saia.
- TRINGALHO — farrapo; aos *tringalhos*, esfarrapado.
- TRINTAR — perfazer trinta (V. *quintar*): «Antes que trinte nũ passa a tchuba»; «Ela anda mōrtinha por se casar, que já trintou».
- TRUNGALHÃO — homem mal vestido por desmazelo. Representa forma dissimilada de *trangalhão*, palavra esta resultante de *trangalho* por *tringalho*. Ouve-se muito mais o feminino *trungalhona*. Também se emprega como qualificativo de pessoa que faz o serviço desajeitadamente.
- TRUPAR — bater à porta: «A senhora entra no patim e trupa em uma portinha que lhe fica à direita» (Camilo, 'Novelas do Minho', III, 78). É vocábulo de formação onomatopaica.
- UBEIRA (uveira) — árvore em que se penduram e ramificam as videiras de enforcado, consoante se cultivam na região.
- XOTAR — enxotar, escorraçar: «Xota-me essas galinhas das trintchudas, xota depressa, 'scomungada!».
- ZOUPEIRO — pessoa de movimentos morosos, de andar pesado e lento. A palavra deve relacionar-se com o castelhano *zopo* e com o italiano *zoppo*, e contém o sufixo *-eiro*, dilecto no falar interamnense para epítetos amesquinhadores: *preguiceiro*, *calaceiro*, *madraceiro*, etc.
- ZUAR — zunir, zumbir: «Oh! cumo o bento zua!» (onomatopeia).
- ZUPAR — sovar, bater: «Ela é ãa grande maucriada, por isso o home a cada passo a zupa (ou le zupa)». É vocábulo onomatopaico.

162.

Ficam a seguir apontadas as locuções e expressões regionais que, plenas de sabor minhoto e interessantemente significativas, me foi possível arrolar. Não são muito numerosas, mas julguei preferível registar apenas aquelas que se mostram mais características.

ACUSA-CRISTOS — pessoa que tem o costume de acusar por tudo e por nada; intrigante. É manifesta a procedência religiosa, conquanto por via de um ingénuo conhecimento bíblico.

AO CARRACHUCHO — às cavalitas. Diz-se «levar ao carrachucho» o acto de transportar alguém (normalmente uma criança) aos ombros com uma perna de cada lado do pescoço; e diz-se «ir ou andar ao carrachucho» o ser transportado desse modo. Camilo empregou a expressão, mas um pouco diferente: «É porque dorme com ele, e lhe come no colo, e ele o traz às carrachuchas lá pelo quintal (*Mistérios de Fafe*, pág. 109 da 5.^a ed.).

A FÊSTO — de grande declive, quase a pique, quase verticalmente: «subir a festo» é trepar encosta muito íngreme sem ziguezaguear em procura de menor inclinação. Comp. o arc. *enfesta*, ladeira. Em alemão há *First*, cume.

BAI D'Ó — interjeição irónica de intento negativo, correspondente a «isso sim!». É quase sempre corroborada por flexão obscena dos braços. Este pormenor leva-me a interpretar a expressão como sendo «Vai de ó...», frase elíptica que o gesto completa e na qual o ó constitui interjeição introdutória do mesmo gesto, reprobativo na sua crueza.

BICO-DE-NÓIA — exquisito no que pretende ou se lhe oferece, exigente, niquento, nariz torcido. Não se me depara explicação da palavra determinante.

BOA BAI ELA! (Boa vai ela!) — expressão interjectiva de contrariedade, de espanto ou de reprovação.

CAMPO-SANTO — cemitério. O termo está em vias de esquecer. Em italiano há a mesma locução.

CHICO! CHICO! CHICO! — vozes para chamar porcos, tiradas onomatopaicamente do grunhido.

DE CÒCARINHAS — de cócoras. Trata-se da forma diminutiva deste advérbio — «de cocorinhas» — na qual se fez a adaptação fónica da vogal que precede o -r-. Camilo, em *Vulcões de lama*, pág. 103, preferiu a forma dialectal: «...estava Balbina amesendrada no soalho com as carpideiras à volta, de cocarinhas». A forma positiva, que resultou onomatopaicamente do cacarejo da galinha choca, traduziu, depois, a posição da galinha no choco. O castelhano, que possui uma locução adverbial de formação paralela à nossa, *en cuclillas*, também preferiu esta forma diminutiva, em vez da que resultaria do seu adjectivo *chueca* (choca).

DE POUSA — sem pagar, de graça. É o mesmo que a vulgaríssima expressão familiar «de borla» ou «à borla».

DE SUFECÃO — de súbito, bruscamente: «Óilha qui o cabalo tem máinha, pára de sufecão, e tu cais que nũ há santo que te baila»; «Ascordastes-me de sufecão e inté fiquei ourado». De *sufocar*.

EM GADELHAS — em cabelo, de cabeça descoberta.

EM LÔGO DE (ou *no lôgo de*) — em vez de. O latim *locus*, representado no português arcaico por «logo» com significado locativo, acabou por na nossa língua actual se encontrar representado por «logo», de significado temporal. A expressão minhota é ainda de significação locativa, embora virtual.

ESTAR A ESPEDIR — estar a morrer; estar a acabar: «Pobre Ti'Jabel! está munto mârzinha, está mesmo a espedir de todo!»; «Beija s'aprobeita bem a auga p'rò resto das trintchudas, qui o tãique está já a espedir». De *despedir-se*, com troca de prefixo, conforme já se assinalou *passim*, e omissão do pronome reflexo.

ESTÁ-FEITO — assim assim, nem bem nem mal, sofrivelmente. Esta expressão adverbial pode, só por si, constituir resposta completa: «Antão cumo se tem portado a tua moça noba? dá ou nũ dá conta do serbigo? — Está feito». Ou então completa-se pleonásticamente: «Biba, s' João; cumo bai do seu rumátogo? — Está feito, cá bámos andando, graças ò Senhor». Não lobriguei a proveniência semântica.

ESTAR COM AQUELAS — estar com coisas, estar a opor injustificadas dificuldades, estar com «fitas», estar com óbices escusados. Compare-se a expressão corrente «sem mais aquelas», isto é, sem hesitação, sem qualquer oposição. E recorde-se o que ficou dito, no capítulo dos «Termos regionais», no tocante à multiplicidade de significações do pronome substantivado «aquela» e também do verbo «aquelar», que do pronome no Minho se derivou.

FAZER A BIDA (a vida) — defecar: expressão utilizada para uma relativa eussemia.

FIO DO NORTE — cordel.

IR ONDE A ELE — ir junto dele, ir ter com ele. A mesma construção se verifica a par de outros pronomes, sempre no caso oblíquo: «bir onde a mim», «ir onde a ti», «bir onde a nós», etc.: «Se ele binhesse onde a mim, em lôgo d'andar a imbergonhar-se por i, armaba logo tudo o que queria». O que se traduz: «Se ele viesse ter comigo, em vez de andar por aí a envergonhar-se, obtinha logo tudo o que queria».

IR ONDE À MÃE — ir ter com a mãe, ir junto da mãe. A construção é homóloga da precedente e serve com qualquer nome: «ir onde ò pai», «ir onde à s' Maria», «ir onde òs primos».

MAI-LO ou A MAI-LO — e mais o, com o. Idêntica expressão se depara com as outras três formas flexionais do artigo: *mai-la* (ou *a mai-la*), *mai-los* (ou *a mai-los*), *mai-las* (ou *a mai-las*). Trata-se de uma locução copulativa, com a assimilação do -s do advérbio ao l- do artigo arcaico, locução que tem seu quê de prepositiva em complementos de companhia:

«A Maricas foi ontem mai-la mãe ò S. Trocato»; «A Joaquina a mai-lo home 'stão p'ra a cidade, por môr d'as décimas que nũ p'garo a tempo». O *a*, elemento facultativo da locução, representa a conjunção *e* foneticamente reforçada; quero dizer: «a mai-lo» está por «e mais o», expressão esta na qual «mais» apareceu a intervir com valor enfático.

MALHAR À SACÔTA — dar com um molho de trigo ou de centeio na borda de um carro, até fazer sair todo o grão. A operação pode completar-se batendo os restos das espigas com um dos fueiros.

NÛ BAI A GALHEIRO — não vinga, não vai a fim, não chega a desenvolver-se, morre cedo: «Um piqueno já assim tão fino (esperto) nũ bai a galheiro, não nũ bai»; «Esta pranta, se se nũ regar tôdolos dias, nũ bai a galheiro». Não consegui estabelecer liame semântico com nenhum dos significados de «galheiro», para explicar a frase.

Ò DESPOIS — depois, em seguida: «Anda-me na môina (pândega) e ò despois queixa-te». De *ao despois*.

Ò PA RIBA — para cima (com movimento). A partícula *ò* resulta de *ao*; o *r* de *pra* < *para* ou < *pera* caiu por dissimilação do *r* do último elemento da locução. Cfr. a expressão antinómica *ò pra baixo*, em que igual queda se não produziu, nem deveria produzir-se.

Ò PA TRÁS — para trás (com movimento). A respeito da partícula *ò* e da perda do *-r-* na preposição, veja-se supra «ò pa riba».

PÃO-LEBE (pão-leve) — pão-de-ló. A designação advém-lhe da grande leveza comparado com o pão comum, o de milho.

PASSADO-ÀMINHÃO — locução adverbial: depois de amanhã.

PÉ D'AUGA (de água) — chuvada, aguaceiro violento; caudal de água ao jorrar da nascente ou de um reservatório. Comp. *pé-de-vento*.

PILINHAS! PILINHAS! PILINHAS! — voz para chamar as galinhas.

POR-I — talvez, provavelmente, possivelmente: «Foi por-i ele que o beu prumeiro» (Foi ele talvez que primeiro o viu). A locução *por-i* vem de *por aí*, e do seu significado locativo passou ao de aproximação ou de proximidade, depois ao de probabilidade e, enfim, ao de dúvida. Na frase seguinte, que se pode escutar amiúde, a expressão possui um significado transeunte: «Birá por-i tchuba?».

POR MÔR DE — por causa de: «Foi por môr de ti que me trilhei, má-raios t'infundo». O elemento *môr* é aferético de *amor*, mas não conserva o menor vestígio do significado primitivo.

P'RA MÔR DE — para, a fim de: «Bai-me esperar a tua irmão p'ra môr dela nũ bir sòzinha cum de noute».

QUER NÃO! — não importa, apesar disso, não tem mal, não tem dúvida, em todo o caso. Constitui expressão que se contrapõe a uma objecção, a uma dúvida ou a uma censura, ou ainda uma frase feita com que se realça quer uma afirmação, quer

uma resposta peremptória: «Quer não: s'esbairar inté ò mei-dia, inda bou num 'stante à feira c'os bacros»; «Quer não! sempre é melhor cuntar-le tudo»; «Tem sido ùa deslarada e nem cando stibestes mal te bêum ber; quer não: sempre é tua filha e agora precisa que le bailas»; «Nũ me pensei lá munto bem. Quer não, um home debe de ser de palabra... O qu'eu disse 'stá dito!». Óscar de Pratt, na 'Rev. Lusitana', XVI, 266, julga ver nesta formuleta uma redução de «quer sim, quer não», equivalente de «quer isto aconteça, quer não» ou de «quer digas sim, quer digas não». Tal redução tê-la-á elidido até ficar só na segunda disjuntiva, para reforçar uma opposição. Por conseguinte, «quer não» equivale a significar elipticamente «embora digas o contrário».

SOUTRO-DIA — aqui há dias, outro dia, noutro dia: «Inda sou-tro-dia o teu home falou que tinha de bender a ceba, e já 'stás p'ra aí a gafar mundos e fundos...». De *esse-outro-dia*, por *nesse-outro-dia*.

III — ALGUNS TOPÓNIMOS

163.

A toponímia deste rincão nortenho, quando devidamente aproveitada, se tal for um dia possível a alguém, propiciará as mais ricas achegas no campo linguístico. Não menos rico manancial constitui no domínio historiográfico e no etnológico. Ponto é que, abdicando de toda a compensação material, pessoas competentes se votassem às trabalhosas quão difíceis investigações. Em qualquer de tais aspectos, muitas e muitas páginas, espessos volumes até, ali se proporcionariam, prenhes de frutuosa conhecimentos.

Não é da índole, nem para as ambições deste trabalho, aprofundar o assunto e nem sequer, ao menos por agora, aproveitar todos os apontamentos que, com vista apenas a um delimitado capítulo, registei na oportunidade. Por conseguinte, vou tentar cingir-me dentro de poucas páginas e forcejar por, em síntese expressiva, estabelecer o conspecto de tão aliciante onomástica.

A par da enorme abundância vocabular, — tamanha que não se tornaria difícil coligir uns quantos milhares de topónimos só no trato que fica entre os rios Ave e Neiva — há a atentar na genuidade dos nomes, todos de puríssima nascença, qualquer que deles seja a fonte ou natureza, — alguns velhinhos, carregados de séculos, de mais séculos ainda do que tem a nacionalidade portuguesa e a individualização da língua que falamos. Suas cãs e, mais, suas rugas de vetustez, tanto os demudaram, às vezes, que, para não poucos, nem se vislumbra a origem etimológica.

164.

No concernente à sua antiguidade, os topónimos do Baixo Minho constituem vocábulos arcaizados, uns deles; outros, embora com séculos de vigência, ainda não envelheceram na forma ou no significado; e um só, muito excepcionalmente, é de designação recentíssima.

Entre os que se arcaizaram, convém distinguir os nomes cujo significado se obliterou, para o vulgo ou até para os doutos, e que poderemos designar por *arqueotopónimos semânticos*. Enumeram-se algumas dezenas, que estão longe de esgotar-lhes o rol:

AGRAFONTE — de *agra da fonte*.

AGRINHA — pequena agra.

AGUIAR — lugar onde há ninhos de águia (< *aquilare*, de *aquila*).

- ANTA — palavra hoje desconhecida do povo, quer no significado arcaico de cúmulo de terra que se erguia para demarcações, quer no de monumento megalítico.
- ANTAS — o mesmo que o topónimo precedente, pluralizado.
- ASSENTO — designação de muitas dezenas de lugares de outras tantas freguesias, cujo significado original não consegui estabelecer.
- AVELEDA — conjunto de aveleiras.
- BESTEIROS — localidade em que havia homens armados de bestas: a forma anterior do nome terá sido *Balesteiros*.
- CARCAVELOS — topónimo várias vezes encontrável no País: de *cárcava*, vala, grande fosso que servia para defesa?
- CARRIL — na significação arcaica, a dizer carreiro, caminho estreito.
- CHELAS — planuras, terras planas (de *planellas*).
- CHELO — plaino (de *Chaelo* < *planellu-*).
- CHOUSA — terra vedada (de *clausa-*).
- CHOUSO — terreno vedado (de *clausu-*).
- CORREDOURA — lugar de passagem, caminho de serventia.
- CORTINHAL — de «cortinhal», sítio onde há cortinhas. V. infra.
- CORTINHAS — de «cortinhas», terras de sementeira muradas, coirelas.
- COUTADA — de «coutada», terra defesa e com certos privilégios.
- COUTO — de «couto», sinónimo do vocábulo anterior.
- CRASTO — forma metatética de «castro» (do lat. *castru-*).
- CRISTELO — de *crastelo*, pequeno castro ou crasto, com interferência analógica de *Cristo*.
- FUNDEVILA — composto de «fundo» e «vila», palavras ambas com significado arcaico de propriedade rústica.
- INFESTA — do arc. «enfesta», ladeira. Compare-se com a já citada expressão «a festo». Em alemão há «First», cume.
- MOIMENTA — de «moimenta», nome colectivo de monumentos tumulares.
- PARADA — de «parada», foro que consistia na obrigação de os vassallos estarem prontos com tanto ou quanto de mantimentos ou dinheiros, para aposentadoria e manutenção dos seus respectivos senhores e comitiva. É topónimo muito repetido a norte do Vouga e, mais ainda, a norte do Douro.
- PENAS — de «penas», penhas.
- REFOJOS — o mesmo que «refúgios».
- REFÓIOS — alotropia do anterior.
- REGUENGO — terra pertencente ao património real.
- SOBRADO — mata de sobreiros (de *suberatu-*, de *suber*, sobreiro).
- TERRAFEITA — de *terra-fracta*.
- VVELIDO — de *avellanido* < *avellanitu-* (de *avellana-*, avelã).
- VESSADA — de «vessada», ant. propriedade rústica (de *versata-*).
- VILAR — fracção desmembrada de vila agrária; pequeno casal.
- VILARINHO — diminut. de *vilar*.

VILAÇA — nome derivado de *vila*: teria significação aumentativa?
 VILELA — diminut. de *vila* agrária.

Por outro lado, há arcaísmos que resultaram de se lhes ter arcaizado a forma, sobretudo na terminação sufixal. O sufixo *-elo* que o povo deixou há muito de utilizar e creio que de entender, sobrevive em numerosos topónimos; o diminutivo *-olo* e seu feminino *-ola* aparecem disfarçadíssimos nas terminações *-ô* e *-ó*; o sufixo de colectivos *-edo* depara-se na forma *-ido*. Aos vocábulos com vetustez deste jeito poderemos chamar *arqueotopónimos mórficos*:

AGRELO — de «agrelô», pequeno agro.

AIRÓ — vocábulo assente talvez no gótico *ahra*, águia.

ARCOZELO — diminut. de *arco*, com o infixos *-z-*.

BOUÇÓS — de *bouçolas*, diminut. de *bouças*.

CARVALHÔ — diminut. de *carvalho*.

CELEIRÔ — pequeno celeiro (de *cellariolu*).

CELEIRÓS — pluralização do precedente, com normal metafonía da sílaba final.

COVELAS — diminut. de *Covas*.

CRISTELO — pequeno crasto. V. supra o mesmo topónimo.

DORNELAS — diminut. de *Dornas*. O apelido «Ornelas» ou «d'Ornelas» é manifesta deturpação de «Dornelas», tomado o apelido proveniente da povoação «de Dornelas», numa pronunciação haplológica; como se fosse «de Ornelas».

EIRA VEDRA — Eira Velha; comp. *Torres Vedras*, *Alhos Vedros*, e, em especial, infra, *Moinho Vedro*. O segundo vocábulo resultou do adjectivo latino *vetus*, *-ris*.

EIRÓ — de *eirola*, pequena eira (do lat. *area*).

EIRÓS — pluralização do precedente.

FIGUEIRÓ — de *figueirola*, pequena figueira.

LIJÓ — de * *lagenola*, de lage ou, melhor, do lat. *lagena*.

LOURIDO — de «lourido», lugar plantado de louros, para que existe na toponímia o alótopo *Louredo*.

MAÇADA — de *maçada* < *matianata* (terreno coberto de macieiras).

MOINHO VEDRO — Moinho Velho. Cfr. acima *Eira Vedra*.

NOGUEIRÓ — diminut. de *Nogueira*, freguesia da mesma circunscrição.

OUTEIRÔ — de *outeirola*, pequeno outeiro.

PÃO — pequeno paço (de *palatiolu*).

REBORIDO — de «reborido», mata de robles. Veja-se adiante a toponímia tirada dos nomes de plantas.

TABAÇÓ — de *Tabuaçola* (diminut. de *tábua*).

TRAVAÇOS — diminut. de *Travaços*, q. v. infra.

VELOSO — de *avellanos*, abundante de avelãs.

VELIDO — de *avellanitu* (de *avellana*). Cfr. *Aveleda*.

VINHÓS — de *vinholas*, pequenas vinhas.

No tocante aos nomes do vocabulário vigente que se encontram na toponímia, tornar-se-ia ociosa uma referência neste passo. Eles virão, a seguir, deparar-se-nos sob outros aspectos.

Pelo que respeita aos *neotopónimos*, ou seja aos topónimos de recente atribuição, pude apenas apontar um, e julgo que outros não haverá. Trata-se do nome *Ofir*, há poucos anos aplicado à praia de Fão. Resulta ele de uma designação arbitrária e semânticamente inadequada, pois que o *Ofir* ou *Ophir* foi um reino lendário, abundantíssimo de ouro e pedras preciosas. E não consta que semelhantes riquezas se encontrem nas areias de linda praia, nem que, ao alicerçar graciosas vivendas que lhe povoam os pinhais atinentes, se descobrissem nenhuma dessas preciosidades.

165.

Se olharmos com vista à origem morfológica, notaremos que os topónimos da região, como seria natural e lógico, vêm todos de procedência nominal. Os mais numerosos saíram de substantivos comuns, em uso ou postergados, — como *Paredes*, *Uveira*, *Lago*, *Areias*, *Bacelos*, *Campos*, *Dorna*, *Eido*, *Prado*, etc.; ou como *Atafona*, *Azevedo*, *Bostelo*, *Cerqueda*, *Cunha*, *Brunhais*, *Carrazedo*, *Cerqueira*, *Feital*, *Feitos*, *Gulpilhares*, *Proselo*, *Mêdelo*, *Zevral* e outros que, com estes, se explicam adiante no competente passo. Também em grande número são aqueles que derivam dos antropónimos dos terratenentes, ou sejam dos possuidores das propriedades, tais como *Atiães*, *Bente*, *Joane*, *Outiz*, *Chorence*, *Ermal*, *Gabim*, *Madroa*, *Fraião*, *Lòmar*, *Nine*, *Valdemil*, *Ronfe*, *Cibões*, *Pàdim*, e muitos outros de que adiante também se falará.

Os nomes adjectivos, provocados por qualidade saliente do local, são menos frequentes. Dos apontamentos que tomei, respigo: *Amarela*, *Seixosa*, *Sequeira*, *Arnoso*, *Ventosa*, *Bogalheiros*, *Veloso*, *Gestosa*, *Lanhoso*, *Lagarteira*, *Codessoso*, *Fragoso*, *Carregosa*, *Chamuscada*, *Escampado*, *Tebosa*, *Bicudo*, *Chelas*. E julgo que não terei deixado muitos fora do meu registo. A este haverá também para ajuntar os casos em que o substantivo se não subentendeu, como em *Águas Santas*, *Fonte Arcada*, *Eira Vedra*, *Vila Chã*, *Vila Fescainha* (de *fiscalina*, de representantes reais do fisco), *Vila Meã*, *Vila Pouca* (com o significado de pequena), *Terrafeita*, etc., etc.

166.

Os nomes de terras, de lugares ou de casais têm uns, e em mui grande cópia, antecedência sobre a nossa velha nacionalidade e outros, como é óbvio, atribuição já portuguesa. Constituem estes a quota mais numerosa, e não vale a pena especificá-los aqui, de tão evidentes. Aparecerão no momento próprio.

Dos primeiros, pouquíssimos serão no Minho aqueles que se podem assinalar como pré-romanos: aponto *Braga* < *Bracara*, terra dos Brácaros; *Navió* < *Neviola*, diminutivo de *Nevia* > *Nei-*

va. Algum estará, possivelmente, incluído no meio dos muitos topónimos cuja etimologia se não desvendou ainda.

Podem considerar-se de toponímia romana, afora os topónimos de que se escreverá no apontamento a seguir, as designações com vocábulos de jeito proto-arcaico, tais como *Lourido*, *Bouçós*, *Cerqueda*, *Chelo*, *Fundego*, *Lòrdelo*, *Prelada*, e outros que, com estes, se hão-de explicar ao tratar-se das significações originárias.

Os Godos, porque adoptaram a língua latina, não influíram na designação de lugares senão com antropónimos dos possuidores, estes mesmos latinizados conforme se lerá mais abaixo.

Quanto aos Árabes, a sua dominação a noroeste da Península foi tão fugaz que nenhum vestígio arábico ficou no toponímia da região. Os pouquíssimos nomes de fonte arábica que por ali se deparam (*Arrifana*, *Atafonas*, *Almorode*, *Almuinha*, *Alconchel*, *Seide*, que melhor se grafaria *Ceide* por vir de *Zaide* > *Zeide*, segundo parece) são nomes comuns que chegaram ao vocabulário corrente ou são antropónimos de pessoa arabizada que, por excepção, para aqui aconteceu de emigrar.

167.

É de variados motivos determinantes que resultaram as designações toponímicas: a posse das terras, uma devoção religiosa, alguma característica geográfica, a fauna, a flora, um aspecto etnológico. Se não, vejamos.

a) Os nomes de lugares ou povoações oriundos de nomes de pessoas apresentam-se numerosíssimos. Trata-se, as mais das vezes, de antropónimos na forma genitiva, correspondente à designação do possessor da propriedade rústica — duma «villa», dum «villare», dum «casale», dum «fundus» — na qual se subentendeu o nome determinado, para elípticamente substituir só o nome determinante. Assim, onde se entenderia *Villa Ferdinandi* ficou só (*Villa*) *Ferdinandi*, hoje *Friande*; onde se significava *Casale Benedicti* (entenda-se «Casal do Benedito» ou do «Bento») abreviou-se para *Benedicti* e agora temos o topónimo *Bente*.

Não é fácil datar com precisão esta espécie de topónimos. Faltam elementos bastantes. Porém todas as probabilidades indicam a época da reconquista cristã, meados do século VIII e século IX: é naturalíssimo que a posse da terra, no geral, resultasse de presúrias.

Comecemos, pois, pelos nomes latinos que se conseguem discernir na toponímia da região que estes «Apontamentos» estudam: AGUIM — de *Aquilini* (vila de um indivíduo Aquilinus).

ARENTIM — de *Arentini* (vila do Arentinus).

BALASAR — de *Belesarii* (v. de Belesarius).

BENTE — de *Benedicti* (v. do Benedictus).

CHAMOIM — de *Flammulini* (v. do Flammulinus).

CHORENCE — de *Florentii* (v. do Florentius).

CIBÕES — de *Scipionis* (v. do Scipio).

- CRESTINS — de *Christinici* (v. do *Christinicus*, hipocorisma de *Christinus*).
- COVIDE — de *Cubidi* (v. de *Cubidus*).
- JOANE — de *Johanni*, falso genitivo de *Johannis*.
- MADROA — de *Matrona* (nome próprio de mulher), com deturpação do genitivo, pois a terminação latina deste caso flexional (-ae > -e) produziria fonologicamente um ditongo nasal.
- MARTIM — de *Martini* (vila de *Martinus*).
- MILHÃOS — de *Aemilianos*. A forma é de acusativo plural, ou quiçá de nominativo por não subsistir já a forma deste caso, e utilizou-se com elipse da preposição «de», visto o genitivo plural haver sucumbido desde séculos.
- MOURÃO — de *Maurani*, genit. de *Mauranus*, a modos de hipocorisma de *Maurus*, conforme adiante se verá em terminações idênticas.
- MOURE — de *Mauri* (v. de *Maurus*).
- MOURIZ — de *Mauricii* (v. de *Mauricius*, outro hipocorisma de *Maurus*).
- NINE — de *Nini* (v. do *Ninnus*).
- OURILHE — de *Aurelii* (v. do *Aurelius*).
- OUTIZ — de *Optalicii* (v. do *Optalicius*).
- PADIM — de *Palatini* (v. do *Palatinus*).
- PEPIM — de *Pepini* (v. do *Pepinus*).
- PRAZINS — plural de *Prazim*, pela junção de duas povoações do mesmo topónimo, uma com o orago de Santa Eufémia e outra com o de Santo Tirso. Talvez de *Placidii*, genitivo de *Placidius*, com nasalamento do *i* final resultante da evolução.
- REMELHE — talvez de *Remelli*, genit. de **Remellus*.
- REVELHE — de *Revelli* (vila de *Revellus*).
- SEMELHE — de *Samueli*, falso genitivo de *Samuelis*?
- VEADE — de *Beati* (v. de *Beatus*).

b) Mais abundosa é a incidência da antroponímia germânica, que se julga concomitante da romana. Os nomes dos Godos, dos senhores da Hispânia até à invasão árabe e, depois, dirigentes da reconquista, correspondem muito racionalmente à maioria dos tomadores categorizados das terras reavidas para os cristãos: por isso, tal origem de antropónimos sobreleva em número. E, porque a língua latina sobrepujara a dos antigos conquistadores germânicos, os nomes destes aparecem-nos alatinados; também pelos motivos apontados na anterior alínea, tomam igualmente a forma genitiva.

- ADAÚFE — de *Adaulfi* ou *Ataulfi* (vila de *Ataulphus*).
- ÀGILDE — de *Anagildi* (v. de *Anagildus*).
- ASUREI — de *Osoredi* ao depois *Asuredi* (v. de *Osoredus*).
- ASURÉM — alotropia do vocábulo precedente, com nasalação de influência analógica.
- BRANDARIZ — de *Blanderici* (v. de *Blandericus*).
- BRITEIROS — de *fundus Brittarius*, expressão em que o elemento

antroponímico resulta da adjectivação de *Brittus*, facto raro, até pela manutenção do caso nominativo.

- BRITO — de *Brittus* ou *Brittu-*: forma de difícil justificação.
 BRUFE — de *Berulfi* (vila de Berulphus).
 CREIXOMIL — de *Crescemiri* (v. de Crescemirus).
 ERMAL — de *Ermiarii* (v. de Hermiarius).
 ESCARIZ — de *Ascarici* (v. de Ascaricus).
 ESMERIZ — de *Ermerici* (v. de Hermericus).
 ESPARIZ — de *Spanarici* (v. de Spanaricus).
 ESPÒSENDE — de *Spanusindi* (v. de Spanusindus).
 ESTRUFE — de *Astrulfi* (v. de Astrulphus).
 ESTRUMONDE — de *Trasmundi* (v. de Trasmundus).
 FAGILDE — de *Fagildi* (v. de Fagildus).
 FORJAES — de *Frojanis* (v. de Frojanus).
 FREIRIZ — de *Frederici* (v. de Fredericus).
 FRIANDE — de *Fredinandi* ou *Ferdinandi* (v. de Ferdinandus).
 FRIUL (arc. *Freiul*) — de *Fredulfi*, vila de Fredulphus?
 GAMIL — de *Galamari* (v. de Galamirus).
 GOMIDE — de *Gomildi* (v. de Gomildus).
 GONDISALVES — de *Gundisalvi* (v. de Gundisalvus), com -s analógico?
 GONDOMAR — de *Gundimari* (v. de Gundimarus).
 GONDORIZ — de *Gunderici* (v. de Gundericus).
 GUILHOFREI — de *Villifredi* > *Guilhifrei* (v. de Villifredus).
 GUILHOVAI — de *Villiabadi* (v. de Villiabadus).
 JESUFREI — de *Segifredi* (v. de Segifredus).
 LÔMAR — de *Leodemari* (v. de Leodemarus).
 MÂRIZ — de *Amalarici* (v. de Amalaricus).
 MIRE — de *Miri* (v. de Mirus).
 NOVEGILDE — de *Leovigildi* (v. de Leovigildus).
 PEDRAÍDO — de *Poderagildi* (v. de Poderagildus).
 RALDE — de *Ranualdi* (v. de Ranualdus).
 RAMIL — de *Ramiri* (v. de Ramirus).
 RANDE — de *Randi* (v. de Randus).
 RENDUFE — de *Randulfi* (v. de Randulphus).
 RENDUFINHO — derivação diminutiva do topónimo precedente.
 RONFE — de *Ranulfi* (v. de Ranulphus).
 RÔRIZ — de *Rodorici*, por *Roderici* (v. de Rodericus, hoje Rodrigo).
 RUILHE — de *Rodilli*? No século XIII lê-se *Ruili* e *Royli*.
 SABARIZ — de *Sabarici* (vila de Sabaricus nome ao depois usado com a forma de Sabarigo).
 SALAMONDE — de *Sanamundi* (v. de Sanamundus).
 SÂMIL — de *Salamiri* (v. de Salamirus).
 SANDE — de *Sandi* (v. de Sandus, latinização do gótico *Sanths*).
 SANGEMIL — de *Sungemiri* (vila de Sungemirus), com interferência analógica de «santo», ou de topónimos como *Sangens*, *Sanfins* e outros.
 SINDE — de *Sindi* (v. de Sindus).
 TAGILDE — de *Athanagildi* (v. de Athanagildus).

TAÍDE — também do genitivo de *Athanagildus*?

TRESFIANDE — tirado já românicamente do já referido topónimo *Friande*, com o prefixo *trans-*: *Trás-Friande*.

VALDEMIL — de *Baldemiri* (vila de *Baldemirus*).

VALDOSENDE — de *Baldosindi* (v. de *Baldosindus*).

VALDREU (arc. *Baldrei*) — de *Balderedi* (v. de *Balderedus*).

VERMIL — de *Belmiri* (v. de *Belmirus*).

A estes nomes haverá a acrescentar, muito provavelmente, além dos hipocorismas que vão a seguir registar-se, alguns topónimos de que o autor não conseguiu etimologia segura, mas cujo aspecto fonológico inculca germanismo, tais como *Aldreu*, *Algeriz*, *Armil*, *Ançariz*, *Fermil*, *Gilmonde*, *Gondar*, *Gondifelos*, *Gragilde*, *Gualtar*, *Guizande*, *Irmige*, *Sameiro*, *Seramil*, e outros.

c) Também são muito encontráveis na toponímia minhota os *antropónimos hipocorísticos*, ou sejam os topónimos tirados de nomes de pessoa, latinos ou germânicos, sufixados com *-inus*, ou *-anis*, ou *-anus*, sempre em genitivo, pospostos, às vezes, a nomes já com o sufixo *-ila*, como, por exemplo, sucede com *Gunt-ilanis* (Gondiães). Segue-se uma lista destes hipocorismas toponímicos.

ABADIM — de *Avitini*, do hipocorisma de *Avitus*, *Avitinus*?

ABOIM — de *Avolini* (gen. do hip. de *Avolus*).

ATIÃES — de *Atilanis* (genit. do hip. de *Atila*).

BARBADÃES — de *Barbatanis* (genit. do hip. do «cognomen» *Barbatus*).

FIÃES — de *Ulfilanis* (genit. do hip. de *Ulfila*).

FRAIÃO (arc. *Froian*) — de *Froilani* (genit. do hip. de *Froila*).

GABIM — de *Gabini* (genit. de *Gabinus*: hipocorisma?).

GATIM (*Parada de*) — de *Gattini* (hipocorisma de *Gattus*, prenome medieval. Comp. *Gatão*, nome de uma freguesia do concelho de Amarante).

GAVIÃO — de *Gaudilani* (genit. do hip. de *Gaudila*).

GOÃES (*anti. Goiães*) — de *Gudilanis* (genit. do hip. de *Gudila*).

GOMINHÃES — de *Gumilanis* (genit. do hip. de *Gumila*).

GONDIAES — de *Guntilanis* (genit. do hip. de *Guntila*).

GONTIM — de *Gontini* (genit. do hip. de *Gunths*, latinizado em *Gontus*).

GUIMARÃES — de *Vimaranis* (genit. do hip. de *Wimara*).

GUIVÃES — de *Gaudilanis* (genit. de outro hip. de *Gaudila*).

LANDIM — de *Nandini* (genit. do hip. de *Nandus*).

LOVASIM — de *Lovesini* ou *Lobesini* (genit. do hip. de um antropónimo que assenta no celta *Lobesus*).

MERELIM — de *Merellini*, gen. do hip. de *Merellus*?

MONDIM — de *Mondini* (de *Mondinus*, alatinamento medieval de *Mundinus*, hip. de *Mundus*).

MOURÃO — de *Maurani* (genit. do hip. de *Maurus*).

QUINCHÃES — de *Quintilanis* (genit. do hip. de *Quintila*).

REQUIÃO — *Requilani* (genit. do hip. de *Réquila*).

SANDIM — de *Sandini* (genit. do hipocor. de Sandus, latinização do gótico Sanths).

TADIM — de *Tatini* (genit. do hip. de Tatus).

TIBÃES — de *Teudilani* (genit. do hip. de Teudila). Por mais difícil de se descortinar à primeira vista, desenvolvemos aqui, excepcionalmente, a respectiva série de evolvimento fonético, como se pode imaginar que terá sucedido: *Teudilani* > *Teuila-nis* > *Tevilanes* > *Tiviães* > *Teviães* > *Tibiães* > *Tibães*.

VERIM — de *Verini* (genit. do hip. de Verus).

VERMOIM — de *Vermudini* (genit. do hip. de Vermudus).

Desta série farão parte, muito possivelmente, os topónimos *Aborim*, *Delães*, *Docim*, *Donim*, *Montim*, *Mouquim* e *Saim*, nomes cujo étimo não consegui estabelecer.

168.

Os *hàgiotopónimos*, quero dizer os nomes de localidades tirados dos nomes de santos, pode dizer-se que não existem na região. Aliás, por todo o País são escassíssimos: Sanhoane, Santalha, Santarém, Santulhão, Sanfins, Semilião e poucos mais. As freguesias do norte só se designam pelo nome dum santo quando outras, vizinhas, se designam pelo mesmo topónimo: assim, há duas freguesias contíguas ambas de *Merelim*, donde o designarem-se, nas redondezas, por S. Pedro e por S. Paio, simplesmente; Santo Estêvão e S. Vicente são ambas do topónimo de *Penso*; S. Julião de *Freixo*, porque há S. Julião de *Passos* e outros. Etc.. E, ainda, estes nomes de santos não constituem termos toponímicos, pois se trata sempre do orago da freguesia, de atribuição eclesiástica, mais ou menos recente.

169.

Os *etnotopónimos*, ou sejam os topónimos resultantes de nomes étnicos ou pátrios, mostram-se aqui raríssimos. Apenas registei:

ESTORÃOS — de Asturianos.

GALEGOS — três freguesias com este nome, uma delas distante das outras duas, que são ambas do mesmo concelho.

BRAGA — nome que parece um plural neutro de *Bracarus* e que, em todo o caso, se origina desse povo.

CASTELÕES — que parece o plural de «castelão», como antigamente chamávamos aos Castelhanos, embora fosse mais de esperar «castelãos»; mas é sabido quantos plurais da terminação *-ão* se fizeram anómalos.

E a freguesia de *Navarra* não repugna admiti-la como da mesma espécie toponímica.

170.

Os acidentes de terreno também fornecem apreciável colheita na toponímia. Para efeitos de classificação, chamemos *oroopónimos* a tais designações.

<i>Barroca</i>	<i>Covas</i>	<i>Montorro</i> ¹²
<i>Cabeceiras</i> ¹	<i>Covelas</i> ⁷	<i>Outeiro</i>
<i>Chelas</i> ²	<i>Covelo</i> ⁸	<i>Outeirô</i> ¹³
<i>Chelo</i> ³	<i>Cumieira</i>	<i>Picoto</i>
<i>Chãos</i> ⁴	<i>Cunha</i> ⁹	<i>Portela</i> ¹⁴
<i>Chãs</i> ⁵	<i>Fundego</i> ¹⁰	<i>Vila Chã</i>
<i>Corgo</i> ⁶	<i>Monsul</i> ¹¹	<i>Valdossos</i> ¹⁵

171.

Não se contam por poucos os nomes de localidades que, mais ou menos remotamente, se tiraram das designações de pedras ou rochedos, ou ainda da constituição geológica, que de certo modo as identificavam. Classifiquemos de *litotopónimos* estes nomes.

<i>Arnosos</i> ¹⁶	<i>Barral</i>	<i>Laje</i>
<i>Arnosela</i> ¹⁷	<i>Barreiros</i>	<i>Lanhoso</i> ²¹
<i>Bairral</i> ¹⁸	<i>Bárrio</i> ²⁰	<i>Padrão</i> ²²
<i>Bairro</i> ¹⁹	<i>Fraga</i>	<i>Pedral</i>

¹ Comp. «Cabeço», a significar outeiro ou cimo de colina.

² De *planellas*, adjectivo substantivado por elipse do nome a que se juntara (terras, por exemplo).

³ De *planellu-*, adjectivo substantivado, como o precedente.

⁴ De *planos*, adjectivo substantivado.

⁵ De *planas*, adjectivo substantivado.

⁶ De *córrego* do lat. *corrugu-*; passagem estreita e profunda entre montanhas.

⁷ Diminutivo de Covas.

⁸ Diminutivo de Covo.

⁹ De *colina*.

¹⁰ Ribanceira; terra no fundo de ribanceira.

¹¹ De Monte-Sul, de monte do sul.

¹² Aumentativo depreciativo de monte?

¹³ De *outeirolo*, pequeno outeiro, com sufixo proto-arcaico.

¹⁴ Passagem alta entre duas montanhas. É topónimo repetido, pelo que leva sempre um determinativo: Portela de Vade, Portela das Cabras, Portela do Homem. Aliás, por todo o País o topónimo se repete. Tem aspecto de diminutivo de «porta»; mas ainda temos vestígios de «porto» com esse significado. Em espanhol diz-se «puerto» e em francês, em especial no sul, diz-se «port». O *'Dictionnaire Étymologique'*, de Dauzat, considera-o como masculino de «porte».

¹⁵ De Vale de Ossos.

¹⁶ De arenoso, adjectivo substantivado.

¹⁷ Forma diminutiva do feminino do antecedente.

¹⁸ De «Bárrio», forma arc. de «barro»?

¹⁹ V. o precedente.

²⁰ V. as duas notas precedentes.

²¹ De *lagenosu-*, adj. tirado do lat. *lagena*.

²² De *pedron* ou *pedrão*, pedra grande, com reforço vocálico.

Pedralva ²³
Penas ²⁴
Penedo

Penela ²⁵
Prelada ²⁶
Proselo ²⁷

Penha
Seixido ²⁸
Seixosa

172.

Os *hidrotopónimos* — denominações deduzidas dos cursos de água e das fontes — abundam muito menos.

Caldelas
Enxurreira
Fontainha ²⁹
Fonte Arcada ³⁰
Fontela

Fontelas
Fonte-Cova
Levada ³¹
Navió ³²
Rial ³³

Castelo do Neiva
Ribeirão ³⁴
Rio Caldo ³⁵
Rio Mau
Vizela (Caldas de)

173.

Os *fitotopónimos*, fornecidos pelo nome de plantas ou por seus derivados, representam, parece-me, a fonte mais abundosa da toponímia minhota. Grande cópia deles não precisa de explicação nestas páginas, por se tratar de expressões ainda actuais no vocabulário comum ou por estar bem patente a sua derivação. Outros dos fitotopónimos, os mais antigos, trabalhados foneticamente por muitos séculos ou oriundos de palavras já desaparecidas, esses creio que não será ocioso explicá-los em síntese, ao menos para algum leitor menos versado em assuntos de linguística.

Alheira
Arões ³⁶
Aveleda ³⁷

Azevedo ³⁸
Bacelos
Bogalheiros

Bostelo ³⁹
Bouça
Boucinha

²³ De «pedra alva».

²⁴ O mesmo que «penhas» e talvez português mais lídimo.

²⁵ De *penella* diminutivo de pena.

²⁶ De *petra-lata*, pedra larga.

²⁷ De *Pedrosello* forma diminutiva de Pedroso, adjectivo este que também se depara como topónimo.

²⁸ De *seixo* com o sufixo *-ido*, a que já se fez referência.

²⁹ Diminutivo de *fontana*, que na língua arcaica teve a forma *fontãa* e *fontã* a que o sufixo se applicou.

³⁰ Fonte que jorra debaixo de um arco.

³¹ Cascata, açude natural ou com aproveitamento de condições naturais do curso de água, tais como a descida brusca entre penedias que facilitam a colocação de vedação artificial.

³² Veja-se o Ap. n.º 166.

³³ De *rigale*- adjectivo derivado de *rigu*-, rego.

³⁴ De *Rio Veirão*; o segundo elemento representa o genitivo *Valeriani*, do hipocorístico de Valerius.

³⁵ O Rio Caldo (*caldo*, de *calidu*-, quente), de que o local tira o nome, é um ribeiro que vem das caldas do Gerês. Em rigor e fundamentalmente, este topónimo e os de *Rio Mau* e de *Vizela* são *potamónimos*, nomes de rios.

³⁶ Do plural de arão, a planta chamada também jarro.

³⁷ Veja-se o p. 164.

³⁸ De **azevo*; cfr. o diminut. *azevinho* e o castelhano *acebo*.

³⁹ Derivado de *busto*, terreno de pastagem para gado.

<i>Bouços</i> ⁴⁰	<i>Figueiredo</i>	<i>Oliveira</i>
<i>Brunhais</i> ⁴¹	<i>Figueiró</i> ⁴⁹	<i>Ortigueira</i> ⁵⁷
<i>Canedo</i>	<i>Gândara</i>	<i>Palmeira</i>
<i>Cardal</i>	<i>Gandarela</i>	<i>Pereira</i>
<i>Carrazedo</i> ⁴²	<i>Gandarinha</i>	<i>Pinheiro</i>
<i>Carregal</i> ⁴²	<i>Gandra</i>	<i>Reborido</i> ⁵⁸
<i>Carregosa</i> ⁴²	<i>Gestal</i> ⁵⁰	<i>Sabugal</i>
<i>Carvalhal</i>	<i>Gestosa</i> ⁵⁰	<i>Sabugueiro</i>
<i>Carvalheira</i>	<i>Ginjal</i>	<i>Salgueiral</i>
<i>Carvalhó</i> ⁴³	<i>Junqueira</i>	<i>Senra</i> ⁵⁹
<i>Carvalhos</i>	<i>Lampaça</i> ⁵¹	<i>Senrela</i> ⁶⁰
<i>Cerqueda</i> ⁴⁴	<i>Lòrdelo</i> ⁵²	<i>Serzedelo</i> ⁶¹
<i>Cerqueira</i> ⁴⁴	<i>Louredo</i> ⁵³	<i>Serzedo</i> ⁶¹
<i>Cerqueiral</i> ⁴⁴	<i>Loureira</i> ⁵⁴	<i>Silvares</i>
<i>Cerqueiras</i> ⁴⁴	<i>Loureiro</i>	<i>Sobradelo</i> ⁶²
<i>Codessal</i> ⁴⁵	<i>Lourido</i> ⁵³	<i>Sobrado</i> ⁶²
<i>Codessoso</i> ⁴⁵	<i>Louro</i>	<i>Soutelo</i>
<i>Espinho</i>	<i>Maçada</i> ⁵⁵	<i>Souto</i>
<i>Faia</i>	<i>Mèdela</i> ⁵⁶	<i>Souto-Chão</i>
<i>Feital</i> ⁴⁶	<i>Nespereira</i>	<i>Tojal</i>
<i>Feitos</i> ⁴⁶	<i>Nogueira</i>	<i>Tojeiras</i>
<i>Feiteira</i> ⁴⁷	<i>Nogueiró</i>	<i>Tojo</i>
<i>Felgueiras</i> ⁴⁸		<i>Urzal</i> ⁶³

⁴⁰ De *bouçolas*; vocábulo já tratado no Ap. 164.

⁴¹ Forma aferética de «abrunhais», terrenos de abrunhos.

⁴² Os três topónimos assentam no lat. *carex*, espécie de junco, e vêm mais pròximamente de *carecetum*, *caricale* e *caricosa*.

⁴³ Diminut. de Carvalho, com o já referido sufixo contracto -ó.

⁴⁴ Trata-se de quatro topónimos baseados, todos, no lat. *quercu*-, a que se applicaram os sufixos -ta, -aria, *aria-ale*- e *arias*.

⁴⁵ Ambos os topónimos partem de codesso, arbusto leguminoso.

⁴⁶ O segundo dos topónimos aqui chamados é o plural de uma das formas populares da planta feto. O primeiro é um colectivo.

⁴⁷ De «feiteira», feto pequeno do mato.

⁴⁸ O vocábulo saiu do lat. *filix*, feto, por *filica* e *filicarias*.

⁴⁹ Diminut. de figueira, com o sufixo -ola > -ó.

⁵⁰ Ambos derivados de giesta, na forma contraída *gesta*.

⁵¹ Nome de uma espécie de acelga.

⁵² De *loritellu*- < *lauritellu*- < *lauretu-ellu*-.

⁵³ Vocábulos tirados ambos de louro, com os sufixos -edo e -ido.

⁵⁴ Casta de uva loura ou dourada.

⁵⁵ O vocábulo já foi tratado no Ap. 164.

⁵⁶ De *Amèdela*, diminut. de Ameedo, do radical de ameeiro.

⁵⁷ O vocábulo deriva de *urtiga*; e a inicial com O vem-lhe do facto de antigamente se evitar a letra *u* em sílabas não tónicas.

⁵⁸ De «reborido», mata de «robles» (do lat. *robur*), espécie de carvalhos. Comp. com outros topónimos como Reboredo e Reboreda.

⁵⁹ Do arc. *senra*, o mesmo que seara, do baixo lat. *senara*.

⁶⁰ Diminut. do precedente.

⁶¹ O segundo dos topónimos aqui chamados deriva de *ceresetu*-, do lat. *ceresia*; o segundo é um diminutivo.

⁶² O primeiro destes topónimos é diminut. do segundo, o qual provém, de *suberatu*-, de *suber*, sobreiro.

⁶³ Por «urzal», matagal de urzes ou «urjes», como se ouve proferir.

Uveira

Velido ⁶⁴Veloso ⁶⁴Vinhós ⁶⁵

174.

A fauna foi aqui pouco fecunda na atribuição de nomes a localidades. Escassa é, por isso, a lista de *zootopónimos* que se apresenta.

Abelheira
 Aguiar ⁶⁶
 Armentel ⁶⁷
 Bezerral ⁶⁸
 Cabreiros

Carriça
 Crujeira ⁶⁹
 Cucos
 Gulpilhares ⁷⁰
 Lagarteira

Leitões
 Levandeiras ⁷¹
 Lobeira
 Sardoal
 Zebraal ⁷²

175.

Ficaram fora destas classificações, de ordem semântica, alguns topónimos merecedores de interesse, mas que, repartidos, não constituiriam agrupamentos em si bastantes para classificações novas. À falta de melhor, enfeixam-se na designação de *topónimos vários*.

AGUIÃO — de *aguião* < *aquiloni*-, nome de vento.

CANCELAS — de *cancelas*, porta gradeada e baixa.

CANIÇADA — de *caniçada*, estacada feita de caniços, ou terra de caniços.

CASLUVADO — lugar da freguesia de Cepães, do concelho de Fafe, que me deu o antegozo de um belo achado filológico. Em verdade, quase julguei ter descoberto mais um topónimo iniciado por *cas*, partícula arcaica equivalente à francesa *chez*, para juntar aos três ou quatro casos apontados pelos grandes filólogos Leite de Vasconcelos e J. J. Nunes, os quais são *Cas-Freires*, *Cajaneiro* (casa de Janeiro, ou de Janeiro como hoje se diz o prenome), *Cajorge* (casa de Jorge) e, se me não falha a memória a que neste momento só recorro, *Caslopo*. Admitindo, de modo apriorístico, que a primeira sílaba de *Casluvado* é a dita partícula prepositiva, fica, porém, a faltar a interpretação da outra parte do vocábulo. Só muito arbitrariamente lha poderia atribuir, sem base mais segura do que

⁶⁴ Veja-se o Ap. 164, onde a palavra já ficou explicada, assim como Veloso.

⁶⁵ Também no Ap. 164 se explica este topónimo.

⁶⁶ De **aquilare*- (de *aquila*), com a significação de lugar em que houve ninhos de águias.

⁶⁷ Derivado de *armento*, rebanho de gado vacum ou cavalhar.

⁶⁸ De *bezerral*, pasto de bezeros.

⁶⁹ O mesmo que *corujeira*, penhascos onde há ninhos de corujas.

⁷⁰ Era como quem dissesse «raposeiras», pois a raiz do étimo anotado é o lat. *vulpecula* ou *vulpicula*, diminutivo de *vulpes*.

⁷¹ De *levandeiras*, pássaro também chamado *levandisca* ou *lavandisca*.

⁷² De *zevro*, espécie animal desaparecida, que corresponde ao burro selvagem ou ónagro.

precárias semelhanças fonéticas ou de meras possibilidades fonológicas, maneiras de decidir que não estão dentro dos meus processos de modesto linguista. Procurei, por diversos meios, obter indicações. Em vão. O abade de Cepães, a quem escrevi a solicitar alguma achega para solução do problema, declarou nada poder comunicar-me de útil. Diz-me, por fora do quesito proposto, que só as pessoas mais antigas pronunciam ainda *Casluvado*, pois a pronúncia moderna é *Casalevado*, lição que se encontra em documentos de há uns 100 anos. A grafia não ensina a prolação das duas primeiras sílabas, nem onde recai a tónica secundária, idiomáticamente forçosa em semelhante vocábulo. Na primeira sílaba não se me mostra admissível (*Casa-levado*), por motivo da terminação masculina; se na segunda (*Casàlevado*), suspeitar-se-ia de um caso de etimologia popular, a qual veria em *Casluvado*, proferido já *Caslevado*, o composto «*casal-elevado*». Será assim?

DEVEZA — de *devesa*, lugar cercado, tapada.

ERMIDA — de *ermida*, vocábulo que, convém consignar, não pertence ao vocabulário do povo.

ESCAMPADO — de «descampado», campo sem árvores.

FÃO — de *fanum*, ou *fanu-* (santuário). Comp. fanático, fanatizar, etc.

FERREIROS — de *ferreiros* artífices do ferro.

JUGUEIROS — de *jogueiros*, fabricantes de jugos.

LAMAÇÃES — de *lamaçais*, com nasalação provocada pelo *m* anterior.

PAINZELA — de *painça-ella*, diminut. de «*painça*», palha de painço.

PARADÁ — vocábulo já tratado no Ap. 164.

PARADELA — forma diminutiva de Parada.

PENSO — designação de duas freguesias que se distinguem pela indicação do orago, como já se disse no Ap. 168. O topónimo deriva do nome comum «penso», ração da montada.

PÓVOA — de *póvoa*, nome colectivo arcaizado, equivalente a povoação, muito difundido através de quase todo o País.

QUINTAS — do arc. *quintã*, grande quinta.

QUINTELA — do arc. *quintela*, pequena quinta.

SEQUEIRA — talvez substantivação de «terra sequeira», terra seca.

SEQUEIROS — substantivação plural do adjectivo «sequeiro», falho de água.

SOENGAS — possivelmente de (terras) *solarengas*.

TABUAÇAS — de *tabuaças*, tábua-aças.

TABUADELO — de *tabuadelo*, tabuado-ello.

TEBOSA — do adject. *tabulosa*, através de *Tavoosa* e *Tevosa*.

TRAVAÇOS — de *trabs* ou, melhor, de *trabe-* (tronco de árvore, árvore) com o sufixo *-aços*.

TRESESTE — é como quem diga *Trás-Este*, ou mesmo anteriormente **Trans-Aliste*, composto cujo segundo elemento é *Alister*, na forma *Alistre-*, étimo de *Este*, rio afluente do Ave.

5.^a PARTE

ASPECTOS SINTAXICOS

- I — Da concatenação das frases
- II — Das construções dialectais

I — DA CONCATENAÇÃO DAS FRASES

176.

Os desvios de ordem sintáctica que sejam de assinalar entre o Português do Minho e a língua geral do País — previna-se desde já — nada apresentam que demarque uma diferença estrutural. A arrumação frásica é a mesma, a concatenação dos elementos é idêntica. E, se o arredondamento da frase é no dialecto um tanto mais precário; se há deficiências no construir da subordinação das proposições; se a syntaxe, por vezes, cinca de encontro às boas regras de conexão do pensamento, — isso não resulta de uma diversidade fundamental na estrutura, mas, sim, de se tratar de uma linguagem não escrita ou, melhor dizendo, de linguagem meramente popular, na qual não intervém o influxo da cultura gramatical ou literária.

Trata-se, pois, de uma construção genuína, por espontânea.

Vão, em verdade, apontar-se alguns factos divergentes na elaboração da frase. Mostram-se eles, todavia, de tão limitado alcance que, por muitos exemplos que se procure aduzir, nunca tais factos linguísticos se haverão de tomar como constituintes de um sistema diferenciado. Em suma, não passam, as mais das vezes, de idiotismos de construção, a abranger, quando muito, sectores restritos do largo campo da syntaxe.

Posto isto, não deverá estranhar-se que, nestas páginas finais de um estudo talvez já de nímia extensão, se escrevam quase soltos os apontamentos que ainda falta tresladar.

177.

Se observarmos a concatenação das proposições no seu aspecto geral, nada de peculiar se nos deparará, porquanto não podem declarar-se como peculiaridade algumas incertezas na subordinação, ou algumas infracções das boas normas da lógica sintáctica, ou o evitar de frases subordinadas, aquelas mais difíceis, por meio do recurso ao fraccionamento do período — processo com que se conseguem frases coordenadas, de mais simples construção. Tudo isto, afinal, é próprio, e até característico, da linguagem inculta.

178.

Nos relatos mais ou menos longos, sobretudo quando se divaga do assunto principal, é de regra o emprego de expressões conectivas, as quais, aquelas que tomam construção proposicional, não acarretam a subordinação da frase seguinte e nem sequer, às vezes, a coordenação:

«E bai ele e deixou cair ãa perna à beira do sordado.»

«E ò despois àtão é que fôro elas.»

«E bai daí o pai nunca mais a quis ber.»

Estas expressões «E bai ele e...», «E ò despois àtão...», «E bai daí...» constituem verdadeiros «bordões», que não só facilitam a elocução e lhe dão balanço, quase impulso, mas também para o ouvinte se convertem num elo que melhor reata duas partes, às vezes distantes, do relato escutado.

179.

Nas orações temporais, é frequentíssimo o emprego do gerúndio regido da preposição *em*, aliás *im* na pronúncia dialectal:

«Im bindo teu pai, bais ber o que t'acuntece.» (Quando vier o teu pai, verás o que te acontece).

«Im crendo podemos ir.» (Podemos ir quando quiser).

«Manda dezer a ti' Gracinda qu'im passando a tchuba que traz as toalhas do aurtar.» (A sr.^a Gracinda manda dizer que logo que passe a chuva traz as toalhas do altar).

«Intão istá pior do seu reumátego, s'João? — Im o tempo se pondo húmedo, é isto.»

180.

As orações condicionais hipotéticas introduzem-se amiúde pela expressão «Bámos que...», equivalente a «Suponhamos que...» ou a «Se se der o caso de que...»:

«Bámos qu'eles nũ tchego lá a cand'a mim?» (E se eles não chegam lá ao mesmo tempo que eu?).

«Bámos qui ele ascorda e nũ me topa im casa?» (Suponhamos que ele acorda e não me encontra em casa?).

181.

Nas subordinações respectivas, é corrente, é mesmo natural, a repetição pleonástica da integrante *que*, facto este que, aliás, não se põe aqui como exclusivo da região, porquanto pode ouvir-se em fala oral, desprendida, de quase toda a gente. Reproduzo *ipsis verbis* um retalho de conversa que escutei indiscretamente, com

aquela indiscrição sem a qual não poderia coligir os apontamentos agora a findar:

«Nũ te debes d'azangar: a ti'Ána jurgaba que tu que falabas p'rà filha cum má fim. — Nũ me diga! — Mas eu disse-le, logo ali, que tu, da gente que bens, que nũ és home pra desfeitear ãa moça hunrada.»

Atente-se na locução estereotipada «má fim», na qual se conserva o género feminino que foi o do substantivo na nossa língua arcaica.

Aduzo um passo de Camilo em '*A Corja*' (a pág. 81 na Colecção Lusitânia), que, imitando a linguagem vulgar, apresenta a redundância da conjunção:

— Pois você que cuidava, barão? Quando eu lhe disser que a burra que é preta, olhe-me para o cabelo. Eu não lhe dizia que entre o Macário e a Felícia que viesse o diabo e escolhesse?



II — DAS CONSTRUÇÕES DIALECTAIS

182.

Mais do que pela sua fonética e mais do que pelo seu léxico, é pela syntaxe que um idioma se particulariza. E, mesmo no tocante à syntaxe, o que dá o génio da língua não são as construções estritas à lógica — idênticas ou próximas nas línguas afins — não são essas as que lhe conferem individualidade, porquanto elas, vindo assim regradas a preceito, vêm todas pautadas pelas gerais conveniências da transmissão do pensamento. O que verdadeiramente individualiza uma língua, o que lhe dá foros de língua, são os seus jeitos peculiares de construção frásica, certos modismos que se tornariam impossíveis noutro idioma, uns quantos paralelismos analógicos, os seus desvios da lógica formal em dadas expressões, as silepses próprias dela, algumas discordâncias dos cânones da gramática, substituídas por uma espécie de concordância mental, feita em referência a uma ideia subentendida. Destarte, desvios tais não representam irregularidades ou transgressões, antes correspondem a peculiaridades linguísticas que uma gramática perfeita deveria registar como de preceito.

O falar do Baixo Minho está muito longe de constituir uma língua. Não passa de modalidade regional, muito específica, do Português, quicá o substracto mais puro da língua pátria. Logo, o génio geral da nossa língua é o mesmo que este falar do norte do País.

Entretanto, a par de várias outras diferenciações já aqui registadas, temos a apontar-lhe alguns idiotismos regionais que mais vincam a feição dialectológica.

183.

O verbo *importar-se*, em construções do tipo «importar-se a alguém», usa-se com regência especial e só aparentemente é reflexo. Com efeito, a partícula *se* não desempenha qualquer função lógica, nem interfere no sentido, e o verbo, por seu lado, apenas se flexiona como unipessoal, — a funcionar impessoalmente umas vezes, com sujeito indeterminado outras vezes e outras, ainda, com o sentido de uma frase a servir de sujeito. A pessoa a quem importa apresenta-se em construção dativa:

— A mim nũ se m'importa de nada.

— Deixe lá, minha mãe, deixe lá: a mãe que se l'importa qu'ela cá bêinha ou que nũ bêinha?

Esta trova, que de passagem ouvi cantarolar, contém um bom exemplo do modismo:

«Da jinela do meu carto
Beijo eu a do meu sogro;
Eu do pai nũ se m'importa,
E polo filho é qui eu morro.»

184.

Com o adjectivo *mau* verifica-se, em casos de próclise, uma discordância de género e de número que, afinal, não representa verdadeira falta de concordância. Pois, bem visto o fenómeno, o que se observa é a invariabilidade do adjectivo, consequente da mesmo próclise. Se não, atente-se nos exemplos que, para o efeito, aduzo:

- Ele nũ é mà home (Ele não é mau homem).
- Mà raios te parto! (Maus raios te partam).
- Estás mas é cum mà génio... (Estás mas é com mau génio).
- Olhaide que nũ gosto de mà caras (Olhai — ficai sabendo — que não gosto de pessoas mal encaradas).

185.

Para reforço enfático da 1.^a pessoa gramatical, usa a linguagem comum a partícula «cá» («Eu cá não sei»; «Nós cá não vimos nada»). A fala dialectal reforça mais a expletiva, dizendo «cá de mim»:

- Eu cá de mim nũ bi nada (Eu cá não vi nada).

186.

Ao passo que a locução «dous contos de reis» é idêntica à locução da língua geral, já o mesmo não sucede com a locução paralela «um conto de rei». É que, por atracção sintáctica, o plural *reis* de *real* toma um falso singular, quando no singular esteja o quantitativo *conto*. Compare-se o erro frequente: «vinte e um dia», «cinquenta e uma pessoa».

187.

Nas orações comparativas que tragam o segundo termo da desigualdade, o sujeito vem muitas vezes antecedido da preposição *a*. Entre outras, coligi estas frases exemplificativas:

- Há gente mais bruta qu'òs alimais.
- Ó rapariga, nũ te jurgues menos qu'às mais. (... menos do que as outras).

Os vocábulos *òs* e *às*, que se ouvem jungidos com a conjugação elidida, resultam, conforme se ensinou no ponto oportuno, da crase da preposição *a* com o artigo.

Estamos aqui perante uma construção a aproximar da de *coma* ou *como* a (profira-se *cuma* e *cumo* a): — «Carago! binha intchado cum'òs sapos»; — «O Senhor le perdõe, qui era mau cum'ò diánho». A meu ver, o caso consiste no cruzamento de *ca* e *como*, por via do qual a partícula *ca* se cinde analógicamente em *qu'a*. A simples crase do artigo com a dita partícula arcaica (*ca-o*, *ca-a*, etc.) parece-me psicológicamente difícil.

188.

Nas orações de condicional hipotético, é audível, amiúde, o mais-que-perfeito do indicativo a substituir o conjuntivo desse tempo ou o do imperfeito:

«Indas que nós quijéranos, já nũ bínhanos a tempo» (Ainda que quiséssemos, não viríamos já a tempo).

189.

O verbo «pegar», seguido da partícula «e», serve de expressão enfática:

— E eu pego e nũ bou lá (E eu, então, não vou lá).

— Se bomecê pega e le pranta p'rà li tudo...» (Se vocemecê, então, decide dizer-lhe ali tudo...).

Como se observa nos exemplos, o verbo enfático põe-se na mesma flexão do verbo que contém a afirmação principal, o qual, assim, aparece falsamente a modos de coordenado.

190.

A par de frases do tipo «*Diz-se* por i que nunca houve um ano de seca cumò d'agora», construção esta do molde corrente em linguagem, ouvem-se frases como «*Diz* que bai por i munta fome». É evidente que, em ambos estes moldes, a proposição principal é de sujeito indeterminado.

Sei bem que, por escravidão aos seus conhecimentos de latim, não faltará quem proteste no tocante à minha análise da primeira das frases. Mas... adiante: discutir o asserto não é para aqui, nem importa basicamente para o caso apresentado.

O que pretendo assinalar é que na segunda frase não se encontra omitida a partícula *se*, como poderá parecer aos desprevenidos: trata-se da construção indeterminada, com o verbo na 3.^a pessoa do plural, cuja flexão «dizem» aqui se profere «diz», dicção que já expliquei.

Recolhi esta quadra, para exemplo característico:

Diz qu'o meu amor que binha
A cando a lua binhesse:
A lua já bai tão aurta,
Meu amor nũ aparece.

191.

As orações de verbo impessoal apresentam-se, as mais das vezes, com o pronome *ele* a modos de sujeito aparente. Alguns exemplos, entre os numerosíssimos que registei:

- Ó mulher, ele já será meidia? (... já será meio dia?)
- Ele sempre bai êsti áno um calor!
- Ele qu'horas ero cando tu tchigastes?
- Ele hõije sempre habia na feira cada ceba!
- Bai ber s'ele tchobe ainda. — Tchobe, tchobe.
- Não qu'ele é munto tarde p'ra lá irnos.
- Ele nũ há maneira de bir sol!
- Óilha quele já nũ é nada cedo.
- Debe a 'star tudo alagado, ò qu'ele tem tchobido.
- Ele agora será perto daqui ò S. Bento? — Não sinhora, ele inda é lõige. — Nũ me diga!... — Ele inda bota a mais dũa légua, e das bõs.

192.

Não se confunda com a peculiaridade do apontamento anterior o emprego pleonástico do pronome *ele* em frases, como as seguintes, que já têm outro sujeito, e expresso:

- Ó tia Getrudes, ele está i a minha abó?
- Ele sempre a gente faz cada tolice!
- Ele nũ sei cumo é mas as cousas 'stão cada bez mais caras.
- Cumo é isto? — ele ero três betões e só cá beijo dous...

193.

Na frase feita «*Cumo bem passase a noute!*», voto amável de boas-noites, verifique-se o emprego do conjuntivo imperfeito, em vez do presente optativo. Trata-se de manifesto cruzamento semântico. A propósito, consigno aqui a resposta à saudação «Boas-noutes!» ou «Santas-noutes!», que se tornou já numa fórmula estereotipada: «O Senhor le dê as mesmas.».

194.

Quando significa «dizer-se», «correr algum rumor», o verbo «constar» (no infinito proferido *cunstar*) constrói-se reflexo: «O qui é que se consta p'ra aí de nobo?»; «Cunstou-se que na Santa Marta o barúilho foi tamáinho qu'inté houveram mortes». A partícula *se* provém do cruzamento daquele verbo com «dizer-se» e, talvez mais ainda, com «contar-se».

195.

Em frases de feição introdutória, como «Nũ tem dúbeda...», «Nũ tem mal...» e quejandas, o verbo *ter* é empregado a jeitos de impessoal:

- Ai ele diz isso... Nũ tem dúbeda qu'eu àminhão las cantarei.
- Cubrastes a infusa da comadre Aurbina? Nũ tem dúbeda, mulher: merca-se ãa noba e dá-se-le.
- Nũ me pàgou o carreto, mas nũ tem mal: tàmén nũ se le paga o bacalhêu que fostes mercar lá na benda.

Para construções como estas, o sujeito haverá estado implícito no sentido das orações anteriores, e como resumível no demonstrativo neutro «isto» ou «isso», subentendido, tal-qualmente sucede no passo que transcrevo de '*Os Velhos*', de D. João da Câmara. — O Bento, a barbear o Prior, fizera-lhe o primeiro lanho, e à queixa do paciente objectou: — «Já lhe disse, homem, não tem dúvida. O adesivo cá está».

No Brasil usa a língua falada, cada vez mais, construções como estas: «Não tem água na bica do tanque»; «Mas àquela hora não tinha bondes na rua». Foi através de construções comparáveis que o verbo latino *habeo* para nós passou, quase sempre, de emprego impessoal.

196.

O verbo *evitar*, e seus sinónimos, requer em forma negativa a oração complementar, sobretudo se o verbo desta vem no infinitivo:

- Pois, duntinha (doentinha) cumo anda, ela foi a pé, só p'ra ebitar de nũ gastar sei 'stões (seis tostões).
- Bocê fugiu de nũ me falar, que eu bem arreparei.

Trata-se de fenómeno paralelo do que se produzia no Português arcaico (assim como no Latim e, aproximadamente, se produz ainda em francês) com os verbos de receio e com os verbos inibitivos. Costuma a estas negações chamar-se expletivas. Muito mais exacto seria, creio, designá-las como *negações expressivas*.

Em verdade, a redundância da negativa provém de uma contaminação semântica. Sim, que o facto «Bocê fugiu» corresponde ao intento «de nũ me falar»: deste modo, o acto positivo da frase subordinante cruzou-se psicologicamente com a intenção negativa que na dita frase se encontra implícita, e transmitiu-se à frase subordinada que, por isso, se constrói com a negação expressiva.



GLOSSÁRIO GERAL

DOS VOCABULOS E EXPRESSÕES APONTADOS

A

<i>Abadim</i>	172	<i>adoado</i>	141	<i>alumiar</i>	14
<i>abaluar</i>	45	<i>adonde</i>	114	<i>amagrecer</i>	47
<i>abandar</i>	28	<i>afectivo</i>	46	<i>a mais</i>	117
<i>abançar</i>	122	<i>afelição</i>	26	<i>Amarela</i>	168
<i>abândono</i>	13	<i>afeligir</i>	26, 41	<i>a maior</i>	114
<i>abantaige</i>	25, 45	<i>a festa</i>	161	<i>amaricano</i> ...	14, 47
<i>abelão</i>	23, 41	<i>afouto</i>	24	<i>amêndola</i>	47
<i>abelãozeira</i>	45	<i>afruitado</i>	122	<i>amêdade</i> ...	25, 47, 89
<i>Abelheira</i>	177	<i>agantar</i>	18, 46	<i>amão</i>	141
<i>abespinhar</i>	28	<i>agardecer</i>	34	<i>aminhão</i> ...	14, 23, 47
<i>abetarda</i>	28	<i>Agilde</i>	170	<i>à moda de</i>	115
<i>abibe</i>	28	<i>Agrafonte</i>	165	<i>a modinho</i>	115
<i>aboar</i>	25, 45	<i>Agrelo</i>	167	<i>a modo</i>	115
<i>abóbada</i>	14, 28	<i>Agrinha</i>	165	<i>amoroso</i>	126
<i>abobra</i>	37, 45	<i>Águas Santas</i>	168	<i>Ana</i>	16
<i>Aboim</i>	172	<i>Aguião</i>	177	<i>anadota</i>	41
<i>Aborim</i>	173	<i>Aguiar</i>	165, 177	<i>anainho</i>	141
<i>abutre</i>	28	<i>Aguim</i>	169	<i>anaio</i>	141
<i>acachafundar</i>	140	<i>ãijinho</i>	20	<i>Ançariz</i>	172
<i>acadimar-se</i>	140	<i>ãijo</i>	20, 41	<i>andar</i>	99
<i>acaduto</i>	14, 41	<i>Airó</i>	167	<i>andar nos binte</i> ...	135
<i>acaijo</i>	46	<i>alanzoar</i>	141	<i>andrômina</i>	141
<i>açanar</i>	14, 46	<i>alãozoar</i>	23	<i>aneiro</i>	141
<i>a cand'a ele</i>	113	<i>albergue</i>	14	<i>anguia</i>	141
<i>açano</i>	46	<i>albezes</i>	141	<i>Anta</i>	166
<i>acarditar</i>	46	<i>alboreda</i>	46	<i>antão</i>	47
<i>acarregar</i>	140	<i>Alconchel</i>	169	<i>Antas</i>	166
<i>acasião</i>	46	<i>Aldreu</i>	172	<i>Antone</i> ...	18, 38, 47
<i>acezanar</i>	140	<i>alebantar créditos</i> ..	135	<i>ant'onte</i>	47
<i>achanzar</i>	121, 140	<i>alebante</i>	126	<i>antre</i>	47, 116
<i>acipreste</i>	46	<i>aleijar-se</i>	126	<i>anzoneiro</i>	126
<i>acomodado</i>	126	<i>alemburar</i> ... 22, 25,	46	<i>anzonices</i>	126
<i>acrecentar</i>	46	<i>alfanete</i>	14	<i>ãobos</i>	23
<i>açucres</i>	34, 37, 46	<i>algua</i>	88	<i>ao carrachucho</i>	161
<i>acuntecer</i>	22	<i>Alheira</i>	175	<i>ãotre</i>	23
<i>acupar</i>	20, 46	<i>alimal</i>	46	<i>apaixar</i>	141
<i>Adáins</i>	23	<i>alinterna</i>	25, 46	<i>apanhadouro</i>	141
<i>Adaúfe</i>	170	<i>almário</i>	46	<i>aparaular-se</i>	47
<i>adebertir-se</i>	46	<i>almazém</i>	47	<i>apegar-se</i>	141
<i>adebogado</i>	26	<i>Almorode</i>	169	<i>apetreicho</i>	17
<i>Adelaides</i>	46	<i>Almuinha</i>	169	<i>apilautar-se</i>	48
<i>adente</i>	46, 114	<i>alomear</i>	141	<i>apilhar</i>	25
<i>adequirir</i>	26	<i>altamar</i>	47	<i>apintar</i>	141
		<i>alubedar</i>	47	<i>apousar</i> ...	25, 48, 142
		<i>alugar</i>	14	<i>aprainar</i>	48

<i>aprender</i>	127	<i>assuceder</i>	25, 49	<i>baixel</i>	28
<i>aprufeiçoar</i>	48	<i>astreber-se</i>	49, 127	<i>baixela</i>	28
<i>apuntar</i>	22	<i>astrebido</i>	33	<i>Bulasar</i>	169
<i>aquecular</i>	48	<i>Asurei</i>	170	<i>baler</i>	104
<i>aquela</i>	142	<i>Asurém</i>	170	<i>balume</i>	20, 50
<i>aquelar</i>	142	<i>Atafonas</i>	168, 169	<i>bámos que</i>	135
<i>aquele</i>	142	<i>atazanar</i>	34	<i>bandarilha</i>	14
<i>aqui atrasado</i>	113	<i>atchar</i>	41	<i>banguela</i>	50
<i>araige</i>	48	<i>ateimar</i>	25, 49	<i>banguelada</i>	51
<i>arame</i>	14	<i>atensílio</i>	49	<i>bantal</i>	51
<i>arbe</i>	37, 48	<i>atentar</i>	49	<i>bãoadeira</i>	23
<i>arbir</i>	34, 48, 103	<i>aterdoado</i>	127	<i>bara</i>	28, 41
<i>Arcozelo</i>	167	<i>aterdoar</i>	20	<i>barado</i>	51
<i>Areias</i>	168	<i>Atiães</i>	168, 172	<i>barandão</i>	143
<i>Arentim</i>	169	<i>atimar</i>	49	<i>barar</i>	127
<i>ária</i>	142	<i>atólico</i>	143	<i>Barbadães</i>	172
<i>arijar</i>	21, 41	<i>atremar</i>	143	<i>Barbeira</i>	84
<i>arjão</i>	142	<i>atrepar</i>	25, 49	<i>barbeito</i>	28
<i>arjoar</i>	142	<i>atrigar-se</i>	127	<i>barges</i>	33, 51
<i>armar</i>	127	<i>atuir</i>	143	<i>bariar</i>	127
<i>Armental</i>	177	<i>auga</i>	25, 49	<i>barol</i>	20, 34, 51
<i>Armil</i>	172	<i>augadilha</i>	49	<i>Barral</i>	174
<i>arminho</i>	14	<i>auga-pé</i>	49	<i>barregar</i>	51
<i>Arnosela</i>	174	<i>augardente</i>	49	<i>barrêgo</i>	51
<i>Arnoso</i>	168, 174	<i>augarraz</i>	49	<i>Barreiros</i>	174
<i>Arões</i>	175	<i>auguentar</i>	49	<i>barrete</i>	14
<i>arrãijinho</i>	20	<i>aurdeia</i>	29, 50	<i>Bárrio</i>	174
<i>arratle</i> ...	34, 37, 48	<i>aurfácia</i>	38, 50	<i>Barroca</i>	174
<i>Arraúl</i>	48	<i>aurfanete</i>	50	<i>barrufador</i>	143
<i>arrebitar</i>	127	<i>Aurforedo</i>	50	<i>barrufar</i>	25, 51
<i>arreceber</i>	48	<i>aurguém é</i>	135	<i>barrufo</i>	51
<i>arreceber-se</i>	127	<i>aurtemoble</i>	50	<i>barruma</i>	14, 51
<i>arrecear</i>	48	<i>aurtura</i>	29	<i>bater</i>	101
<i>arreceio</i>	25	<i>Aveleda</i>	166, 175	<i>batumar</i>	41
<i>arrecolher</i>	48	<i>avorrecer</i>	28	<i>batume</i>	41
<i>arrecuar</i>	25, 48	<i>avòzinha</i>	19	<i>bauburda</i>	29, 51
<i>arredio</i>	14	<i>azangar</i>	25	<i>báum</i>	24
<i>arredoar</i>	142	<i>Azevedas</i>	84	<i>baurboreta</i>	29
<i>arreguilar</i>	48	<i>Azevedo</i>	168, 175	<i>baurcão</i>	127
<i>arrelíquias</i>	25, 48	<i>aziunado</i>	143	<i>Baurdêste</i>	51
<i>arrendar</i>	48	<i>azuar</i>	50	<i>baziar</i>	33
<i>arrenegar-se</i>	143			<i>bêbera</i>	28
<i>arresorbido</i>	127			<i>bêgueiro</i>	143
<i>Arrifana</i>	169			<i>bêi</i>	24
<i>arrotar</i>	14			<i>bejitas</i>	51
<i>arrumar cum</i>	135			<i>beirada</i>	127
<i>arrumedar</i> 15, 25,	48			<i>belancia</i>	52
<i>arrumediar</i> ...	15, 48			<i>belindroso</i>	52
<i>arrumendar</i> ...	15, 48			<i>belota</i>	20, 51
<i>artemoble</i>	38			<i>belume</i>	52
<i>artista</i>	127			<i>belusa</i>	26, 51
<i>ascordar</i> ...	33, 48, 143			<i>bem-parcido</i>	135
<i>ascordar-se</i>	143			<i>bender</i>	22
<i>àsebessas</i>	49, 115			<i>benêra</i>	127
<i>assapar</i>	143			<i>Bente</i>	168, 169
<i>asseada</i>	143			<i>Bentinho</i>	22
<i>Assento</i>	166			<i>berbequim</i>	28
<i>assezinar</i>	143			<i>berbulha</i>	52
<i>assim-cumàssim</i> 49,	115			<i>berça</i>	28
<i>assobiar</i>	15			<i>berde</i>	28, 41
<i>assoprar</i>	49			<i>berde</i>	127
<i>assubir</i>	25, 49			<i>berdoada</i>	52

B

<i>babuije</i>	20, 22	<i>baixel</i>	28
<i>bábula</i>	50	<i>baixela</i>	28
<i>bacalhêu</i>	20, 50	<i>Bulasar</i>	169
<i>Bacelos</i>	168, 175	<i>baler</i>	104
<i>bacorada</i>	127	<i>balume</i>	20, 50
<i>bacro</i>	37, 50	<i>bámos que</i>	135
<i>badameco</i>	28	<i>bandarilha</i>	14
<i>badelada</i>	20, 50	<i>banguela</i>	50
<i>bafeijo</i>	21	<i>banguelada</i>	51
<i>bafijar</i>	21, 41	<i>bantal</i>	51
<i>baforido</i>	33	<i>bãoadeira</i>	23
<i>bàgar</i>	41	<i>bara</i>	28, 41
<i>bai d' ó</i>	161	<i>barado</i>	51
<i>báinha</i>	17	<i>barandão</i>	143
<i>báinho</i>	28	<i>barar</i>	127
<i>Bairral</i>	174	<i>Barbadães</i>	172
<i>Bairro</i>	174	<i>Barbeira</i>	84
<i>baixáme</i>	50	<i>barbeito</i>	28

<i>Casluvado</i>	177	<i>cobarde</i>	28	<i>Cristelo</i>	166, 167
<i>caste</i>	146	<i>côbedo</i>	15, 56	<i>croua</i>	35
<i>Castelo do Neiva</i> ...	175	<i>côcarinhas (de)</i> ...	56	<i>Crujeira</i>	177
<i>Castelões</i>	173	<i>coceira</i>	146	<i>cubrar</i>	15, 56, 105
<i>castinheiro</i>	55	<i>côchiné</i>	56	<i>Cucos</i>	177
<i>cataprasma</i>	55	<i>codejutor</i>	26	<i>cúinha</i>	17
<i>catrefa</i> ... 30, 55,	111	<i>Codessal</i>	176	<i>culidade</i>	56
<i>catro</i>	19, 41	<i>Codessoso</i> ...	168, 176	<i>cum</i>	22, 42
<i>catrozada</i>	30, 146	<i>côende</i>	18	<i>cumbarra</i>	147
<i>caturnos</i> ... 20, 55,	128	<i>coibe</i>	24, 41	<i>cumbento</i>	57
<i>caurcoré</i>	146	<i>coibeira</i>	147	<i>cumbóio</i>	42
<i>caurquer</i>	90	<i>côicha</i>	18	<i>cum bós</i>	89
<i>caurquer um</i>	90	<i>coira</i>	147	<i>cum de dia</i>	113
<i>ceba</i>	146	<i>coirinho</i>	56	<i>cum de noute</i>	113
<i>cebolinho</i>	19	<i>coixa</i>	17, 42	<i>cumenência</i>	57
<i>ceibar</i>	146	<i>colar</i>	56	<i>Cumieira</i>	174
<i>Celeirô</i>	167	<i>coleirinho</i>	56	<i>cumigo</i>	89
<i>Celeirós</i>	167	<i>côlhar</i>	19, 56	<i>cum lecença</i>	135
<i>celouras</i> ... 24, 34,	55	<i>colidade</i>	19	<i>cum nós</i>	89
<i>centeia</i>	146	<i>comboio</i>	28	<i>cumo</i>	42, 118
<i>cereija</i>	20	<i>comer</i>	129	<i>cumparança</i>	147
<i>Cerqueda</i> 168, 169,	176	<i>comilar</i>	147	<i>cumprar</i>	22
<i>Cerqueira</i> ... 168,	176	<i>comilice</i>	147	<i>cumprander</i>	22
<i>Cerqueiral</i>	176	<i>compodouro</i>	147	<i>cuncença</i>	57
<i>cêrtinho</i>	19	<i>compor-se</i>	129	<i>cunfessanaio</i>	147
<i>cestinha</i>	19	<i>conçoira</i>	147	<i>cunfiado</i>	129
<i>chabilhão</i>	146	<i>considrar</i>	105	<i>Cunha</i>	168, 174
<i>chamar os bois</i> ...	135	<i>contraio</i>	25	<i>cunsante</i>	57
<i>Chamoim</i>	169	<i>copa de palha</i>	147	<i>cunsidrar-se</i>	129
<i>Chamuscada</i>	168	<i>côpinho</i>	13	<i>cuntar</i>	42
<i>chanato</i>	146	<i>coraige</i> ... 20, 22,	129	<i>cuntentinho</i>	22
<i>Chãos</i>	174	<i>corenta</i>	19	<i>cuntigo</i>	89
<i>Chãs</i>	174	<i>coresma</i>	19	<i>curjidade</i>	20, 57
<i>Chelas</i> ... 166, 168,	174	<i>Corgo</i>	174	<i>curjidoso</i>	57
<i>chelincar</i>	146	<i>corje</i>	56	<i>curpa</i>	29, 57
<i>Chelo</i> ... 166, 169,	174	<i>côrho</i>	29, 42	<i>cuses</i>	85
<i>cheminé</i>	55	<i>coroça</i>	26	<i>custipação</i>	57
<i>chichinho</i>	146	<i>Corredoura</i>	166	<i>custipar</i>	57
<i>chico!</i>	161	<i>côrte</i>	56		
<i>chicra</i>	55	<i>Cortinhal</i>	166		
<i>chieira</i>	128	<i>Cortinhas</i>	166		
<i>chieirento</i>	120	<i>Corujeira</i>			
<i>chigadela</i>	17	<i>Costantino</i>	56	<i>dado</i>	129
<i>chigante a...</i> 117,	146	<i>couce</i>	24, 129	<i>dar</i>	107
<i>chigar</i>	17	<i>côuesa</i>	13	<i>dar a</i>	135
<i>chincharrabêilho</i> ...	146	<i>cousa</i>	24	<i>dar bejitas</i>	135
<i>chinquilhar</i>	146	<i>Coutada</i>	166	<i>debaluto</i>	57
<i>choichice</i>	17	<i>Couto</i>	166	<i>debotar</i>	57
<i>choicho</i>	17	<i>côvado</i>	14	<i>decer</i>	57
<i>chôninhas</i>	146	<i>Covas</i>	174	<i>decida</i>	57
<i>Chorence</i> ... 168,	169	<i>Covelas</i>	167, 174	<i>declinar</i>	129
<i>Chousa</i>	166	<i>Covelo</i>	174	<i>de côcarinhas</i>	161
<i>Chouso</i>	166	<i>Covide</i>	170	<i>decrinar</i>	129
<i>chucha-pitos</i>	121	<i>Crasto</i>	166	<i>decruar</i>	147
<i>cibinho</i>	146	<i>crescer</i>	56	<i>decumento</i> ... 20,	57
<i>Cibões</i>	168, 169	<i>crecunda</i> .. 20, 30,	56	<i>defeso</i>	129
<i>cinco centos</i>	88	<i>Creixomil</i>	171	<i>defrença</i>	57
<i>cismátego</i> 15,	55	<i>crer</i>	14	<i>degargar</i>	147
<i>clarabóia</i>	28	<i>Crestins</i>	170	<i>Delães</i>	173
<i>clássia</i>	38, 56	<i>criação</i>	129	<i>demostrar</i>	129
<i>clipe</i>	56	<i>criaturo</i>	147	<i>de pousa</i>	161
<i>côadea</i>	18	<i>cristão</i>	84, 129	<i>de rebolão</i>	115
				<i>dergado</i>	57

D

<i>dado</i>	129
<i>dar</i>	107
<i>dar a</i>	135
<i>dar bejitas</i>	135
<i>debaluto</i>	57
<i>debotar</i>	57
<i>decer</i>	57
<i>decida</i>	57
<i>declinar</i>	129
<i>de côcarinhas</i>	161
<i>decrinar</i>	129
<i>decruar</i>	147
<i>decumento</i> ... 20,	57
<i>defeso</i>	129
<i>defrença</i>	57
<i>degargar</i>	147
<i>Delães</i>	173
<i>demostrar</i>	129
<i>de pousa</i>	161
<i>de rebolão</i>	115
<i>dergado</i>	57

<i>fêutro</i>	29	G	<i>grapalho</i>	152
<i>Fevereiro</i>	26		<i>gráum</i>	24
<i>Fiães</i>	172	<i>gábeto</i>	<i>gregulho</i>	20, 62
<i>fidáurgo</i>	130	<i>Gabim</i>	<i>greiro</i>	152
<i>fiéis das aурmas</i> ...	136	<i>gafar</i>	<i>gressura</i>	20, 62
<i>figuedo</i>	15, 60	<i>gãicheta</i>	<i>grumilo</i>	152
<i>Figueiredo</i>	176	<i>gáinho</i>	<i>Gualtar</i>	172
<i>Figueiró</i>	167, 176	<i>gáintcho</i>	<i>Guelória</i>	26
<i>fio do norte</i>	162	<i>gaipo</i>	<i>gueloso</i>	62
<i>fitchar</i>	21	<i>gaita</i>	<i>guerdura</i>	20, 62
<i>fóige</i>	20	<i>galheira</i>	<i>guicho</i>	152
<i>foleca</i>	150	<i>Galegos</i>	<i>Guilhofrei</i>	171
<i>folhaige</i>	22	<i>Gãmil</i>	<i>Guilhovai</i>	171
<i>folheira</i>	150	<i>Gândara</i>	<i>Guimarães</i>	172
<i>fômento</i>	150	<i>Gandarela</i>	<i>Guivães</i>	172
<i>Fontainha</i>	175	<i>Gandarinha</i>	<i>Guizande</i>	172
<i>Fonte Arcada</i> 168,	175	<i>Gandra</i>	<i>Gulpilhares</i>	168
<i>Fonte-Cova</i>	175	<i>gânho</i>	<i>gurbata</i>	62
<i>Fontela</i>	175	<i>gaola</i>	<i>gurgotilho</i>	62
<i>Fontelas</i>	175	<i>garabulha</i>	<i>gurita</i>	62
<i>fóra-parte</i>	117	<i>garamilo</i>	<i>gurnição</i>	62
<i>forfes</i>	60	<i>garampo</i>		
<i>força</i>	29, 60	<i>garapalho</i>	H	
<i>fôrgo</i>	37, 60	<i>garbulha</i>	<i>haber</i>	28, 42
<i>Forjães</i>	171	<i>gardar</i>	<i>hãgora!</i>	120
<i>fôrma</i>	130	<i>garimpa</i>	<i>hástea</i>	38
<i>fostar</i>	150	<i>garotaige</i>	<i>herdança</i>	62
<i>fouce</i>	24	<i>garrilha</i>	<i>hírtego</i>	62
<i>foucinhão</i>	150	<i>gás</i>	<i>hõije</i>	20, 42
<i>fraca</i>	150	<i>gatear</i>	<i>home</i>	21, 62
<i>Fradique</i>	60	<i>Gatim</i>	<i>hõmessa!</i>	152
<i>Fraga</i>	174	<i>gatunaige</i>	<i>hõminho</i>	131
<i>fragata</i>	14	<i>gàurgueira</i>	<i>hortalice</i>	62
<i>frago</i>	150	<i>Gàurtar</i>	<i>húmedo</i>	62
<i>Fragoso</i>	168	<i>Gavião</i>	<i>humildar-se</i>	62
<i>Fraião</i>	168, 172	<i>gázia</i>	<i>humildoso</i>	62
<i>freguês</i>	130	<i>Gestal</i>		
<i>freguilha</i>	150	<i>gerimuses</i>	I	
<i>freguilheiro</i>	151	<i>Gestosa</i>	<i>igreja</i>	20
<i>freima</i>	151	<i>gingibe</i>	<i>ilhoses</i>	85
<i>Freiriz</i>	171	<i>Gilmonde</i>	<i>im</i>	22, 42, 117
<i>Freixo</i>	173	<i>Ginjal</i>	<i>imbanar</i>	62
<i>fresta</i>	30	<i>Goães</i>	<i>imbarrar</i>	22, 42
<i>Friande</i>	171	<i>gódo</i>	<i>imbatumar</i>	62
<i>frida</i>	14	<i>Gomide</i>	<i>imbejidade</i>	153
<i>friesta</i>	60	<i>Gominhães</i>	<i>imbés</i>	153
<i>Friul</i>	171	<i>gomitar</i>	<i>imbigo</i>	62
<i>fromiga</i>	61	<i>gómito</i>	<i>imbijoso</i>	21
<i>fruta</i>	61	<i>Gondar</i>	<i>imbiusado</i>	62
<i>fruteira</i>	61	<i>Gondiães</i>	<i>imborber</i> ..	28, 62, 131
<i>fruito</i>	61	<i>Gondifelos</i>	<i>imbornecer</i> ..	62
<i>frumento</i> ... 15, 30,	61	<i>Gondisalves</i>	<i>imborralhar</i> ..	131
<i>fugir</i>	105	<i>Gondomar</i>	<i>imborto</i> ...	29, 62, 131
<i>fúija</i>	20	<i>Gondoriz</i>	<i>imbude</i>	42, 153
<i>fuláno</i>	130	<i>Gontim</i>	<i>imitante</i>	153
<i>fumadeira</i>	151	<i>gorje</i>	<i>imora</i>	62
<i>Fundego</i>	169, 174	<i>gorpe</i>	<i>impalamado</i> ..	26
<i>Feiteira</i>	176	<i>Grabiél</i>	<i>imparcar</i>	42
<i>Fundevila</i>	166	<i>gradão</i>	<i>imparar</i>	62
<i>fungar</i>	151	<i>Gragilde</i>	<i>impècer</i>	22, 42
<i>funtinha</i>	22	<i>gramilho</i>		
		<i>gramilo</i>		

lubar-se	131	masturadouro	154	morrinha	132
luitar	67	masturar	14, 68	móssega	69
lume	131	maucriadice	68	Mouquim	173
lume-pronto	131	memunhar	154	Mourão	170, 172
lumieira	131	meidia	68	Moure	170
luzincu	134	meixer	17, 43	Mouriz	170
M					
má bicho	85	meloue	23	mugir	20
Maçada	167, 176	maucriado	68	muncoso	155
maçãins	23	máum	24	mundar	106
mação	23, 43	mãzinha	19	murta	29, 69
maçãozeira	154	médeco	15, 43	muçoço	69
macarrão	14	mendinho	154	mũto	43
Madroa	168, 170	menuto	68	N	
madrugar	30	medeiro	154	naboeiro	43
má home	85	Mêdelo	168, 176	nação	132
mãichado	18	medôinho	17	nacença	69
mãijadora	24	merdura	68	nacente	69
mai-lo	162	Merelim	172, 173	nacer	69
máim	23	Metirdes	68	nacida	69
mai-nada	32	mêu-reis	33, 69	namorada (estar)...	136
mai-ninhum	32	migalheiro	69	namorar	136
mais de canto	113	migalho	154	não	115
malandraige	22	milha	154	Navarra	173
mã-lavado	33	Milhões	170	Navió	168, 175
malota	154	milheiro	88	nebroso	69
malzinha	85	milheiro	122	Nespereira	176
malzinho	85	milhória	154	nespra	37, 69
manada	132	minaral	69	nespreira	14
mãneca ...	15, 34, 67	minga	19, 43, 69	nessairo	24, 69
maneira	132	mingar ...	19, 43, 69	netos	132
Manel	18, 67	minhão ...	17, 23, 69	'nhora	69
manfarrico	67	mintir	43, 106	nible	37
mangação	154	mintira	43	nico	145
mangar	154	Mire	171	nina	132, 155
mangueira	154	mirolho	154	Nine	168, 170
mãinha	16	misarable... 14, 38,	69	ninguêi	24
manjor	43, 68	misgalhar 33,	34	ninhã	88
maor	43	moça	132	niquinho	155
má questume	85	mocanquices	154	nobre	38
maravilha	14	moço	132	Nogueira	176
marcela	68	modesto	132	no lôgo de	162
marchante	132	mòdinho	155	Nô-Sinhor ... 33,	69
maré	132	môenda	18	noute	24
marelo	68	moer	108	Novegilde	171
marenda	68	môicho	17	novidades	132
arendar	14, 68	móilho	17	nũ	43, 115
Maricas	68, 86	môilho	17	nube	69
Màriz	171	Moinho Vedro	167	númaro	14, 70
marmãijão	20	moléte	155	numbro	70
marmelo	14	molhadela	18	O	
marmurar 20,	68	Moimenta	166	oclo	70
marrar	132	Mondim	172	ò despois ... 113,	163
Martim	170	monecra	33, 69	Ofir	168
Martinhas	84	monelho	155	óilho	17
marujar	132	Monquim	174	óito	43, 88
mãzinha	30	Monsul	174	òitubro	70
mãzinho	29	Monteira	84	olhar	18
masgar ... 33, 34,	68	Montim	173	Oliveira	176
mastura	68	Montorro	174	onde quer	176
		morcão	155		
		mordicão	155		
		mordicar	155		

<i>pundão</i>	72	<i>redouça</i>	73	<i>sa-benga</i>	43
<i>pundricalho</i>	72	<i>Refoios</i>	166	<i>Sabugal</i>	176
<i>punir</i>	133	<i>Refojos</i>	166	<i>Sabugueiro</i>	176
<i>punsão</i>	72	<i>refustar</i>	158	<i>saçardote</i>	75
<i>purso</i>	72	<i>regidor</i>	43	<i>sachadouro</i>	158
Q					
<i>quatro</i>	38	<i>Reguengo</i>	166	<i>sacrafício</i>	75
<i>quècer</i>	72	<i>régula</i>	73	<i>sacratário</i>	75
<i>queijo</i>	72	<i>régura</i>	73	<i>safo</i>	111
<i>quelareto</i>	26	<i>Rei</i>	84	<i>sagredo</i>	75
<i>quelaró</i>	26, 73	<i>rêis</i>	73, 158	<i>sagreta</i>	158
<i>queluna</i>	72	<i>rela</i>	158	<i>saidouro</i>	158
<i>queninhas</i>	120	<i>relação</i>	73	<i>sãigue</i>	44
<i>querédo</i>	73	<i>relar</i>	20, 73, 74	<i>Sãî Gens</i>	21
<i>querer</i>	109	<i>relóijo</i>	74	<i>Sãî Jiromno</i>	21
<i>quer não!</i>	163	<i>Remelhe</i>	170	<i>Sãî João</i>	21
<i>querropio</i>	73	<i>Rendufe</i>	171	<i>Sãî Joaquim</i>	21
<i>Questódia</i>	20, 73	<i>Rendufinho</i>	171	<i>Sãî José</i>	21
<i>questume</i>	73	<i>reportório</i>	16	<i>Sãî Julião</i>	21
<i>questura</i>	73	<i>reposta</i>	74, 134	<i>Saim</i>	173
<i>queto</i>	18, 73	<i>Requião</i>	172	<i>Salamonde</i>	171
<i>qu'eu sei lá</i>	114	<i>resistar</i>	74	<i>Salgueiral</i>	176
<i>qui</i>	43	<i>resisto</i>	74	<i>saloucar</i>	158
<i>Quica</i>	86	<i>resplendor</i>	74	<i>saluçó</i>	20, 75
<i>Quico</i>	73	<i>réstea</i>	38	<i>Sâmeiro</i>	172
<i>quina</i>	33, 73	<i>retrós</i>	38	<i>Sàmil</i>	171
<i>Quinchães</i>	172	<i>réurba</i>	29, 74	<i>sahapismo</i>	14, 76
<i>quingosta</i>	73	<i>Revelhe</i>	170	<i>sancristia</i>	76
<i>Quinhas</i>	86	<i>rezão</i>	74	<i>Sande</i>	171
<i>quintar</i>	157	<i>rezôue</i>	23	<i>Sandim</i>	173
<i>Quintãs</i>	178	<i>Rial</i>	175	<i>Sangemil</i>	171
<i>Quintela</i>	178	<i>Ribeirão</i>	175	<i>Sanhoane</i>	21
<i>quinzarreis</i> ...	14, 73	<i>riço</i>	158	<i>sanicar</i>	158
R					
<i>rabuije</i>	22	<i>rigular</i>	43	<i>sanradela</i>	76
<i>rãicho</i>	18	<i>rijão</i>	74	<i>santeio</i>	76
<i>raínha</i>	14	<i>rilheiro</i>	158	<i>santinho</i>	
<i>Raínha</i>	84	<i>ringer</i>	75	<i>Santíssemo</i>	76
<i>rãitcho</i>	43	<i>Rio Caldo</i>	175	<i>santopeia</i>	76
<i>Ralde</i>	171	<i>Rio Mau</i>	175	<i>sãogradouro</i>	24
<i>râma</i>	13	<i>rodaina</i>	158	<i>saote</i>	44
<i>Ramil</i>	171	<i>Rôema</i>	18	<i>sapeira</i>	158
<i>râmo</i>	16	<i>roer</i>	108	<i>sapo cõicho</i>	18
<i>Rande</i>	171	<i>rogar</i>	134	<i>saragata</i>	158
<i>rão</i>	23	<i>rogar cum</i>	136	<i>saramela</i>	76, 158
<i>rapazão</i>	73	<i>roixinho</i>	17	<i>sarau</i>	14
<i>raposos</i>	133	<i>roixo</i>	17, 43	<i>Sardoal</i>	177
<i>rebelhido</i>	157	<i>romão</i>	23	<i>sargento</i>	14
<i>rebiraborta</i> ...	28, 73	<i>Ronfe</i>	168, 171	<i>sarilho</i>	14
<i>rebirar</i>	28, 73	<i>Rôriz</i>	171	<i>sarráno</i>	76
<i>rebolada</i>	157	<i>rosairo</i>	75	<i>sarrar</i>	14, 76
<i>rebolo</i>	158	<i>rôta</i>	158	<i>sarrasco</i>	159
<i>reborbe</i>	73	<i>rouçar</i>	75	<i>sarrim</i>	76
<i>Reborido</i>	167, 176	<i>ruço</i>	158	<i>sarrote</i>	76
<i>recadeira</i>	158	<i>rufêgo</i>	16, 75	<i>saruda</i>	76
<i>recado</i>	133	<i>rûi</i>	43	<i>sastifeito</i>	34, 76
<i>reção</i>	73	<i>Ruílhe</i>	171	<i>sáum</i>	24
<i>reco</i>	158	<i>rumédio</i>	15, 75	<i>saurbação</i>	134
<i>rêdio</i>	158	<i>rumela</i>	75	<i>scuitar</i>	33, 76
		<i>rumendo</i>	15	<i>secorro</i>	77
S					
		<i>Sabariz</i>	171	<i>sefocar</i>	77
		<i>sábedo</i>	15, 75	<i>se fosse a ti</i>	136
				<i>Seide</i>	169
				<i>sêinha</i>	134
				<i>Seixido</i>	175

Seixosa	168,	175	sumána	15,	78	tôalo	18
selada		77	suspiração		159	tôarto	18
selapismo		77				tôdolos	91
Semêilhe		21				tôijo	44
Semelhe		170				Tojal	176
Senra		176	Tabaço		167	Tojeiras	176
Senrela		176	tabalião		78	tojeiro	20, 122, 160
sepor	20,	77	Tabuaças		178	Tojo	176
Sequeira		168	Tabuadelo		178	toledo	134
Sequeiros		178	tachar		159	Tone	86
ser		95	tacholas		159	tornar (o gado)	134
ser ou s'		77	Tadim		173	tôrtinha	19
Seramil		172	Tâgilde		171	tôue	23
serampelo		77	Taíde		172	touro	134
serbo		134	tâique		44	traboada	79
serigueiro		26	tamáinho		16	trabulento	79
serrabúilho		17	tamão		159	traçado	79
Serzedelo		176	tamém	78,	120	trafêgo	134
Serzedo		176	tanaz		14	trambalazainas	160
se senhor		77	tanazes		78	tramblicar	160
sêssego		77	tantos		88	trapalhôue	23
sfragar		33	tapuço		79	Travaços	178
sigundar		134	taramela		26	Travaços	167
sigundo	44,	77	tardeiro		121	trazer	111
sigurança		77	tarear		79	treboar	79
sigurar		77	Tareja		14	treceiro	79
siguro		77	taroucar		159	treçolho	30, 79
Silvares		176	taroucos		159	treminos	79
Sinde		171	tataraneto	26,	79	Tresa	14
sinhor		44	tataravô		26	tresantónte	160
siquer	44,	77	tato		159	três centos	88
sirba	29,	77	taurbez		79	tresdobro	88
sôano		18	távoa		28	Tresfiande	172
sobervia		28	tchabe		32	Treseste	178
Sobradelo		176	tchicolate		44	três tantos	89
Sobrado	166,	176	tchigada		44	tretúilho	17, 30, 79
sobreiro		28	tchinela		32	treva	30
Soengas		178	tchuber		32	triato	34, 79
soidade		77	tchumbo		32	trilhadeira	160
sôinho		17	Tebosa		168	trilhar	134
solhado		158	têilha		17	trincha	160
sôlho		78	temor	20,	79	tringalho	79, 160
sômentes		34	temprão		79	trintar	160
somitego	15,	78	tendilha		160	trocer	30, 80
songuinha		78	ter		93	tromento	30, 80
sopiar		159	ter de seu		136	truita	80
sordado		78	Terrafeita	166,	168	trungalhão	160
sordar		78	terramoto		14	trupar	160
sozes		85	terrible	34,	38	tudo é um	136
soudade		77	tesoreilho		79	túilha	17
Soutelo		176	tesourelho		79		
Souto		176	testão		79		
s'outro dia	113,	164	têupo		24		
spreitar		33	Tibães		173	ũa	88
sprementar		78	Tibáins		23	ubeira	160
sprital		78	tife		79	ubiar	25, 80
stardalho		159	tilhado		18	ugalha	80
star de tóco		136	tinente		44	Ugénia	80
stiáno		114	tio		134	úie!	27
stipor	20,	78	tiradouro		160	úinha	17
stogmo		34	tiseço		15	undeado	22
stou que		136	tisouras		79	uribes	44
stréla		33	titor		79	Urjal	176

U

<i>úrtemo</i>	15	<i>Ventosa</i>	168						
<i>usifruito</i>	80	<i>Verim</i>	173						
<i>Uveira</i>	168	<i>Vermil</i>	172	<i>xaragão</i>	26,	80			
		<i>Vermoím</i>	173	<i>xotar</i>		160			
		<i>Vessada</i>	166						
		<i>véstia</i>	38						
		<i>Vilaça</i>	167						
		<i>Vila Chã</i>	168,						
<i>Valdemil</i>	168,	<i>Vila Frescainha</i> ..	168	<i>zarapilheira</i>		80			
<i>Valdosende</i>	172	<i>Vila Meã</i>	168	<i>zebieiro</i>		80			
<i>Valdossos</i>	174	<i>Vila Pouca</i>	168	<i>Zebral</i>		168			
<i>Valdreu</i>	172	<i>Vilar</i>	166	<i>Zefa</i>		80			
<i>varrão</i>	14	<i>Vilarinho</i>	166	<i>zerôilho (a)</i>		136			
<i>vassoira</i>	24	<i>Vilela</i>	167	<i>zoir</i>		80			
<i>vassoura</i>	24	<i>Vinhós</i>	167	<i>zoupeiro</i>		160			
<i>Veade</i>	170	<i>Vizela</i>	175	<i>zuar</i>		160			
<i>Velido</i>	66,	<i>voda</i>	28	<i>zupar</i>		160			
<i>Veloso</i>	167,								
	168								

V

X

Z

ÍNDICE

	Pág.
<i>Introdução</i>	5

1.^a PARTE

PARTICULARIDADES DE FONÉTICA	11
I — O vocalismo	13
II — O consonantismo	28
III — O iotacismo e a redução dos hiatos	35
IV — A tonicidade	37

2.^a PARTE

PRONÚNCIAS E FORMAS REGIONAIS	39
I — Pronúncias dialectais	41
II — Glossário de formas dialectais	45

3.^a PARTE

ASPECTOS MORFOLÓGICOS	81
I — Dos nomes	83
II — Dos artigos e pronomes	87
III — Da flexão verbal	92
IV — Dos advérbios	113
V — Dos vocábulos conectivos	116
VI — Das expressões interjectivas	120
VII — Da derivação	121

4.^a PARTE

	Pág.
LEXICOGRAFIA	123
I — Significações dialectais	125
II — Termos regionais	140
III — Alguns topónimos	165

5.^a PARTE

ASPECTOS SINTÁXICOS	179
I — Da concatenação das frases	181
II — Das construções dialectais	184
GLOSSARIO GERAL	189



ACABOU-SE DE IMPRIMIR AOS 15 DE
NOVEMBRO DE 1958, NA TIPOGRAFIA DA
EDITORIAL IMPÉRIO, LDA., LISBOA, PARA
AS EDIÇÕES DA 'REVISTA DE PORTUGAL'



OBRAS PRIMAS PORTUGUESAS

reproduzidas em *fac-símile* das I.^{as} edições pela
«REVISTA DE PORTUGAL»

I—«OS LUSÍADAS» de LUÍS DE CAMÕES

Com Prefácio e Notas de Cláudio Basto

(Esgotado)

II—«OS ÚLTIMOS FINIS DO HOMEM»

PELO P.^e MANUEL BERNARDES

COM PREFÁCIO E NOTAS DE VIEIRA DE ALMEIDA
E ESBOÇO BIOBIBLIOGRÁFICO POR BARBOSA MACHADO

Em brochura — 200\$00; *enc. especial* — 400\$00

III—«CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL»

(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por
Elza Pareco Machado e José Pedro Machado

1.^a edição, integral, em tomos de 80 páginas de composição tipográfica e 16 de reprodução do Ms. ou Volumes de 400 e 80 páginas respectivamente. Estão publicados os Vols. I a VI (tomos 1/30). Preços: Vols. I e II, edição comum — 300\$00 cada; 150\$00 os restantes. Edição especial numerada: Vols. I e II — 400\$00 cada; 250\$00 os restantes. Não se vendem volumes isolados

biblioteca
municipal
barcelos



38065

Apontamentos acerca do falar
do Baixo-Minho